

PQ9261

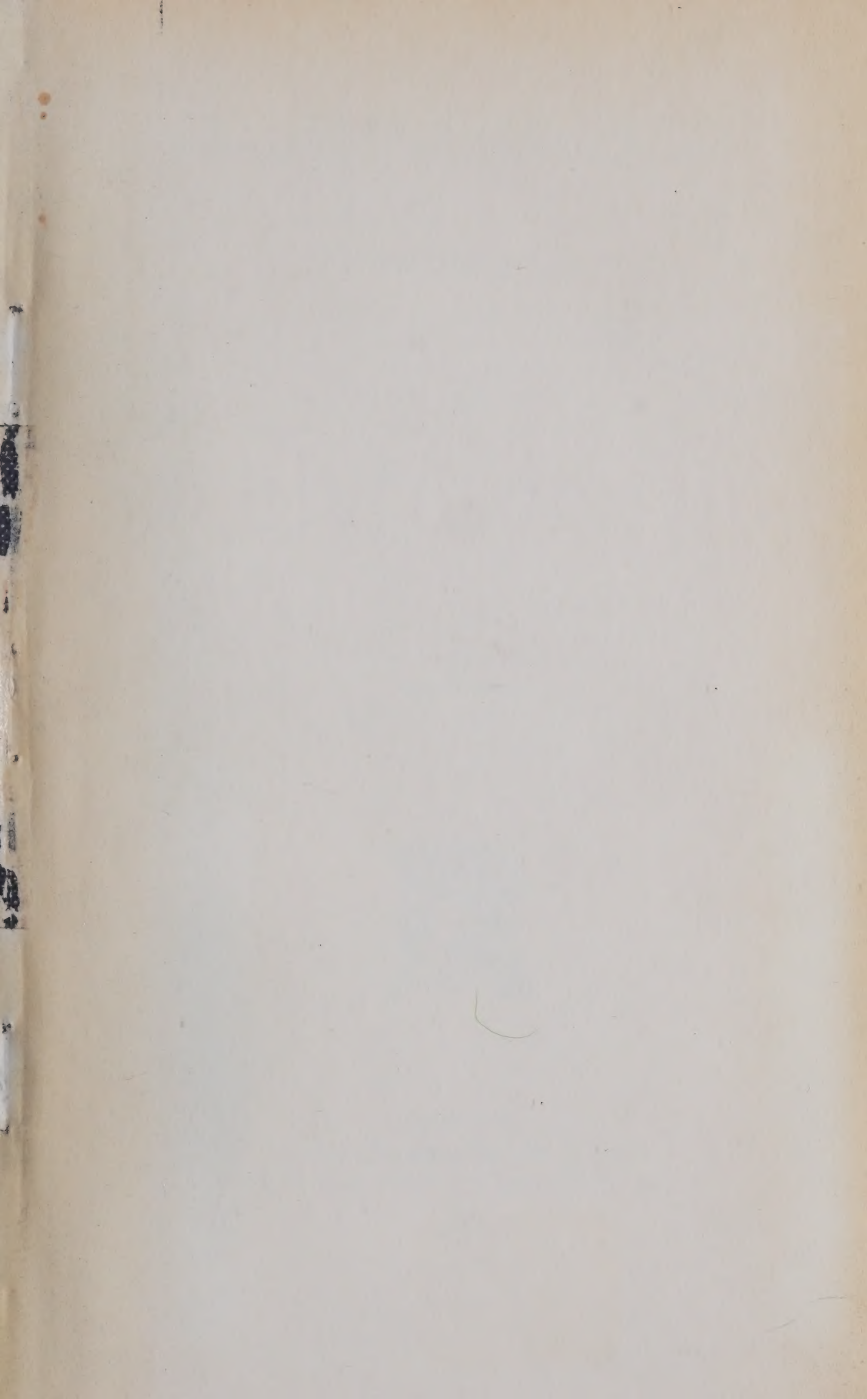
.B6

L5

1927

O LIVRO DE ALDA

ABEL ACCACIO DE ALMEIDA
BOTELHO



ABÊL BOTELHO

(PATOLOGIA SOCIAL,

—

II)

PQ9261

JH .36

L5

1927

O Livro de Ālda

Quarta edição



PORTO

Livraria Chardron, de Léo & Irmão,
L.^{da}, edit. — Rua das Carmelitas, 144

—
1927

PATOLOGIA SOCIAL

II

O LIVRO DE ALDA

DO MESMO AUTOR

Patologia social :

- I— *O Barão de Lavos*, romance, 3.^a edição, 1 vol.
 - II— *O Livro de Alda*, romance, 1 vol.
 - III— *Amanhã*, romance do proletariado, 1 vol.
 - IV— *Fatal Dilema*, romance, 1 vol.
 - V— *Prospero Fortuna*, romance, 1 vol.
-

Sem remedio . . ., romance.

Os Lazaros, romance.

Mulheres da Beira, contos

Amor creoulo, romance.

ABEL BOTELHO

(PATOLOGIA SOCIAL,

II)

O Livro de Alda

Quarta edição



PORTO-1927

Livraria Chardron de Léo & Irmão, L.^{da}

EDITORES

Rua das Carmelitas, 144

Livrarias Millaud e Bertrand—Lisboa-Paris

Todos os direitos reservados

A propriedade litteraria e artistica está garantida em todos os paizes que adheriram á convenção de Berne. — (Em Portugal, pela lei de 18 de Março de 1911. No Brazil pela lei n.º 2.577 de 17 de Janeiro de 1912).

PROPRIEDADE DOS EDITORES

ARTES GRÁFICAS — PORTO

AO QUE FOI

COMO QUE

MEU SEGUNDO PAE

BENTO FORTUNATO DE MOURA COUTINHO
D'ALMEIDA D'EÇA

O LIVRO DE ALDA

15 de fevereiro de 1893.

É justo. Visto como o Destino houve por bem — e por meu mal! — atravessar-te no desfecho desse meu acto de loucura, justo é que conheças bem do fundo e bem na essencia a historia que o motivou. É simples, é banal, é velha como o amor, e, como toda a paixão, ridicula. Pelo menos, vae-te parecer isto. Que a pavorosa assolação da minha desgraça não haveria meio de a sopesar na verdadeira medida, de a compreender, de a sentir, de generosamente a acarinhar numa atmosfera de perdão e de clemencia, ao chatinesco egoismo deste fim de seculo, syndicateiro e trocista.

Embora... Tudo quanto vou revelar-te mereceria antes, pela sua natureza emocionativa e íntima, pela despolarisação moral que de mim reflecte, pelo espantoso descalabro em que descobre todo o meu ser deliquescendo e ruindo, inexoravelmente, — mereceria antes que eu o conservásse numa fibra do cora-

ção ou numa dobra do cerebro, carinhosamente resguardado, como uma planta rara de herbario, que lá de longe em longe, por esta charneca da vida fóra, eu me dêsse a contemplar, a reconstituir, a reviver amovudamente, na muda e severa discrição do meu gabinete, por alguma dessas torturadas crises em que se compraz a minh'alma contemplativa e doente.

Certo não eram para confiar ao papel estas amaríssimas confidencias. Embora. Vão á conta de mais um sórdido fatalismo... Não sei que dolorido impudor, que canalha impulsão, que martirisante impudencia me arrasta assim ao registo publico do meu aviltamento, á insolente estadeação da propria indignidade. — É talvez, na sua forma desgorjada e ímpia, um repto sincero vibrado á hypocrisia da moderna sociedade, um desafio honesto ao cínico rebuço da chamada opinião publica, á moralidade convencional das multidões, á supernal velhacaria com que os homens, em comum, repudiam e condenam a pratica de prazeres, que cada um depois vae secreta e avidamente deglutir no recato môrno das alcôvas.. E quero crêr tambem que a esta franca e nua penitenciação de miserrimas coisas principalmente um impulso bom e salutar me instiga. — Este exame de consciencia aos quatro ventos será como que o contrite abjurar, a ascoenta repudiação dos erros do passado. No teu almo e nobre coração solenemente comungarei meu querido amigo. Á tua consciencia esmolarei o pão ázimo da minha redenção, o arrimo da minh'alma o *Fiat voluntas...* do meu calvario, o norte do meu futuro.

Que melhores projectos queres tu que eu tenha?
Mas eu vou mais longe. — Com este, que te pro-

neto, sudario tragico de vergonhas, este torturado esmerilhar de dôres, este feroz *auto de fé* a meus craulosos desvarios, fio mesmo que recuperarei um pouco, a poder de nãos e humilhações, a estima de mim proprio; e que, no pilão da evidencia de puro maceradas, as orquideas da vaidade, as rubiaceas da luxuria, as urtigas do pecado, os rainunculos do vicio — toda a enliçagem ruim da minh'alma, — hão-de porfir numa neutra linfa obliterar-se, e deixar que no meu coração iluminado e escampe vólva a repontar e a refflorir, abstemial, sem macula, o grande lirio azul da razão, da prudencia e da virtude.

Serei portanto candidamente sincero e absolutamente franco. E porque o não hei-de ser? . . . porque o não havemos de ser, eu, tu, nós todos? . . . A natureza é sempre nua; nua é a verdade, nua a innocencia. Detesto tanto o que é falso, como me repugna o que é feio. E, mesmo, nesta heroi-comica odisseia de latibulares agruras, a que o dominio da mulher arrasta, quem ha ahí que póssa atirar-me a primeira pedra? Qual de nós não tem pela mulher, uma ou cem vèzes, varrido o sossego, renegado o devêr, lançado o brio á margem, arriscado a reputação, comprometido a fortuna? . . . — Ahí reside, meu caro, a finalidade, a causa, o motivo essencial da nossa existencia. Da vida o incanto, o apanagio é este. Nem verdadeiramente ha por que nos orgulhemos e folguemos da nossa condição de Homem, se não soffrermos muito pela Mulher.

Nas sucessivas cartas que vou escrever-te, poderás pois lêr ot raslado emocional da minh'alma, e desta autodisseccção epistolar, que por castigo me impuz, parcela a parcela extrairás, descomunal, fumegante,

o meu pobre coração hipertrofiado de miserias. Ah! terás mais um livro do Amor; não desse amor de convenção, todo bordado nas nuvens, insexual, piégas, que nem os anjos cultivam, nem os deuses aplaudem; mas do verdadeiro, o grande, o empolgativo amor humano, — a mais esplendente, a mais triunfal das paixões, e o mais natural sentimento, — que zomba dos costumes, das leis, que desconhece afeições, gratidão, devêres, que atropela a verdade, que marca o limite á virtude; paixão arbitraria, arrogante, absoluta, que tão depressa nos eleva aos ultimos heroísmos como nos degrada ás infimas baixezas; paixão que é a força das forças, a saude da saude; que é, a um tempo, uma necessidade moral e uma função fisiologica, a páscoa de duas almas e a confluencia de dois instintos; que na sua rubescente expansão inconsideradamente concede os seus favores á mais sublime como á mais vil das criaturas; e cuja divina, cuja perenal essencia tem o condão unico, singular de na dulcida emissão do mesmo suspiro voluptuoso conjuntamente fazer vibrar, irmãs, acordes, as mais baixas solicitações da nossa carne e as mais finas eterisações do nosso espirito.

Ah, meu amigo, como actualmente anda amesquinhada e arrastada a comprehensão do amor! Já ninguem sabe, já ninguem tem a força de amar. O amor actual ou é hipocrisia, ou calculo, ou simonia, ou deboche. Alimpar, cardar hoje o amor das mil teias de aranha galantes com que a sociedade moderna o abastardou, seria uma tarefa benemerita a empreender, seria uma das mais belas e arduas missões da filosofia e da moral — podes ter a certeza.

Não te passe pela ideia que eu vá tentar seme-

lhante coisa: não tenho pulso para tanto. Limitar-me-hei ao simples relato das desordens da minha vida... e não é pequena coragem!

Imagina pois...

Mas são duas da manhã. Com a tumultuaría evocação deste verdadeiro *ano terrível*, o coração galopame no peito, a cabeça escalda-me... não vejo o papel, não sei o que escrevo. Melhor será ficar-me hoje por aqui, e concentrar-me na pausada ordenação deste largo estendal de ignomínias.

Amanhã continuarei... se tiver forças para isso.

16 de fevereiro.

Saía eu de casa da minha noiva, — sabes? — na travessa do Moinho de Vento, á Lapa, e com uma claridade no espirito ia seguindo ao longo das ruas desertas, caminho do meu bairro. Foi ha cêrca dum ano, pelo Entrudo. Passava de meia-noite. Tinha chovido. O lençol humido da aragem trazia-me apartadas comções de inusitados ruidos. Lufava da terra um resfolgar de satiros. O gargalhar distante dos guisos, metallicos cavos de orquestras, bandeirolas ao vento, trepidações, rumores, raros fogachos de archotes, num clarão sinuoso e louco nimbando ao longe perfis de ruas, — denunciavam-me os últimos paroxismos de mais um Carnaval á beira da agonia.

Mas tudo isto me vinha apagado e remoto, como dum paiz de sonho, morosamente, num fio vago de

incerteza. Nos dois bairros de Buenos-Aires e da Estrêla nem um rasto do sórdido Mómo rabejava. Tudo silencioso, parado, êrmo, junto a mim, pelas ruas que eu ia costeando. Luzes apagadas, *stores* des-cidos, taipaes nas portas, interiores impenetraveis. Sôb o crêpe da nevoa violacea, tudo numa paz de ne-cropole, tudo ordenado, negro e frio como um tumu-lô. Apenas de ponto a ponto a luz dos lampiões acen-dia *riktus* de mascara nas lamas da calçada.

Eu seguia alheado e sereno, com um mundo den-tro d'alma, direito no meu caminho. Sempre abomi-nára o Entrudo. Natureza insulada e mimosa, alma simples que o tumulto confrange e que o delirio apa-vora, nunca senti o vértigo da desordem, nem jámais pude compreender o regalo ou a vantagem desse trua-nesco escabujar á hora, para a animalidade soêz das massas tão fundamentalmente necessario. Subinten-der, adivinhar — é o meu lema afectivo. Só o que é delicado me dá prazer, só a moderação me impressio-na. Conheces-me . . . Neurastenico e debil, é o meu grande espinho a sensibilidade, — a medula da mi-nha vida. Dotado para a emoção dum excessivo poder de receptividade, acontece que vejo sempre o senti-mento em grande; e, assim, o que para os outros é gozo, para mim é excesso. Não suporto a brutalidade, não me fascinam violencias. A parcimonia me basta, sou feliz com coisas mínimas. Por isso fujo a aglome-rações, a festas; por isso no meio da torrente das dis-tracções abroquelo-me e fecho-me, — como as val-vas duma concha, — desorientado . . . porque ahí todos os meus sentidos perdem o vigor, nada que me fale á alma, e as coisas baralham os contornos, e os homens parecem-me mais pequenos.

Naquela noite, porém, a despeito da minha osga instintiva ao Carnaval, e da capela branca de visões que me aqueciam o coração e festoavam o espirito, eu não pude furtar-me a considerar que, na medida que me aproximava da Baixa, o ruído e a animação cresciam. Agora mui distintamente o meu ouvido apreendia e destrinçava, do empaste do conjunto, batuques barbaros, cornamusas de barro, um cascalhar de latas, pragas, canções, fanfurras, estrupidos de trens, aravias em falsête. E era em barda a gente. Um bigarrado ordume de possessos, — veludos rapados, hirsutas nudezas, chitas de alcouce, latões de feira, — ia e vinha de impeto, invadia as casas, fervilhava, rompia, esfuriava, acotovelava-me ás esquinas, epilepsiava nas praças, patinava no basalto. Havia, jogadas de alto contra os chapéus, tésas manoplas de areia. Latagões em trajés pírricos, — as espadas de cartão, a face a gemer sumagre, derreada a tibia, trampôso o artelho, — pediam esmola. Um aziume a tremoço ardido fumava nauseabundo dos passeios glutinosos. E glutinoso, imundo, réles se me pintava tudo aquilo : a fuligem do céu, as fitas dos *dominós*, as perucas dos *salsas*, as espaduas das rameiras.

Chegado ao Conde-Barão, como de costume, parei, em demanda de americano que seguisse ao Intendente. Era tarde já : não havia. — Meu Deus ! porque não havia de eu ter chegado uma hõa hora mais cedo ? . . . Aquela falta do meu transporte habitual, que em poucos minutos me conduzisse, indemne do contagio folião, á solitaria modestia da minha tarima de estudante, foi a condenação á morte da minha felicidade, foi o maior golpe de azar da minha vida. Foi a sorte sem apelação baldando meus honrados pro-

jectos, minhas loiras ambições, meus sonhos cômicos de rosa. Não encontrar americano, áquella hora, era vê-me obrigado a seguir a pé, por entre essa turbamulta chocarreira e ignobil, parando sem querer, observando, aquecendo; era progressivamente ir internar-me no zoração da folia. Com a minha falta de determinação e a minha inania de vontade, estás-lhe a vê os risos... Tinha de ser. Ha destas horas fataes no destino de cada um, — negros instantes de crise, espasmos de anatema, fulminações de inferno, em que ao impulso dum genio mau tudo quanto em nós é honrado, generoso e santo inesperadamente rue ao boqueirão da desgraça.

Fui pois andando, a pé, Bôa-Vista e S. Paulo fóra e á medida como andava, inelutavelmente, ia-me o canalhismo do *meio* conquistando. Agora, á sombria repulsão dos primeiros momentos sucedêra em meu animo uma estranheza indulgente, depois uma interessada, uma insalubre e maligna curiosidade. « Como tudo andava alegre, doido, palreiro!... Faziam bem, afinal, — folgaçar, esquecer. Era tão dura a vida! Isto de, ano a ano, dar de ombro a devêres, sacudir preocupações, alijar cuidados, era necessario, era bom... questão de hygiene moral. Bem pensado... Era até um direito de todo o humano ser, com decisão e nervos.»

E assim pensando, e andando, eu tinha uma vaga consciencia do afrontoso resvalo de cuja aresta desgarrára; e a miude parava, e voltava-me, anceado, sempre na falaz espectação... dum americano que não vinha!

Mas o farol verde não aparecia, a esturdia onda acarinhava-me... e eu, aturdido, leve já numa

flama de prazer, ia avançando. E tu vaes vêr como a deficiencia dum horario póde eficazmente influir na perdição dum mancebo.

No Rocio andava-se com dificuldade. A grande cinta de gaz do teatro, ao castigo do vento, dançava sobre o remoinho das cabeças tarantulas de fogo. Estrilando fugazes na massa dos mirones, *pastorinhas* em leilão, bôbos, *chéchés*, pagens, estudantes guinchavam o meu nome, tratavam-me de *tu*, bisnagavam-me, embigavam-me, diziam-me chufas. Uma côxa rija de mulher em *maillot*, roçando-me pela mão, ao passar, galvanisou-me. Foi quando eu considerei: « Bem . . . daqui a quinze dias, a um mês, quando muito, estarei casado ; isto é, deixarei de ser rapaz . . . sem nunca o ter sido, no fim de contas. Porque eu, verdade, verdade, nunca tinha de consciencia delectreado os perturbadores incantos da misteriosa palavra PANDEGA. — Nem orgias, dissipações, jogatas, mulheres, noitadas. Nunca para isso tivera nem disposição, nem dinheiro . . . Vida de molusco. Pois se eu nem mesmo nunca tinha ido a um baile de mascaras ! » E a cinta de leques de fogo a desafiar-me. « Ora ! mas ainda era tempo . . . Ou agora, ou nunca . . . E eu devia lá ir, uma vêz, a vêr, por despedida. A occasiã era aquella, — a ultima ! » Começou a chover rijo « Não era crime nenhum . . . Que tinha lá ? . . . » Comprei bilhete. Entrei.

Escusado será dizer-te que não aturei meia hora dentro daquela incomparavel fornalha, traiçoeiramente acêsa pela civilisação a beneficio dos cemiterios. O borborinho, o aperto e a confusão eram enormes. Não viamos senão o nariz uns dos outros, mal se podia avançar, respirava-se com dificuldade. O atoa

do galrejar da onda, a estridulez das vozes, o murmúrio sobrenadante, um acre cheiro animal, a espessidão do ar, a trepidação das luzes, faziam-me tonturas. Com brutal violencia chofrando as mais apartadas radículas da minha sensibilidade, para a novidade da emoção desprevenidamente abertas, aquele rodilhão de febre desorientou-me, deu-me uma aguda sensação de mal-estar, uma funda impressão de dôr e de desgosto. — Como quem espera uma caricia e recebe uma facada. — Não obstante, contrariado, pêrro, eu ia observando.

Muita gente conhecida : jornalistas, actores, burgoezes, habituaes da Havaneza e do Gremio, gargajolas da rua, colegas meus da Escola. Numa 1.^a ordem, esquadradas e frias em meio dos milhares de olhos gulosos e de seios ávidos daquela grande feira gentilica, as duas Salgados, mãe e filha, inalteravelmente lançavam a sua rêde de pesca á difficil hipotese dum marido. Por detraz da cadeira da mãe lá enxerguei luzindo, mal disfarçada na quina do camaroté, a calva solene de meu tio, juiz da Relação, muito macia e ampla, côr de rosa.

O meu primeiro cuidado foi evitar que me vissem. Deixei de impeto a sala e subi ao salão-nobre, no que não fui mais feliz, porque ao tempo saía do *restaurant*, improvisado sobre o terraço, esse patibular *Securas*, esqueletico, verde, arrimado ao inseparavel bengalão, arrastando a perna. Repugnante. O beijo bello dilatava-se-lhe numa grossa radiação de sensualidade, tremia-lhe a luneta na aresta do seu longo nariz de proboscida, e perolavam-lhe a barba grisalha e hirta camarinhas pingentes do ultimo calice internado.

Apenas me viu, logo o apostemoso boémio me fez cêrco por fórma que não pude evitá-lo.

— Tu por aqui, meu velho ! ? — conclamou, cingindo-me nos braços. — Bravo ! Mas isto é um acontecimento ! Onde deixástes as palmas virginaes ? Que estepôr de Venus vagabunda t'as colheu ? ... dize lá ... Conheço-as todas.

Visivelmente irritado, sem responder, eu dava-lhe as costas ; porém não me largava o salafré, e muito ironico voltava ao seu espanto.

— Ora tu, o casto, o sonsinho, aqui ! no antro mesmo do vicio ! ... Ah, ah ! Não te arripias ? ...

Agora ria a escancararas, o maldito, e com inflexão paternal, batendo-me na espádua :

— Olha, fizêste bem. Isto os vicios são a arte de cada um gozar e divertir-se o melhor que póde. Ninguém o confessa, mas todos assim pensam ... vae-te com esta, — rematou epicureamente, incolhendo os ombros.

E, dizendo, com a mão tremula de alcoolico almoçava as barbas, depois lambia os dedos, e queria por força levar-me a bebericar com ele.

Aproveitando um embate da multidão, safei-me. « Era então aquilo um baile de mascaras ... ? » numa tristeza pensei, desincantado. Tomava-me um imenso dó, uma repulsão, um nôjo de toda aquella inconsciente jolda de esturdios. Queria, num messianico impulso, vergastá-los com uma homilia bem vibrante de censura e conselho, arrastá-los, persuadi-los, inyectivá-los todos ; chamá-los á razão, á compostura, ao dever, correr com eles fóra, varrer aquele enxurro ; emmudecer as fanfarras, pulverisar as flôres, apagar as luzes, fechar o teatro. « Podia lá ! ... »

Bebedo de tédio, arranquei dali para a rua. Tinha os joelhos mal firmes, um frio na espadua, a pupila em fogo, o cerebelo latejante. Cá fóra, sorvi um trago de ar puro. Havia estrelas no céu: tinha estiado a chuva. E então, bem ao largo, longe do cardume dos doidos, como a Natureza me pareceu bôa e amiga, e a minha noiva um ser á parte, e a simplicidade um incanto, e a fresca brisa da manhã reconfortante e austera!

Nisto, sinto tomarem-me do braço com arreganhado e uma voz feminina sibilar-me ao lado:

— Adeus, simpatico... Não me conheces?...

De esfusiote voltei-me, sem compreender. E já ela continuava:

— Nem eu... Não faz mal. — Agradas-me, é quanto basta.

E o franzino bracito do endiabrado *pierrot* inros-cava-se ao meu com ancia, e uma galantinha figura de *étagére* saltitava-me na frente, farfalhuda de guisos, mimosa e leve, petulante, da alva espuma dos folhos alvissimos o colo emergindo, e no setim negro da mascara fosforando uns olhos de porcelana.

Como eu resistisse:

— Anda dahi, acompanha-me a casa... — insistia com meiguice a linda desconhecida. — Vem! anda. Tenho medo...

— Estás doida! — objectei maquinalmente. — Não sei quem és... Não vou, não posso...

Aqui ela larga-me de salto o braço, planta-se-me defronte, e gravemente inquire, fitando-me os olhos:

— Serás tu casado?...

Mas logo voltou a adstringir-me com alma, deduzindo, toda contente:

— Não tens cara disso. E, que o fôsses, tanto melhor! tinha mais sabor a partida.

E suspenso do meu ombro, com uma voz de mel e de incenso, numa intenção ôgre de reticencias :

— Anda, tôlo... Palavra que não te arrependes... Qual é o cavalheiro que recusa um serviço destes a uma dama? ... Se não quizeres, não entras; deixas-me á porta.

Eu defendia-me com sinceridade e pavor; porque a verdade é que, fulmineamente, á queima-roupa, esta azougada e gracil criatura algo me tinha da sua vivacidade e do seu calor numa relance comunicado. De todo o seu miudinho ser a voluptuosidade manante repassava-me o sangue, a filigrana da sua linha inter-necia-me, fazia-me grande confusão de intriga o misterio daquela sua insistencia, assim a-desoras, implorativa, ardente; e a sua empolgadora, a sua coleante e esperta graça esteniavam-me. — Era, travestido na mais adoravel das seduções, o demonio da luxuria que direito marchava á plena possessão da minha carne; era um chicote de nervos arregoando-me com valentia a sensualidade, moldando-se-me aos flancos escalando-me a vontade, vapulando-me o desejo.

Que significava tão inesperada investida?... Um méro, um banal ardil de mulher mercenaria?... Parecia-me mais do que isso. Uma evidencia interior segredava-me que essa mulher, com tamanho afinco senhora do meu braço, apeteçêra de subito o meu coração, sem pensar na minha bolsa.

— Vamos, sim?... — aqui ela voltava a lamuriar, colando-se toda a mim e batendo em geitos de ave com os pésitos no basalto. E, muito humilde: — Es-cusa de entrar... já lhe disse.

— Que me dás ?

— O que tu quizeres . . .

E o caso é que, neste aleivoso escaramuçar insensivelmente inleitados, sem bem saber por que modo, notei que subiamos já a rua Nova do Carmo. — Como tinha sido aquilo ? . . . Como é que duas pessoas, que se vêem pela primeira vez, de concerto logo estremecem na mesma simpatia ? como é que parece que já docemente as enlixa uma familiaridade de longos anos ? . . . Porque é que, na confusão dum ajuntamento, um homem e uma mulher, — dois estranhos, — sabem de industria procurar-se, dizer-se coisas com os olhos, encontrar-se, compreender-se, amar-se ? Que magnetico poder, que affectuosa telegrafia, que arte, que intuição, que instinto um para o outro assim os norteia, indefectivelmente ? . . . E entre a infinita porção de estradas, atalhos e verêdas, caminhos de toda a especie, para nosso uso pela sorte abertos no doloroso agro da Vida, porque motivo tomamos nós por este, de preferencia áquele ou áquel'outro, e, uma vez despedidos nesse rumo, não temos depois a força de arrepiar carreira, moderar-nos, considerar, retroceder, parar ? . . .

De mim sei que naquele instante, inebriado e vaidoso, de gosto me deixára submeter . . . que esquecêra obrigações, que abdicára da vontade. Embalado nesta inercia de querer que foi sempre synthese do meu character e o travanco da minha vida, ahi me deixava servilmente conduzir ao sabor da cativante figurita, — a minha amante de acaso, a minha soberana do momento, — e ia quente, feliz, sem reagir, sem pensar, escrupulos á margem, azas no desejo . . . tumido e álrte o coração numa batuda de sentimentos

novos, e dum mundo de escabeladas visões turbulendo a fantasia. Mas, no fundo, preocupado e triste... Sentia um não sei quê de aspero e fatal pesando-me na alma, trayando-me o destino. Á aproximação daquela mulher, para mim absolutamente desconhecida, eu tive o amargo, o iniludível pressentimento da sua perniciosa influença no meu futuro. — Embora! Da cidade em tórno vaporavam jorros de insanía. Fazia-me inveja a arrogancia animal dos pares que passavam junto a nós, em francas saturnaes, ardidados, pícaros, cantantes. E lá bem no silencio e bem longe, a minha noiva dormia no seu leito branco, intanguida e pura... «Ao prazer! ao prazer!... Era uma noite, um relampago, — não deixaria vestigio... Quando mais que era este o primeiro Entrudo em que eu me via com dinheiro na algibeira! Ao prazer! ao prazer!... ao delirio! á embriaguez! á aventura!»

De onde a onde, a minha companheira parava na rua e voltava-se, como que a investigar se eramos seguidos; e depois duns segundos de observação, tranquilizada, lesta, repelava para a frente. Ofereci-lhe de ceiar, com insistencia, nalguma das casas de comer da redondeza. — Que não... Devia estar tudo cheio... Uma massada! Nem era preciso, — veria... «se quizésse dar-me ao incomodo de se subir».

Tinhamo-nos embrenhado no Bairro-Alto; e ahi ella parou á porta dum longo predio da rua do Norte, esguio e negro como um ventre de velha chaminé derruída. Soltou-me o braço, tornou e esculdrinhar a rua; depois fitou-me com interesse, devagar; e com uma singular intenção maliceira epilogoou, num suspiro:

— Bem, então agora, adeus... Não o quero incomodar mais... Muito obrigada.

Abriu com o trinque a porta, e, quando entrava:

— Ah, ainda mais um favor... Não tem fosforos?

Entrei em pós dela, para um escasso patim, bafiento e imundo, onde mal os dois cabíamos. Então algum tempo levámos, — ela de rôlo estendido, e eu petiscando muitos, muitos fosforos, uns atraz dos outros, sem conseguir acender nenhum, atabalhoadamente. Não era senhor meu. Perdêra a noção nítida da minha situação, rábidos apetites formigavam-me nas veias... A cauda em riste dum gato veio acariciar-me a perna. E eu sempre atoadamente a riscar lumes, sem resultado, e a cada fugaz clarão sempre entrevendo, coleante e gracil frente a mim, a demoniaca figura, que ria, ria, ria da minha impericia, — cascalhando, saltando, batendo as mãos, seprando-me aos dedos, — e a cada um dos seus vibrateis movimentos fustigando-me os sentidos com um picante aroma promissor de delicias ferozes, celestiaes, inéditas.

Quando houve luz:

— Móro no terceiro andar... Se não quer, não suba... Adeus!

Tinha já o pé no primeiro degrau; mas não se dispunha a subir, nem me oferecia a mão para a despedida; e a porcelana azul dos olhos embaciára-se-lhe, e, visivelmente, por traz da cortina de setim da máscara os labios tremiam-lhe.

Foi quando eu avancei para ela, com a garganta sêca, sem proferir palavra, e tomando-a com decisãc ao colo subi a dois e dois os degraus da escada.

18 de fevereiro.

Três vêzes comecei ontem esta carta, e irês vêzes rasguei, exasperado, o lastimoso aranzel de baboseiras que a custo ia espremendo do meu cerebro. Por mais ardidamente que o tentásse, não havia meio de ser simples, claro, breve; não conseguia verter num estilo impessoal, cristalisar em frias linhas de analyse, austeras, largas, a formula pictural dessa noite memoravel... noite de novidade e de febre, noite de pasmo, noite de iniciação, noite de angustia; noite que um negro ponto nodal assinala, na curva da minha vida; noite perfidamente envaginando em capitosas delicias, — como o brincado estojo dum punhal com veneno, — as mais cruas e amargas perversões da ignomínia e do erro; noite que foi para o meu character brando, para a minha insciencia mundana, para a minha timidez, para a minha insegurança, um dia de sol deslumbrador supito instilando-me, com a fulgurante realização de preadivinhados gózos, o prolífero germen de irredimiveis infamias.

Nestas condições, — bem vês, — ser frio, ser imparcial era difficil. Como poderia eu, como poderia alguem, de animo leve incarrar, desdobrar com placidez, reviver a sangue-frio a turbadora memoraçáo de scenas tão na sua vida essenciaes? . . . de protestos que fôram sentenças de morte, caricias que fôram abominações, beijos que fôram quedas, risos que fôram o dobre funeral do seu destino?

Quanto mais eu refreava o pensamento, mais de tropel me pulsava o coração, mais embarulhadas,

mais de rodilha me acudiam as ideias, num vento de confusão, num fumo de incerteza. Via tudo, sentia tudo tremulando em espiralagens tortuosas, — como da banda de lá duma fogueira. E agora mesmo, devo confessar-te — ó miséria da natureza humana! — que o balanço dessa noite de azar me desperta bem estranhos sentimentos; e que, ao passo que meço com horror, e com intransigente odio condeno, da minha ascorosa aviltção o desmarcado alcance, dulcidamente sóbe a amolecer-me a alma, desse instante de ventura inefavel não sei que saudosissima lembrança...

Mal a pequena puxou o cordão da campainha, logo uma velha alcouvêta veio abrir, alta, spectral, palmatoria de vidro na mão, lenço escuro, de lã, sobre outro de algodão branco, amarrado ás fontes, inevoado o olhar, os beiços debruando reintrantes as gengivas desguarnecidas, e pigmentando-lhe a garatujada aridêz das faces um livôr esverdinhado.

Já a cancela se nos fechava nas costas com estrondo, e a minha introdutora a ordenar:

— Ponha a ceia na mêsa, ouviu? ... E vá-se deitar, que são horas.

A fantasmatica megêra poisou a palmatoria sobre uma mêsa e rodou em silencio pelo corredor, enquanto a rapariga me convidava, atirando longe o gôrro, que guisalhou com estrondo:

— Esteja á sua vontade. — E numa comica reverencia: — Faça de conta que está em sua casa...

Ia a lançar-se ao canapé; mas de repente, desandando:

— Dá cá um cigarro.

Desdobrou-o e embrulhou-o entre os dedos, com uma rapidez e uma pericia como só a muita pratica

confere : acendeu-o á luz da palmatoria, soerguendo a fimbria de setim da mascara e estirando os labios, toda curvada ; depois abandonou-se em peso contra um dos angulos do canapé, e atirando ao teto, numa voluptuosa preguiça, a primeira fumaça :

— Então, não se senta ? . . . Que diz á minha casa ?

— Bem . . . está muito bem — balbuciei, tartamudo de embaraço e de vergonha.

A verdade era que eu nada tinha presenciado ainda, nada tinha visto de igual, em materia de canalhismo galante : e que todo o meu delicado ser, retraído e tímido, amnesiára de pasmo e de receio ante o inauditismo da situação, ante a imprevisita e aspera emoção da inopinada aventura.

No entanto, como a mocidade falásse alto e a ardidada petulancia dos meus vinte e dois anos recuperásse o seu imperio, já eu me sentára tambem no canapé, junto daquela esfinge coleante, aspirando-lhe o aroma, estudando-lhe as formas, procurando-lhe contactos ; e tremulo, implorativo, quente, supplicava :

— Mas, vamos ! tira essa mascara.

— A seu tempo . . .

— É tempo de mais ! Não vês que ? . . . — E ergui, direita ao *loup*, a mão, que ela sacudiu com uma palmada.

— Abaixo a mão ! Espere . . . Só quando me escaldo é que tenho pressa. — Cõnversemos primeiro.

Acomodei-me e anulei-me, pequeno e humilde, de mãos entaladas nas pernas, absolutamente hipnotizado.

E ela, muito familiar :

— Sabes que estou com fome ? — Depois, mais alto, para o interior ; — Isso está pronto, Eternidade ?

E como de dentro não vinha resposta, num salto ela ergueu-se, o resto do cigarro para o chão, e vôou corredor fóra.

Foi quando eu, livre por um momento da imediata obsessão da esteniante criatura, pude com relativa tranquilidade analisar a casa em que me achava. — Tudo quanto pôde haver de mais desagradavel, de mais pelintra e banal em materia de habitações mercenarias. Quasi um cosmopolitismo barato de lupanar. Um laborioso arranjo de coisas velhas e inuteis, paredes meias da miseria. Pequenina sala forrada a papel escuro, de ramagens e quadratins claros sobre um fundo rôxo ; jogando deploravelmente com o papel, na côr e no desenho, pequenas litografias barbaras, do começo do seculo, com legendas sentimentaes, desfiavam em deformidades grotescas a lenda de Inês de Castro ; sobre as mêsas havia boisinhos das Caldas, conchas e retratos de homens de chapéu desabado ; havia ainda ventarolas e flôres de papel de sêda, applicadas contra a parede ou em suspensões de cartão picado. De mobilia, duas mêsas, um canapé e cadeiras de palhinha, a um angulo uma *chaise-longue* esmadrigada. Arrastavam o seu desmazêlo pelos moveis varias roupas de mulher, um chapéu, umas botinas moldadas em tremço e barro, nauseativamente. Saturando o ambiente, um cheiro essencial a alecrim queimado. Por fim na esfiampada trama de um pequeno tapête do Bolhão, estendido a meus pés, esbatiam-se uns restos de paisagens com um leão dormente.

A parede fronteira ao canapé era evidentemente um tabique : demonstrava-o a pequenina porta sem alizares, forrada pelo mesmo papel, que nele abria para o compartimento immediato, e a mela rosacea

visível e as caneluras do estuque do teto, que a cercadura do papel interrompia ao alto, bruscamente. Mesquinho aproveitamento de espaço. Era um compartimento — o unico da frente da casa, — partido em dois. Estava nos modernos costumes lisboetas: não tinha por que estranhar. E ainda notei que uma grande litografia colorida de toireiro, garrida e arrogante, festoava por sobre o canapé a parede, adornada com duas farpas em aspa. Farpas policromas e rijas, farpas a valer, complicadas dos mais bigarrados enfeites de fitas e flores, a unha de ferro da ponta levemente oxidada. — Sem duvida eram o retrato e recordações, lembranças de algum mestre olimpico do toireio, um destes seres fortes, excepcionaes, felizes, plasticamente belos, depositarios e herdeiros dos atavismos viris da nossa raça, todos coragem, altivéz, desdem, incluindo a vida, e cujo prestigio subjuga as multidões e deslumbra até á alucinação as mulheres latinas... «Amante dela, talvez?...» pensei numa osga mal represada, num ciume de instinto. E logo de reflectir: «que tinha eu com isso?...»

Entretanto, sentia distintamente, ao cabo do corredor, a minha hospeda garrulejando, dando ordens, indo e vindo, batendo rapido o tacão, em geitos leves de passarito. E, tilintando, louças, talheres. E apetitosos anuncios de comida.

Por fim, ela bateu palmas e chamou:

— Então, minha flôr, não vens?... É preciso ir lá buscá-lo? Avia-te!

Venci de salto o corredor. E então...

Na pequenina sala de jantar, e já sentada á cabeceira da mēsa oval que guarnecia o meio da casa, a mi-

nha amante de momento, sem mascara, saboreava uma deliciosa canja, pastosa, gôrda, toda em placas louras vaporando um aroma que insalivava a bôca, aperitivo e tonico. Mas que empolgadora visão aquella! Como a tenho presente, como me varre ainda de rôjo a razão, como me inflama os sentidos, como me deliquesce a alma essa turbadora aparição, essa endiabrada figurita de mulher, imperiosa e futil! — Cabeça redonda e pequenina, de um côrte entre classico e felino, ao mesmo tempo inteligente e animal, sossegada e petulante, maravilhosamente bem corôada pelas frisuras em desordem do cabelo côr de sandalo; uma tarja de velino a testa; a sobrançelha alada, as palpebras muito frescas; os olhos de porcelana, pequenos mas rasgando em amendoa para as fontes, vivos, translucidos, acêsos numa expressão azougada e inconsistente, num como que brilho duro de esmalte, impenetravel; o nariz achatado levemente; carnívora a bôca; o mento raso e breve; a pele alvissima, mordida de sangue, lambida das quentes nuanças da sua penugem doirada; fino, marmoreo, gracil o pescoço; no colo espumoso e deslumbrante, fazendo a junção das claviculas, um pequeno triangulo de sombra; e uns grandes seios, bravos e turgidos, avolumando erécteis sobre o coração, nãquele corpito enxuto e vibratil de mulher nervosa.

Que te hei-de eu dizer da impressão que sofri? . . . — Eu não sei o que se abriu, o que se rasgou dentro de mim, naquele momento . . . não sei que aleluia interior, que enristamento sensual, que ardido canto triunfante alargou e ergueu todo o meu ser, alvoroçado e tumido. Certo é que emparveci de gozo e de surpresa. Chocada tão de violencia e de impeto, a minha

esperta sensibilidade confrangeu-se, falhou o seu equilibrio habitual. A hiperestesia da supita emoção paralisou-a. De forma que me subiu uma onda congestiva... e houve um momento em que eu não consegui vêr, compreender, sentir senão através uma confusa ampliação de pesadelo. E, assim, não dei bem tino de mim, não conservo nítida a noção do que fiz durante os primeiros minutos.

Suponho, sim, que fui bem ridículo... porque a minha amavel Galateia ria, ria a perder! E eu, com um ar imbecil, desatei a rir tambem, mecanicamente.

Ela é que não cessava de beber, movendo, movendo rapido a colher, — e disto lembro-me muito bem, — com grandes rutilações de aneis nos dedos. Entretanto, de roda de nós, a Eternidade, impassivel, espectral, muda e deslize como uma sombra, ia mudando os pratos.

E a rapariga :

— Ó mulhersinha, já lhe disse, vá-se deitar! Acenda-me a lamparina do quarto e vá-se deitar.

Foi então, quando ficamos sós os dois, que eu supersticiosamente receei uma desgraça... a antítese imediata e horrivel da minha situação. — Nunca imaginára que se pudésse ser tão soberanamente feliz na terra! Porque agora a pequena, parando de comer, fincára o cotovelo á mēsa, e applicando na conchita da mão o queixo, e a ponta do indicador no labio, num geito todo seu, com aquella graça infinita dos anjos de Rafael e de Murilo, comprazia-se em me fitar lascivamente, numa clara expressão de desafio.

— Aqui me tens... sem mascara. — E sem despegar da atitude, fitando-me sempre: — Então?...

Eu com o olhar pregado, hirto, fundido no dela,

não respondi . . . mas os pés arrastaram-me pêrros no sobrado, aproximando mais a minha cadeira da sua.

E a fascinação absoluta daquele olhar problemático e fino, entre divino e sensual, incómodo á força de penetrante, doloroso á força de prazer, continuava sempre.

— Agrado-te ? — aventurou docemente.

Antes mesmo que eu falásse, logo lhe relampagueou pelas feições gaiatas um brilho de convencimento interior, ao passo que pela sua pupila garça uma nevoa de comoção passava. Então a sua mão delicadita e breve correu-me num afago electrico a face, emquanto com a mais gulosa meiguice os labios murmuravam :

— Tambem tu me agradas !

Depois, logo a seguir, num suspiro leve, derivando :

— Bem, bem, mas vamos a comer . . . Deixemos as asneiras p'ra logo.

E já novamente garrula, infantil, voltava a comer e a beber, toda gestos e risos, que o tilintido dos guisos do seu disfarce alacremenente sublinhava.

Era apetitosa e variada a ceia : magnifico mexilhão, preparado á moda de Aveiro, espetado ás longas fieiras em palitos adequados, enxuto e fresco, muito picante ; e já ervilhas, com o inseparavel paio ; galinha, lampreia, lombo de porco, agriões. E os dôces tambem e os vinhos, é de saber. Eu pouco comi, que m'o não consentia a infernal sobreexcitação que me estrangulava o desejo. A minha companheira, porém, que toda a longa noite foliára, tinha um apetite de pedras e esvasiava um após outro os calices, a fôlego aberto, mal que eu lhos enchia.

Quando a servi das ervilhas, antes de provar :

— Ah! é a primeira vêz que cômoo ervilhas, este ano. Espera . . . — obtemperou de repente.

Pregou os cotovelos na mêsã, ocultou o rosto nas mãos, cerrando os olhos, numa grande concentração espiritual, num como que recolhimento supersticioso e místico, e eu senti que os seus labios monologavam com sinceridade e ardor uma prece. Depois, ao terminar, como eu formulásse, no modo como a olhava, minha interrogação muda de espanto :

— Não sabes ? . . . A primeira vêz no ano que se cóme uma coisa de que se gosta, é quando a gente deve pedir ao céu aquilo que mais deseja.

— E que pediste então ? . . .

— Que me quisésses muito ! — exclamou com alma.

E já, toda afogueda :

— Ó filho, desculpa . . . estou com calor !

Desabotoou lesta a sua *blouse* larga de *pierrat*, atirando as bandas p'r'os lados ; e foi quando eu, num quente deslumbramento, pude seguir a prolongação do seu belo colo, alvo e espumante, arredondando em dois promontorios que cresciam, cresciam e subiam, em rijas ondulações; irrequietos, tremulos entre as rendas, prontos a saltar do espartilho . . . A termos que, dahi por diante, não havia desviar-me da maldita obsessão o olhar inflamado, e todo o meu empenho era vêr se aparecia o resto, o melhor . . . se conseguia aplicar os meus conhecimentos de geometria descritiva á determinação da cota mais alta dessas duas estonteantes florações de carne e de pecado.

Ela deu conta da minha perturbação ; e, de quando em quando :

— Menino ! então ? . . .

E como que a recatar o seio, esboçava qualquer insidioso gesto que ainda mais o descobria.

O caso foi que a hora, o vinho, a ocasião, o exemplo enardecêram-me. Com a maior semceremonia, já eu lhe tocava o braço, acariciava-lhe a côxa, formulava no olhar meus propositos desonestos. E ela contente ! — Houve uma ocasião em que, oferecendo aos meus lábios um *bonbon*, meio entalado entre os dela, convidou :

— Vamos ! queres ? ... Metade é p'ra ti !

Eu avancei o meu rosto té face a face com o dela, cortei o bôlo em dois com os dentes ... e que deliciosa, que turbadora impressão me ensopou os nervos ! ... a ponto de ficar convencido de que a fundente e mélica doçura que então me inundou a bôca, numa caricia fresca e perfumada, fôra, não devida a um requinte da industria de confeitiro, mas pura e directa emanção da minha companheira.

Mas já ela se erguia de impeto, dizendo :

— Isto hoje é dia grande ! Temos que fazer uma saude especial.

Encaminhou-se ao guarda-louça, buscar uma garrafa de vinho velho ; e eu então num relance apreendi do seu corpito flexuoso e magro a sublime proporção, a peregrina elegância.

Ela tinha enchido os copos, bem testes, vertendo o licor devagar, com uma certa solenidade. Depois :

— De pé ! Atenção ... Bebâmos ao nosso amor !

Puz-me em pé, de copo na mão. Quando porém ela erguia com arregocho o braço, a farta manga do seu roupão tombou o galheteiro, e logo uma grande nódoa de azeite arredondou pela toalha.

— Demonio ! Azar ! — apostrofou arreliada, num subitaneo susto, sem mesmo ter bebido.

E, dizendo, amalinou de pasmo e de receio, e imóvel, com o braço no ar, suspensa a respiração, o pensamento opresso e o olhar franzido e doloroso, pôs-se a seguir pavidamente, na alvura mansa da toalha, o alastramento vagaroso e compacto daquela mancha enorme.

Depois, num repente, dominando-se :

— Asneiras ! Anda dahi . . . — epilougou, bebendo dum trago a arrancando da mesa.

Levou-me á cosinha, mesmo ao lado, vêr se o lume ficava apagado ; depois, voltando á sala de jantar, eu apontei-lhe o azeite, e ela : « Tem oleado por baixo . . . não faz mal. » Tomou a palmatoria acêsa, eu apaguei o candeieiro que pendia do teto ; passando-lhe o meu braço á cinta e arriscando-lhe um beijo na nuca, voltámos, pelo corredor, á salêta da frente ; ahi ela abriu a portita falsa do tabique . . . Estavamos na sua camara de dormir.

Propriamente o camarim de uma mulher de prazer, uma destas criaturas de instinto que só a objectividade preocupa, que fazem consistir no culto do exterior toda a sciencia da vida. — Aconchegado e pequenino. A verdadeira bocêta de Pândora, — da luxuria e do erro. Alcatifado. Predominava nele o carmezim, pois era esta a côr da alcatifa, do pequeno docel do leito, da colcha da cama, dos resposteiros, do papel adamacado das paredes, da luz que a lamparina irradiava, da sanefa sobrepujando as cortinas da janella. E fôra escolhida a preceito a inflamativa côr, decerto. Nada melhor do que a purpura para dar córte e realce á velutinea alvura, á fina linha infantil do seu corpo delicado.

Mas havia mesmo conforto, um certo luxo rebuscado e galante no arranjo do misterioso aposento. A mobilia era polida a negro : negro o grande leito á Luís xv, solido, simples ; negro o guarda-vestidos, a banquinha de cabeceira, o toucador ; negras e filetadas a oiro as cadeiras ; negras as misulas, de carvalho e pau-santo talhado, que adornavam as paredes ; negro o longo sofá de setim que occupava a quina do quarto, fronteiro á portita de entrada e com uma fulva pele de leão á frente, fôfa e profunda, erguida a ampla cabeça magestosa, as grandes prêsas brancas mordendo em scintilancias cruas o sangue da alcatifa. Tambem, á ilharga da ampla cama, que quasi encostava ao tabique, o nosso artelho perdia-se na macia e alta espessidão dum tapete de lã de camelo. Nesse mesmo tabique, junto á cama, e reflectindo-se no espelho do guarda-vestidos, que lhe ficava fronteiro, havia um outro espelho com moldura de cristal, mordida de ramos fôscos ; a mais fina cassa da India acariciava a janela em magnificentes e voluptuosas pré-gas, que duas garras de jaguar franziam ; resposteiros, colcha e docel era tudo de authentico damasco de sêda, em alto relêvo, largo-franjado, da mais opulenta e discreta espessura ; e o estuque banal do teto desaparecia vestido por um rico tecido indiano, todo em minusculos arabescos de vermelho e oiro, disposto em pré-gas irradiando duma grande cabeça de querubim com azas, de bronze esmaltado, posta ao centro, de cuja bôca se pendurava, acêsa e vinolenta, e em forma de caçolêta etrusca, uma formosa lampada de cristal.

Emquanto eu, num dar de olhos, observava o aposento, já ella, meio despida e em frente do grande

espelho do guarda-vestidos, desnastrára o cabelo de novo e de novo o prendia com um só gancho soltamente sobre a nuca. Depois, voltada e correndo a mim num transporte, atirou-me os braços ao pescoço e passeiou-me o rosto de beijos calidos, soffregos, cantantes, enquanto me trespassava da tremura de todo o seu corpito em ancia, e me entontecia com o tépido aroma de sandalo que vinha de sôb os seus braços.

Sem nada dizer nem fazer, sentado á beira da cama e com o nó histerico na garganta, emparvecido, atonito, — eu contemplava-a. E ela, muda tambem, num estrangulado impeto, deixára-me . . . tirára o corpête, as calcitas bordadas, desatacára o espartilho . . . té ficar vestida só por uma finissima camisa lilaz, que as duas pontas distantes dos seios sustinham, e que ao sentir-se livre, ao desfranzir os mil minusculos refêgos em que se lhe colava ás fôrmas, parecia, ella tambem! corrida de vibrações lascivas, tinha estremecimentos iguaes a contracções de labios.

E o caso é que a minha amantesita de ocasião era uma pura delicia, um poema inédito de prazer, o verdadeiro transunto ideal da graça e da beleza! — Miudita e franzina, como já mais de uma vêz te disse, não a opulentavam as redundancias habituaes do sexo, antes parecia o seu corpo, — tão fartamente prostituido, — a fria e tímida carne duma virgem elegantisada a poder de abstinencia e castidade. Era uma conceição singular, um mixto modelar e incomparavel da ideal magreza florentina, em que não ha ossos, e da solida fibrinação lombarda, que exclue a gordura. A mais franca e anadiomenica sintese da tentação, do vicio inteligente, da perversão espiritualisada.

De tanto que ela era corrida e enxuta de fôrmas, chegava a parecer insexual o seu corpo andrógino e frescô. Não tinha colo, não tinha quadris, não tinha ventre. A soberba linha do seu talhe, que eu seguia perfeitamente através a transparescia da camisa, descia quasi vertical e apertando ligeiramente, da curva alada dos ombros, pelos flancos estêreis, pelas ancas estreitas, pela perna adelgada e firme, a fechar-se e a morrer, por um prodigio de estabilidade inverosimil, no leve arqueamento das suas finas patitas de ave, leves, saltitantes. De sorte que de feminino ela só tinha o encanto proprio, a expressão menineira do rosto, a graça felina dos movimentos, e — oh meu Deus! — os dois grandes seios que bruscamente lhe rompiam do peito chato, turgidos e altos, anormaes, sem nenhuma transição de modelado.

Alpinuda e gracil como as mulheres do nosso litoral do norte. Tipo fisiologicamente bastardo, toda a vida lhe refluiu ao seio; naqueles dois promontorios de carne e de peçado, luzentes, duros como o marfim e como um fruto tropical quentes e macios, palpitava a diatese sensual e se concentravam as energias dinamicas e toda a epicurea e boémia devassidão da estranha criatura. Todo o seu modo de ser se resumia, se condensava ali . . . ali estava a razão da sua estetica, da sua moral, do seu sentir, do seu querer, tendencias, predilecções, instintos, em suma, toda a finalidade agitada e violenta do seu destino. Eram a sua siña, a sua definição, a sua divisa; a diagnose do seu temperamento e o segredo funcional da sua alma. Nessas duas estonteantes pontas de coral, como nos reóforos duma pilha, se acumulava todo o seu electrico poder de sedução; por elas havia de fatal e calidamente

exercitar-se sobre o Homem o seu acanhalhante imperio, em ondas de paixão, em catadupas de infamia e de veneno.

Com as suas duas grandes tétas espetadas, aquela mulher esguia e fragil era um simbolo ; sem elas seria uma pobre figurita, doentia e efemera. Assim era uma irreprimivel tentação ; doutra forma seria um desagradavel exemplar abortivo. Um interessante caso de hospital, nunca o tormentoso cabo onde irremissivelmente viriam naufragar as boas intenções de tanto desgraçado, como eu . . . E, assim, ela era bem o produto aberrativo e morbido deste fim de seculo destemperado e egoista, em que a contumacia no prazer produz toda essa descerebrada legião de ninfomânicas, e a hipertrofia cerebral origina os homens com apparencia de fetos.

Emquanto no meu cerebello em fogo, promiscuamente, estas ideias e impressões fuzilavam, ela fôra á alcova proxima, abrira e fechára rapido uma gavêta da comoda, e, com um pequeno embrulho sobraçado, já novamente diante de mim, ia mudar agora de camisa.

A tenue e ampla tunica lilaz mantinha-se-lhe sôlta e vertical, pendente das agudas tétas. Mas, num dar de ombros, os seios tremeram, as pontas ergueram-se . . . e então, desprendendo-se, a camisa fluiu maciamente, sem uma prisão, sem uma pausa, ao longo do seu corpo esguio, enroscando-se-lhe aos pés como um gato amoroso. Depois, enquanto ela, de braços ao alto, enfiava nova camisa, eu pude num relance avistar a deslumbradora nudez do seu corpo adelgado e debil, alvo a um tempo da baça e tenra alvura dos jasmims dos Alpes, e mordido dum bistre sensual, doirado de

nélicas doçuras, crestado de marmoreações ardentes, que eram como que a marca rubescente do seu poder, o carimbo a fogo da sua dupla condição de anjo e de demônio. E como ela estava entre mim e o guarda-vestidos, nesse inolvidavel segundo eu pude ao mesmo tempo apreender, pela visão directa e pela reflexão no grande espelho, em todos os seus contornos, no mais favoravel relêvo, a flexibilidade ideal, a incantadora graça infantil, a modelação completa e perfeita do delizioso instrumento que a sorte me oferecia ali assim, espontaneo, irresistivel, aos mais vesanicos vôos da minha fantasia e ás mais abstrusas perversões da minha carne.

De sorte que já os dois bravos seios da minha amante retinham, pelas rendas do decóte, uma nova tunica, de uma bela côr de morango retinto, e ainda eu aváramente procurava retêr, de olhos semi-cerrados e concentrado, imovel, a turbadora impressão daquela imagem instantanea e divina.

Mas ela, batendo-me no ombro, e com a voz mal segura :

— Então ! seu tonto . . . Estou com frio !

Ergui-me de impeto e despi-me tambem : emquanto ela, sobre a cama, soltava as ligas, tirava as meias e lesta deslisava sôb a roupa. Num pronto, eu estava com ela . . . E agora não tentarei, não poderia mesmo descrever-te o que foi aquele nosso primeiro abraço ! — que feroz atracção, que rábidas apetencias, que estrangulada furia nos atirou um contra o outro e colou as nossas bôcas, uniu as nossas respirações, entrelaçou os nossos braços, polarisou acordes os nossos nervos garrotados de prazer, tetanisados na guilhotina da febre e do desejo . . . Tão pouco poderia deta-

lhar o que foi para mim em surprêzas, revelações e tórpes episodios, em insalubres appetites, em supremas abjecções, em lances de ignomínia, essa noite abominavel e celeste, empolgadora e terrível.

A mesma congestiva crise nos tomára; doidos, convulsos, lidavamos ambos no mesmo insustavel furor, apostados como que no lascivo empenho de nos penetrarmos, de nos absorvermos mutuamente. Ardidos nesta luta obsidiante, nenhum de nós queria ceder... e eu que tinha a vantagem do meu comediamento anterior, da minha impetuosa e fresca mocidade, então concentrei toda a minha força e todo o meu querer, os mais rubros impetos do meu sangue e as mais calidas energias da minh'alma, no goso e na posse completa, incondicional, daquele belo corpo insaciado e hiante. Neste fervoroso, neste absorvente porfiar, todas as outras faculdades anulei a favor do instinto; de sorte que para tudo o mais a minha vida paralisára... amnesiou a memoria, varreu-se-me o espirito... só a animalidade rugia em mim, e o tempo era como se não marcásse.

No entanto, lembro-me... — da fluida confusão desse voluptuoso ensopamento uma só impressão me ficou, poderosa, eterna! — lembro-me de que, por cada vêz que raivosos os nossos corpos se cingiam, eu sentia sempre, — sinto-as agora! — as suas duas grandes têtas, rijas e avidas como tentaculos, soldarem-se-me ao torax, abarcarem-me os flancos...

E assim brusca e tumultuariamente foi como eu rasguei o nevoeiro de misterios e problemas que, uma vêz sondados, endoidecem, e de que teria sido tão bom fugir! Assim eu fiz a minha iniciação no erro, ao contacto e ao exemplo dessa mulher de abominação

de delírio... A termos que não houve recanto inútil da sua carne que os meus cinco sentidos não levassassem, nem particularidade anatomica do seu corpo que os meus labios em brasa não mordessem!

No dia seguinte, já dia alto, veio a Eternidade trazer-nos leite á cama.

— Que tal está o dia? — interrogou, num bocejo, a minha companheira.

— Ai! muito escarunfio, senhora, — observou a velha proxenêta.

— Chove?

— Está tudo cerrado... Um verdadeiro dia de cinzas.

— Bem! — comentou a rapariga, num lampejo de prazer, as alêtas do nariz palpitando de desejo. E para mim, enquanto afastava da testa e dos olhos o cabelo: — Não tens que fazer, não?

— Não... É feriado.

— Então, deixa-te estar... — suplicou meigamente.

E como que a selar a minha gostosa aquiescencia, ouviu-se pelo quarto o alegre bater de azas de dois beijos.

Ao que, discretamente, a Eternidade pigarrou, voltando o rosto. E, muito ceremoniosa:

— Veja a senhora o que determina?

— O quê? comer... Que massada! — Olhe, vá ás compras e arranje o jantar como entender. — A velha rodou silenciosamente. — Quer dinheiro?

— Tenho já.

— Bem, então arranje as coisas como quiser...
Avie-se!

— Sim, minha senhora.

— E olhe, feche a porta... leve a chave. Escusa de me incomodar depois, quando vier.

— Fique descansada, menina... — assegurou a velha, voltando junto do leito, e agora tomando uma familiaridade em aberta contradição com a submissa atitude de ha um instante ainda.

Curvando-se então sobre nós, não se poude ter que não dissesse:

— Fazem bem em gozar, anjinhos...

E já junto da porta, num saudoso suspiro:

— Ai tempos, tempos!

Estimulada do divertido episodio, a minha amante agitava-se e torcia-se, erguia os joelhos, batia as mãos, ria a mandibula batente. Mas breve os meus dois braços a adstringiam, reacendia-se a furia paroxismica dos nossos nervos, a scentelha passional da nossa carne palpitante, e como corolario, mal a Eternidade batêra com a cancela da porta da escada, e já no quarto voltára a sôar alto o nosso encarniçado resbunar, entre sensual e aflitivo, cortado de monossilabos, avivado de protestos, a que o silencio espesso do aposento emprestava valor e que a parcimoniosa luz do exterior favorecia.

Depois, grado a grado, veio o quebramento, a saciedade, o cansaço. E, com este, uma deliciosa inacção, uma voluptuosa preguiça, uma irresistivel e grata sonolencia, em que sobre a lassa ruina do meu corpo o cerebro largou desapoderadamente a trabalhar. E então recordei embevecidamente a infinita série de surpresas e emoções por que acabava de passar...

Sentia-me feliz. Ao invés do que poderia presumirse do bestialisante efeito de tão nutridas horas votadas ao cêvo exclusivo da carne e da luxuria, eu não estava positivamente materializado. Pelo contrário, uma lucida embriaguez me erguia e doirava as ideias, dominadoramente. Sentia e verificava muito bem que esta obsidiante e irresistivel criatura, que o mais misterioso e feliz dos acasos me deparára, não era só simpática á minha animalidade, não era só apeteçada dos meus sentidos; antes na mutuação celeste dos seus gozos havia um não sei quê de eterisante e fino... o que quer que fôsse de iluminado e alto, que me afa-gava o pensamento e me falava ao espirito.

Tudo isto porque era magra.

Para as almas grosseiras, para os plebeus do sentimento e os escravos do instinto, a opulencia das fórmas e a pujança das curvas são ainda hoje a primeira condição de beleza na mulher. E todavia quanto mais ideal, quanto mais suggestiva e dôce não é a magreza! essa ultima quinta sençiação da carne, essa sintese sublime de todas as energias boas da materia. Quanto maior jus não tem á nossa adoração e ao nosso culto estes tipos miudos de mulher, frágeis, ondulantes, — feitos de petulancia e de nervos, de sonho e de misterio, — tipos donde a sensualidade desertou e que o vicio, por muito que os agite, já-mais consegue apostemar de mácula; preciosos, divinos sacrarios onde meticulosamente se cristaliza e adensa a verdadeira, a unica espiritualidade do Amor!

Digam o que disserem os materialistas, — no corpo divino da mulher, por cada celula material que se desfibrina, uma nova nota sentimental acorda, uma

nova corda afectuosa larga, tensa e vibrante, a cantar no coração. A plastica cheia e obtusa da Venus de Milo não vale a debilidade emaciada e franzina de Santa Tereza de Jesus.

Foi o que eu pensei e senti, muito compenetradamente, nos espaços em que a minha companheira dormitava. Foi esta a derradeira e paradoxal integração de toda a minha filosofia e toda a minha moral, nessas dôces horas silenciosas voluptuosamente conduzida ao sabor da estimulação dos meus instintos e do furor do meu desejo.

Lá muito pela tarde, já quasi noite, jantamos á mêsá. O apetite foi bom, aguçado, para mais, pela nossa camaradagem afectuosa e livre. A Eternidade organisára um pequenino banquete a primor. Predominava o marisco. Num empadão de camarão e lulas, especialmente, ela esmerára-se: — Era o prato predilecto do seu Carlos! Que homem!... Ainda na ultima ceia que lhe fizera, antes daquele anjo partir p'r'o Brazil...

— Mas porque a deixou ele, afinal? — aventurou, meio distraída, a minha companheira.

— Olhe, senhora, intrigas!... Imagine que...

Mas nós, embebidôs como estavamos um no outro, não lhe davamos atenção. E enquanto a velha piedosamente desfiava seu rosario de queixumes, muito puxado a pormenores, cortado de ais e salgado de abundosas hipoteses de lagrimas, que a ponta do avental subia a alimpar, repetidas vêzes, a rapariga piscava-me o olho de troça, comia do meu prato, furtava-me o vinho... e eu sem despegar consumia a sensibilidade e enrodilhava a alma na diabolica translucidez dos seus olhos garços, na carnívora expansão d'

sua bôca, na grande sensualidade patente do seu nariz achatado e pálido.

Findo o jantar, já o café foi tomado, a luz acêsa, na mercenaria salêta da entrada. Depois, epicureamente, os cigarros fumados uns sobre os outros e o dialogo aflorando ao acaso ninharias; emquanto se ouvia dentro um gôrdio correr de aguas pela louça, na cosinha. E ela, ora no meu colo, ora em pé farandulando na minha frente, irrequieta, nervosa, com uma vivacidade irreprimivel, com um admiravel ritmo, todo instintivo e natural, de movimentos, repetia, comentava os ditos e gaiatamente revivia as *parodias* que na vespera vira fazer pelas ruas.

Duma ocasião, quando sacudia o cigarro no cinzeiro, diz-me ela, apontando um pequeno masso de cartuchos de papel de côr, que poisava ao lado, sobre a mesma mêsã :

— Mal sabes tu o que isto é ? . . .

— Sei lá !

— Eram pós, p'ra jogar o entrudo ! Estes sobráram . . .

Não sei que subitanea furia de fazer mal me saqueou, que repliquei com decisão :

— Pois não hão-de ficar sem servir ! — E, dizendo, tinha-me erguido, e tomando um dos cartuchos avancei de salto p'ra ela.

— Estás doido ? — acudiu, levemente assustada, recuando.

E eu malignamente a insistir :

— Foi uma ideia que eu tive agora ! Anda cá ! . . .

— Que brincadeira tão estúpida !

— Não é ! — espera . . . Empoada, deves ficar deliciosa !

— Ó filho, estás doido ! Larga isso ! O estruído já acabou . . .

É como eu erguia ameaçadoramente o braço, desatou a fugir pelo corredor adiante. Mas eu segui-lhe estugado os passos, quasi colado com ella ; e na casa de jantar, como a visse amarfanhar-se a um canto, entre o guarda-louça e a janela, subjuguei-a então com a mão esquerda, emquanto, da direita, rapido lhe polvilhava maciamente de branco a crispatura quente do cabelo.

Ella, entre agastada e sorridente, mal recobrada do espanto que lhe fizera a inopinada aggressão, sacudia com as mãositas a cabeça, e, meio engasgada do pó, ia exclamando :

— E esta ! que tal está a criança ? . . . Então não querem vêr ! — Depois, num arranque de vindicta : — Eu já te *arranjo !

Num segundo, tinha ella voltado á sala da frente e lançara mão dos cartuchos . . . de sorte que agora era eu que ficava literalmente empoadado. Naturalmente, quis-me desferrar, empoci-a mais ; e ella debatendo-se e furtando-se, em saltos de gata, em coleamentos magneticos, em regougadas furias de leão amorosa . . . ella agredindo-me, dominando-me, empulhando-me tambem, o mais encarniçadamente que podia !

Assim nesta brava luta bem depressa se esgotaram as munições, mesmo as de reserva : por que se recorreu ás bocêtas com pó de arrôz, ao gesso e ao cre das facas, aos mesmos pós de goma que havia na dispensa. E nenhum de nós queria ceder . . . tinhamos os fatos nojentos, enfarinhadas as mãos, grandes saburras brancas de *clown* nos rostos transtornados.

E a casa uma lastima. E, toda complacente, a Eternidade, de mãos sôb o avental, lamuriando :

— Ora vejam, que preparo ! Doidinhos ! . . . Bons trabalhos me arranjaram !

Mas nós porfiavamos sempre no mesmo maligno empenho, no mesmo escabujado renhir, que uma aspera sensualidade estimulava. Perseguiamo-nos, molestavamo-nos como loucos . . . toda a casa era pouca para nós . . . e ante a atoadada e febril violencia da nossa arremetida os moveis iam tombando com estrondo. Mudos e abrazados na mesma alucinativa furia, o olhar incendiado, alta a respiração, os dentes pèrros, não nos fartavamos de nos premir, de nos sentir bem na posse um do outro, tomados duma insaciada, duma implacavel sanha sensual, que ao mesmo tempo nos derramava uma deliciosa quebreira na fluidez dos musculos dormentes.

Famintos novamente da nossa mutua carne, ébrios de comoção e frementes de desejo, muito tempo lutámos braço a braço, até que, instintivamente, recumbimos no grande sofá de setim negro, dahi, inovelados, estrebuxando, derivámos sobre a pele fôfa do leão, e desta rolámos ainda, ofegantes, exaustos, para cima da alcatifa.

— Rompes-me o peito, ladrão ! — gemeu a pobresita, numa voluptuosa exoração, que era o sêlo da sua capitulação formal.

E fômo-nos deitar . . .

Oh, a horrorosa, a infindavel noite que eu passei ! Recordá-la é arripiar-me todo na evocação dum longo e aniquilador suplicio, entre celeste e doloroso ; é confranger-me na fixação de violentas e tediosas coisas, cuja empolgante repetição me seria hoje insupportavel.

Parece-te um absurdo ? . . . Porém se recordares o meu temperamento, a minha compleição, toda a minha vida anterior, e qual era áquele tempo o lume da minha alma e o eixo do meu espirito, -- vaes achar natural.

Porque deves saber que ella quis adormecer abraçada a mim, tendo o meu braço direito estendido por sob o seu pescoço, e a cabeça no meu colo, peito com peito, as pernas enlaçadas. Faltava-me assim para o repouso a minha posição habitual ; e esta circumstancia, junta á excessiva excitação das ultimas horas, tornou-me o sono difficil. Á medida como ella tranquilamente adormecia, eu começava a sentir-me mal arrelivava e sofria do incomodo daquella posição contrafeita, daquella forçada immobildade que a minha delicada condescendencia inexoravelmente me impunha. Bem cerrava eu os olhos, bem procurava na passividade da inacção represar o espirito ! este teimava sempre na sua tumultuaria liça e as palpebras mantinham-se-me invariavelmente leves e altas na penumbra.

Dei-me por isso a contemplar, invejoso, resignado, a apostura confiada e inerte da minha rica amante, que eu tinha em absoluto nos meus braços, abandonada num esbagaxamento todo animal, numa lassidão complacente de repouso. — Mesmo assim era bella ! No fulvo torvelinho do cabelo emmaranhavam-se ainda as luxurias recentes, havia paginas vivas e crespas da sua vida . . . na frescura da face petulante os longos cílios, baixos e unidos, faziam sombra, na bôca franca e resoluta entreabria-se uma frincha de prazer . . . e o nariz ruflava espaçadamente ao compasso da sua respiração forte e tranquilla. Mas tam-

bem, a espaços irregulares, e breve e fugaz como um relâmpago, sacudia-a um leve estremecimento, corria-lhe nos musculos, nos dedos, na face, pelos flancos um *tic* nervoso e electrico, — uma como que picada de desejo.

Distraia-me isto . . . E, a seguir, vá de analisar também ao acaso tudo quanto me cabia no campo visual: a franja do docel do leito, que não estava completa, tinha pedaços arrancados ahi onde ficava ao lance da mão, aos lados . . . e o espelho não estava no meio do tabique . . . dá banda da cabeceira, contavam-se menos duas rosêtas nos ornatos do papel, do que para os pés da cama.

Como já tinha o braço horrorosamente entorpecido, procurei arredá-lo da posição; e isto em pequeninos sacões, a medo espaçados, muito de goito que a não acordasse. Mas ela não foi absolutamente insensível ao meu movimento. Como lhe desarranjei a cabeça, agitou-se, resbunou qualquer coisa, sem acordar, esfregou o nariz e voltou-me costas, inovelando-se longe de mim, junto á parede. Respirei! . . . Como a cama era larga, eu podia muito bem agora ter-me quieto e á vontade, ageitar-me ao modo costumado, tal como se estivesse sósinho na minha saudosa tarima de estudante. Assim fiz . . . dobrei os joelhos, aconcheguei a roupa . . . Bem! Mas o maldito sono é que não vinha! E entretanto eu notei que me apertava nos rins uma sensação vagamente dolorosa, como não era costume.

Efeito certamente do desvario anterior, — não valia nada. Vamos a sossegar . . . Ah, mas não, não sossegava! porque não estava só . . . porque de quando em quando lá rugiam entre os lençoes, alvoroçando-

me, espertando-me, os instantaneos tremores, os movimentos animaes da rapariga! E aqui novo assunto á minha espertinação; porque, mal que uma dessas magneticas titilações passava, e já eu irresistivelmente me punha á espreita... a vêr quando é que ela se mexia outra vêz. E se um novo movimento tardava, eu não me podia ter que não arriscasse então o braço a procurá-la, a tocá-la, a assegurar-me de que tinha ali assim, bem na minha posse incondicional, aquella nudez completa e perfeita...

O relógio bateu horas: meia noite. E eu ainda não tinha reparado! — o andar da pendula era largo, solene, vagaroso. — Nem por isso ela contava o tempo mais devagar! Ahi está!... como era misterioso e incompreensivel este problema do isocronismo! porque sorte de indecifrável sortilegio acontecia que todas as pendulas da terra ao mesmo tempo, de quaesquer tamanhos ou feitios, batêsem depressa ou devagar, em todas as latitudes e em todos os climas, cadenciavam sempre pela mesma forma igual, uniforme, invariavel, a nossa marcha fatal para o aniquilamento?... Tic, tac... Lá estava este galopando, a seguir, a seguir, um tempo que não mais contaria para mim! lá me estavam vôando breve tantos, tantos segundos, irremissivelmente nulos na minha ambientada carreira de gloria e de fortuna! — Tic, tac...

E tinha um bater forte, irritante, incomodo o demonio da pendula! Impropria dum quarto de dormir. Olha p'ra uma pessoa doente! Nem sabia como ela podia... Questão de habito, decerto. Eu é que me não poderia habituar. — Tic, tac... Nunca tivêra um relógio, eu... uma coisa tão simples! Ha criaturas bem miseraveis... p'r'as quaes é toda feita

de abastardamento e hostilidade a Vida! Ora, mas também, na aridêz do meu isolamento, na minha camita estreita, no meu quarto solitario, podia tranquilamente dormir; em quanto que aqui... Tic, tac... Faziam-me agora saudade! — Tapei os ouvidos com a roupa... balda coisa! Ouvia a pendula da mesma fôrma, ainda mais forte, com uma intensidade e uma insistencia agora crescentes na minha sensibilidade estimulada. E o meu egoismo revoltado, e o corpo a doêr-me, e o monotono compasso titinbulando-me cada vêz mais agudo e implacavel, no cerebro espesso e cansado.

O meu exaspero era enorme... Queria desviar do relógio a atenção, — era impossivel! A impertinente e barbara toada teimava sempre em martelar-me o ouvido, por uma forma que á força de dolorosa se tornava insuportavel, e a que já emprestava as mais absurdas e estranhas desfigurações o começo de delirio daquela insônia, paredes meias da loucura. — Tinha silvos de troça, bravas sonoridades de prazer, ressonantes melurias de cornamusa, arpejos, frases de amor, pragas, ameaças, imprecações, queixumes; era um alarido de multidão e o cicío dum segredo; cabriolava em geitos de farça e agonisava em tragicos arranços; ora rasgava o silencio num traço imperativo e brutal como um castigo, ora dorída e plangente se arrastava como um dobre de finados... Tic, tac... — Insuportavel!

Levantei-me, peguei do meu sobretudo, e erguendo as mãos á grande misula lavrada sobre que assentava o relógio, envolvi-o raivosamete, numas poucas de voltas, com o pano, a vêr se lhe abafava o som por completo. E com efeito! o espesso involucro absor-

via duma maneira satisfatoria, completa, o *ritornelo* aspero do metal. — Ótimo! Deitei-me... Agora, sim! ia finalmente sossegar... E já o espirito amador-
nava, e todo o corpo se me esquecia num inefavel entorpecimento reparador, quando a minha compa-
nheira, voltando-se, veio cair sobre mim com todo o peso do seu corpo inerte. — E, portanto, eu esperto outra vez!

Tive uma comoção de contrariedade, subiu-me um calor de arrelia. — Que demonio fazia eu ali!... Estupida coisa! Semelhantes desmandos não eram para um tímido, um delicado como eu. Só a pleniposse da saude e da vida os comportava. A irregularidade, o excesso eram bons para estas fortes organizações equilibradas, nas quaes, á hora do repouso, a animalidade recupera integralmente o seu imperio, e portanto é dominadora, absoluta a amnesia do exterior, e o sono certo e infalivel. — Oh, como eu naquele momento invejei os tismados labrotes dos campos, que de criança via, na assoalhada paisagem da minha aldeia, adormecêrem de pedra, á hora quente da sésta, sobre o chão aspero e duro, de peito ao ar, mãos sobre o ventre e o chapéu guardando os olhos, numa pacificação absoluta, numa perfeita e feliz identificação com a risonha paz da Natureza!... Pois eu nem numa cama, com todas as comodidades, conseguia dormir! Tinha-a arranjado fresca! — Então desejei-me longe dali... E logo a seguir a minha sensualidade, espicacada e tremente, a protestar... a fazer-me afflictivamente estender o braço, tacteando, procurando a carne fresca e rija da minha companheira!

O certo é que ouvi a uma, as duas, as tres, as quatro, as cinco horas, — batidas, através do pano, pelo

relogio em surdina. Depois, suponho que dormi... a avaliar pela minha desordenada febre interior, pelas grossas e alucinativas visões que em disparates curveteios, em abstrusas e sôltas incoerencias, me trabalharam longamente a fantasia... De muitas delas nem já dou conta. — Mas lembra-me que sonhei que o quarto era grande, muito grande! inundado de luz... e bamboleava ritmicamente, como ao baloiço das aguas... e nós dois dormíamos mas era sobre a toalha da mēsa de jantar... lá estava a mancha do azeite, e só ela, avolumando na atrigada alvura do linho, espessa, dominadora, enorme. E o relógio crescêra tambem e descêra da parede... lá tomava fórma humana... as colunatas do seu estôjo eram os braços, fazia as pernas o mover da pendula, na claridade cinica do mostrador os traços negros das tetras garatujavam de escarneo. — E ele a subir, a subir... estava junto de mim, era um gigante! E porque a mancha de azeite ovalára, segundo a linha exterior dum rosto, agora no seu lívido relêvo um dos ponteiros burilava a preceito, — flagrantes de verdade e crispadas de agonia, vê tu! — as finas feições da minha noiva...

Quando acordei, a rapariga, de braços ao alto, compunha o cabelo, na disposição de quem se ia levantar, de joelhos na cama. Instintivamente, ergulhe a mão aos seios. E ela, muito séria, acudindo-me:

— Psiu! quieto agora!

Persignou-se, ergueu as mãos junto aos labios, entresilhando os dedos, e baixando a cabeça monologou com místico fervor esta oração, que me ficou de cór, de tanta vêz que lh'a ouvi:

Com Deus me deito, com Deus me alevanto,
 Na graça de Deus e do Divino Espirito Santo!
 Ele me cubra com o seu manto...
 Se eu bem coberta fôr,
 Não terei medo, nem temor,
 Nem de coisa que má fôr,
 Nem de noite, nem de dia.
 Encomendo-me a Deus e á Virgem Maria...
 Que Cristo atende a quem o adora.
 Bemdita seja a alma que se ergue nesta hora!
 Ofereço-me a Jesus,
 Ao nome de Jesus,
 Ao cravo e á cruz,
 E ao Senhor Crucificado!
 Que me tire a alma de penas e o corpo de peccado!
 Cristo virtuoso,
 Filho dum Deus poderoso,
 Esta alma que me deste, não m'a deixes morrer triste!
 Como vós a remiste,
 Dae-me a hora em que nascêste...
 Jesus, amparai-me!
 Jesus, guardai-me!
 Jesus salvai a minh'alma das penas eternas!
 Amem.

Depois benzeu-se, debruçou-se p'ra me dar um
 beijo, e salvando por cima de mim, num pulo estava
 fóra do leito.

21 de fevereiro.

Quando saí, foi meu primeiro cuidado ir a um ca-
 beleireiro lavar a cabeça. Estranhei a rua... O lindo
 sol que fazia, alfinetava-me os olhos. Tinha um peso
 de chumbo no peito, a testa a escaldar, congestivas

pulsações no cerebello, o artelho dorido, os lombos derreados. E costeava rapido a rua, numa vergonha de ser visto, como se toda a gente soletrasse na minha fatigada expressão a lutulenta noite que passára, o insueto aguaçal em que eu, tantas horas de seguida, folgadoamente prostituíra o meu corpo e emporcalhára a minha alma.

No cabeleireiro, não faltaram comentarios trocistas á minha serodia operação ; os fregueses, olhando-me de inteligencia, acotovelavam-se ; o frascario que me serviu, chamou-me « um pandego de estalo ! » e aventurando suas graças e biscates, numa confiança que me vexava, epilogou : — Não, p'ra v. ex.^a vir limpar-se só hoje, á quinta-feira, é que toda a quarta esteve, ou muito entretido . . . ou muito incomodado !

Um leve sorriso de desdem foi toda a minha resposta. Estava tão arredado, tão longe de tudo aquilo ! . . . Pronto e limpo, segui pela praça do Principe Real adiante, no fito de ir dar uma lecionação que tinha ali perto, á rua de S. Marçal. No entanto, era um pouco cêdo e o dia estava um incanto . . . Sentei-me, num banco afastado e sombrio, p'ra evitar que me descortinásse algum importuno, — e então procurei pôr ordem nas ideias, encarar bem de frente, analisar, medir esse parentesis imundo e ardente que acabava de abrir-se na pautada ordenação da minha vida.

Quem era a misteriosa criatura da rua do Norte ? Que casta de mulher era essa, perturbadora, infernal, que tão de escalada me povôara o coração, e já tão despoticamente me influa na vontade ? — Ignorava . . . Nem sequer o nome lhe sabia ! Em tantas horas de íntimo abandono, de contubernal frequencia, de

amoroso e estreito convívio, nem um segundo de curiosidade, de investigação, os sentidos em extase deixaram ao meu espirito, para que eu indagásse ao menos as linhas geraes da biografia, de certo pitoresca e irregular, da minha amante. E teria sido tão natural ! Pois nada disso fizéa . . . O prazer traz despreocupação ; é o cêvo animal o mais intransigente, o pior dos despotismos . . . De sorte que todo aquele tempo inolvidavel parecia fugir ante a galopada febril do meu desejo ! todo ele fôra pouco para as inéditas revelações que essa caldeação fumegante do amor trouxera á minha carne alvoroçada.

Ela, sim, — agora me recordava . . . — ela é que habilidosamente lançára, aqui, ali, interrogações . . . e a poder de solertes manejos, em certos claros da conversa, por meio de arteiras intercadencias no dialogo, conseguira que eu muito simples e naturalmente lhe confiásse fartos detalhes da minha vida. E com que comovido interesse, com que contemplativa e meiga atenção ela os colhia ! Como a porcelana azul dos seus olhos fosforava, e havia emoção na sua face, e ternura nos seus labios, e na sua attitude dobrada e imovel uma carinhosa piedade internecida, quando eu lhe deblaterava as mil dificuldades da minha boémia de rapaz ; o modo como aportára a Lisboa, só, sem recursos, sem protecção, sem arrimo ; e o cargo que inexoravelmente me impozéa *de me fazer a mim mesmo*, de vir a alcançar uma grande posição, só por mercê da minha honestidade e do meu trabalho . . . No fim, ela ouvia-me com lagrimas . . . Mulheres daquela estôfa teem a lagrima facil. E eu, cego, a imaginar que partia duma vibração affectuosa o que não passava de méro simpatismo animal ! A termos

que exclamei: — Oh! decerto porque me amava... — E esta segurança fêz-me instintivamente erguer. Julguei-me senhor do mundo... A certeza de que era amado por uma criatura tão deliciosamente bela, trouxe neste momento á minha convicção um encanto ingenuo de vaidade.

No entanto, a irregularidade do meu proceder preocupava-me. Esta imprevista ligação, esta tão fresca e já tão fundamente radicada mancebia, quando eu tinha o meu futuro prêso, atada num sério compromisso a alma, sentia bem que era uma colossal indignidade! uma coisa, a poder de abjecta, revoltante, um desvario iniquo e inconfessavel... E este pensamento fazia-me remorso, afligia-me as ideias... Já esquecido da leccionação, segui pela Alegria abaixo, caminho de minha casa. Ia depressa, e o pensamento fugia-me... Buscava na automecanica do movimento escapar á responsabilidade, iludir a atenção... ah, mas o latego da consciencia fustigavam-me os nervos, fazia-me galopar sempre na frente a nítida noção do meu erro, esmagadora, implacavel! Na Avenida, lembras-te de que te incontrei e te falei de escape? — Por sinal que tu estranhaste, e ainda me disparáste nas costas um: « Que é isso, Mario? que bicho te mordeu? ... » e já eu ia rapido e longe internado pela rua das Pretas.

Não queria que me encarássem... de puro mêdo que lêssem o meu segredo, que na vergonhosa desordem do meu rosto soletrássem a taboleta da minha infamia.

Em casa, pareceu-me tudo acanhado, pequeno, réles: as casas sem ar, os tetos em cima da gente, os moveis sem conforto. Como o meu companheiro ti-

vésse saído, não me pude ter que não desarvorásse também, breves minutos passados. Fui jantar á Baixa; e, comendo, pensei: — Precisava de ir a Buenos-Aires . . . Desde terça-feira sem a vêr! que haviam de imaginar? . . . Ela havia de estar em cuidado . . . — Mas o que me falecia era a coragem! Não me sentia digno, capaz de transpor os umbraes daquela estancia de paz e de virtude . . . Ia faltar-me a serenidade. Traír-me-ia, por força . . . Levar essa bostelosa mascara de lama dos meus ultimos dois dias áquele sacrario resplendente e imaculado, era de seguro um sacrilegio. — Ainda se já tivésse mediado mais tempo . . . as horas tudo acomodam, tudo aplanam. Mas eis exactamente o que não podia ser! era urgente, fatal, inadiavel que eu a procurásse, que ela me visse aquella noite ainda.

E se eu tivésse meio de a encontrar numa parte que não fôsse a casa dela? Num teatro, numa recepção amiga qualquer, onde houvésse mais gente, onde a dispersão da atenção permitisse ao meu acobardamento moral um certo desafogo? . . . Mas aonde? porque modo? . . . Fôsse lá saber! . . . Só um acaso . . . E de repente, quando pagava a conta do jantar, sacudiu-me um relampago de perenal satisfação. Tinha achado! — As Salgados recebiam, como sabes, ás quintas-feiras; em casa delas é que eu travára conhecimento com a minha noiva; e aquele dia era justamente quinta-feira. — Ótima coisa!

Assim, pouco depois das 8 da noite, e contando antecipadamente com a certeza da realização do meu desejo, puxava eu o cordão da campainha daqueie modesto 2.º andar da rua da Procissão.

Impagaveis estas Salgados! Mãe e filha. Tipos

completíssimos da impostura que tomou chá em pequena. Grande prosapia. Vinham direitinhas de Egas Moniz, — diziam. Tendo vivido na primeira roda, frequentado os melhores salões e pompeado roçagantes opulencias, antes que a mãe enviuvára, não se resignavam de modo nenhum a abdicar, a arrastar agora numa decadencia patente a grandeza e lustre do bom viver antigo. Por isso o seu *interior* era a estereotipica expressão da vida ostentosamente falsa da mediania lisboeta. Cada estofo custoso, cada movel restaurado, cada fenda do mogno, cada esbeijamento das alcatifas mofavam, sem reбуço, dessa pretensa mentira das abundancias dum viver que eles conheciam nos mais intimos detalhes. Debaixo daquela farraparia elegante de *soutaches*, *crochets* e talagarças, com que discretamente as mascaravam as suas donas, as sêdas esfiampadas e destintas riam zombeteiramente, lavravam mudos mas irrefragaveis protestos em abono duma irremediavel pelintrice, contra as mentirosas pretensões duma ora impossivel grandeza.

Mais desadornada e simples, aquela casa seria um incanto ; assim atramochada de coisas velhas, gastas, era mais do que grotesca, — infundia piedade. Ali tudo estava fóra do seu logar, tudo era impropria e antiteticamente aproveitado, no atabalhoamento do disfarce, no inalteravel cuidado de doirar as falhas duma existencia facticia e vaidosa. — Gavetões cheios de vestidos, baús vasios de roupa branca ; duzias de assentos estofados na sala, na cosinha um unico mocho de pinho da terra ; uns ricos reposteiros de damasco de sêda carmezim, na sala de visitas, suspensos por grossas argolas de madeira, de travessas cilin-

dricas envernizadas, só proprias de casa de jantar; mais pares de botinas que de guardanapos, mais espartilhos do que toalhas, mais luvas do que talheres. E então que havia sempre invariavelmente, sobre o marmore da banquinha de cabeceira, uma palmatória de vidro de bazar, com uma vela quasi inteira, e, espetado no morrão, um côto chato e irregular como um projectil servido... o côto da vela antecedente, espetado ali assim para se gastar até á ultima molecula, escorrendo górdamente uns moles pingos negros pela baça alvura da vela que o sustinha.

E havia assim por toda a casa um contraste comicamente deploravel entre a miseria subjacente e a riqueza que sobrenadava, entre as privações que se acantoavam e as mirabolancias que se traziam á luz, entre o conforto e o desmazelo, entre a *linha* e o ridiculo, entre o luxo e a fome.

A mãe era viuva dum antigo funcionario publico, homem duma probidade inconcussa e duma bondade inverosimil, o qual, como ocupásse lugar bastante rendoso, — na alfandega, supponho, — deixára bonacheiramente esperdiçar á esposa quanto quis, em superfluas ostentações de custosa elegancia. Os manes de Egas Monís não se contentavam com menos. De sorte que a D. Francisca alimentára gostosamente e á farta, durante bastos anos, a sua paixão pelo fausto, incarnára a mesma paixão na filha... e agora, depois de viuva, desbaratava toda a sua diplomacia superior de velha mulher do mundo num constante esforço de fingimento p'ra atamancar com os farrapos de outr'ora um simulacro do bom viver antigo. Conservára as mesmas relações, o mesmo trem de vida, o mesmo ar fidalgo, a mesma negligencia, o mesmo menospreço

do dinheiro. Reduzida a um simples montepio, dava-se a pèrros na organização da orçamentologia caseira; havia sempre de mês p'ra mês um *deficit* que « somava e seguia »; e toda a sua economia se cifrava nuns ridiculos desfalques ao sustento, de influencia insignificante no *activo* domestico, de efeitos bem manifestos na abalada saude da filha.

Esta, — a D. Dulce, — era um novelo de cêra. Cheia, baixa, redonda, clorotica, a cabeça pequena, grosso o labio inferior, grandes olhos negros melancolicos, farto cabelo negro que lhe chegavá aos calcanhares, pequenas mãos carnudas com covinhas na raiz dos dedos. Verdadeiro tipo da lisboeta moderna, com o seu curto nariz em arrebite, o seu buço incipiente, dôces olhos de veludo, a côr interessante dos anemicos, o queixo voluntarioso e provocante. Tinha 26 anos, mas podia passar por ter apenas 20. O opado da figura emprestava-lhe mocidade. Sôb aquele seu verniz inalteravel de serenidade e inocencia, cavava-se um poço sem fundo de malicia e de inveja. Odiava instintivamente todas as raparigas do seu tempo; mas sabia a primor afogar o seu irreprimivel ciume de galanteio em ondas da mais efusiva ternura. E a assombrosa desfaçatez, o imperturbavel descaro como ela abordava os mais escabrosos assuntos, engatilhando na expressão a mais estreme ingenuidade! Não raro eu a ouvia soltar, como de acaso, um dito picante, sem córar, sem hesitar, sem se traír, como ignorando-lhe a significação, como quem dizia a coisa mais natural do mundo, a fisionomia parada sôb a sua mascara de cêra, inalteravel, e os grandes olhos negros inundados duma tão simples e gentil ex-

pressão, tão arteiramente sublinhando a ignorancia e a pureza, que chegava a por completo iludir os que menos a conheciam.

Vinha-lhe talvez de Egas Monís ainda, e já reduzida a uma postiga exteriorisação apenas, aquella imensa lealdade mentirosa no olhar . . . *Arlequim* travestido em *Margarida* ; uma grande velhacaria essencial, abroquelada de innocencia.

Na quinta-feira que seguiu ao Carnaval, quando eu entrei em casa da D. Francisca, rodeava a grande jardineira redonda do centro do quarto do toucador uma bem curiosa assembleia feminina. As donas da casa, — a mãe lendo negligentemente o *Illustrado*, a filha trabalhando num pano de linha crua. Uma octogenaria já mumifeita, — a D. Brites, — vivendo num mundo antigo de capitães-móres, desembargadores e morgados, hirta e lívida como um esqueleto, touca de rêde sobre o chinó, muitas joias e amuletos, e nas mãos, vestidas de mitenes e deformadas pela cachexia, duas agulhas trabalhando com dificuldade uma renda antediluviana. É a D. Adelaide, uma galhofeira e sadia quarentona, muito adiposa e rubra, cheirando a lavado, toda de preto, cabelo grisalho, luneta, o nariz sempre no ar : — era, a seu pezar, solteira, jantava invariavelmente por casa das amigas, e vivia só com uma criada . . . surda, a quem apaparricava muito. E estava tambem a D. Isabel, uma outra senhora de preto, orçando pelos cincoenta, a cara caparrosada, oleosa, e todo enxovalhado, o ar muito doutor : — passava por ser inteligente, era viuva dum major reformado, ensinava matematica ao filho e sempre muito atreita a constipações ; e de cada vêz que encatarroava, disse-me a D. Dulce, era o proprio

filho quem a curava, applicando-lhe brutas massagens aos lombos . . . com a tranca da cosinha. No entanto, com todo este seu ar desabusado e varonil, explicava tambem a D. Dulce, a pobre da viuva tinha um coração bem sensível . . . Havia até um homem, — homem de posição! — que a amava perdidamente, que a contemplava, horas esquecidas, de longe, por um oculo, do alto do seu mirante, e que lhe dirigia por via dos jornaes inflamados logogrifos amanteticos . . . em Inglez.

E havia ainda, falando, gesticulando muito, uma outra, a D. Emilia, casada, pequenina e magra, ictérica, a carne flacida, os olhos pardos, o cabelo sempre riçado, — *artisticamente*, na sua frase, — a bôca inlambiada e linear como um rasgão enorme, os dentes azues e um halito insuportavel. Era tida por letrada, ia sempre ás *premières* de D. Maria, vivia separada do marido, com uma bela mesada, morria por beijos lesbios, e tinha ataques histericos em vendo muitos homens.

Mais um na sociedade: um velhote de grande cabeleira branca, mudo, parado, cabeceando risonhos sinaes de adesão a quanto diziam aquelas senhoras. Era o marido de D. Brites. E tão passiva a sua função de comparsa no cenaculo daquela noite, que não lhe tirava o character acentuadamente feminino.

Entrei, saudei; e logo, chofrando como uma aresta de gêlo as amigas saudações, a chuva de frases cordeaes com que fui recebido, a D. Dulce me disse, ao dar-me a mão:

— A Branca não vêm hoje!

Foi-me direita a fréchada ao coração . . . Como! pois eu que fôra ali na íntima certêza de a encontrar,

eu que tomára mesmo á rua da Procissão mais cêdo, p'ra me livrar do embaraço de entrar, estando ela já, colhia logo á chegada e evidencia, de que errára a previsão, de que ia estúpida e tediosamente ali malbaratar o meu tempo ; e era a D. Dulce quem se apressava a dar-me caridosamente o desengano ! Oh, cómo eu entranhadamente a odiei, naquele momento !

— Não vêm ? ... Ainda bem ! — acudiu lésta a das *primières* de D. Maria, batendo as mãos e erguendo os joelhos.

— Não diga isso ... — reprimendou, na intenção de me ser amavel, a D. Francisca.

— Ah, isso é que digo ! — insistiu D. Emilia. — Se cá tivésse a sua noiva, o snr. Mario era todo p'ra ela ...

— Natural ... — foi o que num cantado suspiro aventurou a D. Isabel.

— Enquanto que, assim, sempre nos dará um pouco de atenção ... sempre lograremos hoje o seu fino convívio, e irradiarão até nós as peregrinas scintilações do seu espirito !

— Ó minhas senhoras ... — calculas que me apressei a atalhar.

Mas o côro aplaudia com ruido e convicção ; excepto a D. Dulce, que pigarrou de despeito. O velho manequim cabeceou um aplauso ; enquanto a esposa, parando de tricotar, muito evidente e ridicula na luz do grande candieiro de petroleo, me despedia, por cima dos oculos de oiro, da papugem descalabrada e inerte dos olhos desciliados, implorativas miradas de ternura, supplicas que eram formaes solicitações ao adulterio.

A D. Francisca, sem despegar do jornal, e mal er-

guendo a sua bela cabeça grisalha, ondeada em bandós, malignamente, com um piscar de olhos muito seu, observava-a. E eu ainda de pé, arreliado, perplexo, tudo era vêr se descobria um meio airoso de me safar.

A D. Emilia puxou-me do *frak*.

— Ó snr. Mario, aqui . . . p'r'o pé de mim ! Então, resigne-se a passar uma noite aborrecida . . . Já leu *La Débâcle* ?

Grande bulício, ao tempo, no conclave. Entrava meu tio Mateus Felix, juiz da Relação, cuja calva ampla e solene, ao radiar no recinto, como que emprestou luz e calor aos olhos morbidos da D. Francisca. E o carinhoso abandono, a sublinha familiar do seu comprimento ! — Conheciam-se intimamente, de longa data. Ainda do tempo de Coimbra, donde a D. Francisca era natural. Boquejava-se até que, quando ela casára, já previamente havia feito generosa oblata ao Mateus Felix das suas tenras premicias de mulher . . . O certo é que o retrato dele lá estava, agora ainda, naquella mesma sala, superior ao espelho, no lugar de honra, como que sendo a providencia, o sol, o deus tutelar da casa, — com o seu antigo ar triunfador e meninoiro, olhos em redondilha, farta cabeleira romantica, e nada obêso, antes todo afinado e leve numa apostura cheia de apolinea graça, a que as suas insignias de capêlo acrescentavam magestade. Sempre a D. Francisca quiséra muito a este retrato. Inseparavel dos seus olhos ; como inseparavel da sua vida ficára sendo o retratado. O marido nunca fizéra reparo ; nem mesmo, naturalmente, nunca lhe deu p'ra pôr embargos a uma assiduidade que lhe li-songeava tambem o coração, visto como haviam sido

os dois, em *caloiros*, companheiros de casa e contemporaneos.

Assim tambem, quando o bom do homem morreu, o seu grande amigo sobrevivente foi inexcedivel de desvelos, atenções, carinhos para com as duas desditosas senhoras; e agora — vês bem... — ele ahi continuava primando em fazer patente ao mundo que, sem por terem mudado as circunstancias delas, haviam feito quebra os seus sentimentos. — E havia muito quem o aplaudisse, quem o admirasse... *Tartufo* é de todos os tempos.

Já ele se sentára junto da agradavel viuva, e informava-se da sua saude com interesse. E ela: — que já não prestava p'ra nada! Ha que tempos não saía... As pernas recusavam-se-lhe... Estava muito precisada de trem!

A parraquêta do cabelo *artístico*, especie de latriaria *madame* de Savigné da Baixa, importunava-me com literatices. E eu tão longe dali!... Mas a conversa generalizou-se.

— Ora a pobre da D. Joana!... Dizem que está mal. O medico foi lá ontem duas vêzes, — informou a bisbilhoteira do nariz no ar.

— Se lhes parece! — comentou trocista a D. Emilia, que agora cortava papelinhos com uma tesoura. — Estar vestidinha e pronta, e inutilisar assim o vestido! E que vestido, meninas!... Vi-o na *Aline*. Era lindo!

— Já tive um assim, aqui ha anos... — atalhou de inveja a Salgado, filha. — O meu ainda tinha rendas melhores. Foi p'ra um baile do Gandarinha. Não foi, mamã?

E, a fazer de distraída, a mãe que tinha ouvido tudo

— Que dizes tu, minha preta?... Porque esta minha filha é uma pretinha, não é? — acrescentou, voleteando mimadamente com as pontas dos dedos a face da filha aos circunstantes. E depois de ter colhido do auditorio um: — Ora! não diga isso, minha senhora! — e pedindo escusa á rosada e ampla calva do meu tio, voltou a fingir que continuava lendo o jornal, com a cabeça na mão, o antebraço ao alto e o cotovêlo apoiado na ponta da mêsá, deixando vêr o pulso redondo e eburneo, de que ela tirava grande presunção.

— Esta minha mãe sempre assim foi... amavel como se vê! — entendeu dever dizer a filha, a fazer de amuada.

E a figura tutelar de meu tio:

— É a mais feliz das filhas!

— Tem ido a D. Maria? — perguntei eu então á D. Emilia, irritado, a vêr se punha ponto na ignobil comedia.

— Ainda segunda-feira gôrda lá estive. Representou-se o *Tio Milhões*... Ai, muito gôsto!

— Dizem que é bonito... — observou a D. Adelaide.

— Delicioso!... O Augusto, a Rosa, que bem! — E mais, na primeira noite, não prometia grande carreira.

— Ah, aquilo agora em D. Maria está muito afinado! Está-se bem ali... Gôsto muito de vêr representar os Rosas.

— Eu gôsto mais do Brazão, — acudiu a D. Dulce. — Tem outra alma!

— Mas não é tão fino.

— Não é tão fino? ora essa! Então no *Aleria* de

Villemer, por exemplo? ... É até mais elegante. Enche a scena. E que calor, que talento! — Depois, voltando-se para o velho bonifrate: — De qual gosta mais, snr. Osorio?

O velho grunhiu uns monossilabos intraduziveis, enquanto a sua grande cabeleira branca oscilava no habitual cabeceamento sorridente.

— A proposito, — insinuou com voz muito arrastada a viuva oleosa, — a Carmo diz que deixou o marido p'ra ir viver com o visconde de Santo Adrião...

— Que mais lhe faz a ela viver com um, ou com outro? ... — interrogou a D. Dulce, com a tal maliciosa ingenuidade.

— Ora, menina, sabes que mais! — emendou, rindo muito, a D. Emilia.

— É tóla esta minha filha ... — acudiu a D. Francisca; e poisando o jornal: — A Carmo fêz bem! O marido sustenta duas dançarinas...

— Regateia-lhe as *toilettes* ...

— Peste! peste! — atalhou com calor, parando outra vêz de tricotar, a D. Brites. — Não ha nada que desculpe uma mulher casada de faltar aos seus devêres! — Meu tio e a Salgado, mãe, entreolharam-se ... — O marido tem fantasias? ... — E encolhia os hombros. — É homem ... Ai, se eu fôsse a fazer caso disso, quantas escandolas não tive do meu primeiro marido! como eu o adorava e o que eu lhe sofri! ...

— Mas, minha senhora, nem todas temos essa filosofia ...

— Ou essa virtude ... digo-o, sem me querer gabar. Desenganem-se! não ha mulher nenhuma que tenha o seu homem seguro.

— Ó D. Brites! — acudiu a Salgado, filha, — isso é uma ofensa aqui ao snr Osorio.

— O quê! — insistiu a octogenaria, com decisão, — nem por este fico, não! apezar de velho.

O homem da cabeleira córou e sorriu... A mulher continuava:

— A tal Carmo não tem *toilettes*, disséram p'r'ahi... Mas de que serve isso? ... O luxo é que nos perde. Ai, tempos, tempos esses que não voltam! Sabem como é que eu ia vestida, da primeira vêz que me casei? — uma simples saia de *foulard* verde e um chale de *tonkin* branco... E mais o meu casamento foi de estadão, e eu tinha doze mil cruzados de renda! Os padrinhos fôram o então conde da Redinha, reposteiro-mór do snr. D. João VI, e o desembargador Teixeira, do solar de Pedras Ruivas. Não conheceu? ... — interrogou para mim, num interesse que me vexou.

Os circunstantes riram.

— Ai desculpe, minha flôr! — emendou pressurosa a mumia, movendo já novamente as agulhas. — Quando o desembargador morreu, ha bons ... Quantos anos, Osorio?

Desta vêz, a melena drúidica falou:

— Trinta e cinco.

— Ora veja! ainda o snr. estava muito longe de nascer... Mas a minha questão é que nesses tempos não havia luxo, não se sofria deste desordenado furor de exhibição, que eu noto agora! E havia mais respeito pelas coisas, e a imoralidade não era tanta... A nossa vaidade era outra. Cuidava-se muito mas era do amanho da casa, daquilo que não andava á vista... Aqui estou eu, que não tinha uma unica peça

de roupa branca, lisa ; todo o meu enxoval, incluindo roupa de cama, era entremeado de renda. Pois então ! . . . E hoje é ainda a mesma coisa ! — perorou com ênfase, puxando a linha e dardejando-me de escônsio um significativo olhar, patognomico sinal do seu amadurecido programa de sedução á minha pessoa.

Eu aborrecia-me enormemente. — O quarto abafado e pequeno, embocetado em velhas tapeçarias, relentava deste cheiro particular de gente acumulada ; o ar pesava, gôrdo e parado ; o espelho rasgava na penumbra um rectangulo de ardosia ; um rato roía a um canto a alcatifa ; e o grande candieiro de petroleo, de pára-luz branco, posto sobre a jardineira, apenas apanhava no seu largo circulo de luz doirada e quente os nossos troncos, deixando tudo o mais na discreta indecisão da sombra.

Não tinha fim a seroadá. A conversa arrastava froixa, intervalada, cortada a bocejos, quando, cerca das 10 horas, entrou o Gustavo, — esse belo e flamejante rapaz de cabelo em fios de ambar e olhos de safira. Pois foi um alvoroço, um espanto, um gaudio enorme naquele pequeno mundo feminino ! Todas se ergueram . . . a D. Emilia bateu palmas, a D. Adelaide perdeu a côr, e a D. Isabel a segurar o coração, a D. Dulce a tossicar, largando presto o serão, e a dona da casa mostrando com graça o outro pulso. Só, imovel e trabalhando sempre, a D. Brites, de olhos fitos em mim, se manteve imperturbavel. Os homens . . . amolavam.

— Então, isto são horas ? . . .

— Muito gosta de se fazer desejado !

— Mau !

— Ó miúdas ricas senhoras ! quem vêm, não tarda... — já arriscava, em ar de desculpa, aquella rica amostra de homem, dulcerosamente, com o gesto numa attitude cheia de dignidade e complacencia.

— Vá lá... por esta véz, perdoado.

E como ele se sentára no sofá junto á parede, num repente todas em roda lhe fizéram circulo, voltando cadeiras, achegando almofadas, arrastando os tamborêtes. Um bloqueio sentimental em regra, decerto perigoso p'ra qualquer que fôsse mais inflamavel, ou menos precavido. Mas este, muito fino, muito sereno, cortéz mas glacial, sem affectação e ao mesmo tempo sem familiaridade, colhia numa altiva e dôce mansidão aquelle holocausto ardente de vontades, parava e mantinha a distancia, num desdem olimpico e galante, todo esse cerrado viroteio de corações em febre, que a sua cabeça loira polarisava e o seu olhar ceeste escandecia. — Que homem avisado e superior ! Como eu e invejei e admirei, naquele instante !

Era e é um tipo singular, uma criatura verdadeiramente dominadora e feliz, este bom deste Gustavo. Com o seu ar candido e superior, a gracilidade altiva do seu porte, os seus olhos sideraes, as suas falas tímidas, os seus dedos bisantinos e a frescura virginal da sua face penujosa, ele é o desespero dos outros homens, e o inlêvo e o incanto das mulheres. Todas o adoram... Como se não conhece preferencia nenhuma ao seu coração inédito e difficil, natural é que cada uma peide por ser a preferida, e que a vaidade propria estimule e afervore cada pequenina alma juvenil na traiçoeira esperanza de que será dela o pomo da vitória. Quando mais que Gustavo põe nas relações do seu trato mundano delicadêzas infinitas, e que o seu geito fugidío

e alto de actuar, de sentir, de viver formou-lhe lenda, engrandeceu-o . . . doirou-lhe a arcangelica e máscula figura dum atraente nimbo de misterio. — Acegado como um punhal e dôce como um queixume. A magestade dum semi-deus e mimos de sensitiva. Bathilo moderno, cerimonioso, discreto, inalteravelmente candido e frio, não ha festa que o não reclame, não ha salão que o não dispute. Di-lo-ias refractario á paixão . . . mal parece aflorar a Vida ! Tem não sei quê de imperativo e sobrenatural . . . como um transviado habitante de estranhos mundos. A sua mesma feição semi-divina o mantêm a distancia e a salvo do atasqueiro social. Ahí nessa pestilente vasa em que nós outros animalmente retouçamos, ele passa breve a flôr e apenas roça, de desgosto e de receio, com a ponta da sua aza imaculada. — Ora tu comprehendes bem que este raro poder de isenção lhe forme, melhor que todas as perfeições naturaes, um irresistivel talisman, porque lhe empresta essa luminosa tinta de ideal que alvoroça a experiencia das quarentonas e destrambelha a imaginação das raparigas.

Depois, a sua relutancia produz obstinação, e é uma armadilha terrivel á sensibilidade feminina aquele seu bom sorriso eterno. — Sorriso que lhe vêm da íntima, irrecusavel convicção do seu prestigio. Porque, se bem que Gustavo renuncie a amar, nem por isso lhe repugna sentir-se amado. O perfume do incenso inebria. Saber-nos motivo de tentação é-nos duplamente agradavel: traz-nos o vanglorioso prazer da resistencia e faz-nos vibrar da emoção do perigo.

Vae dahi, tu não pôdes imaginar o que foi aquele primeiro quarto de hora, em requebros, lisonjas, seduções e ferozes arremetidas á inexpugnavel compai-

xão do nosso amigo. Todas á compita o queriam, faziam um barulho infernal . . . todas lidavam no mais comico empenho de lhe levar de assalto o desejo, de lhe conquistar marcadamete o seu jupiteriano sorriso inviolavel. A D. Dulce e a D. Emilia principalmente. Houve até um momento em que esta, como num gesto mais desabrido houvésse com a sua perna roçado a perna de Gustavo, logo envilidesceu . . . e erguendo-se de impeto, com os braços retêsos, os dedos abertos nas mãos em angulo, e os olhos amauroticos, suplicou á dona da casa, numa voz insalivada e pêrra :

— Ai, meu Deus ! se me mandásse dar uma gôta de agua . . . Estou tão agoniada !

— Sim, filha, sim. . . — acudiu maliciosamente, tangendo um timbre, a D. Francisca. E á criada, que logo appareceu : — Olhe, Cecilia, traga um copo de agua com limão e assucar, aqui p'r'a snr.^a D. Emilia. Depressa ! — Depois, p'ra esta, com uma inflexão que valia uma epopeia : — Não vale nada . . . é flato.

E piscava de inteligencia o olho ao Mateus Felix.

A D. Brites, essa, inteiriça e solene na sua indignação como um rude tẽmplario na sua armadura, fitou-me e regougou, de fôrma que eu ouvisse :

— Não teem mesmo vergonha nenhuma !

E puxou de repelão a linha do carritel que dançava sobre a mêsã.

Serviu o chá a Cecilia, de sapatos de salto, frisuras e um avental muito bordado ; o que não a impedia de andar, o resto da semana, invariavelmente de chinelos de liga e avental de serguilha. Ajudava-a no serviço a criadita da D. Emilia, — uma pequenina servilhêta, quente, morena, apetitosa e roliça como

um morango, uma precocidade viciosa patente nos seus modos, e os grandes olhos bistrados e fundos postos sempre na patrôa... Viêram dôces da Confeitaria Nacional, bôlos de gema, *lacinhos*, um pão de fôrma em fatias com manteiga ingleza. Meu tio tinha o seu leite. As donas da casa não tocavam nos bôlos e comiam á parte um pãosinho torrado... com manteiga de dezasseis vintens.

Depois, levantada a louça e a alva toalha que fôra posta sobre o grosso pano atapetado que vestia a jardineira, a conversa continuou estirada com esforço e sem interesse. Perante a inalteravel e glacial cortezia de Gustavo, as senhoras haviam capitulado; a D. Brites guardou as agulhas na sua malêta de rotim; e a D. Francisca procurára agora, um pouco á parte, posição mais comoda no distanceamento vago da penumbra, e, molemente dobrada numa grande cadeira á Voltaire, para melhor e sem suspeita observar as suas visitas... dormitava.

Cêrca da meia noite, dissolveu-se a assembleia. Primeiro a D. Brites com o marido; depois a D. Isabel e a D. Adelaide, fazendo ansas condizentes ao reflectido abdomen de meu tio; seguiu, com a servilhêta, a D. Emilia; e Gustavo, na defensiva, aguardando paciente aquelle exodo de grotescos. — Que me esperava na Patriarcal, em cima. — Eu fiquei o ultimo, a receber ordens da D. Francisca, que me encarregava sempre de pequeninas comissões, de cada vêz que me apanhava: um recado na mercearia, compras no retrozeiro, indagações na Fazenda, umas cartas p'r'o correio. E entretanto notei que já a filha acendêra o côto da palmatoria do quarto de dormir e apagára o grande candieiro de pára-luz de loiça

branca; e quando eu batia sobre mim a cancela da escada, ainda ouvi a mãe dizer á criada, na cosinha:

— Ouviu, Cecilia? . . . Já se sabe: esse chá serve amanhã p'r'o almoço.

Quando, chegado acima, ao termo da ladeira em que a rua da Procição entesta na da Escola Politécnica, parei uns segundos, a acender o meu cigarro, dei com meu tio, que seguia no mesmo sentido, devagar, muito apoiado á bengala.

— Então só, hoje? . . . — interpelei, batendo-lhe no ombro. — Deixou assim essas duas matronas incautas seguirem confiadas aos perfidos azares da noite?

— Ora adeus! não sejamos sempre tólos . . . Estou pior da abafação hoje . . . Móram longe . . . Não estive p'r'as aturar!

— Caso virgem nos anaes da sua vida!

— Ainda em cima, fazes troça! Nem elas teem nada que estranhar . . . Quando vocês, os rapazes, que gozam melhor saude e teem obrigação de ser galanteadores, não fazem o menor caso delas, que admira que os velhos? . . .

— Nós? . . . Já se não usa!

— Sois um bando de egoistas!

— Ou então, querem vêr? . . . — arrisquei eu, num abandono familiar, baixando a voz e tomando-lhe do braço. — O tio não se zangue, mas diga-me . . . foi proibição da D. Francisca?

— Tolice! — logo atalhou ele, arreliado, na manifesta intenção de pôr ponto no incidente.

Tambem, avistavamos ao tempo Gustavo, que, encostado a uma arvore da alamêda marginal da praça, numa attitude alheada e simples, distanceava alto e longe o seu olhar flutuante e vago, perdido na contemplação do luaceiro calmo do horisonte, das fosforencias distantes do Tejo adormecido, e do titanico rosario de lumes, que como sobre um colo imperial, em miriades de caprichosas scintilações se enastavam pelo estiraçado declive do imenso bairro da Estrela.

— Bem . . . adeus ! — disse meu tio Mateus, mal nos viu juntos.

— Espere . . . vamos todos, — observei.

— Nada, nada ! não me serve . . . Já não sou p'ra acompanhar gente nova. Quem sabe lá onde os snrs. vão . . . — E perante a nossa insistencia, levando a mão ao coração e crispando dolorosamente a face : — Não estou hoje nada bem, palavra . . . Tomára-me em casa.

— Acompanhámo-lo . . .

— Muito obrigado ! não . . . São dois passos. E, despedido, tomou dum passo vagaroso e pesado em direcção ao Moinho de Vento.

— Vaes p'ra casa, não ? — perguntou-me Gustavo, atravessando a rua.

— Vou, — respondi maquinalmente.

E descemos os dois, muito acamaradados, pela Mãe-d'Agua e Alegria abaixo, norteados á Avenida. Eu ia leve, distraído . . . já por completo amnesiára o motivo que naquela noite me levára ás Salgadas ; o Gustavo, taciturno e cabisbaixo, alargando as passadas, parecia laborado e vergado ao peso de qualquer obsessão, muito fóra dos seus habitos. Tanto, que interroguei :

— Que diabo tens tu ? ...

— Eu ? ... — acudiu ele logo, num involuntario estremeção de quem desperta.

— Sim ? estranho-te ... Vaes tão calado ...

— Enervado, aborrecido ! ... Tão cêdo não volto a esta casa !

— Homem e porquê ? ... Tão mal te trataram !

— Por isso mesmo ! Venho zaranza de tédio, saturado de baboseiras ! ... E, depois, sempre as mesmas barçaças ... Já não ha meio de encontrar ali uma criatura de geito !

— Que diferença te faz isso a ti ? ...

— Ora essa ! a mesma que aos mais.

E como sublinhásse o meu rosto uma incredulidade piedosa e ironica, ele parou, e, com intimativa :

— Não sou tão frio, tão inestetico, não ! como vocês pretendem. — Simplesmente, em erotismo sou um *dilettanti*, em amor sou um delicado ... Aplico a gulodice á sensação, e eis ahi o que faz a minha superioridade ! O vosso modo usual de apreciar, de gozar a mulher é uma brutalidade de glotões ! ... é libertinagem, não é prazer. Só quando fartos, vos daes por satisfeitos. Deus me livre ! Eu gozo-as espiritualmente ... — E voltando a andar, num sacção de desdem : — Mas emfim, vocês não percebem nada disto ! Dize-me outra coisa ... quando te casas tu ?

Não sei bem explicar porquê, mas a pergunta chocou-me, fez-me frio no zigoma ... pareceu-me uma coisa fóra de proposito, tóla, absurda, uma contestação absolutamente descabida, colhendo-me por inteiro de surpresa. — De pronto não atinei com a resposta.

Mas o Gustavo insistiu :

— Deve estar para breve ? . . .

— Logo que ultime o curso.

— Grande tolice vaes fazer ! — arriscou ele com doçura, numa exortação amiga.

— Porquê ! ? . . .

— Que, isto é, nota bem ! eu não tenho nada com a tua vida . . . Não temos obrigação de pensar todos do mesmo modo, — apressou-se ele a corrigir, já na solícita preocupação de me haver talvez molestado. E com crescente animação foi dizendo : — Mas é que, na verdade, pensando bem . . . O casamento é das mais absurdas e colossaes asneiras que a Humanidade persiste em proteger nos seus codigos e manter nos seus costumes. Pois não é ? . . . Acho-o contraproducente, imoral . . . Uma odiosa reliquia dos ominosos tempos do servilismo e da ignorancia. — E sacudindo a cabeça, indignado : — Oh, é uma escravidão completa !

— P'r'a mulher ? . . . — observei eu, com um sorriso que pretendia ser velhaco e deve ter sido idiota.

— P'r'o homem ! p'r'o homem principalmente ! . . . É a alienação do vosso affecto, o suicidio da alma, a perpetua e formal abdicção de toda a vossa vontade !

— Não é tanto assim . . .

— Tu verás . . . Has-de querer sair, e não pôdes, porque tua mulher tem ciumes . . . imagina que vaes ter com outra, e não deixa. Has-de querer vestir-te, comprar artigos p'ra teu uso, ou então adquirir um livro, um objecto de arte . . . coisas agradaveis, uteis, imprescindiveis mesmo ao teu espirito, e não has-de poder . . . porque tua mulher precisa do chapéu, do vestido da estação, e estas coisas sobrelevam em importancia a todas as outras. Has-de querer tratar duma colocação tua, duma melhoria de posição, dum nego-

cio urgente, de qualquer diligencia, em suma, cuja oportunidade se perderá completamente, passado aquelle dia, e não poderás igualmente... Porque tua mulher quer fazer visitas e tu tens por força que a acompanhar! E os caprichos, as exigencias do arranjo domestico, as criadas, as relações, os filhos?... É um inferno, meu Mario! é uma desgraça!

Este punhado amargo de verdades, ditas assim no calor da improvisação pela sua voz meiga e insinuante, a que o silencio calmo da noite acrescentava eloquencia, abalaram-me profundamente. Vergado á evidencia e como que envergonhado, baluceiei:

— Estou comprometido...

— Bem sei, filho, bem sei! — acudiu Gustavo, abraçando-me com carinho. — Desculpa-me... Nem eu pretendo dar-te conselhos, e muito menos desviar-te do caminho de todo o homem de bem! Segue o teu destino, rapaz... Pódes ser muito feliz.

Estavamos na rua central da Avenida, no enfiamiento da rampa da Alegria com a rua das Pretas. Era ocasião de nos separarmos. Áquella hora, a grande aorta da cidade ia quasi completamente silenciosa e deserta. O pesado giro dos *americanos* cessára; mal a uma ou outra esquina apontava algum raro vulto de tardígrado, breve apagado nos longos panos de sombra que a luz electrica, jorrando de alto, projectava das arvores sobre os passeios; cantava-nos no ouvido o saltado correr da agua, musicalmente prolongado num vago sussurro de trens rodando ao longe; vinha, dos quintaes proximos, regalar o ambiente o aroma voluptuoso das nespereiras; e no ar calmo e diafano, de espaço a espaço, arripiando as arvores, uma fresca viração passava.

-- Bem, então, adeus! Continuas em frente, não? ... — disse, dando-me a mão, Gustavo, que morava na rua Ivens.

Mas eu, a quem um inconfessavel desejo espicava, eu que, bem contra o meu querer! sentia o pensamento preso e a carne acorrentada á paradisiaca espelunca da rua do Norte, enfiei no dele o meu braço, e, dando frente á Avenida e descendo:

— Já agora ... interessa-me a tua teoria. Acompanho-te mais adiante ... — E logo, simulando grande interesse e no proposito de cortar o incidente em que vinhamos enredados: — Muito estimava que me explicasses ... Tu és uma criatura admiravel! Como demonio te arranjas tu, que vaes zombando do amor, e tens a filosofia e a dureza de coração bastantes p'ra resistir ao cêrco implacavel que te fazem as mais galantes raparigás?

Aqui, ele parou ... e num geito muito seu, plantado diante de mim, firme, direito, disse batendo-me no ombro, com suas falas dôces e flutuando-lhe nos labios um arcangelico sorriso:

— Imagina tu um apreciador de bons petiscos, que parcimoniosamente se contentásse apenas com provar os môlhos, sem tocar nas grandes peças culinarias; que humedecêsse, rasos do licôr, os labios sem beber; que se limitásse a fitar, sem se sentar a ella, a mēsa mais bem servida ... Um Epicuro intelectual, um sibarita inteligente ... Has-de concordar que esta admiravel continencia, embora o não satisfizesse de pronto, deveria, no entanto, afinar-lhe o gôsto, subtilisar-lhe o paladar duma extrema acuidade de impressão, trazer-lhe á sensação delicadeza e frescura. — Agora abria, de evidencia, os braços, e re-

tomava a andar, e mal se ouvia o cicío da sua voz ave-ludada e branda : — Pois ahí tens ! é o meu modo de gozar a mulher . . . Demóro, mergulho nela os olhos, pôsso tocá-la com os labios, mesmo com a lingua . . . com os dentes, nunca ! Provo, mas não cómo . . . E assim, já vês, estou livre de indigestão, e como con-servo o estomago leve, este está sempre apto e ávido de apreciar as varias boas iguarias que lhe vae deparando o Acaso.

— É um prazer incompleto !

— Não é tal ! estás enganado . . .

— O amor tem que tomar raizes no instinto sexual.

— Embora ! Ouve. Eu quando vou a um baile, não penses que me ratráio e reduzo a uma passiva condição de manequim o exercicio da minha sensibilidade. Pelo contrario, em parte nenhuma a mantenho tão esperta e tão viva ! Aprecio tambem e gózo, como vós. A diferença está em que, nesta especie de priapismo mental, eu estimulo de preferencia a imaginação, sem dar grande pasto aos sentidos. — A vista dum braço fino e redondo, dum colo bem cheio e bem branco, e á força de branco, luminoso, são para o meu olhar incantado uma cariciosa delicia ; não raro me obstino a fitar e a seguir extasiado o claro-escuro de amor e de lascivia que se afôfa, tentador e calido, no rêgo de dois seios ; um dôrso liso e farto aquece-me ; e se descortino uma nuca bem distinta e escultural, essa descoberta inquieta-me . . . porque na desordenada nuvem do seu cabelo como que vejo e surpreendo o encrespar dos proprios dedos da Quimera ! E logo a dona dessa nuca divinal se me afigura uma sereia . . . e o meu olhar experimentado e incendiado sabe então

descer, por entre as espaduas, ao longo da sua linha dorsal, o fundo e estreito vale das electricas fascinações, das magias sensuaes, dos maleficos e nervosos amavíos . . . Assim, de indução em indução, eu visio-no-lhe os rins, a garupa, a coxa, o calcanhar, toda a sua nudez venusta e perfeita; assim consigo ter dela, sôb uma fórma subjectiva e intensa, a sensação mais completa! Gozei-a, sem lhe tocar . . . Sem ela saber, amei-a . . . Nunca me farto, é certo; mas tambem nunca sei o que seja tédio, desilusão, arrependimento; porque nenhuma dessas grosseiras repulsões, nenhum desses enfados animaes que fazem cortejo á posse, vêm deslustrar do meu perene sonho erotico o ideal enristamento, a magnifica e dominadora expansão, a ignorada e inefavel doçura!

— És doido — observei eu, p'ra dizer alguma coisa.

Mas ele não me atendia; e todo na febre da sua intima convicção, erguido no férvido alheamento do seu sonho, continuava sempre a parenese lustral do seu sistema, serenamente, com uma voz mansa, intervalada e tímida, que o fremito da aragem no arvoredado por vêzes anulava . . . e cujo vagaroso e dulcificado acento dava uma bela tinta de sobrenatural aos seus conceitos, fazia um contraste incantador com as coisas ardentes que dizia. Como estavamos perto do obelisco, o grande globo Jablockoff da porta do *Internacional* mandava-nos, directo e rasteiro por sôb a copa das arvores, um dardo de luz aguda, — o que fazia com que a figura afusada e alta do meu amigo ganhásse em elegancia e nobreza, afilada em negro no brilho envernizado do passeio; emquanto, transfigurado na idealisação do pensamento, o seu

olhar azul brilhava claro e límpido . . . não do azul, que lhe era habitual, de miosotis, esse que o povo chama « os olhos do menino Jesus », mas dum vago azul de infinito, como só raro se desenha, nas frias manhãs de inverno, e debruado de nuvensitas de prata, nalgum diafano trecho do céu alto e distante.

— Oh, eu bem sei que tenho uma achincalhante e singular reputação . . . Dizem que sou castrado, impotente . . . Não faz mal! Dá-me vontade de rir . . . Gózo a meu modo, — mais e melhor do que vocês, podes ter a certeza! Este meu vicio, se vicio se lhe póde chamar, é tanto mais comodo e isento de risco, que tem uma feição toda interior. É onipotente, porque não dá na vista . . . Processo muito larga e profundamente amadurecido, não é uma incapacidade, é um calculo; não constitue um recurso, forma um sistema . . . Vocês acham-no ridiculo, quando ele é soberano! Escapa á analyse, sim . . . mas por isso mesmo não ha mulher nenhuma que seja capaz de se furtar á incidencia ideal do meu desejo! — Pois que pensas tu? . . . este meu olhar frio e parado por entre os *fartevils* das senhoras, ninguem lhe dá importancia, reputam-no inofensivo . . . e no entanto ele vae voluptuosamente passeando os colos, os braços, as espadas . . . rasga os decotes, cava e mergulha nos refêgos, abstrae das roupas, desataca os espartilhos . . . invencivelmente esquadrinha e devassa os mais reconditos segredos . . . Incubo subtil e impalpavel, eu vou assim por doses minimas saboreando, deliciosamente multiplicado ao infinito, todo o imenso abismo de prazer que em cada mulher ondula e palpita . . . E ninguem se ofende, e ninguem se queixa! E eu contente! . . . Porquê? . . . Porque, evidentemente, respirar cem flôres é mais

saboroso e mais nobre... do que desfolhar uma só!

Eu, deslumbrado, aturdido, não sabia propriamente que lhe dizer. Ele fêz pausa; e parando novamente, e agora com um belo rasgo de dicisão a vibrar-lhe na voz alta e resoluta, acentuou:

— O vosso modo de amar é uma brutalidade de silenos, o meu um extase de sabio ou de asceta; eu contento-me com a contemplação, vocês querem por força o contacto... por isso, ao passo que vos vejo miseramente escabujar nas ínfimas alfurjas, a minha alta noção do amor empresta-me azas e a eterisação do meu desejo alevanta-me a defrontar com as estréllas!

E sacudindo-me o braço de impeto, avançou dois passos, como se me julgásse indigno também de acompanhar com ele, como se me quisesse envolver naquella dogmatica formula de condenação e de desprezo.

Estranho e singular fenomeno, paradoxal introversão se operava em mim naquele momento! Quanto mais ardidamente me expunha Gustavo o seu sistema, quanto mais intimativa e alada procurava a sua eloquencia persuadir a porção bôa e nobre do meu sêr, tanto mais aspera e brutalmente, ao estímulo desse mesmo banho de ideal, os meus sentidos se revoltavam. — Como, em ultima analyse, na sua maneira subtil de amar havia depravação, aconteceu que, por um natural efeito de contraste, as suas candidas e auroraes imaginativas não fizeram senão espertar na minha sensualidade, ainda delas vibrante, as bravas luxurias recentes da rua do Norte... Ao proprio embalo daquella dôce melopeia, daquella toada musical e melindrosa, a ideia de voltar a gozar os mesmos

inflamados extasis, que solapada e latente se identificára comigo, e que, ha pouco ainda, no meu coração perplexo pulsára apenas como um desejo, ganhára agora em imperio e crescêra, tornára-se uma necessidade iniludível, fatal, absoluta ! Eu já não via, não sentia, não compreendia outra coisa . . . Tinha de voltar por força ! A ardente visionação dos magnificos prazeres passados, o crescente furor de os renovar, escandeciam-me . . . De sorte que esse depurador sermonario de Gustavo foi p'ra mim, em vêz duma catequese, uma tentação ; em vêz dum calmante, um aperitivo.

Mas ele, entusiasmado e todo entregue ao desfraldar do seu tema favorito, novamente rodára, Avenida acima, esquecido da hora, alheio á distancia . . . a termos que nutrido tempo passeámos os dois: ele pondo todo o prazer no desdobramento das suas predilecções essenciaes ; eu levemente impaciente pela tardança, que o episodio trazia, ao que era plano assente p'ra mim, para o resto da noite.

Ele ia dizendo :

— O resultado é que, até ao dia de hoje, ainda não fiz cometer uma falta, ainda não abusei duma innocencia, ainda não atasquei uma virtude ! Satisfaço o desejo, sem ennodoar . . . sem ofender, os meus sentidos gozam ! Assim, este meu geito de amar não entra, como o da maior parte dos homens, na classe das violencias bestiaes, das teratologias vergonhosas ; antes forma um dos mais belos titulos á reabilitação da nossa especie, e uma das mais nobres e independentes funções da nossa alma. Oh, Mario ! — acrescentou ele, numa exclamação de confidencia, — se te eu fôsse a contar . . . quantas occasiões tenho tido de

amar, de possuir uma mulher em toda a liberdade e segurança... vê-la, senti-la ali assim, inteiramente ao meu dispôr, ávida, suplicante! Nem tu acreditavas... Pois beijo-a... e pronto! — E, ante a minha incredulidade: — Dou-te a minha palavra de honra! Não pretendo mais dela... As tolêtas ficam-se rindo, fazem-me troça, lastimam-me... quando se não enforecem...

— Teem toda a razão!

— E sáe-me caro o sistema! porque tenho deixado muito sobretudo em finas mãos apetitosas... Ah, mas não importa! não me arrependo... O meu desejo ficou servido e a minha consciencia tranquila.

— O que elas te chamam principalmente é vaidoso, soberbão...

— Pudéra! Pois se não ha mulher nenhuma que se pôssa gabar de lhe eu ter feito uma declaração! E p'ra quê? se não preciso... Limito-me a dizer a cada uma as palavras indispensaveis p'ra tornarem junto dela a minha presença plausivel, e entretanto darem aos meus olhos o tempo de exercitar a sua transcendente missão gustativa... A imaginação faz o resto; não preciso de mais! E é esta a razão porque eu tenho todo o vasto gineceu humano ao meu dispôr... e sempre, inevitavel e impunemente, de cada vêz que eu queira, disponho um harem em cada sala que frequento e em qualquer canto do mundo improviso um serralho!

— Falta-te a sultana favorita!

— Não tenho, nem quero!... E Deus me conserve este pensar até morrer... Porque então, nesse supremo instante libertador, eu poderei com bem legitimo desvanecimento exclamar: — Fui o mais ho-

nesto, o mais perfeito, o mais feliz dos amantes! porque mulher nenhuma sofreu por mim... De tanta soma de prazêres que nelas colhi, nenhum houve felizmente de se converter num remorso!

Chegáramos novamente á praça dos Restauradores, e, quando tomávamos á rua do Principe, o Gustavo lobrigou, molemente arrimado á porta do *Internacional*, o manco e espectral *Securas*.

— Ó diabo! o *Securas*... — exclamou, empurrando-me — P'r'aqui! p'r'aqui! senão temos massa da até pela manhã.

Ele lá estava, com efeito, numa apostura vaga de noctambulo, o olhar baixo, a espinha em ansa, o inseparavel bengalão suprindo o apoio da perna claudicante, e a mão livre renhindo na sua faina habitual de almofaçar as barbas. Tomámos pela esquerda, indo passar rentes ao *Suisso*, a cujas pequeninas mêsas gloriosas deglutiam saturnaes baratas de xácaras e sonetos varios guêssos onanistas literarios. Quando chegámos ao Rocio:

— E por minha causa viêste cá tão longe! — deplorou, fazendo alto, o meu amigo.

— Não faz mal... — disse eu, — tomo agora aqui á rua da Palma.

E ele, muito affectuoso, despedindo-se:

— Adeus, filho! obrigado. Desculpa a massada... E, olha, não faças caso do que te eu disse... É uma catureira só minha... E então, por amor de Deus! nem por sombras guardes na lembrança uma só das baboseiras que ha bocado te declamei ácerca do casamento! Tu estás num caso especial! — acrescentou, numa intimativa de sinceridade e convicção que

me deu reparo. — Branca é uma excepção... fazes muito bem!

— Não é verdade que é uma criatura extraordinária, angelical, a minha noiva? — acudi eu, um pouco a querer convencer-me, e num acento de voz que me não parecia a minha.

— Se é! — confirmou Gustavo com calor, conservando e agitando muito a minha mão entre as dele. — Digo-te mais! e perdôa a minha franqueza... Não compreendo, p'ra perene companhia do homem, uma mulher senão assim! Eu, já agora, toda a vida tenho que ser um incorrigível solteirão; mas se porventura entrasse comigo ainda a maluqueira de casar... — palavra! — não queria outra.

E, arrancando com decisão, breve a sua nobre e graciosa figura se afastou, esbatendo-se ao longo do passeio.

Surpreendido e parado, eu fiquei-o observando. Aquela calorosa aprovação á minha escolha fazia-me feliz; tinha o mais alto e lisonjeiro valor, emanada de semelhante autoridade. — Mas a fugaz impressão passou, como um relampago... e num instante eu voltava ao dominio da minha obsessão maldita. Ainda arrisquei alguns passos, como na intenção de quem ia atravessar o Rocio... não fôsse dar-lhe o démo que o Gustavo se voltasse de repente e colher-me no engano! Depois, mal que uns minutos decorreram sobre a sua desapareição á quina da rua Nova do Carmo, eu desandei rapido pela calçada do Duque acima, passei a Trindade, S. Roque... num pulo alcançava o Bairro-Alto. — Levava a vida toda no cerebro, as fontes batiam-me como as marrêtas duma forja, tinha um lume de brasa nas mãos, tornára-me

imponderavel o desejo . . . e o congestivo orgasmo da minha obstinação fazia-me vêr rubescencias na luz do gaz, figurava-me como que iluminadas a zarcão as ruas.

Na rua do Norte, a minha amante, já deitada, reprimendou com doçura: — Se aquilo eram horas? . . . Vadio! Andar assim, *na moína*, tempos esquecidos, sem mais se lembrar dela . . . Bôas amizades, não tinha duvida! — E eu, mole duma voluptuosa embriaguez, eu com a fala tomada, o peito opresso, os dentes pêrros, e nos nervos marinhando um tremor de anciedade pelo penetrante *odor di femina* que de assalto me involvera, mal que abri a porta do quarto . . . não atinava que dizer.

Avancei de salto á cama e afoguei-lhe em repetidos beijos dulcerosos as ultimas censuras . . . Depois, numa pressa e sempre em silencio, despi-me, deitei-me . . . E, como de vespera, não dormi!

23 de fevereiro.

Ia continuar o fio da narrativa, ante-ontem interrompida, e não pôsso . . .

Reconheço mesmo que não devo, — a menos que não queira, eu tambem, justificar pelo exemplo o conhecido aforismo de Schopenhauer, de que o homem é fundamentalmente uma féra, — não devo sem pausa nem transição passar da sordida vasa do que ahí fica, para a alta pureza ideal do que me cumpre tratar agora . . . Não se ganha de salto o céu, não ha pantanos nas alturas, nem o raso fosforejo azul da podri-

dão se confunde com a lhama de prata acêsa na tremula aresta das estrêlas.

Compreendes que seja já tempo e ocasião de te falar de Branca. E para isso, — bem vês, — tenho de ablucionar a alma, o espirito ha-de alimpar o seu exantema de ignominia ! Para isso preciso de no meu proprio coração, doirado e fragrante como um sacrario, ajoelhar e comungar . . . á semelhança dos verdadeiros crentes, que sem a compenetrada e perfeita observancia de todas as prescrições do ritual não adquirem o dom de alcançar os favores celestiaes da bem-aventurança.

A minha ida a casa de Branca, no dia seguinte, quero referir-t'a, sim ! com a mesma absoluta sinceridade das scenas anteriores, com toda a convicção e calor, na mesma linguagem sem rebuço e sem peias, mordida pela lingua de fogo do entusiasmo, resoluta e franca ; mas que seja ao mesmo tempo deslumbrante como a neve e alada como um sonho . . . que não côrra ao estricote das bestiaes miserias que ahi ficam ditas, antes tenha o ardor duma supplica e a unção duma prece, e seja uma oração em vêz duma torpêza, e na humildade, na devoção e no fervor pareça como que feita de beijos nos pés do Crucificado.

Evidentemente, neste perenal atasqueiro a cuja tediosa peregrinação te obrigo, a figura transcendente e nobre da minha noiva vae formar excepção . . . vae ser como que um diamante caído num monte de seixos, um altar numa taberna. — Oh, não que tu bem sabes quanto ela era unica na sua admiravel simpleza ; quanto ela era santa e pura duma pureza mais inatingivel e mais alta que as mais inacessiveis montanhas ! De sorte que chega agora o momento de eu fa-

lar dela e tenho medo . . . hesito, acobardo-me e tremo como uma criança perdida num pinhal. — Não pôsso!

Vou-me socorrer do anjo tutelar da minha infancia . . . a vêr se ele me alcança umas folhas de ciniza, a misteriosa planta que posta em contacto com a pele chama ao corpo a castidade . . . E é forçoso tambem que, antes da adorativa evocação dessa virgem santissima, se tenham no tempo e na distancia por completo amortecido as ultimas ondulações da deletéria torrente que traz impulso das paginas já escritas.

É o motivo porque, a exemplo desses ingenuos pagãos, que, vestidos de linho e perfumados a nardo e cinamomo, com o silencio nos labios e o extase no espirito, largam de humildade e compunção as sandalias á porta dos seus idolos, eu tenho de fazer pausa aqui e aguardar que um arrepio de serenidade e razão leve de rôjo as fumegantes e nauseabundas sugestões que me impaludam o espirito e emporcalham a alma.

Ámanhã, ámanhã . . .

24 de fevereiro.

O dia estava um incanto. Cheirava a Primavera. Havia afagos tépidos no ar e uma amorosa estimulação de vida no brilho palpitante das coisas. Quando, tendo-me apeado do *americano*, ás Janelas Verdes, segui o ingreme ladeirar de ruas que me levavam aci-

ma, ao bairro de Buenos-Aires, foi uma bela diversão para a minha vista ir analisando o escrupuloso arranjo e o sadio vicejamento desses magníficos *squares* e jardins que fazem moldura a aristocraticas vivendas, briosos e imunes dentro das suas gradarias de preço. Os mais raros e scenográficos primores da nossa fauna tropical ahi luxuriavam de selva e de côr, numa graça arrogante emergindo de tenros arrelvamentos, que o nosso *high-flirt* adoptou dos indecisos paizes dos gnomos e nevoeiros, e cujo verde doentio e efemero se acamava em maciços rasos e nostalgicos, em dôces taludes gementes de maciêza e frescura, zebraados em raiuras de anémonas, cactos e amores-perfeitos. Na areia escura e sôlta dos arruamentos nem uma irregularidade, nem uma folha sêca. Tudo liso, escovado e luzente como uma farda de gala. Bronzes, marmores, faianças caras, mitologias banaes, satiros de padrões vistos espreitavam de entre o verde brunido e insistente das vegetações frondosas. Alegres na aveludada calentura da manhã, os pavões grasnavam. Vagarosos e atentos na sua arrastada faina de reptis, os jardineiros catavam as lagartas, desbastavam os gomos, sinuosavam com precaução a mangueira das regas; enquanto cá fóra junto aos portões, na orla do passeio, luziam beatificamente gozando o sol, as fartas blusas riscadas dos cocheiros

E toda esta serenidade me dispunha bem. . . . O exame prolongado de tanta opulencia evidente dava-me segurança tambem ao futuro, formava ao meu otimismo incorrigivel uma como que antecipação de felicidade que me esperava tão perto!

A meio da rampa em que a rua de S. Caetano sóbe a entestar com a de Buenos-Aires, logo divisei na fren

A meio da rampa em que a rua de S. Caetano óbe, a entestar com a de Buenos-Aires, logo divisei a frente, ao alto, projectada no céu e como que erguida num palanquim de arvoredos, a pequenina casa ideal da minha noiva. — Projectava-se em quadratim no céu e quasi com ele se confundia, porque, pintada duma tinta de azul esmaecido, que o ar e a luz tinham ainda progressivamente atenuado, era agora a sua côr suave e discreta a mesma do céu, que escampado e rutilo como um manto, e forte em cima dum vigoroso azul matalisado, gradualmente depois amaciava e esbatia, mais e mais claro á medida como flescía a roçar com a terra. Mas havia mais, que eu não via outra côr . . . como se se houvésse cosmicamente generalisado essa adoravel sinfonia de azul que me repoisava os olhos e me sossegava a alma. — Porque do mesmo azul manso e suave me aparecia tambem, lá em baixo, aquatintado o Tejo, a Outra-Banda, a barra e mais longe, no horisonte, o mar . . . a ponto de parecer que era exactamente do imenso estuario que, sôb a forma de cianurica evaporação, essa humida onda de azul subíra, já escalando na sua leve tinta imaterial o céu, depois de haver amortecido a policromia dos bairros industriaes e adoçado as arestas da casaria da cidade.

Ora a casa dela, — sabes, — forma esquina á rua de Buenos-Aires e travessa do Moinho de Vento. Para o lado da rua, tem á frente um pequeno quintalejo sem trato, com seu resguardo em muro de alvenaria branca, e dentro azaleas, roseiras, madre-silva, alegretes em ruina, velhas pimenteiras roçando o primeiro andar, ali rentes das janelas. Na quina, o muro volta á travessa, corôado por um vaso com piteira, e ahi, se-

guindo agora no alinhamento do predio, abre junto a este por um portão rustico e maciço, de madeira verde, com postigos, a cornija ponteaguda e defendidos os flancos por dois frades de pedra. Na face que alinha a travessa, tudo são janelas de peitoril, de cantarias lisas, dimensões modestas e caixilhos de correição á maneira italiana. As janelas do andar terreo são protegidas por grades de ferro. Apenas um andar sobre este se conta, superado a seu turno por altas mansardas de zinco; e de toda a simples e austera fachada só corta a regradada monotonia, ao centro, uma rendada chaminé côr de cinza. Para a rua, na face que olha o quintal, o flanco oposto ao portão e que, ligado com os demais predios, faz seguimento á rua, esse ergue mais, á custa da agua-furtada, um pequeno andar com platibanda e sacada, sobre o qual se afila ainda um torreão quadrangular, especie de *belvedere* com ameias e pau de bandeira.

Seria difficil imaginar e procurar, cidade a dentro, uma habitação mais repousada e isenta, tão como esta convidativa á meditação e ao vago alhear da ideia, e cujas condições de situação e isolamento mais alto nos erguessem o espirito ás aladas regiões do sonho e do misterio. — Sabiamente plantada numa eminencia, como esses admiraveis cenobios alpestres que a piedade cristã semeou por furnas, algares, e pendurou corajosamente das alturas, para qualquer banda a sua situação era dominadora, alta e leve como um incantado palacio de fadas ou um solio de rainha. Já junto ao portão, eu demorei um instante, antes de tocar... Queria refazer-me na contemplação do magnifico panorama; queria dar tempo a que a fresca e aspera viração, ali quasi constante, acabásse de me

varrer do espirito a perturbadora emoção dos dois ultimos dias, e repusésse tranquilidade e aticismo na minha pobre carne palpitante. — Oh, o delicioso, o admiravel espectáculo que eu tinha ali assim, diante dos olhos deslumbrados ! Como era lindo, como era festivo e grave ! Nem nunca eu tinha reparado bem... Nem decerto, por mais que alguém procurásse, seria facil achar em todo Portugal, em todo o mundo ! um palmo de terra mais desafogado e mais livre, um refugio mais do que este proprio ao inalteravel culto da castidade e da virtude. Dali as modulações, os contrastes, as surpresas não tinham fim ; dali a imaginação podia bem ter a vertigem do Absoluto, porque a vista como que chegava a abarcar o Infinito.

Com efeito . . . Para oeste, e logo precipitado em brusco declivio, mesmo ali junto a meus pés, o terreno descia num magestoso e largo anfiteatro, espreguiçando-se em milhares de pequeninos accidentes caprichosos, té ir topetar em baixo, mole e rasteiro, com as aguas. E nele, primeiro, um vistoso e apertado rebanho de casaria, aqui, ali valeirada de traços negros de ruas e que ia dentar, com o bigarrado perfil dos seus mirantes, torres e telhados, o frouxel de terra verde dos outeiros distantes, que lhe subiam fronteiros ; depois, talhando em diagonal, como uma fita de gran-cruz, esse verde esmeraldino e humido, um caliçoso muro vermelho de calçada ; sobre este, com a sua esquadria côr de rosa esfumando-se na renda melancolica dos pinheiros, avultava a grande sensaboria monastica das Necessidades ; mais á direita, confuso com o céu na mesma agonia de tinta esbranquiçada, o Observatorio ; e já de longe, e lembrando algum ciclopico banco, de pernas ao ar, co-

voava um môrro a maciça acropole da Ajuda, incavoadada e colossal, flanqueada de duros perfis de moirhos, têsos e imoveis como sentinelas. Em baixo, ao vale, havia a floresta de zinco, tijolo e ferro das nuitas fabricas, os fumos industriaes, as longas pilhas de cantarias, madeiras, mato, as manchas de gêsso e carvão, aereas teias de arame, arvores envenenadas, e, toda timorata e mesquinha na visinhança dum monstro fuliginoso e redondo, a torre de Belem entrando a buscar refugio na gôrda mansidão das aguas. Depois, no Tejo, apreendia-se vagamente toda a aspera labuta do mar, a renda a prumo dos mastros, velas seguindo como azas, a salgada scintilação dos remos, rôlos de fumo negro jorrando paralelos com rastos brancos de espuma; e á sorte como a vista se me alongava nesse claro azul sem fim, nesse espraimento sem termo e sem medida, o imenso e placido esteiro ia ficando liso, limpo, brunido, e do seu brilho de espelho então rompiam a torre dos Jeronimos, o Bugio, S. Julião, e mais longe, hirsuto, longo e negro como um dôrso de cetaceo, o cabedêlo descomunal da Trafaria. No horisonte, emfim, a mesma clara e diafana indecisão casava as duas imensidades; e deste banho absoluto de azul, deste perene e humido alastramento destacavam, numa atenuada côr de sonho, negras as casas, branco o areal, esmeraldina a terra.

Mas não parava aqui o deslumbramento... Se olhava mais á direita, eu via na minha frente, e alta com os meus olhos, uma custosa gradaria de parque, estilo *renascença*, exuberativa e redonda; depois, a seguir, descendo e tornejando concavo, a fazer a volta da rua, um extenso muro sem interrupção, salitroso e verde, de cuja boleada e comida orla se debruçavam

doentes as franças dos pinheiros ; logo a cavaleiro sobre ele, terras, hortas, quintaes ; depois, mais longe, formando barbacan, um estreito amontoamento de casas de arrabalde ; e por cima ainda, trepando e fugindo, o arido perfil das calvas argilas de Monsanto, corôadas pela pirâmide negra do seu forte projectando-se crua no ar opalino e manso, coifada agora de tenues nuvens de cambraia. Mais á direita, a estonteadora policromia dos telhados, claraboias, torres, chaminés, voltava a acentuar-se, baralhada e compacta, fazendo estrada á alvura sem macula da basilica monumental da Estrêla. Depois, já nas minhas costas, e como que esborrachadas e premidas na deformadora visionação da perspectiva, lá iam, encosta abaixo, novamente casas, novamente ruas, jardins, parques, fabricas, e ao cabo destas, gôrdo, macio e dormente, novamente o mar. — Uma volta completa aos olhos e um desafoço sem estorvo ao espirito. A vivacidade cambiante dum diorama na culminea solidão duma tebaida.

Seguramente, viver ali era viver a cem leguas de Lisbôa. Não alcançava tão alto o Mal ; impotentes de trazer impulso té tão longe as mefíticas tentações que baforavam da cidade. E eu tinha escolhido muito bem . . . Decerto naquele poetico e inatingivel êrmo, naquela *turrís eburnea* ideal de paz e de virtude, ficariam perfeitamente bem guardadas as minhas insalubres tendencias, o meu temperamento facil, a minha diatese sensual, a minha vontade vacilante. O ponto era eu querer ! E porque não ? . . . Não saíria de noite, a não ser com minha mulher, a alguma *soirée* ou teatro. Assim escoraria a minha fraqueza constitucional com o isolamento, manter-me-ia indemne

a subversivas agitações... assim teria de bôa hora e para todo o sempre garantido a vida de regularidade e sossêgo que mais me agradava e convinha. — E estava salvo!

Puxei da campainha e logo de dentro me baliu uns afagos familiares o *Tejo*, esse belo, grande e negro *terra-nova* que era o guardião da casa e o incanto e entretêm dos criados. O Francisco veio ao portão, e todo aberto e sorridente, mal que me viu, emquanto o postigo verde gemia nos gonzos e festeiro o *Tejo* me lambia as mãos e dava nos joelhos trombadas de affecto, apressou-se a exclamar:

— Ai, o sur. Mario! Seja muito bem aparecido... Com effeito! Eu já tinha ordem de ir a sua casa, saber se lhe tinha acontecido alguma coisa?

— Felizmente, não... Estou bom. E por cá?

— Tudo bem, graças a Deus! tirante as *soidades*... — acrescentou com malícia, dobrando-se e baixando os olhos. — E logo retomando o seu lugar:

— Os senhores estão em cima, no quarto da menina.

— Bem!

E como o *Tejo*, de salto, me lançára ao tronco as patas, eu arredei-o e batendo-lhe afavelmente na cabeça:

— Então, seu *Tejo*! Vamos! quieto... Hoje não te trago nada.

— Que intelligencia de animal! — comentou, internecido, o Francisco. — Se ele pudesse falar...

Entre a pequena porta, superada por um alpendre de zinco em angulo, que dava para o interior da casa, e logo ao cabo do corredor que conduzia á escada para o andar nobre encontrei a *Tita*, com a sua bo-

nita touca branca, de laço alsaciano, escrupulosamente bem ingomada, e o seu amplo avental de cambraia, alto até ao pescoço, ressaltando do vestido de alpaça preta em alvas prégas deslumbrantes. Também esta me sorriu com amizade. Descêra ao meu encontro. — Tinham conhecido o meu tocar... já não era sem tempo! Toda a santa manhã a menina tinha estado á escuta... Fizésse favor de subir.

Em cima, logo em frente ao ultimo degrau da escada, na salêta, estavam Branca e o pae, impacientes, ao que parece, de me vêr. Acolhêram-me no mais carinhoso alvoroço. Fizéram-me uma recepção, a mais não poder, expansiva, ingenua e cordeal, cuja amaríssima lembrança me trespassa agora a alma de pena e de remorso! — É da triste condição humana não sabermos apreciar senão o bem passado... Má sorte a minha!

— Ora, salve-o Deus!... Então que foi isso? esqueceu-se da gente?... — reprimendou numa calorosa efusão o comendador, erguendo-se com dificuldade e segurando tremulamente a minha mão entre as suas.

— Que ideia! — apressei-me a contestar.

— Já estávamos em cuidado... — aventurou Branca dôcemente, cerrando sobre o brilho do olhar as longas palpebras de cêra, enquanto a bôca fina e breve se lhe entreabria de prazer, e, ao contacto da minha mão na sua, o austero marfim da face se lhe fazia côr de rosa.

— Oh, Branca! não valia a pena... Sou indigno de tantas atenções! — balbuciei eu vexado, e sinceramente traduzindo o conceito que na ocasião fazia de mim mesmo.

— Mas, então, vamos a saber... aqui só p'ra nós os dois... Aventurasinha carnavalesca?

— Oh, comendador! — atalhei, com forçada repulção; e isto numa inflexão de voz tão desastrada, e num tão perturbado geito de olhos, cavidamente desviados das pessoas, que a qualquer, mais observador ou experiente do que Branca, teria sido mais que sufficiente sinal do meu disfarce.

— Então! era natural... — ainda insistiu, amigavelmente, o pae. — Despedir-se da vida de solteiro...

— Pois, não, não! Afazêres... Eu lhes digo...

— Sente-se! — aconselhou o velho.

E tornando ele logo a sentar-se na sua grande cadeira de vêrga, com braços, como eu propositadamente me demorasse a retomar conversa, continuou:

— Estavamos agora mesmo a falar de si... Aqui no quarto da Branca, ao lado. — E para a filha, que se sentára junto ao piano, no recanto da casa mais escuso, procurando instintivamente a penumbra: — Não é verdade?

— Sim, meu pae...

— Todos estranhavam esta sua ausencia de dois dias! Eu, na minha qualidade de homem, desculpava-o... Mas a minha filha, que é toda terrorista, só com o que lhe dava era que o amigo estava por força doente...

— E então, não podia ser? — atalhou Branca, perturbada.

— Mas não foi! — emendou jovialmente o comendador, todo numa alegria infantil que era o traslado perfeito da sua bela alma antiga. E insidiosamente para mim, como quem acusa: — Ela até já tinha dado ordem ao Francisco p'ra ir saber...

— Oh, meu pae! — implorou Branca, a meia

voz, alongando os braços e anulando-se de pejo na sombra.

— Minha querida Branca! — exclamei eu com efusão, num violento desejo de ajoelhar, e fitando em adoração o seu vulto indeciso e branco, feito como que da maciêza luminosa e impalpavel dum sonho de criança.

Mas o bom do velho, a quem a minha chegada emprestára bom-humor, insistia na sua pequenina intriga galhofeira, e vendo entrar a *Tita*:

— Agora a pior, a mais maldosa fique o snr. sabendo que era esta peste da *Tita*!

— Está bom! — comentou agre a rapariga.

— Venha cá! chegue-se p'r'aqui! que é mesmo na presença dele que eu lhe quero mostrar a bôa amiga que ahi tem... — E, para mim, agitando no ar a mão orografada e enorme: — O que ela ahi disse! que bonita cama lhe estava fazendo!

— Então, hein! — murmurou a azougada *Tita*, já num começo de arrelia.

E todo lampo de a vêr assim, rindo muito, o commendador:

— Que isto de homens era tudo a mesma coisa... varios, crueis, ingratos! Gostavam hoje duma, doutra amanhã, e depois, de todas... E que por isso bem tôla era a mulher que lhes concedia nem tanto como isto! de afeição.

— E então! sim senhor... Eu cá falava em geral... digo o que penso. — Não era nada com o snr. Mario.

— Mas tambem a tontinha, mal que ouviu a sinêta do portão, desatou a correr por essa escada abaixo, que nem que fôsse acudir a algum fogo!

— Então não é minha inimiga... — julguei eu devêr dizer.

— Eu cá... era p'la menina! — acudiu a *Tita*, córando.

— Fêz o seu devêr, — ponderou Branca.

E num simultaneo cruzar de breves ditos amigos, que o estridente cascalhar do comendador sobrepujava, rapido se fechou, a contento de todos, o incidente.

— Tive ontem imenso que fazer, não imaginam! — arrisquei eu então, hypocritamente, certo de que naquela atmosfera lhana e cordeal teria seguras condições de exito a minha mentira.

— Sim?... — inquiriu Branca com interesse.

— É verdade! Coisas da Escola... Á noite, não tinha já tempo de cá vir... não eram horas... Ainda assim, com vontade de a vêr, e lembrando-me que estivesse acaso lá, ainda fui ás Salgados.

— Não fui... — atalhou, num leve geito sacudido, a minha noiva. E a seguir, do alto do seu melhor desdem, marcadamente ladeado de reticencias: — E raro lá irei, agora...

Seguiu-se uma breve pausa de embaraço, durante a qual me ficou pesando no espirito a significativa anotação de Branca, sem que lograsse percebê-la.

— Bem! vamos ao que importa, — aconselhou por fim o comendador, tomando uma apostura grave e singela, a que a dôce cristalinidade do olhar, e a bondosa e aberta expressão reçumante da sua larga face rosada e tranquila, ajuntavam confiança, davam um toque encantador de lealdade e franqueza. — Os dias vão passando... temos muito de que tratar. — E como Branca se levantasse e a *Tita* fizesse menção de

sair: — Aonde vão?... É indispensavel que estas, minha filha... bem sabes. E tu, *Tita*... és da casa.

Branca voltou a anular-se no seu recanto habitual, enquanto eu puxei de instinto a cadeira á frente, e, jucunda e familiar, a *Tita* achava posição mesmo de frente de mim, sentando-se num pequenino tamborête, dobrada a espinha, as mãos unidas nos braços longos e os cotovelos nos joelhos, com os olhos postos no comendador e coruscancias de oiro saltando nas fartas mechas do seu cabelo castanho, toda viva e petulante na grande luz da janela.

O comendador prosseguiu, olhando-me e á filha, de carinho :

— Os snrs. são novos, teem a vida toda adiante de si... bem lhes importa o tempo! Não precisam de correr atraz das horas. Mas eu, não... eu estou com os pés p'r'a cova, meus filhos.

— Já tardava! — exclamou com affectuosa indignação a *Tita*, aprumando o tronco e de arremesso soltando as mãos e abrindo os braços.

— Não diga isso, comendador! — aventurei eu tambem, a infundir-lhe confiança; ao passo que Branca vincava de angustia os labios, e, corridos duma breve crispatura, os seus dedos em fuso amarratavam a musselina branca do vestido.

Mas, numa pausada insistencia de convicção, tornava o bom do velho :

— É o que lhes digo! Eu cá me sinto... Setenta e cinco anos não são setenta e cinco dias... A gota rõe-me, tritura-me os ossos... apressa a passo de carga o meu aniquilamento! De sorte que p'ra tranquillidade minha e dos meus, tenho que pôr ordem no fu-

turo, tomar as minhas disposições, preparar-me com honra e decencia p'ra essa grande viagem inevitavel.

Estas coisas graves e decisivas, ditas singelamente assim pelo comendador, este seu resignado e sereno encarar com a Outra Vida, fizeram frio no aposento, emmudecêram-nos. — Eu ergui olhos ao teto, emquanto, num incomôdo inleio, a *Tita* se bamboava no tamborête, e as longas palpebras de Branca desciam no vagaroso represar duma lagrima.

Ele continuou, voltado todo a mim:

— P'ra lhe provar que não sou egoista, começarei por si. — A sua entrada para o *Norte e Leste* está segura: ainda ontem m'o garantiu quem podia fazê-lo... Tão depressa obtenha o seu diploma, é nomeado engenheiro adjunto á Companhia.

— Beijo-lhe as mãos, comendador!

— Não é nada que não mereça, — confirmou logo ele, atalhando. E outra vêz descuidoso e risonho, a desfazer solícito a sombria impressão das suas palavras de ha pouco: — Ou não, *Tita*?... Parece que estás a amolar o caso...

Logo com o mais adoravel desplante, olhando o exterior, esfusiu a rapariga:

— Sei lá... Não que, muitas vezes, estas boas carinhas... inganam.

E abanava de má a sua cabeça farta e buliçosa.

— *Tita!* — corrigiu Branca, a meia voz, mal reprimindo o riso.

— Além de quê, — tornou p'ra mim o pae, — eu nestas diligencias com respeito á sua pessoa não sou tão absolutamente desinteressado como ainda agora inculquei... O que principalmente quero é deixar bem garantida a felicidade, o descanso,

o bem-estar de minha filha. — Bateu-me affectuosamente na perna, apertou-me o pulso com efusão e epilougou, num belo ar convicto: — E, quanto a esta, vou descançado... Deixo-a bem entregue!

Humedecêram-se-me os olhos e embargou-se-me a fala, perante esta espontanea demonstração de confiança e carinho, a que aliás andava afeita a ser hospeda a minha tumultuosa e arida mocidade!

A *Tita* garotou:

— Em bem o diga, snr. comendador!

— Ah, não me engano, decerto... Foi a tua bôa estrêla, Branca, que me fêz no calcanhar da vida conhecer, apreciar e amar uma joia assim! São tão raros hoje os homens deste quilate! Estima-o sempre como ele merece.

— O pae estraga-o com mimo!

— Deixa! que por muito que eu, que tu, lhe liberalisemos em disvelos, affectos e atenções, nunca elas serão demais p'ra quem tem arrastado uma vida tão engeitada de amparo e conforto... não cumularão o vacuo duma pobre alma de criança, que tanto como esta se sentiu orfanada dos mais essenciaes carinhos de familia!

— Só eu sei... — disse eu, no murmurio dum suspiro irreprimivel.

E já a alma diamantina do comendador a dar novamente batida á tristeza:

— Bem! mas não ha mal que sempre dure... O caso é que o nosso Mario está aqui, está o snr. engenheiro. Uma pessoa importante! — E aqui, com uma certa arrastada solenidade, baixando os olhos: — Depois, casam...

Esta frase parentesiou no dialogo um novo silen-

cio de embaraço. A propria *Tita* córou. Branca tudo era vêr se conseguia elidir-se, anular-se ainda mais na penumbrosa confusão das coisas. Mas eu agora, extasiado e tremente, eu não desfitava a vista, numa avidêz de absorpção, numa fascinativa angustia, da sua longa figura esbelta e luminosa.

O comendador explicou :

— É da ordem natural das coisas. Fazem então a sua viagem de nupcias.

— Crédo ! por amor de Deus, meu pae ! — atalhou Branca com calor. — A menos que o Mario não queira, eu cá por mim dispenso . . . Acho uma imoralidade, um monstruoso absurdo ! Cada um nas suas casas, é o melhor . . . Agora ir viajar, desbaratar, estadear sem rumo nem vergonha aos quatro ventos o mais intimo e pessoal do nosso sêr . . . dar um tôlo alimento á maligna curiosidade dos outros, do episodio mais rectado e santo da nossa vida . . . irmos dispersar em *vilegiaturas* banaes, quando a religião, o instinto, o proprio amor nos mandam construir um ninho . . . Oh, é um horror ! Foi uma desgraçada invenção da miseria affectiva actual, o triste recurso da aridêz de coração dos nossos tempos. Inteiramente falthos da pura emoção interior, socorrem-se ás impressões externas . . . refugiam-se na distracção, porque lhes falta o sentimento.

— Plenamente de acôrdo ! — corroborêi.

— Está bem ! como quiserem . . . — assentiu jovial o comendador. — São senhores da sua vontade. — E depois, demorado em prosseguir, pêrro numa comovida hesitação, voltando as mãos e remirando os dedos : — Ora agora . . . sim . . . aonde estabelecem casa, depois ? . . . Deixam-me ?

— Ó meu querido pae! — exclamou Branca, erguendo-se de impeto e correndo a abraçar o comendador, cuja face fresca e rosada afagou num trinado de beijos. — Formular semelhante pergunta é ofender-nos!

— Tinha que vêr! — não se poude ter a *Tita*, que não dissesse.

E o velho muito contente:

— Ficam aqui, comigo?

— Pois então!

— Ótimo! ótimo! Nem eu queria outra coisa... E teem ahi campo demais... Eu confino-me lá em baixo, basta-me o rez do chão... no que lhes não faço favor nenhum, porque cada vez me custa mais subir escadas.

— E então eu?... — interpelou a *Tita* com mimo.

— Continuas no teu quarto, — assegurou Branca, já de novo restituída ao seu discreto retiro.

— Já se deixa vêr! — disse com decisão o comendador. E novamente p'ra mim, tornando a apertar-me as mãos e com a vida toda nos olhos: — Instalam-se então aqui em cima. Emquanto a familia não aumentar, chega bem... Teem onde receber as suas visitas... o quarto de Branca dá uma bela e festiva camara de noivado...

— Ó diabo! é de esquina... — observou a *Tita*, num gracioso mômto desaprobativo torcendo o rosto vivo e travêso.

— Asneiras! — emendou o comendador.

— Eu cá não queria... tinha azar com isso!

— A mim não me importa, — disse Branca. — Não sou supersticiosa. E quero-lhe muito... é a minha vivenda de anos: as suas paredes amam-me, com-

preendem-me... está indissolúvelmente ligado ás paginas essenciaes da minha vida!

— É a melhor peça da casa. Ficam muito bem! — insistiu com agrado o pae. E continuava a explicar: — Comer, comemos todos em baixo...

— Sim... — anuiu a filha.

— Do mirante, lá em cima, desse então faz o nosso Mario um esplendido gabinete de trabalho! — E muito affectuoso, consultando-me: — Que lhe parece?

— P'ra mim, é o paraíso! — murmurei.

— Bem! Agora o que falta é adornar, amodernar isto! arranjamem a capricho o seu ninho de amor... mobilar bem, reformar, enriquecer essas casas todas, torná-las moldura condizente a suas auspiciosas e cativantes mocidades.

— Ah! não! não! também não... — atalhou Branca, num receio. — Deixemo-nos de magnificencias. Tenho horror ao luxo. Antes me quero com o que é simples... o superfluo pôs-me sempre mêdo.

— Ó filha, não deves ser assim... que celebreira de genio! Se nós não tivéssemos, vá... mas estando tu felizmente nas condições de poder gastar algum dinheiro na inocente e lícita preparação do teu bem-estar, por que te não has-de cercar de comodidades, de fartos motivos de conforto e prazer, e quantos mais, melhor! conforme faz toda a gente?... porque não has-de gozar?

— Mas se isso p'ra mim não é gozo, meu pae, que quer?...

— Ora adeus!... E dizes tu que não és supersticiosa!

— Sou uma criatura de juizo! Sempre assim pensei... O luxo atormenta-me, bêm sabe... afogada

em futilidades de preço, sinto-me mal! A grandeza, o fausto desnorteiam-me... chegam a irritar-me e a ofender-me com a sua espalhafatosa arrogancia.

— Nem que tivesses sido criada nalgum palheiro!

— Pois se a condição humana é sofrer! p'ra que havemos nós de estar a iludir-nos com fantasmagorias erguidas na areia? Gozar mais do que o lícito é contrariar o Destino... e a desforra vêm certa! De sorte que, assim, essa espantosa bagagem de necessidades artificiaes que a civilisação nos criou, esta desapoderada ancia actual na multiplicação do gozo, parecem-me outros tantos reptos ao infortunio, não passam de desafios grosseiros á miseria, á dôr e á desgraça!

— Se toda a gente pensásse assim, estavamos aviados!

— Eramos mais felizes, creia... O progresso, a complicação não trazem senão desgostos. Tanto mais felizes lograremos ser, quanto mais proximos descêrmos á simplicidade inicial da Natureza!

O comendador revia-se, vaidoso, inter necido, no judicioso discursar da filha.

— Então, hein! que me diz a isto?...

Eu estava incantado... era sem limites a minha admiração; e num atento inlêvo colhia, uma por uma, aquelas singelas e nobres palavras, porque os seus assisados conceitos erguiam-me, alumiaavam-me o espirito, ajustavam perfeitos ao meu pensar, traziam refrigerio e ordem á tumultuaria agitação da minha alma.

Serena e pausadamente, Branca continuou:

— Eu não digo que se não modifique e aumente alguma mobilia... ha decerto que alterar no arranjo,

ornamentação e guarnições de algumas casas. Concorde em que se adaptem ao seu novo destino, ás riso-nhas condições da nossa vida que começa... Mas tudo quer seus termos, vejam bem!

— Não vês que tudo isto está pobre, desbotado, antigo?

— Sim, sim... pois amodernisem, mas sem carregar. Aliás, eu fujo!

— E aqui está quem a acompanha! — apoiou, erguendo-se e saindo da luz, a *Tita*.

Branca erguera-se também, e, tendo avançado até a meio do aposento:

— Isso agora, em todo o caso, são coisas que competem aos homens. Dou plenos poderes ao snr. Mario... confio absolutamente no seu bom-gosto e no seu criterio. Regularão o assunto como melhor entenderem... dentro, já se vê, do meu desejo! — sublinhou. E na disposição de sair, cortejando:— Dêem-me licença...

— Espera, filha... — observou o pae.

— Já!? — exclamei eu, com tristeza.

E ela, com infinita doçura, dando-me a mão:

— Vem á noite um bocadinho, sim?...

— Sem duvida! — murmurei, beijando-lhe submisso a mão de jaspe, que ela retirou com presteza.

E, seguida da *Tita*, já a sua longa e airosa figura branca se distanceava, agora bem definida e nítida na franca luz do exterior. E eu, embevecido, alheado, mais uma vez admirei a nobreza, a correcção do seu frio perfil heraldico, a testa inteligente, os olhos pensativos, o rosto macerado e sério, duma côr de abstinencia, de finas e breves feições desenhadas vagamente na sua estrutura redonda e delicada. — Ela ia an-

dando, devagar, numa solenidade processional, numa morbida indolencia, num arraste de fadiga... e o ritmo largo do movimento, e a indecisa e languida expressão do rosto, ao mesmo tempo triste e sereno, candoroso e profundo, tinham o que quer que fôsse, que recordava o céu... e comunicava a todo o seu ser, hieratico e austero, um poderoso e comevedor encanto, semelhante ao carinhoso dardo de piedade de que nos trespassa a alma o sorriso inocente de um orfãosito. Sobre a claridade imaterial dos seus olhos, claridade que trespordante lhe emanava do interior, as longas palpebras, meio fechadas, faziam sombra; e ainda o fundo sulco lívido das olheiras lhe acrescentava character, dando ao seu doce perfil de virgem o aspecto perturbador e sagrado dessas incorporeas figuras sonhadas que, em certos delíquios ardentes do desejo, a nossa imaginativa sabe idealmente entrecortar na tinta parda das brumas da tarde, ou nos tenues vapores azulados que agasalham o céu, antes do dia... Mas era mesmo tão dominadora, tão essencial em Branca esta irradiante luminosidade interior, esta transcendente aureola que lhe manava da expressão e lhe divinিসava a figura, que eu durante muito tempo vivi na persuasão de que ela tinha os olhos claros, — quando estes eram negros como dois lagos de tréva em que brilhassem diamantes!

Era uma formosura toda feita de suavidade e de perão, mimosa, suplicante... Parecia como que pedir que a guardassem indemne a toda a paixão sensual; e todavia, se o seu amado o exigisse, deixar-se-ia talvez imolar mansamente. Receberia as cálidas imposições do amor numa impassibilidade de santa, e oferecer-se-ia em holocausto com uma ex-

tatica resignação de martir que mede bem o valor ao sacrificio.

Ela foi-se pois afastando, devagar, pendida a cabeça, os braços froixos, os longos dedos prolongando as altas prégas verticaes em que de roda do tórso esbelto caía o seu vestido branco, e bamboado o corpo nesta ingenua elegancia de quem se não conhece, levada num passo em que havia indolencia e magestade. Eu não me fartava de a olhar . . . E quando, sobre as duas, a *Tita* cerrou a porta, foi como se escurecêsse de repente . . . como se alguma nuvem houvesse sobre o sol corrido sua persiana de sombras.

O pae continuou comigo caturrando sobre coisas do casamento, bonacheirão, afavel, num grande contentamento interior, num franco desprendimento amigo. Esclarecia-me, ajuntava pormenores da sua casa, familia e bens, ensinava-me os passos a dar, acrescentava-me conselhos. E assim, interessadamente inleitados ainda na conversa, descemos a escada, — operação que a ele custou não poucas penas e trabalhos, tendo de a realizar com espaço, degrau a degrau, dum para outro atirando em pêso com as pernas hirtas, sem articulações, num sopeado gener do esforço, prêando o corrimão, sempre amparado ao meu braço.

Depois, em baixo, na solene meia-tinta e entre a severa mobilia, toda de carvalho e pau-santo, do seu escritorio, voltou a dizer-me :

— Ora bem ! meu Mario . . . escuso de lhe confirmar . . . O snr. hoje é como se fôsse meu filho !

— Ó comendador ! . . .

— A Branca vae-lhe ficar entregue . . . veja o que me faz dela !

— Hei-de tratá-la com o respeito, o amor e a veneração que merece !

— Aquilo é um melindre, bem vê... — continuou, com a voz tremula de comoção, o comendador. — Quero-lhe mais que ás meninas dos olhos ! É a unica pena que levo da vida . . . Se lhe parece ! A mãe faltou-lhe, tinha a inocentinha pouco passava dum ano . . . e eu vi-me só, com esse anjo nos braços, sem ter em casa nem mais pessoa de familia. De sorte que me votei a ela inteiramente . . . fui-lhe pae, mãe, ama, aia, criado . . . mestre p'r'o ensino, irmão p'r'os brinquedos . . . e logo que pude, aposentei-me . . . tudo p'ra cuidar unica e disveladamente desse deposito sagrado, tudo p'ra na sua justa medida apreciar e adorar a pequenina maravilha de tino, circunspecção, modestia, amor e virtude, que nela a mãe me legára ! E, assim, vêja se lhe hei-de querer ou não ! . . . Quando mais que a santa da mãe, que morreu aos 32 anos, transmitiu hereditariamente á pobre da pequena o germen da terrivel doença que a vitimou ! Ela é uma tuberculosa incipiente, dizem os medicos . . . precisa dum inalterável sossêgo, dum conforto e repouso absolutos, p'ra lograr viver. — E aqui numa exorativa animação com lagrimas na voz atropelada e quente : — O meu amigo bem sabe quanto ela é fraca ! Aque-la vida é um sopro . . . o menor acidente póde-a levar ! E então veja ! vêja como a trata . . . nada que a aflija . . . seja sempre bem amigo dela ! não a contrarie, não lhe dê desgostos . . . seja o meu continuador, vêja lá !

Eu queria assegurar ao comendador a seriedade dos meus projectos, a santidade das minhas intenções, e não acertava palavra, porque a comoção entara-

melava-me a lingua; porque pela primeira vez me punha agora mudo de hesitação e de receio a nítida visão das responsabilidades que eu ia contrair. — Não era brincadeira nenhuma... Que precisão tinha eu, assim de afogadilho?... E, vagamente, arrependia-me... sentia-me constrangido, pequeno... temia que o meu character inconsistente, o meu turbinar da vontade, a minha sensibilidade irreprimivel, viéssem a fazer cinciar a confiança inverosimil que me votava esse excelente velho, cuja ampla face limpa e rasa, sem barba, apenas com uma estreita orla grisalha contornando o queixo, cuja calva luzidia e magestosa, e cujo inseparavel lenço de setim preto, em alta rodilha marcial cingido ao pescoço, eram o traslado perfeito da sua alma affectuosa e leal, davam-lhe o aspecto tranquilizador e austero dum bom portuguez antigo.

— Oh, a minha querida filha! — exclamou ele, com ternura e decisão. — Se na cova eu tivésse noticia de que ela sofria, tinha alma de cá vir, da outra vida!

Breve, porém, serenou; e agora, sentado á secretária, já voltava a dizer:

— Tornando á parte positiva do negocio, o meu amigo ouviu ha bocado a Branca... Ela quer lá em cima uns arranjos, cuja suprema direcção lhe confiou. P'ra isso, precisa de dinheiro...

— Por amor de Deus! — atalhei, num instinctivo gesto de repulsão.

Mas ele, insistindo:

— Não é uma dadiva que eu pretendo fazer-lhe... De modo nenhum! Oh, Mario, que ideia tão triste ficaria o snr. formando de mim! Nada disso, é pre-

ciso intendermo-nos . . . O snr., para o caso, vae ser o nosso delegado de confiança, o nosso procurador . . .

— Com mil vontades !

— Ora para isso, — já se vê, — precisa duns certos fundos . . .

— Não sei p'ra quê ! Eu escolho, ajusto e os homens cá veem depois receber.

— Mas é que não é assim, tontinho ! É uma criança, não tem pratica nenhuma da vida . . . Ha uma certa ordem de coisas que convêm pagar adiantado, solver de prontó. — Verá !

— Não ! não ! peço perdão, comendador . . . mas sôb pretesto nenhum eu pôsso . . .

— Quer então que eu, — contraditou, agastado, o comendador, — velho, encatrapiado e doente como estou, ande agora em forçada peregrinação por lojas, fabricas e bazares ? . . . É um trabalho esse incompativel com os meus achaques, hoje superior ás minhas forças. E quem ha-de ir então ? . . . A Branca, muito menos . . . De sorte que só o senhor . . . Tem tempo, tem gosto . . . — Tomou um livro de *chêques*, escreveu, e com infinita delicadeza, como eu permanecia calado : — Isto é apenas p'r'as primeiras despêzas . . . Não tem nada com o enxoval . . . — Destacou o bilhete do talão, e oferecendo-mo, com insistencia : — Vamos ! É um favor que nos faz !

Era um *chêque* de quinhentos mil réis, que eu guardei maquinalmente, córando.

E, dahi por diante, esse pequenino papel fazia-me um grande pêso, incomodava-me . . . sentia-o como se fizésse parte integrante do meu ser, a sua deslumbadora noção sobrepunha-se-me a tudo o mais, durante o resto do dialogo . . . era a hipnose da minha aten-

ção, o centro do meu cuidado. — Nunca me tinha visto com tanto dinheiro junto!... Se eu o ia es- perdiçar... se m'ò roubavam! — A termos que, quando saí, vergava-me a consciencia a um indeciso receio, pesava-me na ideia o que quer que fòsse de apreensivo e vago...

25 de fevereiro.

Quando cheguei a casa, era cedo. Pouco passava das 3 horas. Ora a minha loira *Afrodite* da rua do Norte não jantava antes das 6, o meu companheiro de casa ainda não viêra das aulas, e o corpo aluía-se-me prostrado, numa quebreira, vencido das recentes co- moções, exausto das noites mal passadas... de sorte que a cama chamava-me e atraía-me, numa carinho- sa volupia, num mole prenuncio de prazer irresistivel. Assim, sem mais exame, atirei-me, mesmo vestido, para cima da minha magra enxerga, e breve amador- nei, quebrado, imovel, num belo sono reparador e tranquilo.

Tendo eu de ordinario o sono tão leve, nem senti entrar o meu companheiro; e mais ele, como bom e solido alentejano que se presava de ser, punha sempre em todos os seus actos externos uma tal tara de pêso e de ruido... Quando me levantei, fiquei pois bem admirado de o vêr, tambem comodamente estendido sobre a sua cama, de peito ao alto e as pernas em com- passo, lendo, a encher o tempo, um jornal. Reprimen- dou-me, todo sorna, entre affectuoso e ironico; cha-

mou-me estroina, vadio, *D. Juan* fim-de-seculo. Entrou, ao tempo, a serviçal com o jantar. E quando eu aqui lhe declarei que ainda desta vez não jantava com ele, então é que os apódos, as chalaças, as lastimas chovêram, então é que desfechou metralhando-me de chufas, inquirições e hipoteses sem fim a sua curiosidade facil de rapaz, aziumada, é de saber, de uma pontinha de inveja . . . Eu porêem, que tinha pressa, fui ouvindo num inalteravel sorriso complacente o aranzel, sem replicar, emquanto me lavava e arranjava; e depois, como já na Bemposta tinham batido as 5 e meia, prometi no dia seguinte confiar-lhe a chave do misterio, e, pondo o chapéu, de salto repelei p'r'a rua.

Ao chegar á porta da casita da rua do Norte, vi que saía uma mulheração obêsa e grande, ruiva, sardenta, com certa garridice serodia no trajar, na cabeça um antigo chapéu enxovalhado de mulher mercenaria, e uma pequena caixa de madeira inverniçada suspensa da mão esquerda.

Perante a muda interrogação do meu olhar, a Eternidade explicou :

— É a cabeleireira . . . a Amparo. Não conhece ?

De dentro, a rapariga atirou-se-me ao pescoço, numa grande chilreada de risos e beijos, agitada, viasse, no proposito essencial de me aturdir, toda invencioneira e alegre. — Vestia um amplo roupão de finissimo tafetá de sêda crême, que fechava numa corola de rendas, deixando o colo e os braços nus, no intervalo das prégas raro entre-mostrando algum trecho perturbador de carne, e então que á frente lá approavam, têsas e quentes sôb tão absoluta transparencia, as pontas de bistre dos dois seios. O seu rosto irregular e petulante saltava de prazer. Os olhos ti-

nbam lune. E na pequenina cabeça, impetuosa e louca, a sabia desordem do cabelo, frisado levemente, formava uma linha ornamental deliciosa, tufando farto e crespo sobre as fontes, em dois bandós romanos, para ir depois juntar-se sôb a nuca, e torcido e revolto fechar ao alto, numa grande trança redonda e fulva como um diadema.

Como notásse a insistencia desgostosa do meu olhar, apressou-se a inquirir, com a voz melada:

— Gostas?

— Não está feio, não . . . — resmoneei.

E ela, logo a seguir, rapidamente, no tom decidido e breve de quem quer saír duma situação de embaraço:

— Vou hoje ao teatro!

E numa cobardia instintiva, sem esperar a minha resposta, sem mesmo curar de vêr que efeito teria acendido em mim esta noticia inesperada, logo ela desandou para o seu quarto, a assentar-se diante do toucador, onde atabalhoadamente continuou nos seus preparos; enquanto, mesmo nas costas dela, eu, que a tinha seguido, me arrimára para cima do leito, mudo e pêrro da arrelia, com o olhar tôrvo e sombrio, e a tremer-me na consciencia um inquieto frio de incerteza.

Quando, tendo decorrido algum tempo, ela calculou se teria distanciado a borrasca, voltou-se então a mim e pondo as mãos nas costas da cadeira, e sobre elas o queixito raso de efebo, com os olhos humidos de ternura aventurou docemente:

— Que tens, amor? . . . Parece que não gostáste?

— Não tenho nada com a tua vida.

— És mau! . . .

E já de novo ela junto de mim, afogando-me o pescoço no marmore coleante dos seus braços, passeando-me pelo rosto as mãos, o cabelo, os labios, a macieza de arminho da sua face penujosa e fresca.

No entanto, eu tive ainda força para a repelir grosseiramente, e num amuo infantil :

— Bem ! bem ! basta de lérias . . .

— Infado-te ? . . .

— Guarda esses luxos p'r'o outro !

— Qual outro ! ?

— Esse com quem vaes naturalmente ao teatro . . .

— Oh, Mario ! cêdo começa . . . Com que direito me jogas uma piada assim ? . . .

— Está bem claro !

— Não tenho homem nenhum, — juro-te !

— Ora ! . . . — objectei com desdem, numa incredulidade esmagadora e formal.

E ela, com a mais calorosa e absoluta sinceridade, espalmando a mão sobre o peito :

— P'la luz dos meus olhos !

Acalmou-me, alegrou-me um pouco o tom decisivo e convicto da sua jura. Trazia um cunho de verdade irresistivel. Guardei silencio um instante, e depois, pausada e afavelmente, continuei :

— Mas que empenho, que furia, que têlha foi essa agora de ir de repente ao teatro ? . . .

— Não te pôsso dizer . . . — balbuciou ela, baixando os olhos e cerrando os labios num parentesis de misterio.

— É singular ! . . . Porque foi ? dize lá ! . . . — insisti eu, com meiguice. Ela encolhia os ombros ; e eu então, num repente, afagando-lhe as mãos e fitan-

do-a nos olhos, insinuei : — Queres que te acredite ?..
Não vás !

— Ah, isso é que tenho de ir por força !

Ante a inabalavel firmeza desta declaração, voltou a sacudir-me uma onda de colera.

— Adeus ! adeus ! — exclamei raivoso, erguendo-me e de abalada seguindo em direcção á porta da rua.

— Filho ! ouve . . . espera ! — lamuriava ella, atraz de mim.

E a Eternidade, julgando este o bom momento de intervir, saía-nos ao caminho :

— Venham jantar que são horas.

E o caso é que me levaram as duas, não sei bem como, pelo corredor adiante, té á sala de jantar, onde a sopa estava já nos pratos . . . e, sempre a fazer de contrariado, eu acomodei-me e sentei-me á mēsa, — no que realizava afinal o mais intimo e o melhor do meu desejo.

A rapariga, ao sentar-se, murmurou com aspereza, numa amorosa expressão de desafio :

— E queria-se ir embora ! . . . Ora o pastel !

Do outro lado da mesita, na minha frente, a Eternidade mirava-me com carinho :

— Olhe, o menino perdoará eu intrrometer-me na conversa . . . mas lá na minha terra costuma-se a dizer : a gente vê caras, não vê corações . . . e é uma palavra muito direitinha ! Aqui a minha senhora está, sem querer, a ralá-lo, faz-se de manto de sēda : não lhe diz o que o snr. quer saber, está mesmo quasi a tratá-lo mal . . . e comtudo sabe Deus o que lá vae por dentro ! Ih, Jesus ! aquilo morre, estala por si . . .
— confirmava ella, num gaudio enorme, agitando os

braços e na garatujada aridêz das palpebras sumindo os olhos por completo. E já voltava a aconselhar: — E então, deixe lá... dê tempo ao tempo... Não faltará a ocasião de saber... Capaz duma traição é que ela não é! digo-lho eu... Nem eu consentia! — Juntava as mãos, e tornava com o rir a sumir os olhos: — Oh, meu Deus! ralhos de namorados... são aguaceiros. Que bom que é! Quantas vêzes eu, mal'o meu Carlos... Que isso lá não dou licença a mulher nenhuma que seja mais estimada do que eu fui! — E agora já a meu lado, batendo-me no ombro: — Côma, côma, snr. Mario! O que o menino tem é fraqueza.

Emquanto a criada mudava os pratos, disse a minha amante, com decisão:

— Olha lá... e tu porque não vaes tambem?

— Eu!?

— Sim! Escusas de ficar p'r'ahi assim a resmungar! Vaes vêr por teus proprios olhos... Ficarás convencido de que a tua desconfiança e os teus zêlos não tem pés nem cabeça!

— Não pôsso!

— Eu logo vi!... — exclamou ela, num arremêso, parando de comer e ficando de raiva o cotovelo na mēsa.

E tu comprehendes que eu estava por igual desesperado... porque, demais a mais, a minha promessa ainda ha pouco feita a Branca, de ir passar a noite com ela, baldava, impossibilitava por completo a realização deste alvitre, o qual eu não podia deixar de convir ser, no fundo, muito aceitavel! E assim, numa absorvente e muda irritação, num furioso silencio de embaraço, á medida como ia comendo eu remoia men-

talmente: — Era de esperar aquilo mesmo, mais dia menos dia! Queria abarcar o céu com as mãos ambas... estar a bem com Deus e com o diabo. Não podia ser! Ou uma, ou outra... — E aqui me ribombava no cerebro e me insanguentava a vista uma congestiva furia, ao lembrar-me de que irremissivelmente havia de a minha amante ir passar uma noite festiva e alegre, longe de mim, sem mim, fóra por completo da minha atenção, livre e alheia do meu cuidado!

Ela entretanto, meiga, insinuante, procurando abrir-me brecha na vontade:

— Não vaes porque não queres! porque não te importas! Se calhar, é que já não gostas de mim... Depressa te fartáste!... Nem que fôsse agora algum grande sacrificio, ir ao teatro... Que demonio te custava?

A Eternidade tudo era sentenciosamente menear a cabeça, em grandes gestos aprobativos.

— Deixe, deixe, menina... Ele vae!

Chegou então a momento em que, num primeiro resvalo de transigencia, interroguei:

— Mas a que teatro vaes tu?

— Ao Coliseu Novo. Tenho um camarote... o 23.

— Ah, então... — observei, quasi involuntariamente.

— No camarote não tens lugar, filho, não! — acudiu ella logo, vindo de incontro ao meu pensamento. E querendo desfazer a penosa impressão que me causaram as suas palavras, como quem levava de parodia o caso, acrescentou sorrindo: — Tenho que estar eu só... Quando soubéres a razão, fártas-te de rir!

— Olé! — apoiou a alcoviteira.

Eu, porém, que não estava disposto a tratar a

riso o incidente, e que quanto mais nele considerava, mais o odio, a raiva, a indignação me cresciam, atalhei com desprezo :

— Ah, não ia p'ra lá, não ... Descança ! Só se fôsse tolo ...

A minha apetitosa amiguinha vibrou num estremeção de exaspero, logo reprimido ; e com a mais affectuosa graça, e depois dum berve suspiro impaciente, dominando-se :

— Ó meu grande chatão ! Safa ! ... Quantas vêzes queres que eu te diga que nisto não ha' mal nenhum p'ra ti ? ... Já vejo que custas muito a aturar !

— Melhor ! — resmunguei com mau modo, abalando da mēsa.

E o caso é que já me não largava a maligna tentação ... um delicioso veneno inundava-me o desejo, escalava-me a vontade ... e eu, — em luta com o meu proprio querer ! — por mais que recorrêsse a honestas sugestões, por mais empenhadamente que evocásse o meu compromisso, não tinha já a força de furtar-me a que, de espaço a espaço, sempre depois de cada nova batida o meu pensamento, voltando á carga, se embrenhásse com ardor na insalubre cogitação de vêr ... se não haveria modo de poder conciliar as coisas.

A rapariga insistia sempre :

— Então, meu pequeno, meio *carricho* ... porque não vens ? que teima é essa ? ... A primeira coisa que te peço !

— Tenho muito que estudar ... Sabes lá ! ... Fiquei de ir p'ra casa de um condiscipulo meu, esta noite.

— Ora, adeus ! estudas amanhã ... Dás-lhe uma

desculpa qualquer . . . — Eu abanava negativamente a cabeça; e ela, furiosa contra a minha obstinação: — Ou vaes p'ra outra!?

— Não! — tive eu a insigne cobardia de assegurar.

— Bem! então deixa lá o homem . . . A minha companhia sempre vale mais . . .

— Eu lá não pôsso estar ao pé de ti . . .

— Mas vaes p'ra defronte! — Batia as palmas, de contente. — Bem! bem! vae feito? . . . — E como eu permanecia irresoluto: — Sempre estás um môno! Então? . . . Manda-se aviso ao rapaz? Porque não chegas lá, num pulo?

— Não ha tempo de ir e voltar. Móra muito longe.

— Os trens não se fizéram p'ra outra coisa! — E com seu delicado geito, mãos entrelaçadas sobre o meu ombro, soprou-me ao ouvido: — Tenho ali dinheiro . . .

— Tambem tenho, obrigado . . . — disse eu, vexado da oferta.

— Ou, então, não! não! melhor . . . Faz-me isso mesmo na ida p'r'o teatro. Vaes no meu trem . . . vamos ambos. — Nada! que tu, se te pilhas agora na rua, não voltas!

Eram horas de vestir. Por isso ela passou ao quarto do toucador e, já de luzes acêsas, mudava de traje, passeava uma ultima vêz pelo rosto a boneca do pó de arroz, compunha as olheiras, avivava os cilios, punha o chapéu, as pulseiras e procurava as luvas; enquanto eu, cá fóra, sósinho e ás escuras, passeando a todo o comprimento da salêta, procazmente media a situação, e, progressivamente obstinado e quente no empenho de acompanhar ao teatro a minha amante, tudo era extraír do pensamento em febre claros

motivos de transigencia, comodas e insalubres atenuantes á infamia que me chicoteava o desejo . . . — Que diabo ! Acima de tudo, eu tinha que esclarecer bem as coisas . . . Inganado é que de modo nenhum ! — Traçava-me a retina um relampago de sangue. — E isto, só indo eu mesmo . . . não podia deixar de ser . . . só vendo por meus proprios olhos ! — Aqui, numa reflexiva interrogação, num aspero rebate de dignidade, que me fazia de repente estacar, lembrava-me a promessa que fizera a Branca . . . a descuidosa e santa confiança com que ella, naquele momento mesmo, me estaria esperando . . . o negro e imerecido desgosto que de certêza lhe iria causar a minha mentira. E esta ideia remordia-me . . . punha na cega obstinação do meu espirito um claro de bom-senso, um breve frio de hesitação e de incertêza. Mas logo a minha preocupação essencial voltava a senhorear-me, o maligno imperio da vontade tinha mais força, e eu, arrancando de novo no passeio, justificava e atenuava : — Ora adeus ! isto afinal não lhe trazia a ella dando nenhum. Ninguem lhe ia dizer . . . era mais noite, menos noite . . . Emquanto que, p'ra mim, era indispensavel !

De sorte que, quando a velha proxenêta nos veio dizer que estava o trem á porta, e, tôda acêsa e petulante num diabolico sorriso, tomando-me do braço, a rapariga me levou direito á porta da escada, eu sem objecção, sem resistencia, facil e jovial, deixei-me conduzir, como quem ia praticar a coisa mais lisa e natural do mundo.

Em baixo, ao acomodar-me ao canto do *coupé*, juntando os joelhos e conchegando com o leque a saía, a minha amante perguntou :

— Aonde vamos então?... onde mora o teu amigo?

— Em Buenos-Aires... Mas nós não lhe havemos de ir parar mesmo á porta...

— Decerto! póde perceber... Decsonfia.

— Apeio-me cá um pedaço antes, e chego lá num salto. Tu esperas no trem...

— Pois sim...

— Olhe, bata p'ra Buenos-Aires! — disse eu ao cocheiro. — Pare ao meio da rua.

— Depressa! — ainda a rapariga gritou, já eu batia sobre mim a portinhola.

E, ao estalido sêco do pingalim, a carrejola desarvorou, a trote, em violentos sacões atirando um contra o outro os nossos dois corpos ávidos de gôzo, de amor e de ventura.

Quando, tendo-me apeado a uma distancia conveniente, por forma que a minha companheira não pudesse do trem alcançar a que porta me dirigia, eu entrei em casa de Branca, devo confessar-te que me tomou de assalto um arrependimento e que a minha primeira ideia foi então ficar. E como não havia de ser assim! Imagina que os incontrei já, muito alegres e tranquilos, na sala habitual dos serões, em baixo: ela tricotando uma frioleira qualquer, a *Tita* juntando os panos duma grande colcha de *crochet*, que seria o seu presente de nupcias, e o comendador lendo os jornaes. Havia uma serenidade patriarcal no recinto, uma atmosfera familiar e carinhosa, a que a dôce temperatura ambiente acrescentava incanto, e que uma discreta e sossegada luz acentuava. Porque o grande lustre de gaz suspenso do tecto, estava apagado, e apenas, sobre a mêsá, um alto candieiro Carcel, alimen-

tado a azeite, intornava o seu frio cóno luminoso, atenuado ainda por um fino pára-luz de papel *japão*, sobre o pequeno grupo reunido em tórno. Mesmo ao lado de Branca, puxada á mêsca e esperando-me, lá estava a minha cadeira costumada; tudo ali falava, tudo pensava em mim... e até esse fino a amora-vel *Tejo* que entrára aos saltos adiante dos meus pés, agora na antevisão de como a exemplo das anteriores, ia passar-se a noite, fôra mansamente enroscar-se para o vão da janela.

Recebêram-me no coração, — calculas; e como eu permanecia de pé, contrafeito, irresoluto, com a sua voz mais afavel o comendador interpelou:

— Então não se sênta! ?

— Não, comendador... — balbuciei eu, de braços longos e as palpebras descidas, muito de industria exagerando a minha situação, toda de pena e de embaraço.

Ele abriu muito, de espanto, os olhos, poisando sobre o jornal a lunêta; enquanto a filha e a *Tita* paravam por igual as mãos, fitando-me com suspreza.

E eu estão atabalhoei, o melhor que pude, como das desculpas forjadas no momento: grande afluencia de materias a estudar de repente, para a Escola; um exame de frequencia, dali a quinze dias; e, antes, uma conferencia escrita enorme! — Tinha lições e lições por lêr... atrazára-me. Por força havia de agora recuperar o tempo perdido... — O comendador ainda me observou, na mais adoravel bôa-fê, que eu, de manhã, nada disso havia dito; ao que eu logo soube responder que só depois de ter saído de lá, e indo vêr a tabela á Escola, é que vira o exame e a conferencia marcados. — Uma e outra coisa se esperava... mas

não assim p'ra breve. Agora não havia remedio... O lente era terrivel! Custava-me infinitamente... mas decerto o cumprimento do devêr, os meus brios de estudante tinham que sobrelevar aos impulsos do coração, ainda os mais gratos, ainda os mais santos! Ia estudar com um condiscipulo, até altas horas... Que remedio! — E o caso é que eu comediava a primor a minha artillosa teia de patranhas. A frase saía-me pronta, facil, natural; a inflexão era inexcedivelmente apropriada, trazia um belo tom de sinceridade e evidencia; e todo este ignobil papel eu jogava com um sangue-frio, um desplante e um comunicativo calor que a mim mesmo me espantavam, — tão pouco eles eram do meu temperamento e dos meus habitos.

O comendador, triste mas crédulo, aquiescendo, baixava em silencio a cabeça e juntava os labios, limitando-se a bater com o aro da luneta no jornal. Branca porê m enlividescêra, as feições afilaram-se-lhe... e via-se que a sua alma sensitiva e altaneira fazia esforços sobrehumanos para domar a angustiosa contrariedade que lhe subia do intimo... E agora vê tu como eu apreendia e anotava, na mais ingrata indiferença, esta atribulada emoção, ferida no animo celestial de Branca pelo meu traiçoeiro embuste! Não me largava a ideia, a deliciosa, a tiranisante lembrança desse trem que ali me esperava, a dois passos... E assim eu, que, ainda havia pouco, na rua do Norte, todo me acobardára e movêra ante a imperiosa exoração da minha amante; eu que fôra todo condescendencia, mimo, atenções, fraqueza, quando posto em conflito com a caprichosa exigencia dessa mulher de ocasião, puro escanzêlo do alcouce ou da rua, que não devia merecer-me senão desprêzo; eu era o mesmo que

agora assistia, esquivo, duro, impassível, á mal reprimida luta interior dessa outra mulher rara e singular, cujo altissimo valor moral deveria infundir-me o maior dos respeitos, e a mais empolgante e efusiva ternura. — Que isto, no fim de contas, é trivial: menosca- bar, desconhecer a gente o que melhor valeria preo- cupar-nos, e só dar importancia áquilo que a não me- rece. É toda a historia do Homem.

Já porê m a scena se prolongava além do meu de- sejo; o que me fêz, adiantado um passo, hypocritamen- te aventurar:

— Por isso, se a minha querida Branca dêsse li- cença...

— Vá, vá... — respondeu ela logo, a tricotar outra vez, numa serenidade que era uma censura apurando o busto e cerrando os olhos.

E fêz-se na sala um silencio de gêlo. Eu ainda ar- risquei:

— Até amanhã...

Mas ninguem mais se moveu, ninguem me fitou, ninguem correspondeu á minha saudação, cujo tími- do acento se alongou e perdeu como no vacuo infinito dum deserto. Frisando pela hostilidade, aquelas três figuras, ha um instante ainda tão abertas e cordeaes, haviam-se ao influxo de Branca abroquelado num alheamento de desdem, numa passividade resignada e fria. Apenas, quando eu voltava costas, e estranhan- do o caso, o *Tejo* ergueu dentre a concha das mãos in- laçadas a sua bela cabeça de azeviche. E eu num sal- to desandei, corredor fóra, e uma grata sensação de alívio expandiu todo o meu ser, mal que me apanhei na rua.

Depois, dentro do *coupé*, uma plenitude de felicida-

de, o grande invaidecimento interior do meu fim conseguido, furtando-me á noção do tempo, fizéram com que o transcurso dali ao Coliseu me passásse num segundo. Á porta, numa embaraçosa affluencia de trens, apeámo-mos com importancia; e dos quinhentos mil réis do comendador gastei então o primeiro dinheiro numa gorgêta que dei ao cocheiro e na compra do meu bilhete.

Havia uma grande enchente, — devo dizer-te; e, quando entrámos, já uma *ecuyère* qualquer deixava a pista, onde agora as truanices dum jogral arrancavam á *geral* gargalhadas estridentes. Era espectáculo fino, pelos modos. Os moços do circo vestiam casacas verdes; ao fundo da rampa que dava saída aos artistas, enfileiravam belas mulheres decorativas, travestidas em bravas coruscancias de oiros e setins, cheias de camelias e enfarinhadas. E eu comecei a divisar, em quantidade, pomposas figuras conhecidas, o sindicato arrogante da evidencia, quasi tudo quanto, ao tempo, ahí usufruia o facil e barato monopolio do *high-life* nacional. Assistiam as Magestades. E, consequente, todo esse parasitismo suntuoso e inutil que arrasta na orbita flamante da realza, tendo-se dado senha, meteorava nos camarotes e estadeava pelas cadeiras seus grossos brilhos de joias e ingomados.

Do programa propriamente do espectáculo nada fixei, nada te pôsso dizer ao certo . . . porque tu comprehendes bem que, dado o alvoroço e a preocupação que me atormentavam o animo, todo o meu espectacu-

lo iria cifrar-se na exclusiva e obsidiante analyse do que faria a minha amante. Assim, mal que entrei no recinto, na crua incidencia de luz que vinha da cupula monumental, profusamente iluminada, eu logo curei de arranjar um lugar fronteiro ao camarote para onde ela ia, o que realizei com dificuldade; e depois, apenas instalado ahi, de binoculo sempre assestado, todo o meu cuidado, a minha atenção, toda a minha vida se resumiu em ardente e pertinazmente espionar e seguir, nas mais insignificantes modulações, nos mais minusculos detalhes, todos os movimentos, gestos e olhares de rapariga. — Pois nada vi que pudésse acender uma desconfiança, nada que fôsse base bastante a uma suspeita. Ela entrou só e só se conservou sempre no camarote. Finamente recortando no fundo vinolento e aveludado das paredes, o seu miudito busto moldado em branco, os tules e rendas do chapéu, as frisuras do cabelo côr de areia madura, formavam uma adoravel mancha, clara e fresca, da qual as sucessivas projecções e variantes eu não me fartava de apreender e admirar, extasiado e atento. E a nobreza, a distinção, o modo celso e senhoril como ela poisava! Com que graça e que aprumo ela instinctivamente afinava com as preciosas gentes que a rodeavam... Parecia que fôra embalada num grande berço heraldico, o raio da pequena!

Nos primeiros momentos, com o binoculo tambem em punho diante dos olhos, procurou-me, fazendo demoradamente o giro da plateia. Quando deu comigo, immobilizou-a o prazer, um instante... depois baixou a mão, arredando naturalmente a vista, e ahi tens tu novamente incadernada no seu grande ar nobre e tranquilo. Quebrada numa desdenhosa fadiga

numa patricia indolencia, abandonada a um como que inlanguescimento de tédio, mal seguia do olhar incerto e vago as peripecias da arena; os diferentes numeros do espectaculo, e a qualidade e genero das pessoas que povôavam a sala, interessavam-na mediocremente. A termos que eu, mistificado, chegava por vêzes a duvidar se aquella criatura meticolosa e difficil seria realmente a mesma azougada e gracil rapariga que tão de esfusiote me arregoára os nervos e dementára o desejo.

Apenas com mais alguma insistencia me pareceu que ella binoculava, uma, duas, muitas vêzes, um camarote distante e quasi fronteiro ao seu. A vêr . . . Logo na mesma direcção enveredei o meu olhar inquieto. — Vi, no lugar de honra, uma grande dama de dôce ar dominador e olhos inteligentes, o vestido opulento de farfalhices caras, iris de agudas scintilações ardendo nos dedos, nos pulsos, no colo, nas orelhas, e entre os dois bandós grisalhos do cabelo uma rosacea de diamantes. Por detraz dela, em pé, correctamente vestida de negro, desenhava-se uma bela figura de homem, — trigueiro e alto, nariz aquilino, crespo o cabelo, suissas, — grave, sério e fino como um diplomata. Quem é que os não conhecia? . . . Eram os marquezes de Aguas-Belas. — Provavelmente, alguma particularidade de *toilette*, a magnificente faiscação das joias, atraíram dali á minha amante mais de força a atenção.

Nada mais natural . . . E de abalada dei mãos ao incidente, quando nele afinal estava, como mais tarde perceberás, toda a chave do misterio.

No entanto, firme na minha obstinação, continuei invariavelmente seguindo sempre o caminho dos seus olhos. Para onde quer que eu a visse apontar

o pequenino binoculo de madreperola, logo no mesmo fito apontava álerete o meu olhar. Como se manobrásemos os dois de intelligencia, como se através daquelle espaço imenso a mesma corrente magnetica norteásse e a nossa atenção e polarisásse a nossa vontade. — Mas nada! nada por onde aquelle demonio pecásse! Por toda essa plateia mesmo, onde mais provavel eu supunha se acoitásse qualquer pequenina traição irremissivel, nada por ahi logrei vêr que sobressaltásse os meus zêlos. Muitos homens a alvejavam com avidêz. Ela não atentava em ninguem.

E ahi está como, repito, os varios episodios da diversão da noite me passaram quasi desapercibidos. Notei, sim, que havia duas ginastas rivaes, cujos correspondentes atractivos dividiam a sala em dois partidos, e acendiam renhidos duelos de entusiasmos, com grande proveito de suas respectivas glorias, e não menos provento e gaudio para a empreza. No intrevalo, aproveitando o movimento e confusão da gente que saía, eu ergui-me tambem e deixei o meu lugar, sem que a rapariga percebêsse. E aqui continuo eu a minha ronda de suspeição, fitando-a, espiando-a sempre, ávido, incansavel, já em diferentes alturas do anfiteatro, já na coxia da geral, do fundo dos corredores ou arrimado aos alizares das portas, todo na ancia dum motivo de ciume, querendo por força achar alimento ao meu desgosto. Agora é que era apanhá-la! agora que ela, não me vendo, na ignorancia do ponto onde eu me achava, poderia mais facilmente ser surpreendida, por se julgar fóra da incidencia suspicaz do meu cuidado! — E, assim, fui ainda até junto da orquestra, subi ao *premonoir*, aventurei-me porfim ao corredor da 1.^a ordem, num tremulo receio, avan-

çando com precaução, com a manha subtil do caçador, na imponderavel fixidéz do gato que vae abocanhar a prêsa. — Nada aqui tambem que me desper-tásse suspeitas. Ela recuára discretamente do seu lugar á frente do camarote, e a porta sempre cerrada.

Quando, leve de prazer, desci, topei á porta do botequim o *Securas*. — Devia conhecê-la... caía do céu! — Ao invéz de o evitar, abeirei-me. Muitas festas, grande expansão... e ele atonito. E logo a perguntar-me — se eu era pela *Géraldine*, se pela *Barenco*? — Mas eu, arrastando-o, com desembaraço e prestêza pouco vulgares em mim, á porta do circo mais proxima:

— Anda cá... Conheces aquella rapariga, de claro, ali defronte... na 1.^a ordem?

— Espera... — disse ele, munido do meu binoculo, procurando e afirmando-se: — Qual é, dizes tu?...

— Ali, no 23... — expliquei; e emquanto ele fazia o seu exame, já eu, impaciente, interrogava: — Hein?...

— Olha quem ela é!... — exclamou o incor-rigivel boémio, com ar intendedor, passando-me o binoculo, e num tom em que eu vislumbrei seu tanto de compaixão e de desprezo. — A *Troixa d'ovos*!

— Conheces-la?... — inquiri com alvoroço.

— Não conheço eu outra coisa! — Afastava-se da porta, arrastando penosamente ao longo do corredor a perna; e com certa familiaridade trocista, batendo-me no ombro: — Temos então aventura?

— Não! Deu-me na vista... — atrapahei eu, a meia voz. — Queria saber...

— Só se pagas uma bebida!

E então, dahi a um instante, emquanto seguia

maquinalmente do olhar o fio de *cognac* que eu lhe vertia no calice, o *Securas* continuou:

— Não tens mau gosto, não... E aquilo deve ser facil...

— Matriculada? ... — aventurei, numa estudada indiferença.

— Não! por ora, não, que eu saiba... Está muito longe disso! Mas em suma, p'ra lá caminha...

E como este seu pessimista horóscopo descêsse sobre os meus olhos um grande véu de tristeza:

— Que é isso!? Temos sentimentalidade de cor-del?... Sáes-te-me *Armand Duval* á ultima hora? *Palerma!* Por uma qualquer *Manon* do Bairro-Alto. é forte!

E eu, a disfarçar:

— Importa-me lá!

— Deixa... É a sua condição natural! Desta e da toda a canalha da mesma laia. Ha uma certa ordem de mulheres que não fôram feitas p'ra outra coisa... Veem ao mundo já com essa fatalidade radica-da nos nervos e inscrita no destino. E, para o efeito, a Natureza dota-as então com uma certa opulencia de perfeições exteriores. Bem combinada coisa! O officio, a obrigação do homem é simplesmente gozá-las... montar e andar... tomá-las no seu valor subalterno, retribuir-lhes o gôzo em desprezo. Tudo o que fôr mais ou menos do que isto, é improprio, é porco! Os que as exploram são infames, os que as estimam são tôlos. — E, já a contas com o segundo copo: — Não bebes?

— Já vae... — disse eu; e, estimulado e aturdido pelo picante aranzel daquele salafre com talento: — Mas que sabes tu dela, assim de mais particular? ...

— De particular, nada sei... Aquilo é uma histericasita como tantas outras que o nosso tempo está dando com fartura. Apareceu de repente ahí assim, vinda do Norte. Foi figuranta, depois corista, na Trindade, na Rua dos Condes, no Avenida, onde fêz furor! Houve então uma *Revista* qualquer, em que ela figurava a *troixa d'ovos*, e que, — eu não vi! — mas dizem que era de appetite, dentro do seu *maillot* e da sua trussa amarelo-tostada. Ficou-lhe a alcunha. A sua minuscula e délfica figura, a sua derrancada plastica de decadente grangeáram-lhe adeptos, puséram logo de impeto ao seu dispôr a bolsa de muito imbecil e o juízo, o futuro, a vida de muito pobre diabo, acendêram bastas paixões, fôram alvo de mil loucuras. De um caixeiro sei eu, que se matou por causa dela... e um guarda-livros que, alcançado, emigrou... e um jornalista que, dementado por completo, geme hoje dolorosamente em Rilhafoles as consequências do seu desvario.

— Com efeito!

— Deixa... — tornou ele, hebericando. — Está no seu papel... E, pelo que vejo, governa-se!

— Mas donde a conheces tu?...

— Sei lá! nem me lembra.

Aqui não me pude ter, que lhe não apertásse convulsamente o braço, e, com a voz garrotada de anciedade:

— Já te puzéste n'ela?

— Estás doido!

— Sério? sério?...

— Palavra! Ha muito que não sei o que isso é...

Então, depois duma pausa em que a minha vaidade, em briga acêsa com o meu retraimento, acabou

por vencer, confidenciei, com os olhos brilhantes, e achegando a minha cadeira á dele :

— Pois eu, falando com franqueza . . . eu já estive com ela !

— Sim ! ?

— Mais do que uma vêz !

— Ah, seu maganão ! E estavas-me então a comer ? . . . Vá lá ! — acrescentou ele, bonacheiramente, de copo ao ar e mirando em extase a transparencia do licôr : — Em atenção a esta rica pinguinha, relevo-te a falta de franqueza . . . perdôo-te a ruindade da acção pelo bem que esta merda me sabe !

Mas de repente poisou o calice, e com uma funda expressão de contrariedade e receio, encarando desconfiado e fixo um individuo qualquer da multidão anonima que compacta marulhava no botequim :

— Que diabo está aquele homem a olhar p'ra mim ! ? . . . É a tal coisa !

Eu segui-lhe com interesse o olhar ; e como nada visse que me parecêsse justificar a sua apreensão, interroguei :

— Mas quem ? . . . Eu não vejo nada !

— Disfarçou, o ladrão ! — murmurou com mal reprimido rancor o desgraçado. — É isto ! . . . Estou hoje reduzido a esta triste condição . . . já uma pessoa não é senhor de ir a parte nenhuma !

E, bracejando muito, vociferava em alta voz contra a sociedade, circumvagando de terror a vista, num giro atormentado e inquieto, e corria os dedos tremulos pela cerdosa hispidez da barba cuja viscosa e arripiada trama os pingos de *cognac*, vertidos da comis-

sura inerte dos labios, rociavam de abundantes e loiras camarinhas.

Eu não atinava justo com a causa do pavor, daquele inopinado sobressalto, aquela indignada homilia intempestiva; e, a não querer filiar-lhe as origens num começo de patognomonía cerebral, nalguma pavorosa e inevitável descerebração, devida ao abuso do alcool e ao excessivo esgotamento sensual da sua vida, eu não sabia verdadeiramente a que attribuir o desnorteado terror do meu amigo. No entanto, parte na caridosa ideia de lhe derivar a atenção, parte em obediencia ao proposito essencial do meu cuidado, voltei a insistir:

— Ora mas não me saberes tu nada da vida, hoje, do demonio da rapariga!

— Gostas então dela?

— Adoro-a!... Nunca vi nada assim! Eu sou um inexperiente, um parvo... começo agora a vida... mas tenho de mim p'ra mim que p'ra um artista, p'ra um homem de coração, ela deve ser uma criatura irresistível! Não achas?... Só aquella perfeição ideal, aquella delicadêza... É flexível como um junco, e fresca e ondulante como o mar... é a síntese do prazer, a mais completa e espumante objectivação da Felicidade sobre a Terra! E tão dada, tão afável, tão bôa rapariga! Depois, aquele seu todo estranho e coleante tem um não sei quê de oriental, — não é verdade?... A sua figurita miuda e galante... o cabelo, da côr do sandalo... da côr do sandalo as marmoreações sensuaes da pele... e do mesmo aroma do sandalo a fragrancia do seu corpo, a picante essencia que se evola das caçoletas de oiro que se aninham sôb os seus braços!

— Pois sim... mas toma cautela, não te obrigue ela também ao uso do sandalo *Midy*... É uma analogia esta que sinceramente te não desejo!

Uma rapariguita, com flôres, abeirou-se da nossa mesa.

— Ó sr. *Securas*, compre-me um raminho.

— Só se me déres um beijo...

— Não! que é muito feio!

E de salto desandou, com o açafatito perfumado, farandolando por entre os grupos, perdendo-se breve na distancia.

Eu, que a ficára observando, murmurei:

— É bem galante!

— Ingana... nunca ha-de ser grande coisa! — corrigiu desdenhoso o *Securas*. — Ha-de ser muito trigueira de corpo... Não viste aquele pescoço?... E muito baixa de cinta... E as articulações muito grossas... Ainda assim, se fôsse nos meus tempos, não me escapava!

Recomeçára ao tempo, no circo, o destemperado *hallali* da orquestra, e eu instintivamente ia-me a levantar. Mas o *Securas* atalhou:

— Espera um bocado... Ela não sái por ora... descança.

— Que me importa a mim! — observei de manhoso, incolhendo os ombros.

— Mau! não digas isso... deixemo-nos de baboseiras. Estás embeijado pela mulher, acabou-se! Nada mais natural... O que eu quero simplesmente, visto que atravessas uma crise patologica semelhante áquela de cuja cronicidade derivou esta miseravel ruina da minha vida, o que eu quero é dar-te uma lição, abrir-te os olhos... e, forte da minha experien-

cia e armado com a pratica da propria ignomínia, dizer-te e provar-te que isto do amor é uma léria . . . que não ha senão sensação ahi ahi onde vocês perseguem a illusoria alquimia do sentimento . . . e que a primeira, a mais pura e ideal das mulheres, com todos os seus incantos, primores e seduções, não vale nem merece o infimo sacrificio ao ultimo dos homens !

— Mas como tu agora estás contra elas !

— Mulheres ! . . . — tornou ele, dolorosamente, com a pupila acêsa de rancor e aberta a grossa bôca num *rictus* de indignação e de remorso. — Oh, os bons tempos em que eu tinha tesão para as consolar, e alma e toleima para as sofrer ! Hoje toda essa porcaria acabou . . . Safa ! . . . Ha muito que não sei o que isso é . . . A contumácia no prazer esgotou-me ; a saciedade abroquelou-me de gêlo o coração, embotou-me a vontade e inferrujou-me os nervos . . . Esta minha calma actual é a mascara duma resignação amarga e irremissivel ! Essa desvergonha e esse cinismo que tanto escandalisam o burguez, e de que parece hoje toda a gente querer tomar-me contas, são o invéz do meu martirio . . . fôram feitos de falsidade e de dôr, de decepções e desinganos . . . marcam o derradeiro estadio na minha latibular odisseia de abjecção e de cansaço ! — Aqui, fêz pausa, intornou novo calice, e pela ardente estimulação do alcool tornado mais e mais expansivo, continuou : — Ora, francamente, não vale a pena . . . Tudo uma sucia de coiros ! No amor não ha senão egoísmo. Os dois sexos são inimigos . . . odeiam-se. Crê nisto ! Vê tu nas leis, nos interesses, nos costumes . . . De sorte que, em toda essa enorme porção de ligações, legitimadas ou não, que todos os dias p'r'ahi se fazem, não é a mulher, não, que vêm ao encontro

da nossa protecção, do nosso carinho : é a femea que se agacha, faminta do nosso coito !

— Por amor de Deus ! Isso é uma heresia !

— É uma verdade ! Vaes vêr . . . Eu comecei assim pela tua idade . . . Fui comido por muita quarentona viciosa, por muita viuva exaltada, colaborei em muito adulterio, desflorei muita criança ! P'ra quê ? . . . Quanto a elas, para as vêr implacavelmente rolar todas, em sucessivos rodilhões de exaspero, no abismo sem fundo e sem remedio da prostituição e da infamia ! quanto a mim, para de resvalo em resvalo descer à horrorosa condição de hoje . . . a esta atonia irreparavel da sensibilidade e da acção, a este negro e árido scepticismo, a esta fatal plenitude de impotencia que me povôa os dias de amargura e as noites de remorso, e que, por me haver tornado inutil como um trapo, e ascoroso e vil como um bandalho, quasi que até me tira todo o direito á vida ! Porque tu bem vês . . . de tanto que eu usei, gozei e explorei a mulher, não ha hoje particularidade do seu corpo que me pôssa trazer um pouco de inédito, nem escaninho da sua alma capaz de me deslumbrar com um traço de misterio ! E, assim, enquanto vocês, doidos e ardentes, as procuram, e fazem do seu amor o centro essencial da orbita da vossa vida, eu não as pôsso aturar . . . Achas bonito, invejavel isto ? . . . O meu largo tirocinio erotico, a minha longa pratica dos bastidores, fabricas, *ateliers*, leitos de engano e prostibulos, dêram-me a pôsse absoluta e completa de todos os segredos da plastica feminina. Basta-me vê-las . . . adinvinho-as, dispo-as . . . iria fazer-te miuda e rigorosa exposição da sua euritmia, belézas, perfeições, redundancias, mazelas e defeitos . . . reconstituo logo,

flagrante e perfeita, toda a sua anatomia. Assim, por exemplo, esta tua apaixonada de agora, estou a vêr... é um arenquesito com sal, um vibrião com duas boias, um esqueleto com mamas. — Não é?

— Exacto!

— Ahi tens! — exclamou ele, num invaidecimen-
to, coçando as barbas e chupando os dedos lambusa-
dos de *cognac*. — Sou no assunto infalível! Olha, ainda
não ha muito tempo, ganhei eu a um bôlha qualquer,
meu amigo, uma aposta bem singular... afiancei-lhe
que uma dama, que ele muito admirava, havia de ter
por força um sinal na parte interna da bimba esquerda.
E mais eu conheci-a tanto como ele, só de vista e de
relance... mas pelo tipo e o arranjo das feições...
certas sardas especiaes... em suma, fiz o meu dia-
gnostico. Vae dahi... que tinha, que não tinha...
Apostámos... Pois ganhei!

— Mas como é que verificaram?

— Do modo mais concludente e cabal!

— A mulher prestou-se ao exame?

— Sem duvida!

— É incrível!... — exclamei eu, atonito. E logo,
numa incredulidade: — Estás a fazer romance?...

— Não estou... — disse com decisão o *Securas*.
E, com um estercorario riso e os olhos vidrentos de
luxuria, explicou: — Convenceu-a uma das condi-
ções da aposta...

— O que era?...

— Aquele que perdêsse, tinha de lhe dar um beijo
lesbio... na região contestada.

— Bandalhos! — exprobrei, num impeto de nau-
sêa e repulsão, cuspendo.

Ele porém, agora, segurando a luneta e arrastando

a frase num queixume, num amargurado tom contrito, continuou :

— Ora mas tu comprehendes que a sciencia levou-me todo o prazer. Como não constituem p'ra mim tema de novidade, atracção, incanto, succede que as mulheres são-me hoje todas por igual desprezíveis... Não só as olho com indiferença, evito-as com tédio... Oh, tu não calculas por que preço me ficou esta minha prespicacia de velho fauno! que excessivo esgotamento nervoso e mental, que enormes sacrificios á minha dignidade custou este meu *saber de experiencia feito*, em materia de pouca vergonha este meu dom de dupla vista!... Sem duvida que, para o alcançar, cadelei muito! gozei como ninguem... oh, mas seguramente essa galopante vertigem de prazer que me desfibrou e anulou, em anos seguidos de febre, os melhores fundamentos do meu pundonor e as radiculas essenciaes da minha vida, não soma, não vale, não atinge a pavorosa aridez moral e o miseravel derrancamento fisico da minha actual situação!

— Mas, que diabo! ninguem dirá... — observei eu, todo ouvidos á communicativa exposição daquele ente singular, que me despertava ao mesmo tempo nôjo e piedade, repulsão e interesse. — Estás sempre pronto a rir, a troçar, a dizer mal de toda a gente...

— Tudo isso é artificial! Faço-o por uns restos de decóro. — O sarcasmo é a forma de protesto do nosso orgulho. *Lusbel* deu o exemplo.

— Pois sim, mas em todo o caso gozáste...

Ele deglutiou vagarosamente, num grande regalo voluptuoso, novo calice de *cognac*, e prosseguiu :

— A principio, como estava moço e rijo, eu mantinha a preceito a dignidade e a supremacia do

sexo... procurava na mulher unica e simplesmente o prazer proprio. Despachava-me e... pronto! não queria mais saber... Mas depois, levado do meu espirito de analyse e porventura tambem dum começo de cansaço, subalternisei a minha função genesica... deu-me p'ra de preferencia procurar e estimular o prazer delas... Bestial ingenuidade! Queria que gostassem de mim, que me apeteçessem... que gozássem comigo... Todo o meu empenho era então, por meio de sabias manobras e demoras, desdobrando uma abominavel tactica de luxuria, conseguir que o meu contacto as dominnásse e erguesse té aos paroxismos extremos do prazer... E a enorme bagagem de desgostos, humilhações, vergonhas que esta doentia preocupação me trouxe!... amarguras, decepções, scenas violentas a toda a hora, ciumes, raivas... as noites sem sono, os dias sem descanço... Faz-me arripíos lembrá-lo! — Deu-me uma forte palmada no ombro, aconselhando:— Ah, meu caro amigo! quando o mesmo fenomeno entrar comtigo, desconfia de ti, meu filho... põe ponto na coisa! Essa subserviençia da nossa animalidade é uma capitulação. Parece uma generosidade, e é o nosso primeiro sinal de impotencia!

Mas aqui, de acaso encarando com um dos moços do botequim, quasi deserto, rompeu, numa supita irritação de doido:

— Bom! agora é o demonio do galego a implicar comigo!

Olhei. O pobre homem, incostado ao balcão e de guardanapo seguro no braço pendente, sonoleava. Não obstante, o meu apostemoso comensal não despegava de o fitar, com uns grandes olhos apavorados.

E num tom, ora deprimido e triste, ora agressivo e brutal, desatou lamuriando :

— Olha que é bem triste esta minha situação ! . . . Não tenho casa, ocupação, família, amigos . . . sou um ente perfeitamente inútil ! Podiam-me deixar em paz, tratar-me com indiferença . . . mas não ! Querem-me mal ! não ha hoje ninguem que me não tenha aversão . . . Perseguem-me . . . tu vês ! — e indicava o criado. — Não me bastava ser um pária . . . sou tambem um condenado ! não se contentam em me desprezar . . . odeiam-me ! E porquê, senhores ? . . . que mal lhes faço eu ? em que contrario, em que incomódo essa sociedade formalista e hipocrita, tão implacavel nas suas destituições como convencional nas suas glorias ? . . . Pois haverá por ventura ente mais desgraçado, mais careador de perdão, mais digno de dó do que eu ? . . . E comtudo, é isto ! . . . P'ra onde quer que eu me volte, nas ocasiões mais despreocupadas, ainda nos lugares votados ao prazer, mesmo nas hipoteses mais distantes duma provocação . . . como agora, aquele palerma ! . . . eu não cólho senão propositos de agressão, rancores, desconfianças, não vejo em mim cravados senão olhos de hostilidade e de ameaça ! Porquê ? . . . Só se é pelo meu passado . . . Teem razão ! . . . — E depois duma pausa em que, succumbindo á evidencia e á justiça da expiação, a cabeça lhe vergára abatida e humilde sobre o peito, voltou ele á sua ideia dominante, já com o pensamento tardo e a voz progressivamente entaramelada : — O certo é que me dão caça como a um animal daninho ! Cada dia sinto mais e mais espesso e estreito em tórno a mim o colête de forças da perseguição e do odio ! Por isso eu já não entro em cafés . . . raro concôrro a teatros

e passeios... quasi não vou a parte nenhuma... Ainda hei-de desaparecer de vêz! Porque, demais a mais, não vejo por toda a parte senão motivos de desgosto... Oh, por essas noites sem fim, a colossal, a interminavel ronda de desgraçadas que eu reconheço, atiradas por mim ao abismo, e que na algida sombra hostile das ruas vagueiam... mendigas, crianças vadias... meretrizes... grilhetas do lupanar, o rebotalho, a escoria, o mau fermento da cidade... umas em avinhados torcicolos ás portas das tabernas, outras desafiando os homens com frases canalhas e gestos suplicantes, outras lamuriosamente arrastando deformidades e aleijões que fôram a fatal supuração do vicio, dum monte de trapos outras alongando algum braço descarnado e hirto, com anjinhos tiritantes no regaço... e todas fantasmaticas e horriveis como espectros, inevitaveis evocações de pesadelo, atormentadas larvas de fome e de miseria, que a mim devem a iniciação no rosario patibular do seu destino!... Não pôsso! não pôsso! não estou p'ra mais!... Nem já hoje eu devia ter vindo aqui... Vou-me mas é sumir de vêz! — Erguendo-se e cambaleando, com os olhos fitos novamente no criado: — Diabos te levem!

Fui pagar ao balcão; não se dêsse o caso de a aproximação do criado exacerbar a insistente mania do meu amigo. E o caso é que a sua comovente e abjecta ladainha repercutia na minha alma com uma violencia interior de terremoto, fez-me por instantes esquecer a causa da minha estada ali, quasi me desinteressou do fim que ao circo naquela noite me levára.

Á porta do botequim, ele ainda perorou, dando-me a mão:

— Põe os olhos em mim, rapaz... toma cuida-

do ! Vae lá ter co'a a mulher, visto que gostas dela ... mas, vê bem ! toma conta ... sabe parar a tempo. — Olha que a gente começa a brincar e depois já não tem forças p'ra se desinvencilhar da infamia ! A alucinação do deboche, com a continuação, agrava-se ... Todo este insaciavel furor animal, base do abandalhamento do nosso ser, e cujo germen dentro em nós dormita, uma vêz excitado e desperto não sossêga, não descansa, nunca se farta ! a carne afeiçoa-se-lhe, os nervos acostumam-se ... quanto mais alimento lhe damos, mais o monstro reclama ... é uma brutalidade, um delirio ! ... Foi como eu, que mal saía dum bosteiro, ia logo atascar-me noutro ! E o resultado aqui o tens ... Toma cautela !

27 de fevereiro.

Compreendes que, depois dessa noite do Coliseu, o imperio da rapariga sobre mim ficou definitivo, e a sua tirania impetuosa e fundente não fêz senão rapidamente afirmar-se e crescer, sobre os meus nervos e portanto sobre a minha vontade.

Bem vês, — até ao instante de me relacionar com ela, eu não conhecia, não sentia a Mulher senão através o prisma sereno e ideal da minha noiva. Desse ente delicado e complexo que a Natureza fadou para a legitima applicação do nosso amor e como sendo a unica fonte garantida de ventura, eu não via senão o lado puro, adoravel, interessante e nobre ; conhecia

só qualidades que, na minha alma ajoelhada e tímida, acendiam uma suavíssima emoção, mixto de respeito, de prece e de ternura. Mas vinha agora a minha amante, esta criatura caprichosa e irregular, arrebatada e violenta, abominavel tessitura de infamia e de veneno... e num relance arrebatou-me nas suas rôscas de volupia! despertou-me a animalidade, aqueceu-me, estonteou-me... embebedou-me de prazer, trouxe á fresca impetuosidade da minha carne deliciosas revelações inéditas. — Como não havia de eu ficar prêso!

Eu não conhecêra té'li, do vicio, senão o aspecto fugaz, mercenario; do namoro só usava e sabia a feição sentimental, inofensiva e ridicula: porém este amor diabolico tomára-me de assalto o coração, convertêra o frio da minh'alma num rodilhão de fogo. Dahi o seu extraordinario poder, o seu incanto irresistivel... Eu a Branca votava um sentimento cheio de doçura e veneração, limpo, sossegado, que não tinha os transportes nem as exigencias da paixão, antes equilibrado e manso derivava, como um fio liquido de cristal pela relva; agora, porém, as tumultuarias revelações dos ultimos dias haviam jorrado sobre mim em catadupas, traziam a valentia e o fragor duma torrente num despenhadeiro, aturdiam-me com o seu rugido de tempestade... Certo que haviam de vencer.

Vaes-me exprobrar, — bem sei, que empreguei muito mal o meu tempo, que um homem digno saberia reagir, e que eu nunca deveria ter consentido um jugo tão deprimente ao meu coração, nem tão degradante applicação ao meu affecto. Ah, mas que queres tu?... Sou acaso o primeiro? conheces alguém com direi-

to de me atirar a primeira pedra ? . . . Tu bem sabes que, para nós, homens, o que faz as mulheres não é tanto a sua propria condição, como a nossa sensibilidade, a nossa imaginação, a nossa fantasia. Vêm ahi uma insignificante, uma degenerada qualquer, e, porque nos agrada, imaginâmo-la um sacco de perfeições . . . e vae depois queremos por força que a pobre nos retribua em honestidade, isenção, amor . . . em delicadeza e sentimento, os miríficos attributos por nós antesonhados, e de que ella afinal, coitada ! não é capaz, que não comprehende, não alcança. — Dahi o erro. O aviltamento senhoreia-nos, o despenhadeiro é certo !

Eu podia, bem sei, ter-me defendido a tempo . . . ter olhos, ter coragem para avaliar no seu exacto valor e regeitá-la ao cêvo sensual dos rufiões da sua laia. Era dum homem de juizo, isto . . . a vida ser-me-ia melhor . . . não haveria esbarrado neste travanco ignobil a trajetoria assoalhada e direita do meu destino . . . Sim, porque eu bem sei que a unica base da felicidade humana consiste na supremacia da Vontade sobre o Desejo. — Mas se eu nunca tivesse vontade ! Temperamento inadequado ás durezas da vida corrente, eu nunca soube querer, dominou-me sempre uma grande cobardia de acção, o horror á iniciativa, a comoda irresponsabilidade dum fatalismo inconsciente. E assim que querias tu que eu fizesse ? . . .

Vaes vêr que, pelo contrario, com uma imprevidencia e uma toleima lastimaveis realmente, eu achava que as coisas corriam muito bem, não me preocupava absolutamente nada o futuro, e já nessa noite, de volta do teatro com a rapariga, ceei e dormi como

um homem. — Por sinal que na mais prazenteira das disposições, por motivo deste divertido episodio.

Estavamos ainda á mēsa e eu, com a conversa do *Securas* pesando-me na ideia, não me pude ter que não insinuasse:

— Então, já sei que és histerica . . .

E ela, sem perceber, com a mais adoravel naturalidade:

— Deixa falar . . . sou mas é Alda ! Estivéram de parodia comtigo.

Fiquei incantado com a revelação. Não imaginas que saborido e inopinado prazer me trouxe este seu pitoresco traço de ignorancia. E foi como eu soube o seu nome. Limitei-me por isso a rir, a rir com alma. Porém ela, sacudindo-me o braço com mimo, acrescentou :

— Tambem, só um banazola como tu é que se acomodaria tanto tempo sem saber o meu nome ! Precisavas agora de ir sabê-lo dos outros ? não tinhas bôca ? . . . — E como sentisse, na cosinha, ao lado, um ruido de vassoura raspando nos tijolos, voltou-se e exclamou, num supersticioso terror, muito contrariada : — Ó mulher, por amor de Deus ! não varra á noite !

— É mau ? . . . — interroguei, a fazer de simples, com um bem rubricado interesse.

— Pois então não é !

— Bem ! bem ! descance, menina, desculpe . . . já não varro mais, — obtemperou dôcemente a Eternidade, apontando á porta da cosinha, mãos cruzadas sôb o avental, toda untuosa e humilde. — Nem tudo lembra . . .

A rapariga porém, no mesmo instante aplacada,

e a malucar ainda no meu misterioso epiteto, dizia familiarmente á criada :

— Então, não ouviu o que este sr. me chamou . . . Que disparate !

— Ouvi, ouvi, menina . . . bem sei . . . — respondeu a velha, com pausa, piscando os olhos e soerguendo os lábios num sorrisinho sabio. — Histerica não é nome de pessoa . . . É assim a modos um geito, um quindim que a gente temos !

Muito interessada, a minha amante apoiava o cotovelo á mēsa, abrindo uns grandes olhos ignorantes. A Eternidade continuou :

— Tambem diziam isso de mim . . . Os homens dão-lhe grande apreço ! Tanto que . . . mal parece eu dizê-lo . . . mas, devido a essa circumstancia e á minha extraordinaria formosura, o caso é que não me largavam ! Muito perseguida, muito adorada fui ! . . . Céus ! que martirio.

— Então foi muito formosa ? — perguntei eu, em talas p'ra me não rir, senhoreando-me.

— Ah, pois então não foi ! . . . está-se mesmo a vêr ! — sublinhou, num gaiato desdem, a rapariga.

— E não o diga a brincar ! Oh, se os espelhos falassem . . . — acrescentou a alcouvêta com calor, apertando na mão tremula o frontal, enquanto na apagada flacidêz das iris lhe faiscava um brilho de vaidade. — Que doidices, que scenas ! . . . Mas eu sempre nas minhas tamanquinhas, glorio-me de o dizer . . . aqui e em toda a parte ! — Aproximava-se de nós, e com grande intono e convicção, a mão agora jogada á frente do rosto, erguida e aberta : — Olhem que o meu Carlos . . . assim Deus me ajude em como falo verdade . . . o meu Carlos nunca me deixava sair se-

não de véu . . . E é que tinha a pachôra de me comprar os mais cerrados e espessos que podia descortinar por essas lojas ! Pudéra ! Não que, a minha alvura, a minha bôca, os meus dentes, o brilho dos meus olhos eram coisa de pasmar . . . Só visto. Ninguém lhes resistia ! . . . Pois assim mesmo, apesar de todos esses resguardos, de cada vêz que eu saía, não imaginam . . . era um alarme, um espanto . . . tudo a parar, a olhar . . . tudo embasbacado e atrás de mim por essas ruas !

— Eram assim, hein ? . . . — comentava Alda, toda trocista, adiantando também a mão e juntando os dedos.

— Palavra de honra ! . . . Só as penas que aquele santo passava p'r'amor de mim ! Se eu lhe fôsse a contar . . . Os ciumes que aquilo tinha ! Olhe, duma vêz . . . lembra-me como se fôsse hoje . . . a gente mudámo-nos . . . e vae a casa p'ra onde fômos estava porquis-sima, era um monte de imundície e desmazêlo. Pois ele teve alma da a andar a limpar e a cair, ele sósi-nho, dias e dias . . . esfalfou-se . . . tudo só p'ra não meter gente estranha que me fôsse a cubiçar !

— Dessas me não gabo eu ! — observou Alda.

— Ora, mas tem a sua rica mocidade, que vale por tudo quanto ha !

— E este maroto, meu e só meu e muito meu ! não é verdade ? . . . — exclamava a azougada criança, apertando-me com furia na sua pequenina mão o queixo, e logo num arreganho sensual atirando-se contra mim e comendo-me de beijos.

E assim fôram diante de mim galopando os dias, folgadamente, rápidos, felizes, sem um esbarro de contrariedade, sem uma paragem de tédio. De dia tinha, de ordinario, a Escola ; ao fim da tarde, com o

pretexto dos estudos, safava-me, logo sobre o jantar, da rua do Norte e ia até Buenos-Aires; aqui, consumia fina e regaladamente a primeira parte da noite, porque me sabia entre gente lealmente dedicada e amiga, e junto de Branca, tranquila e contente, planisava mil projectos fantasistas á nossa sonhada existencia ideal, iriadas antecipações da ventura que vinha proxima; depois, tomado o chá, e aqui agora com motivo de ter aulas cedo, ahi de abalada seguia eu outra vêz para a rua do Norte, onde era já outro homem, e o resto da noite se me desbaratava, convulsivada, ardente, na obsidiante angustia dum prazer sem freio e sem medida.

E vivia magnificamente bem assim, baldo á tristeza, alheio a cuidados, embalado ao concerto efemero de duas funções manifestamente incompativeis, entre estes dois pólos diametraes do amor deixando atoadamente rodopiar a vida. E nem sequer fazia reparo no que havia de afrontoso e indigno n'esta duplicidade formal do meu affecto. Não me espantava do meu descaro, nem por um momento me dava rebate a consciencia semelhante dobrêz escandalosa e consciente, esta dupla traição a frio. Era como se se me houvesse scindido em duas antinomicas afeições a alma; como se, alheio e hostil a si mesmo, o coração alimentasse a monstruosidade de duas correntes de amor mutuamente inconciliaveis, perenemente inimigas! Um cinismo natural e espontaneo, uma diatese de depravação que agora me faz pavor, permitiam que eu trouxesse Branca e Alda ambas por igual embaladas no mais ledo e perfeito ingano. Como nenhuma das duas desconfiava da outra e as coisas seguiam sem atrito, eu por mim deixava correr... O meu rosto calmo e sor-

ridente, a minha inalteravel e candida serenidade, reбуçavam a primor a perversa duplicação da minha infamia. E a facilidade, o bom humor, o irreprimivel gaudio intimo com que eu era assim ! Muito vil sou ! . . . Porque, para mais, comodamente filosofava : — Quando casásse, então poria ordem na vida . . . regularia as minhas acções como um cronometro . . . então renunciaria a ligações comprometedoras, por completo varreria do meu uso tudo quanto pudesse enodoar-me a dignidade, morder-me a reputação ou entravar-me o futuro. Mas, por ora . . . era tão bom, tão celestial, tão dôce aquele meu entretenimento ! de que eu não tinha culpa . . . que eu não procurára deliberadamente, antes o acaso me trouxéra, como se fôra uma peça essencial na engrenagem do meu destino ! Não fazia mal a ninguem . . . Eu ainda era absoluto senhor meu . . . Vamos andando !

A minha escapadela para o Coliseu não trouxe consequencias, ficou absolutamente ignorada. No dia seguinte, apressei-me a ir ter com Branca e tive a fortuna de verificar que não deixára rasto o seu desgosto. Não o aziumára o menor fermento de desconfiança ; antes mal fôra além da momentanea contrariedade de ela ter de passar sem mim umas breves horas de noite, com que antecipadamente o seu coração havia contado . . . Tambem, eu fui habil bastante que logo nesse mesmo dia lhe arranjei um forte derivativo, muito de molde a cativar-lhe jucundamente a atenção. Na rua da Rosa, quasi ao cimo, numa obscura loja de entalhador, eu descortinára, quando ia jantar, e oferecidas á venda, algumas belas peças de mobilia, estylo *Luis XVI*, num estado relativamente aceitavel e carecendo apenas de algum restauro. Sofá,

oito cadeiras, duas das quaes com braços, um centro de sala e um tremó com espelho. Era uma mobilia linda . . . galante, sóbria, simples . . . das mais puras linhas, do mais rigoroso character, do desenho mais gracioso e delicado. Evocava os minuetes, a cabeleira e o calção, as complicadas medidas e balancins da etiqueta. Era aristocratica e era modesta ; tinha a fina e polida marca desse extraordinario seculo da Revolução e da Enciclopedia. Escaiolada a branco-marfim e forrada de setim côr de perola, vi logo que seria uma delicia de adorno para o *boudoir* da minha noiva. Assim, ainda na noite desse mesmo dia, corri a informar Branca do achado. — Tinha-a deixado apreçada. Se ella concordasse . . .

O Comendador achou ratice. — Não merecia a pena . . . E, sendo elle do tempo antigo, declarou que embirrava com esta mania de agora só querer coisas velhas ! — A filha porém ficou encantada com a minha descripção, apoiou calorosamente. Donde, eu comprei a mobilia ; e depois, tirando todo o partido possible do acontecimento, sempre arranjava maneira de, cada dia, alimentar á minha noiva o pensamento e acender-lhe a imaginação, falando inalteravelmente da minha descoberta preciosa : hoje, eram os marceneiros que já estavam com ella de volta ; amanhã, porque tinha encomendado no Alcobia a sêda, a qual tinha que vir de fóra ; depois, certos ornatos do tremó que faltavam, e estavam sendo modelados em gêsso ; depois, num marmore a proposito para a mesinha do centro ; e o vidro para o espelho, que já estava pedido. Ao mesmo tempo, ia obtendo tambem autorisação para transformar, de harmonia com o meu plano decorativo, a peça da casa destinada a essa função de

boudoir principesco, unico em Lisbôa. Era a salêta de entrada, logo fronteira á escada, no andar nobre, contigua á grande camara de Branca. — Deixássem-me á vontade... Carta branca... Queria amorosamente desdobrar ali sciencia e bom-gosto, tanto a minha tecnia de engenheiro como o meu instinto artistico. Haviam de vêr !

E com estas e quejandas alicantinas eu ia astutamente achando meio de entreter o meu compromisso e preencher as horas, no pouco tempo que não tinha remedio senão forrar ao amor de Alda, esse imperativo, delicioso e feroz sentimento que então formava a preocupação essencial do meu cuidado e o mais esteniante e completo prazer da minha vida. Ali na rua do Norte, nesse gineceu banal figurando para mim a supernal ventura, ahi era onde mais frequente a minha assistencia se fazia ; ahi é que de preferencia eu vôava a consumir a impetuosidade febril de meus verdes anos, inflamado e prêso na divina radiação desse ente malefico e singular, tiranico símbolo da tentação, magnifica, inconcebivel criatura toda feita de graça e de misterio . . . Porque a qualidade do meu sentir, a minha doida obsecação por ela não era só uma paixão vulgar, meio animal, meio afectiva, um destes brutaes e empolgadores sentimentos que ao mesmo tempo nos aguçam e governam o instinto, e discricionariamente dispõem do nosso querer ; era tambem um engodo todo intelectual, uma fascinadora vertigem na aresta desse dulceroso, infinito abismo de perversão e de volupia . . . era a fogaosa predilecção dum artista perante esse ser complicado e estranho, esse tortuoso problema vivo, essa estabanada e viciosa esfinge que eu laboriosa e pausadamente ia logrando decifrar,

tendo de para isso fazer holocausto de quanto em mim havia de ancestralmente puro e nobre... feliz de lhe sacrificar, no penetrante afan da minha ideia, a total abdição da minha alma!

E tinha bem que esmiuçar, que perceber essa infernal rapariga desabusada e ignorante, na apparencia tão banal, á primeira vista tão simples! — Fraca, franzina, de seu natural retraída e árida, chegava a parecer pouco sensual, quando exactamente no paroxismico, no perpetuo furor por essa função bastarda é que se resumia a preocupação dominante das suas horas e se fechava a danada causal do seu destino. Mas tinha curiosas reservas nos seus gózos, que não dava a perceber... Punha sempre no exercicio do amor um não sei quê de desdenhoso, resignado e altivo, que lhe vinha como que da sua remota consciencia de anjo caído. Nos mais febris inroscamentos do prazer, das mais cruas estadeações do seu descaro rompiam de improviso, como depuradoras chamas subindo duma fogueira, melindres, pudores, recatos. Ora Messalina, ora Lucrecia. No meio de todo o seu bandalhismo sabia ser casta, havia dignidade no fundo do seu aviltamento.

Assim, por exemplo, viste como, logo da primeira noite que passou comigo, ela com o mais raso desprante se desataviou e despiu, diante dos meus olhos parvos de admiração e em labaredas de desejo. Fê-lo com uma prestêza e um despego, á força de naturaes, aceitaveis. — Mas quisésse eu vêr um pouco em detalhe, fixar, admirar bem a linha extravagante do seu corpo irresistivel... pedisse-lhe eu que se quedásse um momento diante de mim, posta a distancia, nua e firme, para eu, num extase absorvente, numa panteis-

ta adoração, lhe estudar a turbadora e aspera perfeição das formas . . . a cabecita de ave, os ombros apolineos, o ventre esteril, o angulo sóbrio da anca, a perna enxuta e redonda, a desnorteadora monstruosidade dos seios rompendo, aparados, têsos e luzentes, sem harmonia, sem ligação, sem logica, do seu tórso aganadito e debil . . . e não havia meio de o conseguir! Por mais ardidamente que eu rogásse e insistisse, chegando a inflamar-me numa obstinação que me acendia as meninges em turbações congestivas, tudo em vão . . . Ela tinha escrupulos, intransigentemente esquivava-se, córava, escôava-se-me dos braços . . . acabava por fugir. Não suportava a fixidez gulosa e insistente do meu olhar, ao passo que a minha mesma atenção, distribuida em globo pela sua carne invenenada e perversa, não lhe dava o menor cuidado.

Tambem calculas que, dada a sua provavel origem, educação, instintos, a misera e passiva condição da sua vida, a linguagem de Alda não seria aprimorada. Comprazia-se em plebeismos, usava um calão rasteiro e soêz, não isento por vêzes de pitoresco, e a que certas predilecções obscenas traziam um travo de canalhismo especial. E tudo isto era corrente, lícito, natural . . . posto na bôca dela. A mim não mo consentia. Porque se eu, afinando pelo mesmo diapação, de acaso arriscava algum termo chulo, havias de vêr como logo a expressão se lhe fazia séria, e num vinco de desgosto os olhos desciam a fitar o sobrado, e com um calor maternal a sua voz de mel me repremendava, carinhosamente. — Queria, em tudo e por tudo, vêr-me, sentir-me superior a ela . . . era-lhe indispensavel, queria-me nimbado desse fulgido *halo*

de respeito e adoração com que religiosamente afestôam o amor as mulheres da sua laia.

Mas, acima de tudo, o que me dava a canceiras de investigações sem termo era a fugaz, a gaiata, a infixavel expressão dos seus belos olhos de porcelena, olhos doidos, vivos, foliões, ardendo num brilho travêso e inconsistente, absolutamente impenetráveis... De ordinario chispando estabarêdas de prazer, limpos e claros como a agua no outono, tinham no entanto a espaços, em breves intercadencias de melancolia, como que a compreensão e davam o reflexo interior do destino da pobre criatura! — destino vil e doloroso, todo feito de trapezape e de imprevisto, de adversidade e fortuna, de contradições e de incertezas... que ora a alteava até ás sumas glorificações, ora a arrastava palas infimas alfurjas... destino servil e abominavel, que implacavelmente a grilhetava ao pôtro do prazer alheio! que, amarfanhando-lhe a alma, a degradava para a bruta e irremediavel condição das coisas.

Pois esses belos olhos de esmalte e de fogo eram o meu desespero e o meu incanto... não acabava de os soletrar! Ódio, calculo, amor, dedicação, ternura, qualquer ideia essencial e persistente, um destes pernaes e fortes sentimentos que explicam uma existencia e dirigem uma vontade, nada disso eu lia neles... não me diziam nada! Inquietos e zoratos, turbinavam sem cessar ao comodo vento do acaso, faiscavam da chama pueril da fantasia. Por detraz dessa translucida pupila azul, como através dum cristal cianurado, a fragmenteira alma da minha amante entrincheirava-se e escapava-se-me... fazia negaças. — Que sorte de sentir era o dela por mim? curiosidade,

apetite, amor, carinho ? . . . e as relações dela com o mundo ? . . . queria a mais alguém ? teria alguma ambição, algum parentesis de vergonha ou luto na sua vida ? responsabilidades, ligações, família ? . . . Eu não sabia nada ! — Com o seu geito brincão e o seu rir travêso, ela sabia manter-me a primor na ignorancia do que lhe convinha. O azul metalico dos seus olhos, frio e claro como o do céu, tambem era como este a antecamara dum abismo. Por conveniencia ou por manha, o certo é que este seu sistema cada dia mais e mais a ela me jungia, porque não podia haver saciedade, fastío, ahi onde faltava o conhecimento completo . . . antes a minha crescente e escabelada obstinação não fazia senão progressivamente assimilar-me os seus vicios, enredar-me na sua queda e embrenhar-me na sua vida.

Havia ocasiões em que, vibrando na furia do sabio que vae de impeto finalmente aprender a solução do mortificante problema, eu a arpôava com as mãos e subjugava-a, querendo aproximar do dela o meu rosto, junto, bem junto . . . na persuasão de que, mergulhando assim perto o meu olhar no dela, conseguiria sondar o fundo ao seu coração e do ímo d'alma arrancar-lhe o seu segredo. Mas sempre que eu assim violentamente a mim a chamava, a primeira porção do seu corpo que me tocava . . . eram as pontas magneticas dos seios. — Vinham logo e soldavam-se-me avidas ao peito, como tentaculos . . . e eu desnor-teava ! Depois, nos atritos e sacões da luta, aquela macieza rija e redonda corria-me os flancos, ressaltava-me elastica sobre a epiderme, raspava-me nos nervos em sobresalto . . . dahi, fatalmente, a minha animalidade espartinava . . . diluía-se-me a força, os muscu-

los quebravam... batida do sópro sensual, logo se me distraía a atenção e passava a aquecer-me outro desejo. E ela então, aproveitando a eventualidade feliz da derivante, casquinando provocações, torcida em fulvos coleamentos, escapulia-se... deixava-me mais uma vêz escravo da vesanica tentação da sua carne, insaciado e tremulo... e de longe, com os punhos fechados, fazia-me surriada, emquanto nos olhos garços lhe faiscava um brilho de maldade, uma chama fosforente de fera ou de demonio.

No entanto, grado em grado, aqui, ali aos farra-
pos colhida nos seus languidos abandonos de prazer,
eu pude ao cabo de algum tempo reconstituir a tortuo-
sa e acidentada historia da sua vida. — É toda uma
síntese, vaes vêr! é a comovente integração do des-
tino de desamparo e miseria de tantos milhares de
desgraçadas... é mais um documento vivo dessa bas-
tarda função social que a nossa superioridade e o nos-
so egoismo implacavelmente á mulher talharam. —
Nascêra em Lobrigos, nesse ridentissimo e exuberan-
te vale do Douro, magestoso e brincado, inolvidavel,
unico, rico a um tempo das mais possantes calenturas
tropicaes e mimoso dos mais frescos regalos da hu-
midade e da sombra. A mãe era de Lisbôa, filha de
uma taberneira e de um adelo, nada e criada no bêco
dos Lagares, e que assim, estiolada e precoce, oriun-
da de gentes sem entranhas nem moral, tivêra tris-
tamente confinada entra as ruas da Palma e do Ca-
pelão a corrompida aprendizagem da sua mocidade,
o viciado desabrochar da sua infancia. Aos quinze
anos, de dia acompanhava o pae no giro, de
noite vendia flôres pelos teatros. Foi quando um
vistoso e arrogante advogado beirão, que logo após

a formatura embicára á capital, no trivialpro posito de seguir aqui a carreira gloriosa e facil que a paspalhice nacional aos bachareis permite, a conheceu, a requestou e seduziu; e como fósse nomeado administrador do concelho da Regua, no mesmo comboio enfardelou as piugas e despachou a amante. Os paes desta rejubilaram. A breve trecho reconhecia porêm o novel impostor que déra um passo errado, pois nem a sentimentalidade se compadece com a ambição, nem a fascinativa adoração duma mulher formosa constitue o meio mais proprio de fazer carreira. Nem ele, animo fraguento e irrequieto, alma ousada e árida de charlatão, era capaz das delicadêzas, mimos e atenções que requer uma melindrosa filha da cidade; nem esta, afeita como vinha ao licencioso tumulto da capital, poderia de agrado submeter-se á pacatêz rudimentar duma aldeia tão sem nome e sem ruído.

Tinha ali, sim, os primores e incantos duma paisagem singular: veigas perenes, um grande luxo de vegetação, toda a gama dos verdes, matas, vinhas, jardins, pomares, edenicas frutas, arvores seculares, grossas aguas correntes... convidativa a sombra, a atmosfera um perfume... e casitas brancas poisando ao acaso, aninhadas pela encosta, como pombas, e nos altos montes, escalonados té ao vertice, como tronos, os risonhos pampanos, debruçados festoando ao Criador seu *hossana* de gloria. Mas nada disto lhe importava... era por completo refractaria a emoção bucolica a sua pequenina alma pervertida e doente. Preferia o peixe frito das hortas suburbanas e a saburrosa zurrapa do *Altinho*, ás loiras vitelas e leitões, ao topazino e diafano licôr criado por aquelas redon-

dezas; e a saudade evocava-lhe sempre com ternura essa toada pelintra dos realejos, sumida na alta sombra dos arruamentos, de cada vêz que do pacato silencio da aldeia ao seu nostalgico ouvido subia a rusticidade febril dos *fandangos*, a ingenua *chula* das vindimas, a melopeia das ségadas, o carpir das lavadeiras.

— Lá em Lisbôa, que bom! folgaçava ligeira e traquinas pelos teatros . . . havia luz, gente, ruido . . . beijocavam-na, beliscavam-na, faziam-lhe mimos, pagavam-lhe coisas . . . a cada passo surpreendia frases, gestos canalhas que a sua viciosa tendencia fixava já com delicia. Ia a noite um instante! Mas aqui, não . . . aqui as horas arrastavam-se tristes, monotonas, interminaveis, o negro silencio da noite apenas cortado pelo gemer do vento nos pinheiraes, o coaxante ocarinar dos sapos, ou a zerichia dolente dos carros pelos caminhos.

Para mais, o administrador assentára vivenda, não propriamente em Lobrigos, mas numa grande casa senhorial, vinculo de antigos morgados, arredada da aldeia um bom tiro de espingarda. Era propriedade dum irmão do abade. Ficava proxima á igreja matriz e respectivo paçal, num alto, e com o seu pateo gradeado, o seu velho brazão heraldico e a sua longa frente alpendurada tinha um character que impunha, uma nobre feição condizente com o prestigio official da autoridade. O que não impedia que se aborrecêsse ali de morte, despaizada e contrafeita, a florista gentil da Mouraria. Ao seu raptor, as fragoeirinhas qualidades naturaes do genio — caçadas, montarias, pescas, — e os cuidados da administração e da politica, mantinham-no arredado de casa dias inteiros, quando não recolhia ainda a hora demasiado avançada por essa

noite adiante. A termos que a amasia arreliaava e queixava-se daquele insuportavel viver de sensaboria e solidão « que a fazia uma bruta . . . e que a ela, filha duma terra civilisada, ameaçava reduzir á pura condição de selvagem. » Dahi resingas, brigas, lamurias, ralhos ; e suposto elle lhe não faltasse com coisa nenhuma destas que constituem o conforto material da vida, o certo é que a rapariga por caso algum se conformava com aquelle monotono cenobitismo, aquelle isolamento austero, tão em flagrante opposição com os seus principios educativos e os antecedentes patucos e foliões da sua vida. — Dava-se por isso a repetidas crises de exaspero, que, sem elle melhorar a sorte, a extenuavam, ou procurava em doentios exageros remedio e alento ao desgosto formal que a consumia. Quantas vêzes não pensou ella em fugir ! Ora se inclausurava no seu quarto dias e dias, quasi sem comer, porta e janelas fechadas ; ora se vingava em sair e andar ás inculcas pelos campos, sósinha e á tóa, em cabelo, como uma alma penada, ardendo no louco empenho de fazer algum conhecimento novo, de topar com um incidente qualquer, inesperado, brusco, que elle prendesse a attenção e elle apagasse a tristeza.

Sucedia-lhe então defrontar-se a miude com o abade, criatura untuosa e espirital, cuja evangelica missão fazia com que não pudesse dar margem a suspeitas a sua convivencia com elle. E lá passavam os dois, horas e horas esquecidas, num confiado isolamento, num mutuo abandono amigo, sós no denso recato dos arvoredos ou mano e mano divagando na orla sinuosa dos caminhos, — ella numa voluptuosa preguiça desfiando as incomportaveis tristuras do seu viver: elle a seu geito amavelmente filosofando sobre a la-

titude, a compreensão e o alcance que para a mulher deviam ter a fidelidade e a virtude... A termos que, não muitos meses passados, esta exaltada e constantemente frequentação, de que só o bacharel não sabia, transcendeu o platonico limite de um méro convívio espiritual para avolumar em redondezas denunciadoras de fecundantes lições praticas do rascão do padre, sobre o seu modo de interpretar o nono mandamento.

O feliz administrador rejubilou com o crescimento abdominal da rapariga, julgando ser obra sua. Mas a caridade solícita dos vizinhos abriu-lhe os olhos. Indagou, verificou... Esteve a pique de fazer um escandalo. Tendo porém dormido algumas noites sobre o caso, chegou resignadamente á conclusão de que era mais do que trivial, e chegava mesmo a constituir preceito, esta simbolica invasão de Minotauro pelos dominios das ligações do genero da sua. — Quantas não tinha ele feito parecidas! — E que a sua estada ali era, em todo o sentido, provisoria... apenas um degrau na sua carreira, um indifferente ponto de estação na curva da sua vida... E que então, quando abalasse, perder-se-ia breve na distancia a sublinha deprimente do episodio, o esquecimento lavaria a afronta e desembaráça-lo-ia do tropeço... — Continuou a ignorar...

No ultimo periodo da gravidez da mulher, era ele feito deputado. Pois foi logo muito em segredo fazendo os seus aprestos de jornada. Depois, nas proximidades da abertura da camara, ei-lo de róta a Lisbôa, sem se despedir da amasia, que já não via ha três dias; e na estação da Regua, instalado no *wagon* e o comboio pronto a partir, enviou-lhe então por um rustico uma carta maquiavelica e sombria, na qual, de entre

a chorosa litania das penas e saudades, rompiam navalhadas de censura ; e onde se epilogava que, vendo-se ele obrigado a partir, a ir ocupar o lindo posto de honra que a vocação e o devêr lhe impunham, para que a sua querida *mimi* não ficásse ali assim ao desamparo, resolvêra deixá-la entregue aos carinhos e protecção do sr. abade, — a ela e ao inocentinho que lhe pulava já nas entranhas. — Ela havia de estimar... E concordaria mesmo em que ele a pessoa nenhuma os podia confiar melhor.

A pobre da criatura, que estava de cama e acabava de ser mãe, com o abalo da noticia teve uma febre puerperal, a que succumbiu. O abade foi consciencioso, que tomou clandestinamente conta da criança. Entretanto, aqui na côrte, o traído bacharel, que era bilioso, e portanto todo de reservas, não descansou emquanto não obteve para o tonsurado *D. Juan* um castigo. Neste empenho padeceu fadigas, jogou toda a sua influencia, comprometeu o voto. Com bom exito, afinal. Que, quando menos o esperava, era o lascarino do abade sumariamente transferido para uma inospita parochia raiana, lá nesses montêzes precipicios da serra do Suajo. Nem por isso Lobrigos se revoltou ; antes a bombastica noticia, cuja justiceira origem era por demais transparente, deu motivo a bastos comentarios de regosijo e de troça. Por forma que, enfiado e corrido, emmalou a vitima á pressa a batina, confiou ao irmão a filha e partiu, á socapa e de noite, embrulhadas em trapo as patas do cavallo.

Ora esse pobre anjinho, assim de repelão atirado ao mundo, gafo originalmente de duas faltas ; sem protecção, sem lar, amparo, ligações, familia ; pequenino ente bastardo, cuja espuria condição era um ver-

gonhoso labeu a pô-lo em conflito com todas as conveniências, a cerrar-lhe todas as portas; inevitavelmente portanto destinado a rolar por todos os baldões do acaso e a chafurdar no ordume apostemal do vício, — era esta enigmatica e turbadora Alda, o ente malefico e singular cuja influencia tão dominadora vive e palpita nestas minhas notas, e que durante um certo tempo, — verdadeiro parentesis de vergonha! — tão discricionariamente dispôz do meu coração, e dum modo tão abjecto e fatal pesou no meu destino.

Seu tio e tutor, homem de alma pequena e grandes preconceitos, claro que não quis a criança nem um momento em casa, e deu-a logo a criar á primeira mulhersinha que lhe foi solicitar o encargo. De sorte que a pequena foi madrada por ali assim perfeitamente á vontade e á tuna, descalça, rôta, ignorante, á chuva e ao sol, numa suja promiscuidade com os porcos e as galinhas, levando uma folgada vida de rua com os garotos do seu tamanho, assimilando de instinto os usos, manhas, credices e superstições do povo, afeiçoada e robusta ao grande sôpro emancipador da Natureza. Com isso ganhou fisicamente: adquiriu um desempenho agil de movimentos, uma graça infinita no andar, o meneio delicado e languido dos choupos e dos salgueiros, e nos olhos fixou essa ardente faiscação da ardosia, um brilho de perene lascívia inconsciente, junto a uma inocencia matinal de flôr. Assim como a pele, alva e luzente, aqueceu da ensoada côr do linho e a voz lhe aprendeu o murmúrio acariciador das aguas, a esperta malicia do melro, velaturas que eram como favos, risadas como gorjeios... e tinha um pisar de arveloa, apressadito e

leve, e o reflexo do oiro tostado dos cachos bailando na desordenada e fulva abundancia dos seus cabelos.

Lá de onde a onde, o tio queria vê-la. Mandava-a chamar, e visivelmente estimulado dos agrados e incantos da pequena, acarinhava-a muito, sentava-a nos joelhos e palpava-a toda, beijocando-a . . . depois, já num peganho sensual, despedia-a e dava-lhe dinheiro; e enquanto a rapariga garrulando corria o longo salão, aos saltos, ele ficava-se demorado a olhá-la, arrastando-lhe na piugada o olhar concupiscente. Fazia ela 12 anos quando o velho libertino, a pretexto de lhe mandar dar educação, a chamou de todo a si. Na aldeia foi um falatorio . . . ninguem tomou á boa parte a serodia resolução do fidalgo. Porque este tio de Alda, agora ao tempo já velhusco e derreado, fôra sempre um cadeleiro incorrigivel, o maior caçador de donzelas da redondeza. Tinha dado que fazer ás ro-das todas da provincia. Apontavam-no as mães ás fi-lhas com terror; era o lume e a esperança dos orgas-mos sensuaes das solteironas. Pelo tempo das mon-das, das ceifas, das vindimas, e mórmente quando era desse mês sossegado e lubrico da apanha da azei-tona, sempre sabia o marau dispôr de certeiras artes e manhas com que atraír longe e enviscar nas dôces prisões do amor as raparigas. Era facil o amor, ali onde o vinho é espumante. A coisa rendia . . . e passava. Não sem os seus contratempos e riscos, — é de saber. O brutal ciume aldeão fêz-lhe varias montarias. Por efeito duma chumbada, que ainda o apanhou de flan-co, ficou desde então a arrastar duma perna. Mas o vicio sempre com ele. Relapso e astuto, não havia obstaculoque lhe travásse a vontade, não havia es-crupulo que lhe enfreásse o desejo. De sorte que,

agora, aquela subita ideia de ir coabitar, ele sósinho e uma criada velha e tarouca, com essa inexperta criança, apenas nubil, — e que estava um apetite! — era mais do que suspeita. — Apesar de parenta, ia ter a sorte das outras . . . veriam. Assoprada e posta á margem . . . Uma consciencia!

Alda foi contrariada para casa do tio, que se instalára agora com ela na mesma grande casa senhorial onde a pequena nascêra. Conhecia os antecedentes dissolutos do velho, a lenda de terror e abominação que o seu passado torpe lhe fazia. A mulher que a criou, as amigas, os vizinhos avisaram-na. Mas nem ela engraçava absolutamente nada com esse velho egoista e frascario, que a força das circunstancias lhe aconselhava agora a suportar, comendo á mesma mesa, dormindo debaixo do mesmo teto. Instintivamente aborrecia o homem altaneiro e mesquinho, essa alma estiada, esse coração de pedra, que no tempo em que a pobre orfãcita mais necessitára do seu amparo, a tinha quasi por completo abandonado. Pôs-se portanto na mais cautelosa defensiva . . . Para mais, na sua pequenina alma predestinada entravam já de bacilar, com uma violencia de impulso irreprimivel, caprichos, fascinações, tendencias que traziam raiz das mais profundas anastomoses da sua alma e haviam de ser o auriga despotico e fatal do seu destino. — Não lhe bastava o acanhado ambito da aldeia . . . vagamente aspirava ao que quer que fôsse de mais ruidoso, vitalisante e largo . . . o barulho, a multidão, esturdias, loucuras, festas, palacios com luzes, homens com brilhantes, mulheres decotadas . . . a opulencia, o imprevisto, a paixão, algum desses deslumbrantes turbilhões de aventura e prazer que ela sa-

bia muito bem existirem, rio abaixo, por esse mundo fóra . . . cuja fumegante visão lhe caldeava insistente a fantasia, e cuja noção perfeita e real a sua insaciável febre de inédito e o destrambelhado feitio dos seus nervos começavam a apeteecer com furia. — Ainda falou, uma ou outra vêz, ao tio em irem ao Porto. Obtinha invariavelmente uma recusa formal . . . Assim, mal colheu a certeza das infames tenções do velho sobre ela, não hesitou um instante. Aproveitando-lhe a ausencia, uma tarde, entrou-lhe furtivamente no quarto, apreendeu duma gavêta o dinheiro pouco mais do que necessario para a viagem, e algumas horas depois, alta noite, surrateira e descalça, desarvorou . . . Cá fóra, transposto o portal, vendo-se ali sósinha na solidão negra da noite, acobardou-se . . . mas foi um momento ! Breve calçava os sapatos, e com um saquinho de roupa á cabeça metia resoluta pés ao caminho. Dentro de alguns minutos estava em baixo, na estação, comprava bilhete, alcançava o comboio . . . a ponto que, quando de manhã déram pela sua falta, já ela, no Porto, batia á porta de uma casa, em Malmerendas, que a ama lhe tinha inculcado. Daqui arrumaram-na como serviçal duma familia pacata e simples, á rua do Almada. Homem estabelecido, grisalho, gôrdo ; a mulher, obêsa e sem dentes ; e uma irmã desta, que parecia um manequim de cabeleireiro, com a sua alta magreza espectral e a sua eterna marrafa postiça.

Gostaram da rapariga, que era bonita, desenxovalhada, alegre. Como ela tinha ainda pouco corpo, logo acordaram em poupá-la e certos serviços mais grosseiros. Uma especie de paquêta : compras fóra, tratar dos quartos, varrer, ensaboados, voltas. E brin-

davam-na muito. E dentro em pouco toda a rua a conhecia, e este endiabrado e gentil pivête era o debi- que, o incanto e o amor da vizinhança. Finava-se de zêlos com o caso a cosinheira, que naturalmente co- meçou então intrigando junto dos patrões a rapari- ga: que ela era desmazelada, ladra, lambareira, e fa- zia troça nas costas da senhora, e mostrava demasiado os dentes ao padeiro. Taes aleivosas acusações origi- navam ralhos, brigas e suspeitas, que, por demais lhes conhecer a redonda injustiça, de raiva e desespo- ro aziunavam o atribuído viver da rapariga. E en- tão que a companheira desses mesmos louvaveis sen- timentos sabia extrair base e pretexto a novos motivos de arrelia. — Se ela chorava, é porque era sonsa... Se não queria comer, tinha mau génio... Se não fazia caso, era uma consciencia estanhada! — Uma completa vida de inferno, um tormento causticante que a estimulava a reagir, a outorgar-se ela mesma sem demoras ou escrúpulos a sua propria alforria.

Ao mesmo tempo, defronte da casa onde ela ser- via morava um mediocre actor do *Baquet*, bem apes- soado de figura, verdadeiro homem de enche-mão, espadaudo e esbelto, cabeleira, seu feitio berrante no trajar e grandes olhos assassinos. Toda a pequena se inlevava em o vêr, através da vidraça, vagamente passar e repassar, quando estudava os *papeis*, majes- toso e solene, numa epilepsia ornamental de movi- mentos, todo em amplos gestos teatraes, em largas pernadas tragicas, a mão ora poisando nos copos dum fino espadim ideal, ora inflamada e febril erguendo a floresta colossal da cabeleira.

E breve o espertalhão se apercebeu da sua fasci- nativa impressão naquêle animo facil de criança. Con-

sequente, logo tratou de pôr cerco a esse virgem coração de cêra. Dardejava-lhe olhares suplicativos e fulminantes, rubricava a murros eloquentes sobre o tórax o protesto da sua paixão por ela, tinha exasperados esgares de suicida, ajoelhava... espreitava-lhe as saídas, seguia-a, fazia-lhe esperas. Dahi, encontravam-se longe, havia meigos toques de mãos, falavam, derriçavam... e como ele se incarnára já os artificios cativadores da profissão, e nos seus propósitos de sedução maquiavelicamente desdobrava toda a abundosa e persuasiva mímica e todo esse scenografico exagero no dizer que pela sua muita lição do palco assimilára, acontecia assim que mais de força e impeto cativou a sensibilidade excessiva e pronta da rapariga. Ela escutava-o em extase, muda, parecida, imóvel... o paraíso na alma, a vida toda nos olhos... amava-o e temia-o como áquele grande e lugubre Senhor dos Passos da igreja de Lobrigos, que tantos pezadelos lhe fizêra! Votava-lhe um absoluto e desnorteador sentimento, mixto de respeito e amor, de adoração e de ternura. E era assim que, tempos esquecidos, ela ouvia, ouvia... depois deixava-o, tonta de prazer, arquejante, afogueada... em casa desculpava-se que a tinham demorado, por isso dêra em correr... e simploriamente os patrões ralhavam-lhe, — por se estafar em vir tão depressa.

Na noite do seu beneficio, quis aquele ignorado continuador de *Talma* que a namorada fôsse ao teatro. Deu-lhe dois lugares da superior; e, obtidâ licença dos patrões, ela ahi foi mal'a moça da cosinha. — Que noite, que noite aquela! inolvidavel, sensacional... dulcerosa e terrivel! Representava-se um destes dramas de tabela, ingenuos e moralões, á Mendes Leal

ou Ohnet, puro traslado da hipocrisia social, classicos na forma banal de conduzir o enredo ; em que o galan, vitima de qualquer amor infeliz, se arrasta por toda a peça simpaticamente gemendo o seu fadario ; e em volta ao trêdo e feroz tirano gira a responsabilidade de toda a intriga e se condensa o odioso crescente das situações ; vingando por fim no ultimo acto o triunfo definitivo e formal da moralidade e da virtude. Ora o galan era naturalmente o beneficiado, esse *Adonis* apurado a cáio e vermelhão, que lhe morava defronte. Por forma que a seroadada fêz o mais violento e decisivo estrago na desprevenida alma da pequena. De puro isenta e virgem como ela estava de emoções daquela especie, naturalmente Alda viveu e sentiu a sério todas as bonitas e espectaculosas ficções da noite : considerou sinceras e solidas demonstrações de apreço os aplausos obrigados do programa, quando o homemsinho apareceu ; depois agitou-se, chorou, aplaudiu . . . e na propria pessoa do namorado acabou por incarnar as maravilhas sentimentaes do personagem quo o granjolão figurava. — Ficou perdida . . .

De regresso a casa, estonteada e louca, tudo eram depois na cama saltos e voltas . . . de modo nenhum estava bem . . . o coração ora lhe parava de gêlo, ora desatava aos pulos, e o sangue a bater-lhe espesso nas fontes, agora arrepios de morte, logo as mãos a escaldar . . . e os olhos teimando sempre muito abertos, sem lograr adormecer ! Por fim, já muito pela madrugada dentro, lá recumbiu numa como que madorna, aflitiva e pesada. Mas isto para logo bruscamente, sacudida dum subito pavor, acordar e erguer-se, aos grandes gritos suplicantes, descalça, nua,

vibrante num paroxismo de aflição, alvoroçando e assustando no seu desordenado correr a casa toda. — Figurára-se-lhe vêr o idolatrado e temido galan, vivo, perfeito, abrir a porta do quarto e resolutu avançar té á beira da sua cama, formoso e ameaçador, traigoeiro, irresistivel! — Quando tal ouviu, o dono da casa, tranquilizado, sorriu e quis persuadi-la da inania evidente do disparate. Andaram com ela a casa toda... viram debaixo das camas, dentro dos grandes moveis, na chaminé, na carvoeira, mostraram-lhe como estava bem fechada a porta da rua. Tudo de balde! Ela insistia sempre, com a fala a tremer e os olhos como pucaros, que sim! que o tinha visto muito bem... como se não lembrava de lhe haver nunca acontecido. — Porque ele é verdade que, desde muito moça, lhe tinha sucedido algumas vêzes já aquella passagem, de acordar assim de repente, aos gritos, com medo sem saber de quê... Mas agora, não!... vira o homem perfeitamente, ali assim! de mãos estendidas, pronto a agarrá-la, imperioso e curvo sobre o seu leito... — E não houve meio de a sossegar, convencê-la do contrario. A termos que foi passar o resto da noite com a cosinheira.

Em breves dias, fugia com ele.

Como se entregára de vontade, e o amante lhe alugou e mobilou, ahi para as Fontainhas, uma casita confortavel e alegre, com vista sobre o rio, seguesse que a solta e predestinada criança não se arrependeu, nem a principio sofreu os efeitos desse fundo e irremediavel despenhar que a sua nova situação representava... Limpos e rapidos fôram estes primeiros mêses de regalada e comoda mancebia. Porém mansa e gradualmente, na montante segurança duma quoti-

diana evidencia, o frio do desengano veio aguar-lhe o prazer e a amourose da desilusão entibiou-lhe a ventura. Viviam juntos os dois; e então, tratado e visto na intimidade, apurava-se que o seu banal sedutor não tinha nenhuma das nobres qualidades que na generosidade do seu entusiasmo infantil ela ingenuamente lhe futurára. Era grosseiro, sêco, egoista, um tudo nada beberrão, tão plebeu nos instintos como ordinario nos sentimentos. Não tinha uma frase amavel, uma lembrança affectuosa, nunca lhe fazia um carinho. Como o seu ordenado de actor era pequeno e não dispunha de outros recursos, havia frequentes faltas de dinheiro; e ele então era desabrido, atormentava-a... e já dominado por este desapêgo que é consequencia fatal da saciedade, lançava-lhe em rosto a dependencia vergonhosa da sua situação, encarecia a constancia e bondade propria em a manter, aguentando sem nenhuma obrigação com aquele encargo. Na nutrida frequencia dos seus appetites sensuaes, brutalisava-a; na cega excitação de mal cabidos ciumes, chegava a bater-lhe. No entanto, com a sua resignada docilidade de criança, Alda ia-se sujeitando. Desafogava com as bonecas e não pensava em mudar. — Sem aquele seu primeiro arrímo a vida parecia-lhe impossivel, tudo lhe fazia confusão... metia-lhe horror a ideia de ter de se ligar a outro homem!

Assim passaram dois anos; quando, uma noite, — era já no verão, — estando ela, como de costume, deitada, sôu a hora habitual de terminar o espectáculo sem que o amante apparecesse. — Que diabo teria havido? ... Pôs-se maquinalmente á escuta, ainda sem grande inquietação, tosquenejando, meio acor-

dada, imóvel e nulo o corpo na quebreira do sono interrompido. Mas meia hora passou... uma, duas... e nada! O homem sem aparecer, a escada sempre em silencio. — Ter-lhe-ia acontecido algum mal?... Iria p'ra outra!?... — Aqui o coração deu-lhe um baque no peito, espertou a valer, saltou fóra da cama. Oprimida e aflita, abriu a janela... Fóra não havia ninguém! Defronte, junto ao muro, as *australias* projectavam grandes panos de sombra, emquanto, em baixo, o luar se espelhava em besantes de prata na agua mansa do rio. Absoluta a solidão, completo o silencio... Então Alda, sacudida num repelão de instinto, estremeceu, adivinhou-se tambem irremissivelmente só, perdida, abandonada... e num agudo aperto de alma rojou-se de bôrcó sobre a cama a chorar convulsivamente. Como num exaspero febril das mãos arredásse o travesseiro, sentiu debaixo deste um papel. Era uma carta, cuidadosamente fechada. Ahi estava a coisa!... Tinha letras no sobrescrito, era sem duvida p'ra ela. — Não saber lêr... que raiava!... E agora que havia de fazer?... esperar p'ra quando fôsse dia? havia de ficar ali assim, com aquele misterio horrivel toda a noite a alancear-lhe o coração e a mortificar-lhe a ideia?... Podia lá!... Mas quem é que lh'a havia de lêr? aonde havia de ela ir, áquella hora?... E se a prendiam?... Embora! — Não teve mão em si que se não vestisse sumariamente, á pressa, pôs a mantilha, traçou um chale e num momento estava na rua.

No caminho para S. Lazaro encontrou um policia, a quem logo com instancia pediu lhe lêsse aquella carta. — Era com efeito do amante. Bem laconica... Abria por pedir mil perdões... logo a alegação

da falta de coragem para lhe dizer cruamente de bôca aquelas coisas . . . e que como os ganhos estavam maus e a vida cada vêz mais cara, resolvêra partir para a Madeira e Açores com uma companhia ambulante, a vêr se nessas terras faziam alguma coisa. Decerto se demoraria por lá um ano, ou mais ; não tinha a certeza de lhe poder mandar dinheiro . . . por isso intendêra ser melhor deixá-la livre, e ela que se governásse por cá como pudésse.

Não podia haver nada de mais imerecido, mais imprevisto, mais brutal. A rapariga teve um deliquio e foi em braços para casa. Depois, — tu imaginas, — levou os primeiros dias perfeitamente parva, imbecilizada, sem falar a ninguem, sem sair, sem se queixar, sem atinar com um rumo a seguir, sem vêr solução ao futuro, tolhida nesta dolorosa e esmagadora inacção que nos traz o anuncio brusco das transições capitaes da vida. — Ela esta tratantada já mais dia menos dia a devia esperar . . . era dos livros ! E se fôsse ter com ele ás ilhas ? . . . não p'ra depender dele, mas só p'r'o arrelhar ? . . . Não ! seria rebaixar-se de mais a semelhante sevandija ! Pelo contrario, havia de fazer finca mas era em lhe mostrar que não precisava dele p'ra nada ! Nem dele, nem de nenhum ! — Recusava-se a comer . . . pensou em deitar-se ao rio. Quando de acaso assomava á janela e logo, atraídos da sua graça cativante, os homens davam da rua mostras de a querer requestar, ela enfurecia-se, atirava de impeto com a vidraça, e maldizendo a sua sorte chorava e arrevelava-se . . . porque nesta luta desigual com as agruras da vida a pobre criança ia sentindo todas as suas energias salutaes sucessivamente capitularem, e via de instinto cada vêz mais proxima e inevitavel

essa infamante condição a que inexoravelmente a votára o seu destino.

Ainda mandou ao tio uma carta affectuosa e tocante, dirigida toda ao coração, pedindo um auxilio ou a inapreciavel esmola de a receber na sua companhia. O tio respondeu-lhe com uma grossa obscenidade. — Que havia então de fazer? . . . Trabalhar de costura? . . . Mas se ela era uma bruta . . . não sabia nada! Ir servir outra vêz? . . . Repugnava-lhe. — Foi deixando andar. . . Emquanto teve que empenhar, que vender, disse viveu. E por ultimo, quando este mesmo extremo recurso falhou, como tinha boa voz e era bonita, lembrou-se então de entrar para o teatro.

Naquella quadra avançada do ano não havia muito por onde escolher. Apenas funcionava então, explorando uma peça aparatosa e pornografica, com aperitiva exhibição de nudezas femininas, e muito razoavel tempero de ditos picantes e situações canalhas, um imundo e acanhado barracão, pomposamente denominado *Teatro Châlet*, ahi ás bandas da Feira do Carvão. Resoluta, pronta a tudo, Alda foi lá uma noite. O contra-regra, — que era um devasso valdevinos, já passante dos quarenta, antigo histrião de teatros de feira, agora grosso, obêso, com uma grande hernia inguinal e as pernas porejando varizes dolorosas, — recebeu-a e pôs-lhe logo a condição essencial da admissão na casa: ser *experimentada* por ele. A pequena reagiu; mas informando-se, soube que o empregariô, homem fraco e indolente, não queria saber daquilo. Esse velho satiro, com o seu feitio despejado e energico, era ali o *fac-totum*, o mandão, o braço direito da empreza. Marcava os ensaios, organisava os especta-

culos, olhava ao guarda-roupa, ao scenario, quasi que escolhia as peças. E então na admissão, organização e disciplina do pessoal, mormente o feminino, ele era onipotente. — Em todas punha o sêlo! — De sorte que não havia remedio... E aturdida e maquinalmente, num arrepio de asco e repulsão, na completa anulação de toda a sua sensibilidade, de todo o seu querer, a rapariga submeteu-se...

Pois logo o derrancado fauno ficou escravo da sua carne rija e florescente. Que diabolica, soberba estimulação aquela, assim de repente oferecida á sua sensualidade exausta, aos seus nervos insensíveis! Propôs-lhe mancebia; Alda aceitou. Ele acumulava as suas funções de gerente supremo do *Châlet* com as de dono de um talho. De noite era contra-regra, de dia era carniceiro. Conservou a casa á rapariga, e dava-lhe por dia seis vintens e um bife. Era casado, não podia de habito pernoitar com ela. Acompanhava-a no entanto todas as noites a casa, no fim de cada espectáculo; e todas as noites tambem, invariavelmente, a sua despedida era epilogada por esta frase categorica:

— Toma conta! Se me fazes corno, já sabes... affo-te o cutelo no pesçoço!

Assim sôb a alçaprema desta ameaça sangrenta e formal, acobardada e indiferente, foi-se a pobre da criança sujeitando... Levava uma vida dissaborida e triste, automatica, animal, sem pensamento, sem norte, sem desejo, amortecida a vontade num como distanceamento crepuscular, numa interina e comoda sonolencia esquecidos os instintos. Aquela sua força de convivencia com um velho libertino, repugnante e disforme, aberrativo exemplar da sua raça, gros-

seiro e tosco avejão, insaciavel monstro de luxuria, gastou-lhe toda a delicadêza, requemou-lhe o coração, desfêz todas as suas esteticas predilecções pelo sexo forte, cortou raso e varreu toda a casta de sentimentos bons, affectuosos, nobres da aridêz patibular da sua alma.

Valia-lhe o perfume de lisonja e o breve rociamento de galanteio e prazer que ao seu camarim traziam alguns informadores de jornaes e *estoiradinhos* baratos, a quem era concedida a honra difficil de vêr o interior áquele tabernaculo de lona. Ora com estes vinha tambem, tendo a vantagem do mais evidente destaque sobre todos eles, um galante e bem enformado rapaz, de labios humidos e negros olhos velutinosos, branco, firme, bem posto, opulento de recursos oratorios na expressão, instinctivamente pondo no gesto, na dição, no modo a impetuosa elegancia e a arrogante decisão dos sanguineos. Duplamente conhecido já: como poeta e como conquistador. Com o mesmo solto e facil desempenho compunha madrigaes e invadia os talamos. *Apolo* descambando em *Lovelace*. Tão apreciado nos salões, como querido nos prostibulos. Alda morria por ele... porque com infinita arte sabia o lascarino tributar-lhe as mais ceremoniosas deferencias e ao mesmo tempo tomar oportunas e sugestivas familiaridades. Tão depressa a aturdia disparando-lhe impetuosamente, na confusa aravía literaria do tempo, uma torrente de formulas de respeito e adoração para ela absolutamente ininteligiveis, como lhe escrevia madrigaes brejeiros nas tabuas sujas do camarim, ou dava-lhe lascivos beliscões nas coxas.

O caso foi que Alda um dia lá se resolveu a arriscar com ele um passeio a Leça. Na mais completa igno-

rancia por parte do amante, — entende-se. E passeio foi este que, a folhas tantas, inebriada, entontecida, num dôce arrebatamento irreprimivel, a pequena esquecia nos braços do feliz gaiatão as formaes obrigações que o temor do cutelo e a ração do bife lhe impunham . . . Tambem, valeu a pena o risco ! Ficou tal dia indelevelmente assinalado na sua vida . . . porque foi quando pela primeira vêz ela compreendeu e sentiu os soberanos extases sensuaes do amor. — Que estonteamento, que delicia ! que embriagante formigueiro de prazer . . . que arrebatadora e fundente absorpção das funções de todos os sentidos ! Foi como que um desdobramento divino e calido do seu ser . . . como se o seu novo amante de ocasião a houvesse transportado, num segundo que resume toda a existencia, a um abrazado mundo de deliciosas coisas ignoradas . . . De sorte que, sobre a tarde, depois, ela regressou ao Porto descuidosa, esquecida, alegre, toda vibrante ainda a carne do alvoroço, e languidos os nervos boiando num insopamento de ventura.

Á noite porêm, em casa, já o melhor da impressão passára, e a pobre finava-se de receios, apreensões . . . tinha um grande medo instintivo á primeira entrada do marchante . . . tudo era malucar na asneira que fizera. Deitou-se mas conservou cautelosamente a luz acêsa, porque a todo o instante se lhe figurava vêr entrar o amante, de facalhão em punho, iracundo e implacavel, decidido e pronto a vingar o ultrage cortando-lhe dum golpe a vida ! — E ela sósinha, ali assim . . . Sentia já o frio do aço nas guelas . . . queria gritar e não podia ! — Nisto, batem-lhe á porta . . . Era decerto o seu algôz ! estava perdida ! . . . Sumiu-se toda debaixo da roupa, encomendou-se á Virgem . . .

e morta de susto esperou. Tornam a bater . . . Tarouca de terror, arrastando as pernas tremulas, ela ahi vae á janela, abre . . . e com a voz estertorada consegue perguntar — quem é? . . . Salva por aquella vêz! Era um bêbedo qualquer, que não atinava com a casa. — Leve, tranqüila, voltou então para a cama, porê m ainda sem lograr adormecer. Abalou-a profundamente este episodio . . . na sua aparente forma casual achava-lhe o que quer que fôsse de misterio! Pareceu-lhe um aviso providencial, como que a sorte a querer por meio dele evitar amoravelmente um crime . . . Assim, antes que o amigo viesse a saber, melhor valeria pôr-se em seguro . . . E já! . . . P'a mais, ia quasi num ano que vivia com ele . . . estava refarta! — Saltou do leito, vestiu-se sumariamente, á pressa, arrecadou algum dinheiro e oiro que tinha, e fugiu . . . passando o resto da noite acocorada na sombra algida dum portal, anulada de incerteza e de pavor, o queixo nos joelhos, acobardada, imovel.

Mal apontava o dia e já vagamente a rua ia tomando, como que num espreguiçamento, este relêvo frio e indeciso do crepusculo matutino, quando ahi deu com ela uma mulhersita que passava, idosa, lívida, de mantelête de pano e mantilha preta, sua malinha de compras e muitos aneis nos dedos. Era uma proxenêta legal, que, como de habito, ia a Campanhã vêr se acaso os comboios despejariam . . . alguma carne colectavel. Deu-lhe reparo aquella criança, perdida, sósinha, áquela hora, ali . . . E tão fina de feições! linda . . . que grande achado! — Ergueu-a dôcemente a si, inquiriu-a, mimou-a, fêz-lhe

tantes Alda entrava pensionista duma casa de tolerancia. — Aos 15 anos... vê tu!

Estamos entrados num capitulo, felizmente breve, da sua vida, sobre o relato de cujas particularidades eu incontrei sempre por parte de Alda uma forte e aflitiva relutancia. Tinha sincero pejo e embaraço em aclarar esse degredo de oprobrio e de miseria. Considerava-o um negro pesadelo, um pasentesis de abominação estranho ao decurso normal da vida. E ás minhas instantes interpelações opunha sempre — que não! não lhe evocásse a lembrança da sua maior desgraça, não a obrigásse a avivar vergonhas que o seu primeiro empenho era totalmente esquecer!

Custaram-lhe as primeiras noites. Uma odisseia infernal de lagrimas, repulsões, desgostos... o tormento sem fim dum martirio a frio, muda e resignadamente padecido através os palavrões da dona da casa e a maligna troça das companheiras. Fugia então a pensar, a reflectir no despenhamento infinito que aquelle seu passo representava... na irremissivel inutilisação para a honestidade, a consideração e a fortuna, a que ela impensadamente condenára a sua vida! Alijou por completo a dignidade, abroquelou duramente o coração, fêz-se interesseira. Na exclusiva e ardente careação do lucro deu em aplicar e consumir toda a sua actividade. — Já que lhe tinha a fama, tirásse-lhe o proveito... — Era sua preocupação dominante ganhar dinheiro, muito dinheiro! no intuito de vêr se assim lograria libertar-se breve daquela infamia. E neste seu essencial empenho não ia só um

instintivo anseio de reabilitação, como também vagamente relampeava um firme estímulo de vaidade. Queria depois tornar p'r'a terra, comprar uma quinta, viver ali só e independente de todos, ir vestida de sêda á missa, dar muitas esmolas, atar a má-língua, achatar a inveja . . . e pregar assim uma bofetada sem mão naquele traste de seu tio ! E eis porque ela levava os dias numa grande obstinação egoísta, arranjando-se, penteando-se, comprando coisas, acamando a roupa ; e as noites vivia-as atropeladamente, febrilmente, num sobressalto, sem considerar no que fazia, com a docilidade, a prestêza e a passividade automática de quem se desempenha duma obrigação fastidiosa. E então o seu voto mais ardente era que viessem homens, muitos homens . . . e aviá-los breve . . . sem se vestir n'ós intervalos.

E desvergonhadamente explicava-me :

— Uma vêz que eu tinha descido áquilo, que mais importava ? . . . Já vêz !

De quando em quando, a saudade trazia-lhe á lembrança o passeio a Leça . . . evocava-lhe a memória querida desse bom e generoso rapaz a quem ela verdadeiramente devia a sua iniciação no amor. — Quem lhe déra tornar a vê-lo ! . . . — E voluptuosamente demorava a atenção no episodio . . . reconstruía amorosamente a scena, beijo por beijo, gosto por gosto . . . E tremulas as palpebras fundiam-se-lhe em lagrimas, porque sedento o coração nadava-lhe em ternura.

Mas, com o espaçar do tempo, também foi dando em cada vêz mais dilatada e fugaz esta recordação estremecida . . . Depois, batida na sequencia das mesmas scenas, do mesmo degradante viver, gradualmen-

te amoldada ao canalhismo cinico do *meio* em que se afundára, foi relaxando nos calculos e arrefecendo nos entusiasmos. A fortuna não vinha tão a mata-cavalos como ela futurára. A ineficacia dos esforços trazia-lhe desingano. Dizia ela :

— Parece que é excomungado aquele dinheiro ! Sumia-se por artes, vôava . . . Já vês, eu gastava muito comigo . . . era preciso. Mas não era só isso ! A dona da casa, as contrabandistas exploravam-me, vendiam tudo por um dinheirão, comiam-me os olhos da cara ! E havia ainda as colegas, sempre com lamurias, subscrições, sempre a pedinchar . . . Se não dava, chamavam-me *foca*, rogavam-se pragas. De sorte que, com vontade ou sem ela, eu lá ia escorregando . . . Assim, não havia dinheiro que chegásse ! Depois, por causa dum homem de quem gostei, queria-o sempre á minha beira e perdia fregueses . . . O caso é que, de certo ponto em diante, não sei que *mala pata* comigo entrou, que nunca mais o trabalho me luziu ! Adoei . . . fôram-se-me os ultimos cinco réis . . . Então desanimei ! dei ao diabo a vida . . . fiz-me desmazelada, arisca . . . passava o tempo a dormir . . . fugia de pensar no dia seguinte !

Foi quando a conheceu um rapazito moreno e ardente, filho unico duma familia recémvinda do Brazil, com uma grande fortuna. — Era atraente e simpatico, espirituoso, vivo. Tinha uma figura delicada, mimalheira, esperta . . . um pequeno rosto acobreado e redondo, que dois enormes olhos, irrequietos e joviaes, inflamavam de arrogancia e debruavam de malicia. E levava a vida a gozar, despreocupado, folgagando, estroinando, certo na tolerancia infinita dos paes, seguro da inestancavel reserva do seu dinheiro.

— Frequentava ele, ao tempo, muito a casa em que Alda exercia o seu mistér degradante. Engraçou com a rapariga, embeißou a valer.

— Nunca falava a outra . . . — explicou-me ela.

— Queria por força tirar-me o livro !

— E tu aceitáste ?

— Olha o milagre ! Pudera ! . . . Pôs-me uma casa que era um palacio ! Grandes moveis, estófos, tapêtes, espelho, piano . . . ai ! e a loiça, que fina ! se tu víssees . . . Eu, com mêdo de a partir, nem lhe queria pôr os dedos ! E depois, sempre toda no luxo . . . sempre na bérra por toda a parte com ele. Eram patuscadas, merendas, passeios, reinatas, ceias . . . Muito pontapé tenho dado na fortuna ! — Porque eu estava bem, não me faltava nada . . . não desgostava dele, já vês . . . E assim que mais queria eu ? . . . Muito tola fui !

— Mas então ? . . .

Aqui ela veio sentar-se ao pé de mim, e muito interessada, com pausa, nesta insinuativa demora de quem relata um acontecimento importante :

— Deu-se o caso que, um domingo ao intardecer, safa eu da Cordoaria, de ouvir a musica . . . e vae dou mesmo de cara com o meu rico amor de Leça ! Ai, filho, que sensação ! . . . fiz-me branca, branca . . . E uma grande alegria interior . . . como se o sol tivesse voltado atraz de repente ! Faltava-me a respiração, parei . . . ele atacou-me logo . . . falámos, falámos . . . Ainda fômos até á Foz . . . Voltei p'ra casa doida !

Fêz pausa, baixou a voz, e como quem referia a coisa mais natural do mundo, poisando tranquillamente a mão sobre a minha :

— No dia seguinte, recebia-o em casa . . .

Instintivamente o meu rosto contrafu-se numa repulsão, num patente esgar de desagrado. E logo ela a justificar :

— Então, que querias tu que eu fizésse ? ... Gostava tanto dele ! devia-lhe o céu !

— Mais devias tu ao outro, que te tirou da lama ! E tambem gostavas dele, segundo ainda agora dis-séste ...

— Ora ! esse era outra coisa ... — atalhou ela, com um frio de desdem a tomar-lhe os labios. — Gostava ... por gostar. — Tinha incolhido os ombros. — O poeta ! o poeta, sim ! Que paciencia que tinha ... que meigo ! — Agora, como vibrando ao impeto ainda da recordação, erguia-se de ao pé de mim e desandava a passear pela casa, em vagos torcicolos, de braços estendidos e as mãos juntas agitando nervosamente os dedos entresilhados. — Vocês falam bem ! Os homens ... eu queria-os vêr no nosso lugar ! A gente bem pensa nas coisas, bem vê o dente ao mal ... mas que queres tu ? ... a folhas tantas, entra-nos o diabo na pele e já não somos senhoras nossas ... Os nervos mandam mais que a vontade, ferve-nos o sangue, a cabeça não regula ... Havemos de fazer asneira por força !

— Bem, mas em que deu afinal essa frescata ?

— Deu em que continuámos a amar-nos cada vêz mais furiosamente ! Viamo-nos todos os dias ... duas e três vêzes, se calhava. No quarto dele, fóra pela cidade, depois em minha casa. E nas noites em que o brasileiro não vinha, ficava ele comigo.

— Que desproposito !

— Oh, filho ... não que ele era tão carinhoso, tão ardente, tão bom ... tanto a meu geito !

— E o outro pobre rapaz... o dono da casa?

— Sei lá!... Cada vêz lhe queria menos. Eu já andava de sofisma p'r'o largar. Ia-o suportando... mas mal que ele saía de ao pé de mim, nem mais semelhante bonifrate me lembrava!

— Parece impossivel! O homem a quem tudo devias... Novo tambem, bonito... Como vocês são!... Não te acanhavas de encarar com ele?

— Não...

— Não receavas que ele viesse a saber?

— Isso sim!

— Não tinhas remorsos?

— Nada!

— Como se explica que gostásesses mais do outro, que o tomásesses assim de embirração?

Então ela teve esta observação profunda:

— Bem vêz, dava-me dinheiro...

Vae toda uma filosofia de instinto condensada neste breve e impudente dizer. O mais substancioso capitulo de critica social não alcançaria melhor... não valeria tanto como essa frase desgorjada e simples. Para as mulheres falidas no conflito da existencia, o mercadejo facil do amor é a formula de seu desprezo. Vingam-se, odiando. O seu grande prazer, a sua desforra, o seu orgulho residem no absoluto e altivo desdem que elas votam aos homens *que pagam*. Submetem-lhes o corpo mas denegam-lhes a alma. A dentro da sua carne, passivamente posta a preço, mantém-se livre o sentir, implacavelmente o coração braveja e se revolta. Então fazem do descaro um devêr e da traição um timbre. Espesinham a dignidade de quem lhe inutilisou a honra; castigam com o adultério quem as condenou ao prostibulo. A sua desleal-

dade não é senão um desforço contra o despotismo imoral e absurdo da sociedade hipócrita que as vitimou.

Assim, no caso particular que nos ocupa, neste insolente e tranquilo atraíçoar o homem que affectuosamente se propunha esclarecer-lhe a alma e canalisar-lhe a vida, Alda não fazia mais do que obedecer á lei geral, era logica consigo mesma, coerente com as aberrativas tendencias e reivindicações do sexo.

Durou meses aquele estado de coisas, essa dôce e comoda mancebia a dois, que fazia á rapariga uma existencia de oiro . . . O véro amante, porém, que viéra para o Porto na intenção de colocar-se, brioso das suas habilitações, fiado nos empenhos, via o tempo ir passando, sem resultado, e ele cada vêz mais falho de recursos, baldo por completo dos meios de ocorrer ás necessidades mais elementares da vida. Da provincia, o Minho, seus paes, que eram uns estreitos lavradores, mal podiam mandar-lhe uma insignificantissima mesada. E o Porto era um centro demasiado acanhado ao exercicio remunerador das suas faculdades. Nem em escriptorios, redacções, lojas, cartorios, fabricas, em parte nenhuma ele encontrava colocação capaz. Tudo cheio. Nem por conveniencia, nem por dó o queriam. E a vontade em achar tambem pouca. Nisto, ofereceram-lhe de Lisbôa admiti-lo como revisor num jornal. Ergueu mãos ao céu e logo resolveu partir. Quando isto comunicou á rapariga, houve uma pungente scena de lagrimas . . . ela opôs-se tenazmente. Era indispensavel. — Então que a levásse tambem . . . senão que se matava! — Ante a ameaça formal deste excesso comprometedor na sua resumida bagagem de boémio, o pobre rapaz estremeceu . . . e achou de bôa prudencia partir clandesti-

namente. Assim fêz. Porém, mal se viu sem ele, Alda deu-se a pêrros, não havia quem a aturasse . . . ao terceiro dia tomou lumes prontos. Passou uma noite horrível, lavaram-lhe o estomago. E o brasileirito, muito intrigado, todo o dia depois a causticá-la com perguntas. — Era-lhe impossível viver assim! — Á noite safu precipitadamente, mesmo a pé, direita a Campanhã . . . e ahi a temos nós também caminho de Lisboa, só, sem uma recomendação, sem rumo certo, na ignorancia absoluta do paradeiro do seu idolo, na mais atoadada incerteza das futuras condições do seu viver.

Chegando na antemanhã, saltou lesta do estribo da carruagem e atravessou rapida os grupos que pejavam a estação, num alegre e pronto desempeno, como se viésse segura do seu desígnio, como tivésse aqui grandes relações e soubésse muito bem o caminho a seguir. Sentia-se contente, feliz, nada lhe metia embaraço. Ao defrontar-se, em baixo, no Rocio, com o aspecto aprazível e largo da cidade, Alda sentiu correr-lhe os membros fatigados uma onda de prazer, afagou-a uma voluptuosa sensação de agrado, como se respirásse o seu *meio* próprio, como se houvésse logrado emfim a realização daquelle seu insustável e íntimo desejo, a que as morbidas tendencias naturaes e uma cega fatalidade ancestral a compeliavam.

Precisava alojamento. Comprou o *Noticias* e pediu a um moço de esquina, a quem confiou a mala, que lhe visse algum quarto que ali viésse, para alugar. Anunciava-se um bem perto, no Arco do Bandeira, cá logo quasi ao cimo da rua. Fôram vêr. A dona da casa era uma espanhola quarentona e redonda, de grande penteado decorativo e uma affectuosa intimativa no falar. — Recebeu Alda carinhosamente e apressou-se

a despedir o galego. Depois logo explicou : que ela não era hospedeira de profissão, uma qualquer *Maritornes*, ordinaria e bruta . . . pelo contrario, descendia duma das mais nobres familias de Castela, fôra rica, invejada, distinta, uma verdadeira elegante de *rompe y rasga*. Infelizmente, porém, as dissipações e a prematura morte de seu marido haviam-na reduzido áquella triste condição ! Viéra, de vergonha, para Portugal . . . e ali vivia agora, só com duas sobrinhas, dando porventura agasalho a uma ou outra senhora particular que lhe apparecesse, comtanto que fôsse séria e se abonasse com informações de bom credito. — E que com respeito á sua nova hospeda, nada sabia ainda . . . mas nem era preciso, bastava olhá-la . . . via-se logo ! — E aqui muitos beijos, e uma grossa expansão de efusiva ternura, a qual furtava a Alda o ensejo de meditar pormenores, como uma dessas grandes e altas ondas que de impeto rebentando sobre a praia, por completo varrem e apagam o vestigio das ondas mais pequenas. Perguntada pela rapariga qual era o quarto que lhe destinava, a solícita alcouvêta indicou o que ali mais á mão lhe ficava, no corredor, onde era toda esta conversa. — Um pouco escuro talvez, e acanhado . . . deitava p'r'o saguão . . . era o unico disponivel. Mas que não se importasse com isso ! ela sympathisava devéras com uma menina tão *chiquita, y guapa* . . . havia de tratá-la como filha. Podia dispor de toda a casa como sua. — E aqui novos abraços, mocanquices, beijos ; a termos que Alda sentiu-se positivamente encantada e tranquila. Entretanto, já ela havia notado que quasi todos os repartimentos da casa tinham camas. Muita mulher honesta havia em disponibilidade pela capital !

No *comedor*, á hora do almoço, travou conhecimento com as duas sobrinhas de D. Manuela, arrebitadas e artificiaes, criaturas trajando vistosamente, faceiras, doidas, nos olhos a maliciosa vivacidade das andaluzas, e na expressão, no ar, no gesto, o que quer que fôsse de acanalhado e livre, a patente estadeação dum piso de praça ou dum rotulo p'ra venda. — Totalmente á sua feição. Que bem que ela havia de afinar com as duas, mal que descobrisse o paradeiro ao seu poeta! — A dona de casa logo num relance apreendeu que sorte de simpatismo instintivo ligava a recémvinda ás suas hospedas mais antigas; no entanto, desdobrando a sua tactica especial, a aplanar terreno, a cada passo as reprimendava e intervinha; e voltada p'ra Alda explicava — que eram *muy bromistas* aquelas suas sobrinhas; buscando assim atenuar o efeito, por demais evidente, da mercenaria condição das duas raparigas.

Durante toda a comida não falaram senão em homens. Acompanharam a cigarro o café. Ofereceram-lhe; fumou tambem, — a primeira vêz na sua vida. Depois, á noite, as visitas na sala não faltaram... até altas horas. Alda estava sinceramente intrigada. Com uma insistencia em verdade de notar, — e que não era devida certamente senão a essa grande e facil convivencia que ela sempre tinha ouvido dizer constituía, com o desenfreado amor ás diversões, a base essencial da vida de Lisbôa, — o certo é que, contínua e arrelativamente, a campanha tinia, tinia sempre, e varios homens iam entrando, depois de alguns monossilabos em segredo cambiados, cautelosamente, num inalteravel silencio de mysterio... Ainda assim, de uma ou outra vêz,

pelo chocalheiro ringir das botas Alda percebia que eram homens finos.

Estimulada numa ardente curiosidade, ela ahi vae, pé ante pé, escutar... Efectivamente, tudo pessoas de consideração, homens de pêsso e importancia... circumspectas e graves personagens a quem ela bem de claro estava a vêr a vida facil e quente a algibeira. — Não ouvia falar senão em titulares, conselheiros, mandões, ricaços... grandes nomes batidos na tagarellice encomiastica das gazetas. — Que deslumbramento! — Mas, — coisa curiosa! — perante o alto valor, a magnificencia e a grandeza de tão conspicua gente, as meninas da casa não se constrangiam... tudo eram risadinhas, curveteios, graças... de quando em quando mesmo, algum intempestivo *tu zombeteiro* e travêsso esfuriava no obrigado oeremonial das *excelencias*. Não lhes tinham absolutamente respeito nenhum! E coisa mais curiosa ainda, alguns desses austeros figurões, — sem duvida os mais familiares na casa, — em certa altura, tomavam ao corredor, entravam num dos quartos, demoravam... e safam depois á sucapa pela porta da cosinha.

O caso é que acêsa numa insistente e deleteria es-pertinação, a fantasia álerite da rapariga já durante o resto da noite a não deixou dormir. No dia seguinte, foi seu primeiro e irreprimivel cuidado interpelar a dona da casa. E logo num risinho especial a tunanta, toda soberba: — que era p'ra que ela visse! Não lhe havia dito?... Tinha uma fina roda de conhecimentos... tudo figurões de pólpa... como poucas fidalgas se gabariam de reunir! — E ante o espanto incredulo de Alda, acrescentou, encolhendo os ombros: — Então! fortunas... — Fechava a mão, num desvane-

cimento : — Os primeiros negocios da cidade, os destinos do paiz... tenho-os aqui! É só eu querer!... Não ha hoje homem de importancia que não seja nosso amigo. — E, com uma expressão singular e o mais latrinario dos sorrisos, explicou sonsamente :

— *Todo protectores de mis sobrinas...*

Aqui foi gradualmente entrando pelo assunto que ela ardia no empenho de atacar, e desdobrando um tratado completo de filosofia oportunista e pratica, o seu modo dissoluto e neutro de encarar a vida. — Que não valia a pena ser-se hoje bom... ella estava farta de *pasar angustias y trabajos*; o mundo murrava sempre *sotto voce*, ainda das melhores pessoas, ainda das virtudes mais sólidas. E por isso ella... perdoassem-lhe se não pensava bem... mas certas pequenas coisas, contanto que não déssem brado, era seu sistema desviá-las dos olhos e *borrallas de la memoria*. — Por fim, lá veio *el trueno gordo* : — que, se a sua gentil hospeda acaso tinha algum conhecimento mais íntimo, algum *querido* a quem quisesse receber, ella por si faria vista grossa...

— *Con su pan se lo coma!*

E que á noite apparecêsse tambem pela sala... Com aqueles conhecimentos nunca se perdia.

Breve, Alda reconheceu que havia caído numa nova forma hipocrita do lupanar, num coio interessante de prostituição clandestina. E este tinha para ella o incanto do inédito, uma precatada e escusa feição que não escandalisava. Não se indignou... achou mesmo curioso, comodo : porque estavam livres de danças com a policia, pois não vinham ali senão gentes de posição e de dinheiro. Assim logo ella, sôlta e despreocupadamente, aceitou mais esta imposição do acaso

e voltou a pactuar com a infamia. Na sala, á noite, ela era a mais ladina, a mais pronta, a que mais a primor vestia ao seu canalhismo essencial a mascara da impostura. Divertia-a imenso aquelle sordido rebuço de seriedade... o pio desvergonhamento, a inconfessavel tintura de mentira e illusão que ali o seu ignobil mercantilismo revestia. — Uma perfeita *parodia*. — Porque tanto ella, como as duas outras companheiras, passavam aos olhos dos visitantes por pessoas de consideração, mulheres limpas e dificeis, levadas accidentalmente áquele extremo pela necessidade, atrapalhções da vida domestica, angustias de momento, a má sorte, o capricho, differenças irreductiveis com os maridos, velhos odios de familia... arrastando-as a uma capitulação infamante que bem sinceramente as affigia!

Mesmo, a nutrir o engano, a D. Manuela sabia de mais como desdobrar as manhas e ardis que o caso requeria. Estava sempre de volta com ellas: — Que moderassem o genio, nada de palavradas, olhos no chão, quietinhas... tudo isso tinha seu lugar depois... não se mostrassem *cachondas* antes de tempo. — Infalivel, este jogo multiplicava a receita. Recatos e melindres habilidosamente se diluíam a cõrso das algibeiras copiosas das visitas. E aqui era de vêr o modo desinvolto e comico por que Alda me figurava, rindo a perder, os graves modos e atitudes que ella tomava perante *aqueles grandes maduros*. Ninguem mais apontada em feitiços de pundonor, mais verdadeira no engano, mais eloquente no artificio. Anunciava-se sempre como separada do marido; e aos que dela inquiriam os motivos, ou dava em dizer, num suspiro saudoso: — Incompatibilidade de genios! — ou en-

tão, numa lacrimosa voz de martir: — que ele não lhe dava o devido apreço, era um bruto! e faltava-lhe com o preciso.

Mas havia mais... Naturalmente, a deixa invariavel para todos era que elas não moravam ali; e então faziam-se rodar trens de proposito na rua, a fingir que as iam buscar longe... Havia até um cocheiro especial, o *Escangalhado*, especie de imundo estafêta a soldo para este serviço, o qual estava sempre ali perto, na estação, á cóca, e cuja esmadrigada caleça era certo vir ferralhando ruidosamente, do Rocio, pela rua Augusta, parar á porta da casa, e seguir depois a dar a volta pela rua do Ouro, de cada novo freguez que chegava.

Assim, Alda com a mudança de latitude não conseguira paralelamente mudar o rumo á vida. Não se fuge á sorte; e a dela era ser incorrigivelmente uma pobre desabusada... Do seu adorado sedutor pela rima tambem nunca mais logrou saber. Ainda o procurou, a principio, — sem resultado. Depois veio-lhe a amnesia desse romantica fascinação antiga... esqueceu-o. Teve amantes varios, — calculas. A todos implacavelmente infligiu a mesma predestinada sorte. Daqui derivavam guerras, explosões, scenas violentas, aproximadamente sempre as mesmas, e que te seria fastidioso eu enumerar. Houve um, mais desabrido, que lhe fêz penhora judicial á casa, deixando-a só com a camisa. A cada nova desacomodação, lá tinha ela certa a hospitalidade remuneradora e comoda da espanhola. Mas um belo dia tomou tambem em asco esse refugio; e foi quando teve então pelos teatros seu vôo efemero de meteóro.

Falta-me referir-te um dos episodios mais inte-

ressantes desta sua vida, toda em trancos e cruas oposições, como um esquisso de mestre-pintor; episodio que aclara aquella sua obstinação em ir ao Coliseu, e dá o motivo da sua situação quando eu a conheci. — É divertido... Sinto-me porém fatigado; esta vae já longa. E de tanto que agora demorei o espirito em todas essas orduras e mergulhei a alma na torpêza, a cabeça pesa-me... e oprimido o pensamento afoga-se-me na dispneia do tédio. Careço uma tré-gua...

Quando pudér, continuarei.

3 de março.

Uma celebre manhã, já tarde, despertava eu no leito de Alda, amaurotico, pesado, num grande extenuamento de fadiga os nervos e os musculos rôtos de cansaço. Toda a noite levára numa dessas incomportaveis e assoladoras insonias, que me eram ali tão frequentes, e constituíam ao mesmo tempo o mais deletério alimento á minha alma e a mais dôce e absorvente preocupação da minha vida. Já sobre a madrugada, a animalidade logrâra triunfar da imaginação em febre, e eu amodorrei num destes quebramentos de sobressalto, em que se não perde por completo a noção do exterior, a cada momento interrompidos, e que em vêz duma acção reparadora não fazem senão exacerbar o nosso delirio e agravar a nossa fraqueza.

Foi assim que, paralisado num como pesadelo,

um desses parentesis de vida em que nos sonhamos mortos e ao mesmo tempo damos fé de quanto se passa em tórno a nós, eu sentira vagamente o ranger do leito, denunciador de alguém que se erguia, e o gemer dos gonzos da janela, seguido dum grande banho de claridade; depois, na alcôva ao fundo, um ligeiro patinar, o tínir de loiças, gorgolejos de agua, ruidos de abluções, o espumoso crescer do sabão na pele... ao passo que me vinha acariciar as narinas um cheiro peculiar... esse exquisito, estonteador aroma feminino, almiscarado e quente. — Mas eu mal dava conta de mim... não fiz o menor caso; antes a soma de todos esses pequenos ruidos familiares parece que mais voluptuosamente me embalava e convidava a dormir.

Quando abri os olhos, Alda estava sentada diante do toucador, toda ocupada em se arrebicar, — parecia. Tinha os braços, o colo, o dórso, a garupa, o ventre inteiramente nus. Amarfanhada e caída, a camisa bordava-lhe de roda dos quadris uma corola de rendas. Assim, a sua carne fulva e perversa ressaltava como um marmore do inflamado fundo da parede. Moldava-lhe a curva da côxa um tenue saio de sêda crême, no angulo das virilhas colhido, cavado em miuditas préguas e de cuja barra em folhos, franzida na articulação da perna, desciam ainda, a prolongar a mesma inquietadora nudez, as tibias redondas, curvas e brancas como dentes de marfim, e as suas adoraveis patitas côr de rosa. — Oh, a deliciosa, a divinal emoção que de assalto me tomou, naquele momento! Deveria de ser assim o nosso primeiro sobrenatural e inefavel defrontar com o Paraiso.

Sobre a pedra do toucador, na sua frente, havia uma enorme profusão de bugiarías; bocêtas de to-

dos os tamanhos, feitios, côres, pinceis, frasquitos, cristaes, essencias, — todo o complicado arsenal do garridismo, receituário banal da elegancia. A cabeça estava pronta. Ela agora, tendo dado ao espelho a inclinação mais conveniente, enfiara na mão direita uma especie de brossa de finissima camurça, e com ela esfregava o corpo, como se o quisesse alisar, tornar-lhe a pele bem uniforme e bem brunida. Depois, tomou duma pena branca de pato, molhou-a num boião com alvaiade, e foi passeando, em traços largos e resolutos, esse branco e macio enducto ao longo dos braços, pelos flancos, pela cinta, as alétas do nariz, a face, a testa e o pescoço. Em seguida passou aos pormenores. Primeiro o rosto; e neste os olhos. — Dois traços firmes, dados com um lapis negro especial no angulo exterior, amolentaram-lhe a expressão, alongaram-lhe o desenho. E não esqueceu plombaginar levemente as palpebras, bistrar as olheiras, tocar dum ponto vermelho os lacrimaes, desprazir certo pó violaceo na curva sôlta dos cilios, que tornásse pelo contraste o garço esmalte das iris mais diamantino e translucido.

E a espaços tomava da mão esquerda uma pequenina *psyché* oval, emoldurada em níquel, e, muito proximo dela o rosto, corrigia, aperfeiçoava a pintura, e com uma patente expressão de agrado acamava pancadinhas alguma frisura mais rebelde do cabelo.

Eu estava deslumbrado, atonito! Não podia crêr no que via... Supunha-me transportado a algum maravilhoso céu pagão, a algum paiz transcendente de bemaventurança e prazer... e ahi, improvisado celicola, gozando esse admiravel quadro, inesperado e lascivo, esfumado numa como miragem de

sonho, um fino véu de incoerencia e de incerteza . . . Porque, demais a mais, era a primeira vêz que eu a surpreendia entregando-se a tão minuciosos cuidados, a um tão requintado e artistico arranjo da sua pessoa. E assim, nem me mexia, não me atrevia a falar, mal abria os olhos . . . de puro medo que, á minha primeira mais definida avocação da realidade, se me exsolvêsse em fumo toda aquella fantasmagoria inconsistente e divina! — Entretanto, com uma borla especial ella ia distribuindo o pó de arroz pelo corpo; e isto sabiamente, em bem nuançadas cambiantes, em velaturas de efeito . . . aqui espesso e alto sobre as redondezas em pastas deslumbrantes . . . mal roçagando ali as prégas e os refegos, de modo a formar um claro-escuro voluptuoso e intenso, a dar o mais diabolico e aspero relêvo ás infinitas tentações represas na sua figurita delicada e firme. E neste saltado e rapido movimento todo o seu magnifico tórse se agitava e tremia. Vòavam num rodopio estonteador os braços, a espinha dobrava-se em curveteios de serpente ferida, a cova dorsal fechava, abria, sinuosava, erguia-se numa bela prestêza harmoniosa e fluida . . . bimbalhavam as têtas, a cabeça era um pião, os olhos dois vagalumes . . . — e então que linhas musculares deliciosas se definiam, num relance, da espadua aos rins, da axila ao quadril, das jugulares aos seios . . . e crispaturas magneticas corriam aquella carne fresca e apetitosa, a termos que a propria pintura se deslocava tambem e dançava, e vibrando dos mesmos fremitos sensuaes da epiderme, parecia crepitar numa apparencia de vida ou arder em relampagos de desejo.

E já ao tempo uma levissima pulverisação em tórno dela se ia adensando e subindo, esfumaçando-lhe

o perfil, eterisando-lhe a figura. Era como que um nimbo de gloria, uma calida evolação de incenso, uma nuvem capitosa e lasciva, nas rôscas de cujo arminhado algodoamento eu via travêssos farandolarem os gnomos da luxuria, os gusanos do pecado, os tiranêtes do vicio... amorzinhos rosados como bonecas de cêra... doidas e efemerias figurações da propria *veloutine*, dessa progressiva onda perfumada... batendo azas, pinchando, rebolando-se... uma como alada côrte de pagemsitos, todos ageis e pimpantes no galanteador empenho de vestirem de amavios, seduções, primores a morbida perfeição essencial da sua deusa.

Esta alucinativa impressão crescendo foi á ponto de não me consentir sossêgo. Um grande banho sensual erguia-me a respiração e arrastava-me a vontade, ao passo que me mordida na alma esta inquietação sombria: — Que secreto influxo poderia ter motivado todo aquele aparato, aquele seu tão complicado e estranho garridismo matutino?...

Logo ela me presentiu acordando; e de mão sempre no ar, voltando graciosamente a cabeça:

— Olá! seu madraço... Cá p'ra fóra, vamos!

Erguêra-se de impeto, segurando, com a mão contra o pubis, a saia desapertada, a camisa em desalinho; veio acabar de abrir as portadas da janela; e quando outra vêz diante do toucador, tornou:

— Crêdo! esse sono hoje não tinha fim!

— Não sabia que em tua casa se dormia á hora... — retorqui, com maligna intenção.

— Hum! comêças... — reprimendou ela, carinhosamente, sem olhar.

Dizendo, com os seus finos dedos esbatia um pouco de pó carminado pelas maçãs da face; e da mesma

côr definiu mui atenuadamente a raiz dos peitos, aqueceu as orelhas e avivou os sulcos da cintura.

A cada novo arrebique, mais o meu mal-estar e a minha exaltação cresciam; subia-me uma irreprimível onda de ciúme, um frio ácido de colera e de despeito. Ela, toda na sua faina, interpelou novamente:

— Não te levantas? ... Bem, deixa-te ficar ...

Olha que eu almoço e raspo-me logo!

— Aonde vaes!? — acudi com impeto.

— É da sua conta? — contrariou ela, num mômbo gaiato.

— Naturalmente!

Com um pequenino pincel embebido em carmin, ela insanguentou os lábios, tocou as pontas dos seios; depois aquatintou ainda dum côr de rosa humano e suave as plantas dos pés e os cotovelos. Isto enquanto, malignamente, tendo num propósito evidente de arrelia espaçado a resposta, me dizia a sorrir:

— Vou ter com uma pessoa ...

— Não brinques!

— Já te disse! — insistiu o demônio; e acrescentou de corridá: — A mesma que me fez ir outro dia ao Coliseu ...

— Cabra! — rugi furioso, sentando-me de salto na cama.

Alda afogou o meu brusco exaspero no limpido cristal duma risada. Tinha deixado o toucador, leve, tranquila; enfiara com todo o geito a camisa, apertara a saia, calçara uns chapins; e depois de lavar as mãos, tingia agora de côr de rosa também e polia as suas longas unhas, iriadas e luzentes como madreperola.

Eu vestia-me embrulhadamente, aos repelões, resfolegando alto; e no auge da humilhação e do rancor ameaçava:

— Pois bem! deixa estar... que hoje é que eu hei-de acabar de ser asno!

— O quê?...

— Cuidas que transijo, como outro dia?... Estás muito enganada!... Seria indecente!

E perdia-me em movimentos inúteis, não atinava com as coisas... sem a menor consciencia do ridiculo papel que estava fazendo.

Aqui, ela abriu o rosto numa expressão carinhosa e insinuante, veio arrastada e dôce aproximando-se, como uma gata amorosa, e sentando-se á beira do leito, disse-me com amor:

— Ouve, meu tonto...

— Deixa-me!

— Vou-te dizer tudo... escuta!

E tomava-me com intimativa a mão, acariciando-a na concha tépida dos seus dedos. E eu, vendo junto de mim aquella bigarrada mascara, engenhosa e complicada *Laïs* da decadencia, tatuada a côres barbaras como um idolo, inverosimilmente lambuzada, arrefecia e estranhava, desconhecia-a... levei a mão aos olhos, supondo-me ainda mal desperto... sentia-me tomado dum vago e tímido receio.

No entanto, num estremeção de raiva e de desejo cingi-lhe os pulsos, chamei-a com violencia a mim. Ela arredou-se a tempo, exclamando:

— Oh, filho, que bórras a pintura! — E depois duma pausa, quando me viu sossegado, voltando a sentar-se á minha beira: — Ouve... Pois vou ter com uma pessôa, vou... mas descança que é mulher.

— Mau !

— Que diabo ! eu podia fechar-me em copas ou continuar a enganar-te, — já vêz ...

— Se eu estivesse p'los autos !

— Ora se estavas ! ... E então dá-me atenção ... Pois estou a querer ser bôasinha com o meu *carricho*, e ele só a refilar ! Isso não é bonito ... Ouve lá. — E num tom sincero e natural, aclarou : — O caso é este : ha numa sujeita, posta lá muito em cima, que é quem me sustenta, quem paga toda esta droga !

— Como se chama ? ...

— Não sei ! não te digo ... Segue-me logo, que já sabes ...

— Era o que me faltava !

— Bom ! não me queres acreditar ? ... Pois olha que o trem dela não tarda ahi, a buscar-me, — vaes vêr ...

Como ainda, a despeito deste anuncio de argumento, a minha incredulidade continuásse a manter-se irredutivel, num leve acento misterioso Alda acrescentou :

— Por ora só te direi que é uma senhora de muito respeito ... Os criados que aquilo tem ! Dizem que é das pessôas mais ricas que ha. Grande fartura de cabelo, palavreado muito fino, e uns olhos, Mario ... uns olhos lindos ! negros, vivos que parece que entram pela gente dentro ... Pois viu-me uma noite, na Trindade, e no dia seguinte mandou-me falar. — Vae, fêz-me taes propostas que eu aceitei logo ás mãos ambas ! Nas minhas condições, já vêz ... era uma mina ! Outra qualquer fazia o mesmo.

Estava-me interessando realmente o episodio. Por forma que, agora, á minha surpresa e indignação

de ha um instante sucedêra uma doentia curiosidade, que me impunha o mais atento e recolhido silencio. Alda continuou :

— Ela, p'los modos, é mulher de grande intelligencia. E uma brêjeira ! . . . Ainda não é velha. Quando lhe dá na vinêta ou precisa de mim, avisa-me ; e eu, já se sabe, preparo-me co'a metralha toda ! como agora . . . Em seguida, chega o trem, desço . . . aqui vou eu ! Apeio-me, lá para as Amoreiras, á porta do jardim, e um barbaças dum criado, já sabe . . . conduz-me logo para um casarão, que ella chama o *seu estudo*, — paredes muito altas, de madeira encerrada, reposteiros escuros, tudo cheio de mônos e a luz pelo teto. Espero uns minutos, vêm a madama . . . dispo-me nuasinha em pêlo, subo á um estrado . . . ella põe-me numa posição reinadia . . . e depois vae p'ra defronte, p'ra junto dum grande mostrengo que tem ali assim, cheio de barro e panos molhados . . . olha p'ra mim, torna a olhar . . . mexe no barro a seu modo, esborracha, enforma, aqui carrega, ali levanta, faz, refaz, desmancha . . . Diz que me está a copiar, que eu sou o seu modelô ; mas eu não sei que diabo é aquilo, — vejo a obra sempre na mesma !

— Depois ? . . .

— Depois, a folhas tantas, ella lava muito bem as mãos, faz-me sinal . . . vamos as duas p'ra uma bocetasinha que ha ao lado, toda sêda e estofôs, luxuosa, aconchegada e pequenina que parece uma caixa de amêndoas . . . fecha-se muito bem a porta . . . e ahi fazemos coisas *místicas* !

— Diabos te levem !

Alda fizêra a sua lesbica revelação baixando canavelmente a voz e rolando ao alto as iris, que se

sumiram sôb as palpebras franzinas num tregeito de luxuria. E a seguir, batendo-me na perna e saltando agil para a alcatifa :

— Está sossegadinho agora ? ...

A abominavel descoberta deixára-me tonto de indignação, confrangido de surpresa. Travava-me o dizer, fazia-me nebuloso e tardo o raciocinio. Ao cabo de alguns minutos, ainda num resto de duvida aventurei :

— Mas então, outro dia ? ...

Alda explicou :

— Ela ia ao Coliseu e queria vêr-me lá tambem ... rá esteve num camarote, com o marido. E tu, meu idiota ! tu a querereres vêr por força no caso a influencia dum outro homem qualquer, e a procurares com desespero por toda a parte o teu suposto rival ... Ah ah ! ... Muito me ri !

— É singular ! — murmurei, confundido.

E, fóra da cama eu tambem, enquanto me lavava e acabava de vestir, ia interrogando :

— Mas então essa senhora não tem ingerencia nenhuma sobre ti ? ... dá-te plena liberdade ?

— Conforme ...

— Explica-te.

— Não se importa que eu tenha um homem ; — um só, nota bem. A esse respeito, está descansado : nem corres perigo, nem me prejudicas. Agora saías é que ela aqui me não consente, não quer de modo nenhum ! Daquela porta p'ra dentro, mulheres, a não ser a Eternidade e eu, isso é que ... st'livre ! não quer nem sombra da primeira.

— Está bem, está bem ...

E, — queres tu vêr ? — por efeito desta ultima

aclaração já eu ficava sossegado, e com uma claridade na consciencia muito comodamente me dispunha a perseverar no ataqueiro. Não podia ser considerado como um *souteneur* vulgar, visto como tambem a minha amante não era uma destas triviaes criaturas em almoeda no mercado amplo do amor. O seu caso era muito especial: uma intensiva predilecção artistica, debruando um vivo temperamento sensual, fizera-a a pupila de quem quer que fôsse, — uma mulher, em todo o caso, — e pessoa tambem assaz abastada e munificente para a tomar, ella só, a seu cargo, matar-lhe todas as precisões e abondar-lhe a todos os caprichos. E ainda em cima generosa e isenta ao ponto de lhe deixar por inteiro livre o coração. Motivo pelo qual, senhora da concessão, a rapariga me tornára o foreiro da sua carne, o valido do seu coração e o senhor do seu espirito. — Tanto melhor p'ra mim! Nem me cabiam escrúpulos nem apreensões. Nada nisto havia, que me rebaixásse; antes ao meu amor-próprio fartos motivos de exaltação sobravam.

E assim, passados instantes, Alda e eu almoçávamos tranquila e alegremente, numa serenidade de biltres, cinicamente irmanados ambos na mesma deleteria inconsciencia. Veio o trem, ela desceu; segui-a... Tinha-me dito a verdade: lá a vi entrar para casa da marquezia de Aguas-Belas. — Quem ela era!

Pois não me chocou o caso; pelo contrario... A inegavel confirmação das afirmativas de Alda produziu em mim uma confiança, um descanso, quasi um prazer. Acontecia agora que o mesmo intimo agrado que sossegava a marquezia, por a sua pupila não conhecer outra mulher, a mim tambem me tranqui-

lisava e invaidecia, porque a minha amante não amava outro homem. E baldo por completo a inquietações, duvidas, ciumes, desci ligeiro ao largo do Rato, e pela rua do Sol, á direita, fui-me até Buenos-Aires.

4 de março.

Em casa de Branca seguiam as coisas o mesmo regrado e monotono caminho. Apenas havia agora mais bulicio, mais gente que o usual. Trôlhas, carpinteiros, andaimes, fornecedores, carroças, frescuras caras do enxoval, mobílias novas, o quintal pejado de destroços, alvorotado o mirante do chilrear das costureiras. Mas sobre tudo isto, ingenua, inalteravel, a mesma paradisiaca serenidade no presente, a mesma assoalhada segurança no futuro.

Fazia lastima que a horrivel gota ia gradualmente atormentando e tomando posse do pobre comendador. Cada vêz com maior dificuldade se arrastava, e, uns tempos por outros, mórmente em virando o tempo á barra, já ele não podia subir escadas e passava os dias, — as noites principalmente! — no andar de baixo, amarfanhado na sua poltrona, gemendo e clamando alto, a cada novo arranco de dôr em que o seu mal implacavelmente lhe ia lancetando as articulações e poleando os ossos. Tambem esse belo, grande e amavel *Tejo*, tão festeiro, tão meigo, tão meu amigo, como, uma manhã em que saía o portão com o Francisco, arremetêsse de impeto contra uma junta de

bois que, tirando um carro, passava na rua, tôra colhido pela pata dum dos animaes e ficára arrastando do quadril, progressivamente emmagrecido.

Porém Branca era junto de mim sempre a mesma. Candidamente extremosa, inalteravelmente dôce. Tinha o seu affecto a imutabilidade azul do céu, o exclusivismo calmo e profundo que lhe vinha da propria feição singular da sua essencia. Com um excendente de paixão e uma condensação de ternura que a sua vida de castidade e solidão justificavam, eu numa undação celeste de prazer verificava que a cada momento o seu amor por mim, — como no seio da terra um cristal, — se sublimava e crescia... E juntamente a Tita, — essa leal e excelente rapariga que eles tinham erguido do acaso, da lama, e que o bom contagio salutar do *meio* purificára, — toda era tambem mimos, atenções, dedicação, cuidado, e tudo dispunha e p'ra tudo olhava, com um carinho, um entusiasmo, um fervor como se se tratásse das suas proprias bôdas.

De sorte que eu exultava e medrava no prazer, reputava-me o ente mais feliz do mundo! O comendador, como antevia proximo o seu fim, ou pelo menos a sua quasi completa anulação para a vida, cada dia mais insistia pelo casamento, choviam as instancias pela conclusão dos preparativos, e já se não importava de me vêr primeiro empregado, — tudo porque queria ainda em pleno uso da razão ter essa grande alegria do nosso casamento, e colher na antecamara da morte a evidencia de que no amparo do meu braço ele deixava assegurado o futuro e a protecção á filha. Assim, tudo concorria para me colorir de rosa o destino, tudo parecia generosamente apostado em me

doirar e florir o alhanado caminho da vida. E como nada me faltava, como trazia o espirito limpo de maiores cuidados, e a alma escampe de embaraços e incertezas, o resultado era que o meu contubernio com Alda alcançava a maior expansão sensorial, revestia o mais saborido e regalado interesse.

No entanto, uma vêz por outra, vinham-me sustos, apreensões... instinctivos rebates da consciencia justamente alarmada; e não me faltavam receosas ponderações de azar; e algum pavoroso ponto de interrogação brusco se erguia no inquieto prescrutar do meu espirito; e numa credulidade supersticiosa eu aflitivamente revivía aquele vesanico desvario da minha espertinação, a segunda noite que passei com Alda, quando sobre a toalha da mêsã de jantar essa mancha enorme de azeite fatidicamente representára, num lívido relêvo, — flagrantes de verdade e crispadas de agonia, — as finas e suaves feições da minha noiva... Mas isto era um relampago... tremelilhava e passava, sem que mesmo o seu lampear sinístro projectásse a mais leve sombra na inconsciencia nojosa da minha alma. O engodo, a obstinação no erro prosseguiam, transcendendo já os ultimos limites toleraveis, passando do seu ambito natural, privativo e íntimo, para uma exteriorisação comprometedora e torpe, para um aviltante descaro incompativel com a minha condição moral e social, com a carreira a que me destinava e os compromissos que voluntariamente havia contraído. — Porque eu agora accedia a saír com ela, mesmo de dia; acompanhava-a na rua, a passeio, ás lojas; e de noite horas e horas levavamos em abiltrada camaradagem, frescatando

por casas de pasto, cafés, teatros, e alguns ignobeis cantros habitados por gente sua conhecida.

Ora aconteceu que, uma vèz, tendo eu ido com Alda ao Coliseu, ahi fui estupidamente surpreendido pela D. Emilia . . . Antecipadamente futurára eu os riscos da aventura. Ir ali sentar-me, com uma criatura daquelas, para as cadeiras, era evidenciar-me demasiado. Nada mais facil do que, em tanta gente, apanhar-me desastradamente uma qualquer pessoa conhecida. Mas ela insistira em que dos camarotes não se via nada, não valia a pena . . . porque, demais a mais, nem quem estava tinha ocasião de observar se uma pessoa ia bem vestida ! E quanto a mim, dizia — e dizia bem, — que podiamos estar um ao lado do outro, como dois estranhos . . . ninguem sabia . . . não levávamos nenhum letreiro. Era entrarmos um depois do outro . . . Que diabo ! tinha sido um calhar. — E eu convencido. Para mais, refervia-me doentio na ideia o desígnio de passar toda uma noite com Alda, minha, só minha ! discricionariamente ao meu dispor, ahi nesse mesmo Coliseu onde eu ha pouco a vira infeudada a outro querer, escrava duma outra vontade. De modo que lá fomos . . . E logo ao começar o espectáculo, eu, que não fazia senão devasar, numa receosa inquirição, toda a sala, descortinei numa cadeira, quasi em frente, do outro lado da arena, a D. Emilia, no momento exacto em que ella tambem nos binoculava, com uma insistencia impertinente, uma bem significativa e importuna demora — Ali, que havia de fazer ? . . . Fui disfarçando, conforme pude, e entreguei-me confiadamente á sorte. Eu adoptei sempre o fatalismo comodo dos linfaticos. Agora, era aguentar . . . E nunca o mal havia de ser tão grande !

Mas, instintivamente, e sabendo-me sôb a maligna vigilância da D. Emilia, a cada instante eu me desconcertava, e em cada novo esforço andado no empenho de rebuçar a verdade, o meu desgeito e embaraço não faziam senão mais e mais evidenciá-la... e traír-me. A propria consciencia era o meu executor. A minha insegurança moral comprometia-me. Assim, e bem que eu falava com Alda por entre dentes, sem me voltar, lá vinha todavia um momento em que, cedendo ao impulso maquinal do habito, todo a ela me chegava, num abandono familiar, ou me escapava um gesto mais denunciador, um contacto mais atrevido. E corrigia-me logo... e a pequena ria-se. Ao mesmo tempo, com o crescer da reflexão ia eu medindo o alcance exacto ao erro; tomava-me uma cobardia de molusco, um indominavel pavor, um sincero e grosso arrependimento. — Se chegava aos ouvidos de Branca! — Este receio afugentou-me o sono toda a noite.

E o caso é que não sosseguei emquanto me não fiz encontrado com a D. Emilia. Na cega obstinação da minha inconsciencia, ainda alimentava a suposição de que ela não tivésse percebido! E em todo o caso queria ouvir a sua impressão sobre este vergonhoso incidente, assegurar-me da sua discrição, atalhar as consequencias, amparar quanto possivel as coisas. Felizmente que, tendo nós ido ao teatro numa quinta-feira, logo no sabado seguinte, que era o ultimo dia de abril, se realizava o encerramento solene da costumada exposição annual do *Gremio Artistico*. Aque-la vaidosa parraquêta era certa ali: excelente occasião! Apressei-me por isso a entrar na Academia, muito antes da hora oficial p'r'a cerimonia, e logo todo atento percorri as suas soturnas salas, ainda ao tempo

quasi desertas. — Ela ainda não estava... Vim então postar-me na rua Ivens, inquirindo com meticoloso interesse a onda crescente dos convidados, que passavam. Não levou muito tempo que eu, — finalmente! — não visse da banda do Chiado assomar a sua pequenina figura, pretenciosa e flácida.

Assestou-me de longe o *lorgnon*, e, tendo-me conhecido, cortejou afavelmente. Atravessei a rua, ela parou... e logo após os primeiros cumprimentos, já censurava:

— Ora sempre o sr. Mario! Nunca imaginei!... Não tem mesmo juízo nenhum!

Eu mantive-me na defensiva, aventurando, com um precioso ar tranquilo:

— Então, minha senhora?...

— Vamos! faça-se de novas... — disse ela, mostrando num malicioso sorriso a cianose fétida dos dentes. — Então eu não vi?... Anteontem no Coliseu?

— Não percebo...

— Com aquela marafona ao lado! — acrescentou com intimativa. — Que imprudencia!

— Eu!? — ainda me atrevi a contestar, num disfarce.

— O sr. mesmo, sim!

E eu, vendo inevitável a capitulação, mas querendo retirar em boa ordem, acudi distraidamente:

— Ah, intendo agora! Uma questão de acaso... É um simples conhecimento.

— Com quem imagina o sr. que está a falar?...

— Juro-lhe...

— Mas apósto em como não dá a sua palavra de honra!

Colhido nesta formal dificuldade, baixei os olhos sem proferir palavra.

— Ora ponha na sua ideia que a Branca sabia... que, assim como fui eu, era ela que ia ao teatro. — Que bonita coisa!... Com a saúde melindrosa que ela tem, com o seu coração estremoso, o seu genio concentrado e altivo... imagine!... não podia ter transformado tudo? não podia dahi derivar uma desgraça?...

Eu escutava-a consternado, opresso, como se já a sua aterradora hipotese fôsse uma realidade... E logo a minha habil interlocutora, querendo atenuar a dolorosa impressão que a minha fisionomia revelava:

— Escuso de lhe dizer que eu é como se nada visse! Póde contar com a minha absoluta discrição!

— Obrigado, minha senhora!... Creio piamente... é proprio de v. ex.^a. Escusa de garantir.

— Mas sirva-lhe o episodio de lição. Não cáia noutra! Olhe que poucas mulheres fariam como eu... Bem sabe o gostinho particular que todas temos em dar á lingua. Badaleiras e curiosas... Foi sempre assim!

— Folgo de registar que v. ex.^a é a esse peccadilho original uma generosa excepção...

Grandemente sensível ao meu galanteio, agitou-se toda a D. Emilia, e, crispados de vaidade, os olhinhos côr de terra sumiram-se-lhe na icterica lassidão da cabeça enorme.

— Está inganado! Não imagine que me suborna pela lisonja... — acrescentou, sorrindo. — Eu até nem sou das mais isentas. Gósto imenso de conversar... Mas o que é, é que sei conhecer as coisas, e nunca

vou dos limites da tagarelice inofensiva a insinuações que choquem ou a calúnias que ofendam... E então faça-me isto, sim?... Lembre-se de Branca. Tenha cuidado!

— Farei a diligencia...

— O sr. póde muito bem despedir-se da vida de rapaz, sem dar escandalo... Por uma coisa parecida comecei eu a andar de ponta com meu marido.

— E está arrependida?...

— Ah, não! pelo contrario... foi até magnifico. Vi-me livre dele... estou assim bem melhor! Mas isso não me tira a razão no caso presente; não invalida de modo nenhum os inconvenientes do processo. Porque o certo é que os snrs. homens, não contentes do subalternissimo papel que nos talharam na sociedade, ainda em cima aproveitam todas as ocasiões de nos enxovalhar, de nos deprimir! São nossos inimigos declarados, não nos poupam... parece regosijarem-se quando nos afrontam, fazerem gala da nossa miseria. Francamente, é demais! Portanto, — veja lá, — visto que o meu amigo quiz honrar-me considerando-me como fazendo excepção ás mulheres, seja tambem uma excepção aos homens. — Estendeu-me a mão, e avançando um passo em direcção á Academia: — Não vêm?

Eu apertei-lhe a mão com ênfase, implorando:

— Não diz nada a ninguem?...

— Esteja descançado.

— Nem mesmo á D. Dulce?...

— Ora! a essa menos que a nenhuma!

— Beijo-lhe as mãos!

— Bem, bem, adeus! Recomende-me á Branca. São horas.. Quero vêr como vêm vestida a Rainha!

Eu fiquei um momento, como parvo, a meditar mais uma vêz na minha imprudencia. E, sucessivamente, quanto mais o facto se distanciava no tempo, tanto mais a sua gravidade avolumava no meu espirito agora acautelado e inquieto. — Nada! o melhor era acabar co'aquilo por uma vêz!... Que mais queria eu dali? não estava farto?... — Lembravam-me então as revelações, os conselhos do *Securas*, cuja desmantelada e sordida figura se erguia como uma ameaça ante o meu animo estarecido.

Depois, succedia tambem que, como já não encontrava novidade no meu viver com Alda, a mesma assiduidade na sua frequentação se encarregava de me ir progressivamente descobrindo suas maculas e defeitos. A saciedade é por via de regra o batedor da indiferença. Tem o entusiasmo intercadencias que amosttram o reverso do prazer, o lado canhêstro ás coisas. Dei portanto em verificar nela antiteses de instinto, conflitos de character, oposições de genio, antinomias flagrantes com o meu querer, esturdias e violentas predilecções que eram para a minha delicada e branda compleição absolutamente intoleraveis. — Assim, ela era perdida pelo movimento, o ruido, a luz... queria sempre em casa tudo aberto, não podia vêr a noite, detestava-a, tinha mêdo; e eu exactamente com o sossêgo, com uma discreta meia tinta crepuscular é que me dava bem. Eu gostava de carne, ovos, leite; coisas simples, frugaes; ela nada disto podia vêr... não queria senão peixe, marisco, temperos fortes, alimentos salgados e picantes. Eu preferia o comer quasi frio; ela comia tudo a escaldar. Ela fumava; eu não. Era amiga da confusão, desmazelada, prodiga; eu punha todo o meu querer na pautada ordenação das

coisas. Nos restaurantes, tinha o mau costume de comer, comer até limpar os pratos. — Pagava-se na mesma! — explicava ela, com a mais animal sofreguidão. E por mais que eu me agastásse e tentásse corrigi-la, fazendo-lhe vêr a nauseante incivildade de semelhante proceder, não havia meio de lhe tirar o costume. Era, além disso, parca e mesquinha, sordidamente interesseira. Em tudo via um valor comercial. No fundo de todo aquele seu aparente estouvamento pesava uma diatese de avarêza essencial, que lhe judaí-sava o character, que a punha esperta sempre ao aguilhão do interesse, e a fazia ter um descomedido amor a ninharias. Basta que eu te conte o seguinte: — De uma das primeiras vêzes que fui a cear com ela, notei que trazia uns réles brincos de ínfimo valor, tenue casquinha de oiro formando um ponto de interrogação invertido, brincos que a mais modesta costureira ou mulher das fabricas desdenharia de usar. E naturalmente disse-lhe :

— Com tanta joia de preço em casa, e trazes uns brincos desses ? . . .

Logo, num repelão de contrariedade, ela parou de comer. Eu continuei :

— Não te invergonhas ? . . . Pois, por exemplo, aqueles que t'eu dei não são melhores ?

Ela mordia os beiços de raiva : e eu, numa osgasi-nha crescente de a causticar :

— Só se, por serem dados por mim, não os aprecias . . .

— Ah ! não gostas ? . . . — exclamou ela, porfim, empalidecendo, com os olhos franzidos de rancor, afilado o nariz, e longo e duro o rosto de ira e de despeito.

E num grosseiro arremesso arrancou da orelha um dos brincos e atirou-o ao chão, desesperada.

— Menina! — reprimendi eu com severidade, endireitando o tronco.

Mas, por unica resposta á minha ameaça, despojou-se aquella insolente tambem do outro brinco, com furia tal que fêz sangue na orelha, e mandou-o longe, fazer companhia ao primeiro.

Eu senti um frio de colera pelo corpo . . . não sei o que teve mão em mim, que a não castiguei como merecia. Porém, absolutamente dominado, logo no mesmo instante me aplacava; e tive ainda a insalubre fraquêza de com toda a paciencia me erguer da mēsa, abaixar-me, apanhar os brincos e pôr-lhos delicadamente ao alcance da mão, sobre a toalha. Pois tanto bastou para que ella immediatamente os tornasse a varrer para o chão, sacudindo-os com o guardanapo. E eu fiquei-me num espanto cobarde, amalhoado ante a arrogancia de tanto atrevimento. O resto da ceia foi breve e contrafeito. Ném se falou mais nos brincos, que a rapariga parecia haver votado a um esquecimento absoluto, ao mais altivo e formal desprezo. Entretanto has-de saber que, mal me viu em pé e occupado em tomar o troco da bandeja, que o criado me oferecia, a ladina agachou-se num relance . . . e nisto ella ahi arpôa, num rasgo de harpia, os brincos e guarda-os furtivamente na algibeira.

De resto, grosseiras desatensões, repentines de genio como este eram-lhe frequentes, e dia a dia tomavam alento na minha pusilanime condescendencia, que não fazia senão crescer com a sujeição e evidenciar-se na intimidade. — Depois, muito mentirosa . . . a cada passo, em precisão, por prazer, por méro ins-

tinto, a propósito das mínimas coisas. Por sinal que, a despeito da toda a sua impudencia, da sua despejada e segura arte no disfarce, uma indicação havia no seu rosto, — a impercetível contracção do labio inferior, — a bacharelar-me sempre irrecusavelmente quando ela mentia.

Tudo isto me fêz progressivamente arrefecer nos entusiasmos e assisadamente antepôr á minha deleteria paixão o amor da propria dignidade, as conveniencias do meu futuro. Pensei então em deixá-la . . . Primeiro rompendo a mêdo, fugaz, inconsistente, esta ideia vinha-me adelgada e tenue como um luaceiro de crepusculo, entretendo-me o desejo sem me obrigar a vontade. Todavia, a insistencia no mesmo emancipador aneio avigorou-lhe o vago inicial da forma, fêz-me calo na alma. E a vitória toi definitiva, dès'que o meu companheiro de casa me fêz, uma noite, sobre o assunto uma substanciosa e aterradora prédica. A termos que lhe dei a minha palavra de honra em como viria no dia seguinte jantar com ele. E fui, com efeito; e de lá desculpei-me para Buenos-Aires; assim como mandei a Alda um bilhete, dizendo que nesse dia não podia aparecer, porque me achava doente. Levei mesmo a coragem, a abnegação ao ponto de não sair mais essa noite, — Deus sabe com que pezar, com que dolorido e agudo constrangimento! — mas é que toda a noite tambem, solcito e implacavel, aquelle bom amigo não se tirou do meu lado, e tivera antes o cuidado de fechar a porta e esconder a chave.

No dia seguinte, logo de manhã, ahi tinhamos nós á porta, de mando de Alda, um moço de fretes a perguntar — como eu estava? e se nesse dia não poderia ainda ir? . . . — Oh, meu amigo, que alvoroçada e

absorvente, que empolgadora e fluida emoção a minha ... Quasi me aplaudi de haver faltado na vespera, porque assim me déra azo a uma tão espontanea e fulminante demonstração do seu amor, do seu carinho ! E o caso é que queria responder ao galego e a comoção tolhia-me a voz ... bailavam-me lagrimas na laringe, tinha a expressão atabalhoada, morosa ... tomavam-me o dizer peganhos de embaraço, dulcerosos engulhos de gratidão e de ternura. O meu amigo interveio, deu o recado por mim : — que agradecia muito, mas que, certamente, nem por todo aquele dia, nem ainda talvez no outro, eu poderia ir ter o gosto de a vêr e abraçar. — Eu fiz menção de protestar, zanguiei-me ... inutilmente ! porque já a porta estava fechada outra vêz e o fedorento mercurio descêra a matabalvos a escada. Então quis partir no mesmo instante, o que mais uma vêz impediu o meu amigo. Guardou-me todo o dia á vista, — não tive remedio ! — e levou ainda a crueldade e a dedicação ao ponto de toda essa segunda noite me manter em carcere privado.

Ao terceiro dia, — não podia parar ! — levantei-me cedo, e ahi me ponho eu, numa impaciencia, a esperar a cada instante novo recado, contando as horas, insistente, marruaz, escutando á escada, perscrutando a rua. Porém, durante todo o dia, tal recado não veio ... Veio, sim, da parte de Branca, o Francisco. — Mas, da rua do Norte, nada ! e quando eu mais sucumbia ao desapontamento, á saudade, á dôr, ahi me flagelava o meu companheiro, evidenciando : — Olha o grande caso que ella faz ... ahi tens ! Eu não te dizia ? ... Pois agora não sejas tólo, aproveita ! dá a aventura por finda ... — A lição não deixou de pro-

duzir seu tal ou qual efeito util. Sobrelevando ao meu amor, o despeito arrefeceu-me, trouxe uma reacção salutar... e vaga e prazenteiramente começava de erguer-se o meu querer em ancias de escravo liberto, e um dôce e emancipador alivio me arejava e expandia a alma. Ainda essa noite não saí, e sem esforço de maior. Durante o quarto dia, admirado de mim mesmo, já folgado o espirito me bugiava por mil pequenos e diferentes cuidados, já eu lograva intermitencias de sossêgo, iluminados parentesis tranquilos. O Francisco tornou. Alda, essa não deu mais sinal... e eu indifferente. Cheguei a julgar-me curado. Tive alta. Mas á noite, — que pensas tu? — á noite, numa subitanea revivescencia de paixão, num rebarbativo agravamento do mal, a que já me julgava escapo, saí e dei-me a vaguear perdidamente pela cidade, atoado, doido, inquieto, prestes a interpelar a multidão, a perguntar a toda a gente se sabiam do meu amor... se a conheciam, se a tinham visto... batido no vesánico impulso de a quem quer que fôsse implorar piedade, protecção, auxilio... remedio á minha desgraça e conforto á minha miseria. E vaga, inconfessavelmente aquecia-me a ideia de que, por acaso, eu podia muito bem encontrá-la... — Nada mais natural! — Porém, acima de tudo, o que eu queria era atordoar-me com o movimento. Á semelhança do infeliz que se embebeda para esquecer, que voluptuosamente afoga no alcool as incomportaveis tribulações do seu viver, tambem eu queria no esvaímento mortal das forças amortallar a virulencia rompante do desejo.

E vaes vêr que uma instintiva impulsão interior fêz-me de preferencia procurar os lugares dela conhecidos, certas estancias e como que pontos nodaes mar-

cando algumas das stases essenciaes da sua vida. — Ainda no proposito firme de não voltar a procurá-la, circuitando longe da rua do Norte, com essa inocente peregrinação se contentava a minha resignada saudade... como se eu ahí fôsse alcançar algum vestigio dela, como se, na encapelada esteira do seu passado, essa mulher singular acaso houvesse deixado a retalhos, — como a flôr deixa o aroma, — fumegantes farrapos de si mesma, algum perfumado rasto do seu ser, qualquer remanescente porção da sua essencia, com cuja amorosa e ávida apreensão eu agora lograsse adormecer o desejo e anestesiari a alma!

Foi assim que, logo á bôca da noite, eu apressado rodei té ao Arco do Bandeira, e ao longo dessa funda valeira, bafienta e lôbrega, curei de atinar com a porta provavel ao funambulesco e bocagiano collegio da D. Manuela. Era em cima, quasi fronteiro ao *Marrare*, —lá estava... A sua primeira étapa em Lisbôa. De dentro, uma luz rancída e tenue vinha longa espreguiçar-se na glutinosa ordura do passeio. Cheguei: era o tristonho farol dum engraxador, uma luz agonizante de petroleo, ardendo num misero candieiro de folha com reflector, suspenso dum prego. Atarantadas ziniam as moscas em torno á lívida e estilhaçada chaminé, em que um parxe de papel formava um grande circulo negro. Essa mortição luz fuliginosa projectava-se em baixo sobre uma especie de estreita tarimba, forrada por um assento de chita sovado e lustroso, com fôlho, cavado a intervalos denunciadores de poiso dos freguezes; e mostrava ainda em lugubre destaque, na frente, os descанços para os pés, de madeira escalavrada e puída, todos aos tuberculos de graxa e de lama, e que ali em fileira emergiam da som-

bra, têsos e hirtos como torsos de cadáveres num marmore anatomico de hospital ou na vala tabida dum cemiterio. E lá estava uma alta pilha de escôvas, frascos, jornaes, velhas serguilhas, tachos de barro com comida, um pequeno armario-guarita arrimado á parede, junto com a pilastra da escada.

No principio não dei com o donó da imunda locanda. Varria a um canto a loja. Era um tamanhão dum paquiderme, todo vestido de fustão azul, grande, maciço, obêso, rosto opado de cardiaco, sobre a russa grenha uma boina de sêda, reluzente de surrampa, escanhoado como um padre, e pêrras, dificeis as articulações, e as grossas mãos tramposas. — Quando acabou de varrer, pôs a vassoura ao alto contra a quina da loja, sobre o banco de chita, e, recolhido ao desvão da janela, puxava agora acima as calças distensas e caídas das prolongadas genuflexões, e sobre elas e a blusa reatava depois a corda a que ele attribuia simultaneas funções de suspensorio e de cinto.

Eu queria-me aproximar, interrogá-lo, perguntar-lhe se ali assistia ainda a D. Manuela, o que me parecia pouco provavel... aventurar mesmo quaesquer inquirições ácerca da rapariga. Mas a cênha do marmanjão acobardou-me... Já me contentaria então em me aproximar da porta, mudamente interrogar aquelas pedras que ela decerto havia pisado tantâ vêz! Mas, assim, com o mastodonte ali e a luz acêsa, era inconveniente... fariam reparo em mim, tornava-me suspeito. — Felizmente, e como que na disposição de retirar, breve o homem soprou a luz, e o pequenino pateo infecto mergulhou na sombra. Então, muito de esconso, surrateiro, aproximei-me, subi o degrau da porta e incestei-me á umbreira. O monolito

tossiu significativamente . . . não fiz caso. E logo senti nas minhas costas um ferralhar de chaves, e o ininteligível resmonear de frases de troça ou de arrelia.

Aqui, atravessa claudicando a rua um esmadriçado velho, alcachinado e tropego, andrajoso também, vistoso boné marcial, uma pala num olho. O guarda-portão do *club* fronteiro. Adiantou-se, subiu o degrau e espalmando diante do boné a mão direita, saudou :

— Guarde-o Deus, *sôr* Matias!

— Olá . . . — contestou, do fundo da loja, o interpelado.

— Então que se faz ?

— Estou a guardar a ferramenta, — explicou o engraxador, cochilado na sombra do pateo, a recolher as escôvas e os trapos na guarita.

— Já ? . . .

— Bem vê, *seu* Valerio . . . isto o dia deu o que tinha a dar. Neste raio desta escada, de noite não se faz vintem ! Aqui o negocio é outro . . .

— Sim, sim . . . — comentou, rindo, o veterano.

E o engraxador, numa transparente ironia, direita a mim, acrescentou :

— Poupo petroleo e faço uma obra de caridade . . . deixo o campo livre aos namoristas.

— Você é levado do dianho ! — exclamou o Valerio, rindo quanto lho permitia a sua cronica pulmoeira.

— Eu ! ? . . . Sou mas é um pobre diabo . . . Isto é rir. Que o mais, importa-me lá co'a vida de ninguém ! . . . Tomára que me deixem !

— Pois sim, mas por sua causa é que a Manuela se mudou . . .

— Não me fale nesse raio ! — exclamou o colosso, numa irada explosão, parando de arrumar e largando de salto a guarita. — Excomungada !... Então você não quer saber ?... Furiosa por ter de desarvo-rar daqui, não houve praga que me não rogásse ! a mim e a duas gerações sobre a minha... Mandou-me salgar a escada ! E o caso é que, poucas semanas andadas, a uma sexta-feira, a bôa da minha patrôa lá morreu ! — Desandou a prosseguir na faina interrompida, e atirando com arremesso as coisas : — Que alma do diabo aquela !... Tão negra sorte tenha ela como toda esta graxa junta ! Barzabum !

— Crédo ! visinho... o que ahí vae !

— Assim mesmo !... Eu bem intendo que lhe vim empatar as vasas... que, comigo aqui á porta, certa qualidade de homens não entravam... Mas, que diabo ! eu arrumo o estabelecimento bem cêdo... P'ra tudo o que é dos outros, sou cego ! E nem ela perdeu nada... aquilo sempre é uma industria que em toda a parte rende !

Neste momento, entrou a porta, atravessou de es-fusiote o pateo, e sumiu-se leve na escada, uma gen-til rapariga, de capinha curta de veludo e chapéu, um grande fru-fru de saias, bolinando os quadris, res-sumbrando essencias. Vinha-lhe na piugada um su-jeito, que subiu tambem, mudo, direito, as mãos nas algibeiras do sobretudo, á frente, a gola alta, o chapéu para os olhos.

Mal que os dois passaram, o Matias, de cócoras ainda junto á guarita, insinuou para o compa-nheiro :

— Olhe ! olhe ! é vêr... .

— Não é a Elisita *pistarola* ?... .

— Então não é? ... No que isto deu! ... Pedaco de tola!

— Ó amigo Matias, quem sabe lá? ... — atalhou bonacheiramente o velho Valerio. — Muitas vezes a gente ... Diz-se tanta coisa que não é! Eu sempre ouvi dizer: põe-te a falar, põe-te a desonrar ... Quantos falsos testemunhos por ahí se não levantam!

— Já lhe disse! — acudiu com energia o colossal brunidor, erguendo-se. — Conheço-a com'as minhas mãos ... de pequenina. Ia muito a minha casa. Esta rapariga tinha um futuro lindo! Havia ahí um rapaz que era um anjo ... honrado, sério, perfeito ... bebia ares e ventos por ela. E queria casar! O que é, é que estava ainda em principio de vida ... era caixeiro de mercearia. Mas o patrão já lhe tinha prometido sociedade. — Aqui o Matias voltou atraz, num relance, fechou o armario, e guardando as chaves na algibeira epilougou: — Pois esta cachorra tratava-o mal, com um desprêzo ... chamava-lhe pelintra! E que estimava muito a sua pessôa, p'ra não querer ser senão dum homem de têres, de posição ... Nada! dizia a desavergonhada, parece que a estou a ouvir ... quando eu tenha de cair, ao menos que vá de cú tremido!

— Ora vejam!

— E foi! ... A Manuela arranjou-lhe a indromina com um figurão, que ainda em cima depois fêz pouco dela.

— Ele ha coisas ...

— Pergunte você ao *Escangalhado*, que foi quem fêz o frete!

— Olha o traste! ... E a rapariga?

— Deu nisto que você vê! Emputeceu... — E, encolhendo os hombros, continuou filosofalmente o mariolão: — Homem, aquilo estava-lhe na massa do sangue! Muita vêz o disse eu á minha mulher... Mais dia, menos dia, tinha a criatura que dar em droga! — Depois duma pausa, com intimativa e crescendo á luz, corroborava: — Você vê a minha cara, a minha figura... parece-me que não sou nada de tentar... Pois quantas vêzes ela me desafiou!

— Desgraças...

— Isto, mulheres, está tudo uma corja! E lembrar-se a gente de que ainda ha parvos que andem, todos babosos, feitos quebraesquinas ou por ahi assim á espera delas... Deixa-me rir!

E vaidoso e contente do a proposito desta directa alusão á minha pessoa, adiantando um passo no basalto:

— Vamos?

— Vamos lá... — o outro acquiesceu, seguindo-o.

— Ah, já agora, favorsinho do costume... — tornou ainda o Matias, voltando atraz p'r'amor da vassoira. — Senão, aqui, desaparece-me...

— Dê cá... — disse solícito o derreado cerbéro, tomando da mão do Matias, pelo cabo, a vassoira, que lhe foi servindo de mulêta. E, todo insinuante, a meia voz: — Um favor me vae você também fazer...

— Então?...

— Acompanhar a dois decilitritos, ali defronte.

— Nada, isso é que não!... Bem basta quantos você já me tem pago.

— Mau!

— Bem! bem! não se zangue... Não quero ser malcriado!

Resvalando por mim, os dois saíram. Enquanto epicureamente ia o côxo dizendo :

— Olhe, sabe o que eu lhe digo, amigo Matias ? . . . beber cada um a sua pinga é que não faz mal a ninguém ! Deixar lá os mais . . . Vamos gozando este poucochinho, enquanto Deus fôr servido . . . O pior é em arrefecendo o céu da boca á gente . . . Então é que já não ha remedio ! — Movia rijo, numa gula de alcoolico, a perna atrofiada : — Aproveitar ! aproveitar !

Vagarosos, grotescos, os dois afastaram-se na diagonal da rua ; foi o Valerio pôr em seguro a vassoira, no seu cubículo ; logo tornou . . e os seus caricaturaes perfís sumiram-se no catavento discreto duma taberna ao lado.

E eu fiquei-me ali assim, absorvido, atento, alheado e quente na ilusão duma fugitiva esperança, aguardando com alma não sabia bem o quê . . . Numa inconsciencia de automato, numa afflitiva inqui-rição, o meu olhar ia e vinha, pregado ás clareiras de luz, trespassando a escuridão, devassando obstinado as sombras . . . e fixava com avidéz os vultos que passavam, apreendia numa ancia quanto indeciso escôrço de mulher apontava longe na rua. Uma figurita se me desenhou então, vinda da banda do Arco, que era a pura, a flagrante realização do pequeno perfil gaiato da minha amante . . . Deu-me um salto o coração no peito ! No mesmo instante desatremei, rua fóra, e alvo-roçado, tremulo, fui-me cruzar com ela. — Ah ! que não era . . . — Numa brusca explosão de exaspero, que a assustou, parei, deixei-a afastar . . . e resfolgando desalentos ahi volto eu para o meu posto. — Um pouco abaixo, á esquina do *Marrare*, havia baru-

lhentos grupos de toureiros, de birbantes, marmitões, cocheiros, faias, rápidos surdindo e sumindo-se, a cada momento arranjados e desfeitos, vivos e leves como as crepitantes figurações dum diorama. Pela angustiada extensão de toda a rua formigava um movimento apelintrado e sujo, vultos suspeitos, crianças em farrapos, mendigos, beberrões, fórmias aberrativas, fantasmaticas sombras, toda a esquiva e insalubre população da noite. Eu perdia-me a vêr continuamente, saltando nítidos das esquinas, ou crescendo para mim da afunilada escuridão da rua, num trabalho automatico e fatal, num impassivel engrenar de maquina ou numa inerte visionação de sonho, saracoteios infames de sucubos, o giro regulamentar das meretrizes, e o faceiro alvaiade e carmim das *camareras* que entravam para um café fronteiro, a mão na ilharga, amplos chales roçagantes e rubidas petulancias de rosas nos cabelos. Na porta em que eu me achava, a cada momento embarrando comigo, entravam, chalaravam, subiam grupos eroticos, francos da mais patente sensualidade, num acamaradamento obsceno, na mais despejada e crua estadeação de seus propositos desonestos.

Como uma mulherita se demorásse junto de mim, entretendo-me com propostas ambiguas, afoitamente plantada no passeio, logo outra, invejosa, ao passar junto dela :

— Ó filha, larga . . . isso ahi não é caixa das almas !

Do café rompia arreliativa a atroadôra solfa dum piano, sovado mercenariamente, ou nasaladas vozes femininas estridulavam imperativas para o balcão. Claro a claro, saltava o elastico embate das bo-

las dum bilhar. Á porta da taberna estalidavam as castanhas. A meio da rua, pequenino e redondo como um *bonbon* de chocolate, o vulto negro dum policia avolumava, as pernas em compasso, firme e impassivel como uma sentinela. Pelas ruas transversaes um ou outro trem passava, á disparada. Gemiam prêgões ao longe. — E todo este monstruoso baralhar de formas, toda esta dissonancia caótica de ruidos ao longo da longa viela imundada, a que um céu de oiro e nanquim fazia tampa, na vaga alucinação do meu espirito dançava e estranguladamente marin hava e crescia, em lufadas de opressão, ganhando valor, alastrando numa viscosa e humida ressonancia.

E eu esperando, esperando sempre... como se algum definido e real motivo me retivésse ali; como se Alda houvesse fatalmente de me aparecer, tendo-me dado senha para aquele mesmo lugar, de noite. Porfim, esmorecido e cansado, com um frio na alma, a cabeça esvaída e as articulações dormentes, decidi-me a arrancar desse recanto humilhante, dessa extenuante situação de fraqueza e de vergonha. Seguindo, Rocio acima, pelo lado occidental, junto ao teatro de D. Maria parei; e ahi me demóro eu agora reconstruindo a deliciosa scena do meu primeiro encontro com ela. Sim! estava eu a vê-la outra vêz... a sua galantinha figura de étagère, saltitando-me na frente, farfalhuda de guisos, mimosa e leve, petulante, desafiando-me com a sua voz de mel e incenso, fitando-me com os seus olhitos de porcelana, adstringindo-me com arreganho o braço, inroscando-se-me ao coração desprevenido. — Via-a, sentia-a, amava-a... tal qual como ela era, completa e perfeita... num arrepanho de gula sensual, amolentado numa sauda-

de infinita, inefavelmente triste e implacavelmente doce... numa evidencia tal de realização, que á força de violenta se me tornava dolorosa. — Depois, sonambulamente, fui seguindo, Avenida acima, e no teatro da rua dos Condes postei-me junto á porta da caixa, — como se ela ainda pudésse estar ali!... — E anulado na sombra, quieto, eu varava com o olhar quanta gente entrava, saía ou demorava á porta... ao ouvido chegavam-me, indistintos, morosos, os vagos rumores do espectáculo, lá dentro... e, findo este, ainda dessa minha segunda estação de insensata esperança não despeguei, sem que o ultimo bico de gás se apagásse, e muito involvida em abafos saísse a ultima figura.

Pois ainda depois a minha exaltada, a minha obediante e doida peregrinação seguiu, sem rumo certo, dirigida ao escandecido sabor de meu desejo. Percorri a Avenida, as ruas mais excéntricas e distantes, as calçadas já moles do orvalho, os mansos bairros solitários, e isto horas perdidas, incansavelmente, numa afflitiva e indeterminada angustia, por momentos estranho a mim proprio, e por efeito duma lucida duplicação do meu ser, que a minha grande desordem moral explicava, admirado mesmo e procurando reagir contra tão absurda e deprimente aventura. E foi como, já quasi manhã, — uma leve tinta auro-ral no céu, — eu entrei em casa e rojei-me, mesmo vestido, sobre o leito, e quebrantado adormeci com as palpebras bogudas de lagrimas.

No dia seguinte, tinha Escola; mas logo foi proposito meu assente, mal que saísse da aula, ir de força com um coração amigo qualquer que me escutas-se, que me atendésse... em cuja affectuosa condes-

condencia eu pudésse confiado verter toda a assoladora angustia que me afogava a alma. — Quem havia de ser? . . . Aqui começava p'ra mim uma outra dificuldade. Conheces-me o genio . . . Sabes que detesto o espalhafato, a exhibição, tudo quanto sejam vibrantes exteriorisações de sentimentos. Tenho por falta de dignidade, de pejo, de decóro pôr cada um em praça o seu preparo intimo ante a implacavel maledicencia alheia. O orgulho, o brio assentam na propria estima; e desta o fulcro essencial é por seu turno a melindrosa esquivança de nossos erros, paixões, defeitos á faminta depreciação dos outros. Por isso, nos mais violentos passos da minha vida, eu senhoreio-me, retráio-me . . . Dir-se-ia que receio, não só dar-me a conhecer mas mesmo fazer-me estimar daqueles a quem falo. Pódem o pensamento, o coração, a vontade estorcer-se-me na mais pavorosa e devastadora crise, que no entanto manter-se-ha o meu rosto inalteravelmente liso e tranquilo, como a agua crente dum ribeiro, pela hera mansa, num luar sereno. De sorte que, na situação que eu te venho descrevendo, dois grandes travancos me assoberbavam. A minha indecisão fundamental, e o meu feito retraído e tímido, traziam-me agora este duplo embaraço: resolver-me a desmacarar o meu vergonhoso desarranjo interior; e decidir-me na escolha do confidente, do coração amigo que teria de benigno e interessado aceitar-me esse tão doloroso quão inevitavel sacrificio.

Meu tio Mateus Felix, pelo seu character de familia, a sua idade, categoria e posição, era o primeiro indicado. Mas não havia de ter aquele seu feitio celebrão, aquele modo sêco, arisco, que faz a sua vida um misterio p'ra toda a gente . . . com excepção da D.

Francisca. P'r'ahi vive, inteiramente só com uma velha governanta, num grande casarão esborôado, onde não recebe ninguém, onde ainda ninguém conseguiu vê-lo, ninguém seria capaz de o achar. Quando eu cheguei, desprotegido e só, a Lisboa, deu-me conselhos, arranjou-me algumas relações, entre elas as Salgados, forneceu-me dinheiro e a roupa mais precisa; pagou-me sempre matriculas e livros; mas nunca me consentiu á sua intimidade, nunca me chamou á sua mēsa. Por forma que p'ra eu o ir ocupar agora das minhas intimas perturbações, nem tinha confiança bastante, nem, que a tivesse, a minha atormentada exposição conseguiria desse marmore vivo arrancar a menor chispa de comoção, o mais fugidío relampago de piedade ou simpatia. — Lembrei-me então de ti . . . tão ordenado, tão sério e complacente . . . Tive vergonha! O Gustavo? . . . Não me podia compreender. O meu companheiro de casa? . . . Era um trocista, um materialão. O *Securas*? . . . Piorava-me.

E assim neste intrincado e duro cogitar fôram passando as horas, sem que eu tomásse uma resolução, voluntariamente diferindo a solução do torturante problema, como um doente a quem o medo, a repugnancia á dôr, obrigam a, quanto ele pôssa, espaçar o momento duma operação difficil. Contrariado, irresoluto, incerto, a revézes pensando em todos sem me decidir por nenhum, vertiginosamente o meu desejo turbinava, como um flutuador num remoinho de aguas, tambem num torvelinhar incessante de duvida e de receio.

Com as primeiras sombras da noite, lá veio a mesma rubescente alucinação da véspera . . . Vitima deste terrivel dom passional, excessivo e indomavel, que

para sempre e inflamadamente me escravisa a toda quanta impressão de acaso alguma vêz me tenha com valentia e amor subjugado, ahi torno eu a gartusar, em cínicas evoluções de cão vadio, a mesma obstinada e doida ronda da noite anterior pela tortuosidade imensa da cidade. Aqui vou eu fariscando ás portas dos teatros, espreitando os cafés, batendo os recantos, arriscando-me aos sumidouros, devassando o vacuo . . . erguendo alto ao céu os braços suplicantes, debalde procurando chamar a meu favor a negra imobilidade das longas ruas impassiveis. Não cansava, não parava ; quanto mais fria e indifferente eu reconhecia a onda da multidão, a dissonancia gorda dos ruidos, o largo resfolgar das ruas, tanto mais encarnçada a minha aspera excitação crescia . . . Depois, gradativamente, á medida como a noite avançava, quando já nos bairros frustes emmudeciam as ultimas guitarras e cerravam guarda-ventos as tabernas, eu aproximei-me da rua do Norte, e em ininterrompidos giros libertinos, em infernais circuições de desejo e de febre, progressivamente mais cingidas, mais ardentes, ahi me tens agora gravitando em tórno á casa da minha amante estremeçada.

Das esquinas cêrca a cada momento eu surdia e avançava pela rua, cauteloso, rasteiro, serpeando na sombra como um animal execrado e imundo . . . parava em frente da pequenina casa esguia, fitava-lhe longamente, em muda adoração, as janelas cerradas, e afastava-me . . . — para voltar dahi a um instante, cada vêz mais afoito, cada vêz mais proximo, obstinada vitima complacente deste fadario abominavel, prêso na orbita duma atracção cuja violencia com o incurtar da distancia mais me empolgava e mais crescia

— Verdade que me mantinha no proposito de nunca mais lhe falar, de a deixar de vêz ; mas, a relances, ante a lembrança de que um outro homem a havia de gozar, tomava-me então uma raiva de morte, a tenalha do ciume estrangulava-me, e no lume do meu pensamento em chamas tal ingenuo projecto de separação esbarrondava, fundia de repente. — Quem pudéra entrar ! . . . — Porque aqui a dificuldade era agora já outra . . . Como cinco dias haviam passado, eu começava a sentir que a sua posse me fugia . . . receava como que havê-la perdido para sempre ! Sabendo demais que em ligações do genero da nossa o menor intervalo é bastante a cavar uma eternidade, já eu aflitivamente me conhecia sem direito sobre ela . . . tinha medo de lhe falar . . . Na dura antevisão dalgum despedimento grosseiro, tomava-me o animo umavoroço cobarde, e, — bem contra o meu querer ! — o certo é que me reconhecia intimamente incapaz de a tornar a procurar.

E daqui um desespero alto, convulsivado, enorme, que me desmanchava em gestos de energumeno, em tortuagens de ébrio, vêsgas imprecações, movimentos insensatos . . . a termos que, ao longo das ruas agora êrmas e sombrias, a minha incorrigivel excitação provocava nalgum raro transeunte pausas de espanto, reparos piedosos. E entretanto, escabelada e inutil, sem remedio e sem fim, esas doida peregrinação continuava.

Ah, meu amigo ! mas abençoada provação . . . Bem certo se diz que o gôzo pôde só alcançar-se, como

o vinho dos bagos da uva, depois de bem premida na prensa da dôr a alma. — Vaes vêr que divinal surpresa me esperava... que deliciosa compensação ao meu desvairado sofrimento anterior me havia generosamente preparado o destino!

Próstrado e anulado estava eu ainda, num extenuamento mortal, muito de manhã, no meu pobre quarto de estudante, quando, uma, duas, três vêzes, com dulcerosa insistencia ouvi pronunciar o meu nome, ciciado num acento familiar por uma voz conhecida. Gradualmente desperto e sinceramente intrigado, abri os olhos... e quem imaginas tu que eu vi?... Era Alda! a pura da minha amante em pessoa que subito me aparecia ali assim, com a sua diabolica expressão, a sua ritmica figura, iniludível, real, arquejante e formosa como uma evocação infernal ou a danada obra dum sortilegio.

— Então isto faz-se, seu traste! ? — acudiu ela, amorsoamente, mal que me viu abrir os olhos; e num arreganho elegante atirou o chale para as costas e pôs os braços em ansa, peneirando os quadris lascivos, ao passo que o seio lhe arfava de comoção e o brunido esmalte dos olhos e dos dentes me inundava o quarto de claridade.

E como eu, confundido, sem responder, desviasse do dela o meu olhar espantado, e instintivamente me arredásse p'r'a borda oposta da cama, já aquela estouvada se despia num relance e vinha deitar-se comigo.

— Não me escapas, não! — murmurou a perversa, quando se me insinuava docemente entre os lençoes, num meigo repêlo sensual, os dentes cerrados dentro dos labios tremulos.

Com uma grande vontade de me espreguiçar, eu estendi-me quanto pude, a fazer-lhe lugar, á beira da cama ; senti os debeis ferros rangerem ao pêso dô seu corpo . . . e nunca na minha vida poderei esquecer a galvanica impressão que trouxe ao meu corpo entorpecido o escorregamento da sua côxa fria e redonda. — Depois, logo a seguir, calculas bem . . . não houve tempo para explicações ; quando a animalidade ruge, quando a carne se inflama, o espirito emmudece, anula-se . . . Iamos a falar, e grossa, pêrra a frase peganhava-nos na laringe, a ponto que nem mesmo esfarrapadas em monossilabos as ideias logravam expandir-se. A minha pobre tarima é tão estreita que mal chega p'ra mim só . . . de sorte que quasi que não cabiamos os dois, senão sobrepostos. Corolario, abraçámo-nos : os nossos corpos ávidos soldaram-se . . . um do outro famintos, arregoados de sensualidade e empapados de desejo.

Pois este nosso novo amplexo logo resultou tão harmonioso, tão completo e perfeito, que por algum tempo nos mantivêmos, de medo de o desmanchar, absolutamente imoveis, para assim bem de pleno e de espaço mergulharmos em toda a sua rica e imensa voluptuosidade. Um dos seios de Alda, que eu abraçára com furor, moldára-se-me têsso e cheio no angulo do sovaco ; uma das suas pernas tinha-as eu, estrangulada e firme, entre as minhas, emquanto a outra com o seu pêso me afagava o flanco, alargada e macía. As pontas dos seus dedos tremulos cocegavam-me impercetivelmente a epiderme. Os nossos labios colaram-se. Vistos agora na proximidade, pareciam-me enormes os seus olhos, que esmaeciam de voluptia. — E permanecemos ambos assim, esquecidos do tempo,

sem movimento, sem vontade, ligados cerces sem nos penetrarmos, ambos caldeados na crescente excitação dum inflexível desejo, cuja realização nós propositalmente, por um dulcido acrescimento de prazer, iam-nos num silencio acorde diferindo.

Porfim, o despotismo sensual venceu . . . os nossos dois corpos fizeram um só, o nosso mutuo querer fundiu-se no mesmo amoroso e congestivo aneio . . . E então, como eu de pejo e comoção cerrásse os olhos, e na ofegante dispneia do amor entreabrisse a bôca, senti um como que vivo dardo inflamado invadir-m'a té ás amygdalas, dilatár-se-me dentro, quasi á sufocação, e ahi desdobrar-se, inrodilhar-se, rabejar, crescer, numa fresca e ardente impulsão que tão depressa era um afago comouma aspereza, complicando o meu, prazer de estonteadoras, ineditas revelações, de durezas irritantes e melicas doçuras. — Era pois a lingua dela que vindo ávida procurar a maior soma possível de contactos, num insustavel furor abria brecha no ponto que ao meu corpo achou mais accessivel, mais proximo . . . e longa, vibratil, crêspa, coleante, alongando e incurtando, mais cariciosa que as mãos, mais expressiva que os olhos, ora perfurante e hirta como um gladio, ora branda e redonda como um arminho espertinava do mais agudo e grato espanto a minha sensibilidade desprevenida, trazia-lhe o estimulo desse estranho corpo titilante, especie de incantado fluido, de monstro multiforme, tão pronto em se esticar num estremeção, como em se amolentar numa pinzellada humida, que tinha escamas de saurio e suavidades de pétala, que tinha garras e tinha beijos, que sugava e arranhava, que se cavava e se torcia . . . rapido e solto espiralando, ora a subir ora a descer, tão depres-

sa um atomo como um colosso... cuspiendo um chuveiro de caricias, corrido de estriamentos imprevistos... alucinadamente remoinhando ao sabor duma apaixonada ternura, manejado a primor pela mais escandecida, sabia e experta fantasia.

Eu suportava embevecido, atolambado, esta dança macabra do amor batida dentro de mim mesmo... tinha a vida parada, os jarretes talhados de emoção, e escancarada a bôca num regalado hiato de delicia e de surpresa.

E então que ao mesmo tempo a minha amante, num magnifico transporte de todo o seu ser, transfigurara-se... Que prodigioso e empolgador espectaculo! Não ha nada em toda a Natureza tão admiravel, tão avassalador, tão belo! nada que iguale o genesico irromper da vida, este titanico bravejar de todas as energias criadoras... misterio tão desmedido e tão elementar, tão grandioso e tão simples, cuja causa directa reside afinal em nós mesmo, que um méro movimento nosso pôde a seu bel-prazer estimular ou reprimir. — Estou a vê-la... que dilicia! que assombro! — Saturados de gratidão, morosos rolando na mole distensão das palpebras descidas, os olhos boiavam-lhe molhados de prazer, velados numa apagada inconsciencia de vertigem, num desmaio inerte, numa quebreira de cançaso; desconcertada e tremulando, a face resplandecia; os flancos arfavam, os braços eram calabres de nervos... e no supremo instante toda a sua carne se estiraçou numa distenção muscular desmedida, horrivel, num epilepsiado e sublime estrebuchamento, num escorchar de agonia, enquanto, de pescoço retêso e cotovelos ao alto, se lhe erguia o tronco em felinos, rubros curveteios, e congestio-

nada a nuca se enterrava na fôfa alvura da travesseira, que recurvas as mãos acódem atraz a arpoar com furia... Para agora a termos já novamente abatida sobre o dorso, exaurida e palida, prostrada num abandono lasso de moribunda, um circulo de consunção nas orbitas, as narinas ruflando de fadiga, o ventre frio, os braços froixos... e gemia uns calidos lamentos, que são como a dolorida antecipação da maternidade, e ferrava ainda na travesseira as mãos ocultas sôb a onda revolta e flavesante do cabelo.

— Se isto durásse muito... a gente indoidecia!
— murmurou ela, passado um instante, devagar, numa expiração de alivio alteando o torax e cerrando os olhos.

O certo é que almoçamos esse dia na cama; e eu ainda hoje me admiro, e não lógro compreender que estranho fenomeno foi esse, que sendo o meu pobre leite escasso para um, chegou afinal magnificamente para os dois... Por força que, ou a axiomática lei da impenetrabilidade é pura ficção, ou os nossos dois corpos da propria mutuidade do seu amor extraíram qualquer maravilhoso meio de consonancia e fusão, que lhes permitiu reduzir em as dimensões multiplicando os contactos. — Fôsse como fôsse, parecia-me já uma segunda edição da Eternidade a inofensiva velhota que nos serviu. Aquilo ali nada faltou; dobava os passos de roda de nós, com sollicitude, presteza e carinhos de mãe, no pequenino olho relampeiro assomando-lhe um risinho complacente; e ao cabo da refeição, quando levava os guardanapos, — que nos deixássemos estar... que muito bem parecíamos os dois ali assim... nem dois anjinhos!

E ficámos, com efeito, adormentados, languidos

sôb os lençoes, na furtada penumbra coândo-se pelos batentes meios cerrados da janela, emquanto, vaga e flebil, vinha acariciar-nos o ouvido a rumorosa agitação das ruas. E então todo o longo dia foi pequeno para as suas recriminações, que eu atalhava com beijos... e no regaço da minh'alma ahi tive, grano a grano caíndo, um moroso e quente desbagoar de censura que eram exorações, de indignações que eram queixumes, de protestos de malquerença que rebuçavam o mais impetuoso amor, a mais ardente e expansiva ternura.

De quando em quando, ela amuava e voltava-me costas, num ovalado inroscamento de sereia... e logo eu lhe passeava ao longo da cova dorsal os labios, numa estirada e humida caricia, que, sacudindo-a de prazer, a fazia de salto dar-me frente outra vêz, procurando-me num fervido e suplicante abraço.

E, entretanto, divertia-me imenso o nosso dialogo, a pitoresca série de ingenuas scismas, superstições, crendices, a que a nossa ardente aproximação dêra lugar. Assim, depois de pela centesima vêz ela haver enaltecido o desprendimento arrogante daquelle seu passo, a sua generosa complacencia em ter vindo mendigar o amor de quem parecia não querer mais saber dela, fêz uma pequena pausa, e com decisão e calor sentenciou:

— Que, isto é, eu nunca me devia ter rebaixado a cá vir... Devia mas era obrigar-te a ires tu á minha beira!

— Tu! obrigares-me?... — objectei, com uma leve tinta de desdem, sorrindo.

— Já te disse!

— Estás doida!...

— Ah! ias, ias... quer quisésses, quer não! O ponto era eu ter coragem p'r'o fazer...

— Mas fazer o quê?...

E ela, baixando pavidamente a voz, numa convincente e formal sinceridade:

— Falar com o diabo á meia-noite! — Eu tive um gesto incredulo. — Ris-te? ... Pois não ha nada mais certo! — E como eu agora, interessado com o episodio, abrisse na expressão a mais atenta e natural curiosidade, logo, toda compenetrada e solene, a rapariga explicou: — É assim... Põe-se-lhe uma toalha, um talher... não em cruz! e qualquer coisa de comer. Pão, queijo e vinho é bastante. Depois a gente ajoelha e chama-se por ele tres vêzes... com fé... É certo! Primeiro vêm o cão tinhoso, depois entra ele... e então, o ponto é não ter medo! pede-se-lhe o que se quer.

— Sempre acreditas em araras!

— Cala-te!... Já uma vêz vi uma amiga minha fazer isto... P'la minha saude! — Vi o cão... depois senti um cheiro a enxofre, um grande estrupido de patas pela escada... ainda vi uma sombra. Crédo! fugi com medo... Mas o caso é que, logo nesse mesmo dia, o amante dela voltou ali assim, e nunca mais a largou!

Tiritava-lhe todo o corpito, como a ramaria dum canavial sôb a chuva, e os olhos, muito abertos, fulguravam-lhe dum insustavel e credulo receio.

— Era o que eu te devia ter feito... Tu verias! — ameaçou ainda, com o rosto muito proximo do meu, affectuosamente. E depois, recompondo-se, com uma grande seriedade ingenua, prosseguiu: — Que ele ha quem diga que não é o diabo que nos aparece...

mas uma antiga mulher perdida, com uma filhinha de três anos. Sabes?...

— Eu não... Conta lá!

— Ó senhores! mas que diabo aprendem vocês nos livros?... Pois dizem que, quando essa mulher estava p'ra morrer, lhe perguntaram qual queria mais naquele instante, — se tornar a vêr o amante, se receber nosso Pae... Ela disse que antes queria o amante. Pois logo morreu! e vae dahi a sua alma ficou penando... A filhinha, que ficou santa, morreu tambem... E agora a desgraçada, p'ra cumprir o seu fardario, acóde ao chamado de todas as infelizes como ela! Que trabalhos! Primeiro vêm a filha, que é quem a ha-de resgatar. Entram na casa... e então toda a ralé da santinha é vêr se consegue que a pessoa que a chamou saia á rua primeiro do que elas. Quando isto conseguir, a alma dessa pessoa vae p'r'o purgatorio ocupar o lugar da mãe, que fica salva!

Eu bonacheiramente comentava a espadanas de troça a credulidade fundamental da rapariga.

E ela, muito a sério, indignava-se, fazia-me calar... na mais admiravel boa-fé mostrava quão imperiosamente a imaginação lhe era feudo desse terrorisante mundo do Misterio... Objurgava-me, dava-me conselhos. As minhas graças irritavam-na como se fôsem blasfemias.

... Podia-nos o céu castigar!

5 de março.

E agora a nossa vida seguiu de novo acamaradada e fácil, num mutuo enleio inefável, numa doce harmonia de predilecções e numa conformidade de instintos que nos fazia felizes, tão presos um do outro e tão esquivos ao mundo como se nos fundira os destinos e nos inleára o desejo um verdadeiro e grande e perenal amor.

O amor... E o que é o amor? ... Qual o verdadeiro significado, a natureza, o alcance desta eterna palavra, enigmática e sombria? quem logrou já bem na raiz desfibrar o magnífico sentimento, duma análise bem flagrante e bem viva extraír a esse atribulado movimento de alma a sua feição tormentosa e sublime, arrebatadora e terrível? ... Andaram durante séculos varias pias criaturas, e uma afrontosa legião de insignes velhacos, tentando persuadir o genero humano de que o amor era a paixão por excellencia, a mais nobre das occupações e a mais etereal das fortunas, deliciosa nesga de Ideal neste mundo aberta para o céu, o unico fundamento e motivo essencial de felicidade sobre a terra... quando afinal, — falo por experiencia! — não ha nada mais efemero, mais falso, mais perverso... nada que mais esmagadoramente pregõe e confirme a ruindade da condição humana. O Paganismo divinizou o amor; veio depois o Cristianismo, e castrou-o. Ambos fôram excessivos; o primeiro no seu entusiasmo, o segundo no seu odio. Considero o amor coisa mais illusoria e inconsistente que a mais pueril das amizades. É uma feroci-

dade sem garras, um ergastulo com azas. — Pois tu não vês ? . . . Depois de saciada a cubiça que uma vêz nos galvanizou, nada mais ha a esperar da animalidade satisfeita. A pleniposse endurece o coração. Quem diz fartura, diz tédio. Realizar um desejo é matá-lo. Toma-nos então um frio desdem implacavel, que não concede ás suas vitimas nem solicitude, nem dedicação, nem lagrimas . . . Uma ferina sollicitação do amor-proprio, uma irresistivel necessidade de inconstancia fecham á piedade e ao dó corações em que abertamente confiavamos. O proprio movimento egoista que nos fêz numa imperiosa supplica encaminhar todo o nosso querer á conquista do idolo da nossa alma, do tema afectivo do nosso ser, é o mesmo cuja enfastiada intolerancia nos leva depois a estramachar o despojo inerte da vitoria, como um trambolho inutil, para os inapelaveis confins do abandono e do desprêzo. — Por isso o despenhamento é colossal, o sofrimento é infinito ! Porque, por mais solidamente abroquelado de bom querer que um homem se julgue, por muito lido que seja em filosofias e a despeito de quanto estoicismo e resignação lhe hajam instilado as lições da Sciencia e a pratica da vida ; embora consiga por vêzes renunciar á avarêza, á gloria, á inveja, á vaidade, ao odio, — movimentos de alma que o não aquecem, — comtudo, se o momento chega de querer contrariar a sua tendencia afectiva interior, se pretende deslocar o eixo sentimental da sua vida, então reconhecerá que perante essa dificuldade formal todas as teorias falham, todos os sistemas se desmoronam, todas as arrogancias baqueiam . . . e desenganado e exausto terá de finalmente confessar que não dispõe de força nenhuma capaz de lhe assegurar o dominio de si mesmol

Nenhum destes amargos pensamentos acudia no entanto a aguar-nos o prazer, ou pelo receio e a duvida esfriava a nossa inalteravel ventura. E, não obstante, os factos bem breve iriam mostrar que irrisorio alicerce formava base ao nosso amor! e inconcebiveis traições, brutaes surpresas viriam ferir de morte o meu pobre coração desprevenido... No momento em que vamos, porém, ainda nem o minimo prenuncio do temporal se vislumbrava no assolhado céu da nossa união. A nossa concordancia era absoluta, perfeita; parecia para sempre unir-nos um carinhoso laço indissolúvel.

Eu principalmente, inleado na frescura impetuosa da minha inexperiencia, não queria, não via, não atingia outra coisa. Aproveitava todos quantos momentos podia, para estar com Alda. O meu pensamento, a minha vida, o meu desejo resumiam-se ali... Tudo o mais era fumo, ilusão, indiferença, tédio! Já me não bastavam as noites passadas em comum, as refeições á mesma mēsa, os teatros, as casas de pasto, ruidosas patuscadas fóra de portas, compras pelas lojas, — o dinheiro do comendador dava p'ra tudo! — visitas a bordeis, arriscados passeios com ela pelas ruas. A cada momento a minha crescente obsecação, o meu rubido e furioso amor inventavam motivos novos de perenal convívio, de tudo sabiam forjar pretextos a tornar-me dela inseparavel. Assim, como a pobre de habito se lastimásse muito, ao vêr-me com os jornaes, da sua rasa e formal ignorancia, eu propuz-lhe ensiná-la a lêr e escrever. E ela, no mais comovido alvoroço, — que sim!... tomá-ra ela... quantas vêzes estivera já p'ra m'o pedir, e sempre com acanhamento! — Não precisei ouvir

mais. Logo comprei a *Cartilha Maternal*, e então... tu não imaginas... era uma delicia! A lição tinha lugar quasi sempre de noite; quando eu sem chapéu e sem gravata, e ela num ligeiro traje de casa, não tínhamos já tenção de tornar a saír. — Sentávamos á mēsa, muito juntos, beira a beira, rosto com rosto, as respirações unidas, os corpos enlaçados... havia mesmo ocasiões em que no inconsciente resvalado do nosso mutuo furor de aproximação, ella passava de todo para o meu colo... eu abria o livro, e regalado e paciente ia-lhe apontando e deblaterando alto as silabas, que ella a seguir marmotava, hesitando, em tregeitos infantís, com uma graça infinita. Afagavam-me, penetravam-me ali, numa violenta osmose sensual que me destemperava os nervos, as calidas emanções da sua perversa carne irresistivel... e, assim, cada vêz mais ardido eu porfiava na lição, fitando Alda muito nos olhos, que como que bebiam dos meus o saber, num amoroso relampago intuitivo... E com uma das mãos eu ia apontando sempre, porfim já maquinalmente, as letras, emquanto lhe passeava a outra pelas dobras palpitantes do seu corpo, insinuando-a cariciosa e tremula pelas folgas das vestes em desalinho.

Bem empregado trabalho. Que lucidez! que intuição! Aprendia que era uma beleza... Por milagre naturalmente da minha affectuosa sugestão, mais do que pelo seu decidido esforço de vontade, o certo era que, dia a dia, fazia rapidissimos progressos. Por momentos, como que adivinhava. E, na escrita, a mesma coisa. Por sinal que ella ria a perder e achava imenso interesse na vêsga e camba confusão dos primeiros traços, laboriosamente garatujados no pa-

pel pela sua mão engranhotada e perra dentro da minha. Eu não podia acreditar... aplaudia-a, festejava-a; grandemente desvanecida, ela afogava-me em carícias, agradecia-me com beijos... breve, destas efusivas demonstrações a consequencia era reacender-se a nossa furia passional, interromper-se a lição, e lá davamos as consoantes e as vogaes ao diabo, e os nossos dois corpos famintos voltavam a inrosçar-se num desses rubros, doidos, intermináveis amplexos, absolutos senhores do nosso querer, que davam toda a razão da nossa vida, e que eu timoratamente considerava arrogantes desafios ao céu, pela undante plethora de felicidade em que inundavam a minha extatica e espavorida alma!

Quando eu ficava com ela, o que era quasi habitual, tambem depois as manhãs, ao acordar, eram uma verdadeira festa. Rompendo fresca e leve do seu longo sono reparador, a minha rica amante espanejava-se e abria-se em ruflos, saltos, gorgeios, risos de ave que desperta... Então, mal nos ouvia chalar, vinha a Eternidade trazer-nos o *leitinho*; e, ao levar as chavenas, sabia muito bem cerrar sobre si a porta, acomodaticamente, sem dizer palavra. De sorte que nós os dois ficávamos ali assim horas esquecidas, garrulos, feiizes, brincalhando, prêso o desejo e a vontade flutuante numa voluptuosa inacção que o silencio môrno e a penumbrosa luz do aposento favoreciam. Ela fazia as suas orações, depois não estava quieta um instante: contava anedotas picantes, erguia em angulo os joelhos, batia palmas, cantarolava, mordida-me... e então que mania singular! — lembras-te de eu haver ali notado, na minha primeira inolvidavel noite de insonia, que a franja do

docel do leito estava incompleta e como que comida, na altura do alcance da mão, aos lados? . . . — pois se todo o furor daquele demonio era arrancar-lhe as bolitas de sêda que a adornavam e metêr-mas por força nos ouvidos! — De seguro que este mesmo divertimento ela haveria crescidas vêzes ensaiado com os meus antecessores . . . Punha-me fulo semelhante ideia! E quanto mais eu arreliaava do incidente, mais tambem a foliona malignamente renhia na travessura.

Mas sobretudo a minha maior exultação derivava agora de que eu começava a apreender-lhe a expressão dos olhos . . . Já não eram p'ra mim de porcelana: eram de cristal . . . eram como duas grandes janelas patentes á minha inquirição dentro da sua alma! A nossa reaproximação grangeára-me este favor singular, fizêra este milagre . . . Fundira-lhes o gêlo essencial esse tresbordante exacerbar da nossa mutua ternura. — Agora os seus dois belos olhos, claros e travêssos, falavam-me, davam-me toda a confiança, pertenciam-me . . . indefesos e amigos, eu lia neles sincera e escampe a mocidade, a petulancia, a dedicação, a franqueza, o amor, seguia-lhes as mais incoerciveis cambiantes do sentir . . . eram ao meu coração barometro infalivel por onde regular a minha conduta com Alda, para lhe prevenir os caprichos, antecipar a vontade e ir adiante do desejo. Assim, a nossa intimidade afervorava-se, a nossa conformidade era perfeita. E o conhecimento, que eu supunha completo, e a affectuosa dominação duma alma tão complexa e tão rebelde, traziam-me cheio de mim, davam-me saude, banhavam-me de emoção, faziam-me um gigante de vaidade.

O maior prazer dela, á noite, quando nos deita-

mos, era adormecer nos meus braços, infantilmente acalentada pela minha voz *contando-lhe historias* . . . Porêem, umas vêzes por outras, — calculas bem que não podia deixar de ser . . . — ou porque tinha no dia seguinte aula cêdo, ou por precisar demorar-me até mais tarde em Buenos-Aires, tinha de ir por força ficar a minha casa. Pois dessas vêzes mesmo, assim que eu soprava a luz e anulando o pensamento me dispunha a pegar no sono, era tão dominadora, tão imamente em mim a vibração da voluptuosidade, que nos nervos em remanso logo o formigueiro das ultimas impressões restolhava e crescia . . . e eu revivia sem querer as delicias passadas, como que sentia as mãos dela premindo-me os pulsos, os deditos fazendo-me teclado das costas, a onda calida dos seios, a frescura do queixo contra o meu, a gorja de veludo dos seus braços no pescoço . . . e surpreendia-me involuntariamente contraíndo tambem as mãos e virgulando os dedos para a afagar, ou alongando os labios na dulcida emissão dum beijo! — Então, ou me sacudia, dando-me a noção da realidade, um ávido sobressalto, cuja violencia algumas vêzes chegou a projectar-me fóra do leito; ou então, embalado no languido engodo da illusão, narcotizado dum vago, dum suavissimo prazer, como se tivésse comigo ali assim a minha amante, aplacado, feliz, adormecia . . .

Depois, por essa noite alta, lá vinham largos claros de sono, lucidas stases em que inlevado o meu espirito se esquecia a pensar nela . . . ELA! — ahi tens tu uma palavra que por si mesma é como que duma côr de pronuncia distinta . . . palavra que, tomada no valor que eu lhe attribuo, resume em si toda a razão que ha para vivermos, exprime quasi o inefavel,

o divino, o infinito! — Esquecia-me pois a pensar nela... nos seus começos, de abandono e miseria, a sua vida caprichosa, atormentada, incerta... os formidáveis saltos, as alternativas cruéis do seu destino... e tomava-me uma surda e comovida indignação, crescia-me no peito uma onda sufocante de piedade e de ternura.

Que culpa tinha ela de ser o que era?... O seu viver era irregular, marcava-a um estigma infamante, fizêra do coração estalagem, podia considerar-se impossibilitada de vir a constituir família. Mas por culpa de quem?... Não tinham sido todos esses homens, que agora lhe voltavam costas, os mesmos que haviam brutalmente abusado da sua inexperiencia, torcido o seu querer e gastado a sua virtude? — Oh, meu amigo, repara um pouco nisto... vê como é mesquinha, egoista, absurda a chamada justiça social. — Anátema á mulher perdida! — clamam todos. Porquê?... Bem mais odiosa e ultrajante que a prostituição da mulher, a qual não passa dum fenomeno todo fisico, automatico, animal, considero eu a consciante prostituição do homem, que é pensada, reflectida, filha do calculo, uma ignobil transigencia com a desonra, perpetrada na perfeita antevisão de toda a sua vileza. O espião não vale a meretriz. Nas insondáveis profundezas da estratificação social, abaixo do esterco das almas fica a bandalheira das consciencias. A descarada que cinicamente oferece o seu corpo na praça publica, não merece maior execração do que o ambiguo malandrim que surrateiro deslisa pelas recamaras dos grandes mandões da terra, dos beatos do destino, dos favoritos do poder e da fortuna, pronto a vender-se por um negocio, pondo em almoeda na

sombra a sua intelligencia, o seu braço, a sua força para desdobrar uma intriga ou para esconder uma infamia. Esta, sim! esta é que é a verdadeira prostituição moral, é a lia mais aviltante da humana condição, a grande pustula essencial do nosso tempo. — E, não obstante, nós vemos que aqueles que a exercitam, triunfam . . . para eles são honras, fomas, glorias, considerações, riquezas; ao passo que as desgraçadas cujo crime unico foi cederem a um impensado movimento do coração, a um generoso impulso affectivo, a essas o dogmatismo social embrulha-as todas na mesma inapelavel formula de abominação e de desprezo.

No entanto, nós deviamos considerar que nessas pobres criaturas, minguadas de espirito, em que a sensibilidade predomina e o *grande simpatico* dá o rumo á vida, o seu pequenino e desguarnecido cerebro vae admiravelmente preparado, por uma educação ridicula, para o luxuriante bracejar de toda essa emaranhada teia de erros, caprichos e quimeras que arrastam ás grandes faltas inconscientes. Ora, nestas condições, se nós em bôa parte é que lhes preparámos a sorte, e de começo encaminhámos as coisas no sentido que ao nosso egoismo mais interessa, não será grandemente injusto tornarmo-las responsaveis por moribundos estados de alma e traiçoeiros delirios dos sentidos que nós como que nelas enxertámos, e que inevitavelmente as haviam de perder? . . . É, decerto: a nossa mesma superioridade, o nosso saber, a nossa força deveriam impôr-nos para com a mulher como um devêr a benignidade, a tolerancia e o perdão. A mulher é uma atoadada e incorrigivel criança, que não vae a maus tratos . . . antes se torna indispensavel

instruir, mimar, moralisar, guardar . . . e absolver. — Alucinada e impulsiva de condição, violenta porque é arbitraria, curiosa porque é ignorante, impetuosa e excessiva em todos os seus actos, mórmente no amor, que é a sua verdadeira vocação, a cada passo ela é sacudida de comoções organicas e sugestões moraes que incarnadamente se apoderam da sua natureza vibrativa e facil, fazendo-a desdobrar em tudo quanto seja paixão, em tudo quanto signifique um querer ou subintenda um desejo, uma soma de desinteresse, emoção, energia e valor verdadeiramente desmedidos, doidos, formidaveis.

Tambem por isso o homem sabe em beneficio proprio aproveitar a primor as demasias affectivas da sua adoravel e dôce companheira. E não ha nada mais abjecto, mais ignobil, mais perverso do que a nossa tortuosa ferocidade, assediando-as . . . Não tem inscrição nos codigos, e todavia é o mais baixo e infernal dos crimes, a nossa implacavel industria da sedução, o nosso bandoleirismo erotico, o pavoroso arsenal de amavios, manhas, elequencias e promessas que nós sabemos pôr em campo para as obrigar a ceder ! E depois ainda, o que torna incomensuravelmente torpe o nosso proceder, o que degrada para os infimos capitulos da monstruosidade a nossa infamia, é que do descredito da mulher não ha apelação, a sua desonra é sem recurso . . . Mulher perdida, é perdida para sempre ! Antes de violada, um anjo ; depois de servida, um trapo. Ela pede-nos piedade, protecção, carinho, e nós não sabemos senão vibrar-lhe injurias ; retribuimos-lhe em desprezo o que ela nos deu em prazer. Depois de a fascinarmos com a miragem dum trono, arremessâmo-la á podridão do monturo. — Por

mais que a misera pretenda reerguer-se, emendar-se, voltar á vida normal . . . não o consegue, não se lhe consente. Se uma vêz cincou, tal momento de irreflexão foi bastante para condenar fatalmente á ignominia e ao erro o resto da sua vida. Todas as classes a repelem, todas as profissões a engeitam, todas as portas se lhe fecham. A mesma sociedade que pronta e jovial lhe serviu todas as facilidades ao despenhamento, que a oiros e veludos lhe debruou solicita a convidativa rampa da desgraça, opõe-lhe agora toda a sorte de obstaculos á reabilitação . . . é tão intransigente e cruel na condenação como fôra persuasiva e dôce no aliciamento.

Não é sentimentalismo isto que eu te digo : é logica. É a perene e estúpida consagração, por esse mundo fóra, da absurda invenção do Pecado Original . . . invenção a cujos dogmaticos efeitos disciplinares o homem, como é quem fabrica as leis e os costumes, tem sabido cinicamente furtar-se, fazendo incidir todos os rigores da condenação sobre a outra metade da especie. Vae tu e dá-te um pouco ao trabalho de consultar as estatisticas . . . verificarás que, das duas mil mulheres que em Lisboa exercem a prostituição regulamentada, mais as seis mil que se entregam á prostituição clandestina, bem os quatro quintos fôram victimas do egoismo e perversão dos homens. — Nestas condições, que admira que a mulher se perca ? . . . Tendo tentado em vão manter-se honesta, afinal prostitue-se, porque reconhece ser este o bom caminho pratico a seguir. As mulheres fazem mal em ser sérias, porque ninguem as toma a sério . . . Com efeito, é curioso de analisar o papel duplo da mulher neste mundo, — o que a hipocrisia social lhe talha, e o que ela,

revoltada e impulsiva, a si mesma se distribue. Temos, a um lado, a mulher livre, esturdia, insolente, que zomba de abusões, refratária a preconceitos, tendo por unica preocupação o dominio, o prazer, a seu bom talante desbaratando toda a fortuna e todo o amor dos homens; e, do outro, a mulher infeudada á obrigação, escrava submissa do devêr, tendo o meticulous culto das convenções sociaes, resignada e mansa arrastando uma existencia crepuscular, toda abnegação e silencio, ignorada, esquecida... Pois tanto aquella é mimosa de honras, distincções, larguezas, como esta é computada em infimo valor. A primeira dispõe da supremacia mundana, da riqueza, do poder, da evidencia; a segunda apenas consegue... morrer de fome. E, assim, bem tôla é a que se sacrifica! Eu não só desculpo, mas compreendo e aplaudo a mulher livre. — Repara bem... nós nascemos todos com instintos, homens e mulheres. Logo no nosso embriionario ser o bioplasma do Mal vibriona e fermenta, muito antes que a educação nos amolde ao Devêr e nos enverêde á Virtude. Ora o certo é que a mulher que despejadamente segue o caminho do erro, essa alcança toda a nossa protecção, simpatia e favor. E porquê?... porque é nossa irmã no Vicio. Repudiâmo-la em comum, é certo; denegamos-lhe a publica estimação, a consideração colectiva... ah! mas no recato e na sombra rojamo-nos a seus pés, servimo-la, adoramo-la, sentimo-nos por ela capazes de todas as abjecções, de todas as loucuras; ao passo que a mulher honesta, essa que melindrosamente contraria e vence os seus instintos, por uma austera obediencia ás leis da virtude que em conveniencia e proveito da nossa hipocrita moral nós lhe fabricámos, essa é

a eterna burlada; numa passividade de automato, inapreciada, a um canto, se definha e anula; e quantas vezes as duras contingencias da vida não fazem dela uma vítima!

Por isso, — não te vás irritar — mas, no meu conceito, a sinceridade no vicio é uma grande qualidade. Acho um grande merito ao desbragamento arrogante e alvar da prostituta. Saber-se relegada ao infimo desvão da escala social, e senti-lo e confessá-lo com dureza, arcar publicamente com a desonra, ter o orgulho da profissão, o brio da afronta e timbrar no erro, — isto é que é honestidade, isto é que é coragem! E ahí tens tu porque eu me inflamava e internecia junto de Alda... Estava a lêr nela, travestidas na mais ritmica e divinal das formas, as comoventes reivindicações do seu sexo. Considerava-a a sintese humana duma intima revolta essencial, um simbolo vivo de protesto contra a nossa tirania secular, a vindita, pela sedução e pelo engano, do nosso convencionado e formal desprezo.

Vaes-me prègar com os preceitos da moral, que eu tinha, como bom cidadão, o devêr de acatar e cumprir. — Mas que moral? de que especie de moral me falas tu?... Da que se funda nas leis naturaes, ou do mistiforio artificial manipulado pelos homens?... A primeira é um eterno principio salutar; a segunda é uma baboseira. E aquella, a verdadeira, a sã moral, não consiste senão na inteira conformidade dos nossos actos com o nosso desejo, da nossa volição com a nossa consciencia; é uma correspondencia harmoniosa e completa entre o nosso senso intimo e as nossas relações com o exterior. Observássemo-la nós, a ela e só a ela; bem

franca e rasgadamente, e tu verias como o mundo marchava melhor!

Nesta ordem de ideias, que querias tu que eu fizesse... fantasista, inexperiente, moço, com o espirito sequioso e a sensibilidade espertinada?... Havia de continuar para ali assim, frio e só, desmaridado, inutil, estirando os meus fortes musculos no vacuo, sem um derivativo regulador ao coração, sem um ponto de apoio á minh'alma?... E, como eu, os mais... Em vez de tanto nos incarniçarmos em fazer mal uns aos outros, melhor nos irá ocupando-nos em cultivar dentro de nossos peitos o amor. A chamada virtude, a abstenção genesica é o que quer que seja de antifisico, místico sonho de algum poeta religioso, irrealizavel e incompreensivel ao comum dos homens. O celibato não existe senão em teoria. O concubinato é uma instituição. O gineceu é um sacramento. E até, para que nós em toda a sua admiravel complexidade possâmos apreciar a mulher, tem ela que despojar-se do pudor, — essa epiderme da alma.

Deixar pois cada um debater-se na turbulenta espiral dos seus erros, predilecções, instintos. A vida é assim... Bem sei que o meu procedimento não tinha nada de regular, que o meu futuro estava prêso a vossos sagrados; que, muito longe e acima desta vilipendiosa aberração, um outro ideal, um outro norte me guiava... Mas se eu queria por força, primeiro que tudo, gozar! Gozar tanto quanto pudesse! Queria ser o dilecto da fortuna, o benjamim do destino. E para isso, — bem sabes, — tinha de paralelamente abandalhar-me... Porque só se alcança a ventura a poder de abdicação. O prazer dilue o character. Um vicio extremo, radical vale mais do que uma medio-

cre virtude. Requer sua ponta de abjecção a verdadeira felicidade. — Tanto que, nesta minha epicurea e ardente obstinação, na minha inestancavel sêde de amor, eu chegava a desgostar-me de ser como sou... queria vêr por completo varridas ao sôpro calido da paixão algumas bôas qualidades que ainda me restam, para poder então, franca e desapoderadamente, afrontando a sociedade, atropelando o devêr, cavalgando o mundo, chafurdar bem de vontade e de instinto no complicado atasqueiro de todos os deboches que a imaginação libertina dos torturados pelo desespero inventou...

8 de março.

Muito de caso pensado deixei passar três dias sobre a minha ultima carta. Como o artista que, duvidoso e incerto do resultado, temporariamente furta á sua vista fatigada a obra tocada de fresco, tambem eu quis deixar volver alguns dias sobre o que escrevêra, para poder então no seu justo valor apreciar o *quantum* de paradoxo e disparate a minha tara degenerativa logrâra instilar nos atropelados periodos que precedem... Eu estava a traçá-los, e ao passo que, rapida, febril, a mão obedecia ao pensamento, um vago instinto me segredava que não ia senão amontoando grotescos e alinhando inconveniencias.

Vejo agora que não me enganava... Faltou-me a serenidade; a fria linha imparcial de analyse que eu me havia imposto formal obrigação de manter nesta implacavel auto-dissecção, embrulhou-se, a traçou-me. Fartei-me de escrever destemperos, de malucar

asneiras. Batidas no alado *steep-chase* do meu entusiasmo, as aberrações, os erros, as hiperboles galoparam na raçaga umas das outras, com a violencia rompante de esquadrões na refrega. — Nem admira... As mais das vêzes, duma insignificancia, dum nada, os cerebros doentes dos atribulados derivam á insanía, á duvida; a propria hiperestesia funcional arrasta-os á aleivosa amplificação dos sentimentos, á visionativa deformação das coisas. E a minha alma, tão facilmente inflamavel, não podia a esta ética geral fazer excepção.

Reatando...

Avisinhava-se o verão, com ele o risonho tempo das seroadas, fogueiras e descantes em honra dos três santos populares; e tanto bastava a servir de estímulo ao crendeiro arsenal da rapariga. Agora é que não houve meio de para mais tarde lhe diferir a satisfação dum pedido com que ela ha mêses me provava a paciencia. Queria ter um oratorio. — Era sempre bom haver em casa santos a que a gente apegar-se, numa aflição. — Por forma que um belo dia eu lá me decidi a comprar-lhe um lindo oratoriosinho portatil; não um destes cacifos banaes, talhados em nogueira ou vinhatico invernezado e forrados a papel de sala, que são o relicario consagrado dos penates burguezes, e constituem a grande ambição mística das costureiras; mas um fino, alto e elegante sacrario gótico, todo em cedro, que eu de acaso descortinei no meu sabido entalhador da rua da Rosa, e que era encantador, com a sua alta cupula esguia, amparada em cabecitas aladas de anjos, terminando em baldaquino, com os seus fortes botareus oitavados, com as portas abrindo em triptico, mal amparadas, vanguejando nos en-

gonços oxidados, e seus vestígios ainda de pinturas barbaras de martires sobre um fundo fôsko-dourado, saltando em escamas na madeira encarquilhada e fibrosa.

Quando tal maravilha viram, os olhos de Alda, instintivamente, sem mesmo lhe saber apreciar o raro e artistico valor, de pasmo e exultação duplicaram em tamanho. — O que aquilo disse! que festa, que alegria! — Na estonteadora impulsão do seu contentamento, já me queria adorar a mim... Eu instalei-lhe o oratorio sobre a comoda, depois de o haver forrado a velho damasco de sêda, em ramos, dum belo tom sanguineo, cuja gran a incoercivel fuligem dos seculos escurecêra, fazendo-o liturgico e dominical como um retalho de casúla, adaptando-o a primor para que dêsse o mais vantajoso destaque ás santas imagens de que eu ia povoar-lhe esse precioso escriptorio rendilhado. — E fôram: um grande Senhor Crucificado numa cruz de pau santo, com peanha, onde se viam incrustados a madreperola os emblemas todos da Paixão; depois, ladeando essa bela figura dominadora, a Virgem e a Madalena, rolando ao alto o olhar aflitivo e triste, de braços longos e os dedos entresilhados, duas primorosas figuritas em barro, incarnadas a branco, azul, vermelho e oiro, finissimamente modeladas, acusando fielmente, no vulto e na côr, os minimos detalhes, a anatomia, as roupas, as feições, os deditos, as unhas, e até no angulo interior das palpebras uma tenue gota de cristal figurando o coagulo das lagrimas; e um grande retabulo de téca filetada a ebano, com rosaceas de metal nos angulos, dentro do qual avolumava um grosso coração de sêda côr de rosa, abrigando no centro, protegida por um

vidro, a deliciosa miniatura dum Menino Jesus em cêra, frêsko, redondo como uma guloseima, dominando amparado á mãosita o seu lendario sono redentor, num fôfo ninho de nuvens de algodão em rama alfinetadas de estrelas de oiro. E veio mais um Santo Antonio de porcelana, uma Santa Barbara de prata, um *registo* do Senhor dos Passos ; mais ainda uma Nossa Senhora de marfim, já tostada e fendida, velho trabalho indiano, bem eva de três seculos, toda dum córte ingenuo, duro, impassivel, o têsso acamo das roupas assentando num soclosito de pau *sissó*, retalhado de ornatos buucicos. E depois ainda, com o crescer dos dias, o inventario das pequeninas coisas preciosas foi avolumado, na proporção que a sua piedade e o meu disvelo as iam pelos leilões e adelos descobrindo : reliquias mais ou menos autenticas, rosarios, bentinhos, um *sino-samão*, uma *pedra de raio*, escapularios, raminhos de perpetuas, amuletos, figas, orações, antenas de vaca-loira.

Naturalmente, não me esqueceu fazer suspender do baldaquino uma pequena lampada de prata doirada ; e ao lado, na parede, pendurar uma piasinha moderna para agua-benta, em *biscuit*, que era uma cruz de rosas, anemonas e violetas enlaçadas, com a sua concha á frente. — A pequena não cabia em si de contente, andava como doida de admiração, de entusiasmo, de alegria ; e a cada santo novo que eu lhe trazia, a cada novo acrescentamento ou correccão que á sua piedosa mania o meu cuidado e o meu amor descortinavam, tambem na mesma medida ela me trejurava, entre beijos, carinhos sem conto, que cresciam o seu reconhecimento, a sua adoração, o seu amor por mim . . . — E, está de saber, queria ela agora sem-

pre, noite e dia, a lampada acêsa. E na agua benta permanentemente mergulhava, para as aspersões, o requerido raminho de oliveira.

Eu tambem, progressivamente, por efeito deste constante incidir do pensamento e da atenção no mesmo objecto, acabei p r dar-lhe razão . . . achava uma atracção e um incanto singular á minha obra. E é que tu não imaginas como era belo, afinal ! principalmente de noite . . . Estou a vêr como aquella sossegada e fria luz do azeite, depois de espelhada em macias irisações nas santas imagens, tendo riscado sobre o marmore da comoda um grande leque, scintilante e redondo como um resplendor, ia banhar o pequenino aposento num tenue luaceiro, tranquilo e austero, e lhe dava um recolhido ar de capela, um impositivo caracter de religiosidade brigando com o solto arranjo pagão da adjunta camara de dormir.

Mas, ao mesmo tempo, como os caprichos lhe viñham sempre aos pares, entrou Alda de insistir comigo em que queria por força um animal em casa. Um ente vivo qualquer, que *fizésse chiada* . . . que dêsse alma, animação áquelas paredes.

— Ai, filho ! depois de tu saíres não calculas a sensaboria de morte que aqui vae . . . — lamuriava, a justificar a lembrança, a rapariga.

Discutiu-se com atenção e vagar o magno assunto. Reuniu o conselho de familia. E perante essa grave dificuldade domestica dividiam-se as opiniões de nós três, os alvitres choviam e eternisava-se esterilmente a discussão, sem haver meio de chegar-se a um acôrdo. — Um canario acordaria a gente muito cêdo ; os cães eram muito porcos ; pombos, se morriam ou fugiam, vinha azar á casa . . . Opinou-se afinal por

um gato. Mas o desalmado riscava os moveis, rasgava as cortinas, marinhava pelos reposteiros, roubava tudo o que fôsse comer, e irritava dolorosamente os nervos da rapariga com o seu aspero afiar das unhas nos pés da mēsa da cosinha. Em pouco tempo, foi posto fóra. E logo no mesmo dia em que o galego o levou, dentro dum sacco, estrebuchando, mal que eu entrei, pela tarde, em casa, logo ouvi na sala de jantar o raspante grasnar dum papagaio. Arreliei e agastei-me, porque sempre nutri uma instintiva aversão por essa estúpida ave, infatuada e palreira. A pequena, porém, logo de roda de mim: — que não . . . que era uma embirração esta minha, sem fundamento. E que aquele seu papagaio era uma coisa singular, nunca vista . . . melhor que os dois do Casademunt! muito manso, vinha comer á mão, dizia tudo quanto havia, cantava, assobiava . . . tinha imensa graça!

E, insinuativa e meiga, ahi me leva ela mansamente, pelo braço, té á casa de jantar p'ra eu vêr o *bichoninho*. De longe, chamava-o « meu menino! meu loi-ro! » com a maior soma de mimalheira e ternura de que era capaz a sua natureza estremeosa. O adunco animal respondia-lhe aguçando o bico, arripiando ariscamente as pennas. E ao lado dela a Eternidade, de mãos sôb o avental, sentenciosa, complacente, corroborava:

— Ah, ter em casa um animal é muito bom . . . Póde entrar um ar, e dá no animal, não dá na pessoa.

— Um ar, salvo seja! sabado de Nossa Senhora é hoje . . . — acudiu logo Alda, num supersticioso pavor, benzendo-se.

Eu sinceramente na ocasião lastimei que, ao menos essa manhã, não tivésse entrado ali em casa,

antes do papagaio, o tão temido ar, que levásse p'r'os quintos o raio da megéra!

Assim, em tudo e por tudo, eu estava sendo o passivo joguete, o grande instrumento aquiescente e gostoso das leviandades, depravações e fantasias pueris da rapariga. Entre as suas amigas mais dilectas, ocupava o primeiro lugar uma antiga colega do Porto a Amalia, — escultural e perturbadora morena, rija, redonda, com essa côr hepatisada e calida das ardentes depositarias da paixão, a epiderme de setim e uns olhos de veludo. — Havia sido propriamente a sua mãe na prostituição, a sua iniciadora e mestra no vicio: do que lhe ficára sobre a pobre tutelada um claro e reconhecido ascendente. Conhecêram-se na sua primeira casa de perdição; e para Lisbôa tinham vindo tambem quasi uma a quando á outra. Alda estimava-a profunda e convictamente; era a sua confidente, a sua conselheira, o receptaculo leal dos seus segredos, a Egeria patibular do seu destino. Acatava-lhe a antiguidade na profissão, sofria-lhe a hipnose do temperamento. Em casa, o nome da Amalia andava sempre na baila, era citado cem vêzes ao dia. A proposito de qualquer coisa. — Se a Amalia gostaria... ela era capaz de não querer... vamos a vêr o que diz a Amalia. — Com ela tinha ido, no Porto, buscar o livrête ao Governo Civil... e num esturdio alarde infantil, quantas vêzes a misera me não contou como ela desceu nesse negro dia, vaidosa, arrogante, feliz, ao lado da outra, a rua de Santo Antonio, já com o imundo folheto no seio, e toda num bravo alvoroço, numa ancia de relatar a toda a gente, de gritar bem alto á cidade a sua recente pactuação com a vergonha, como se houvéra praticado a maior das

façanhas ou a melhor das virtudes ! — Tinha 15 anos ! que querias tu ? . . .

Esta Amália demorava agora á rua da Emenda, numa *casa particular*, a cuja industria ilícita a policia, como tinha suas gostosas compensações, fechava interessadamente os olhos. Curioso . . . Homem nenhum ali entrava sem prévia apresentação ; e a dona da casa era uma pretenciosa e tipica onzeneira, com o seu longo perfil de asceta, vergado e solene ; o seu grande laço de sêda preta sobre o inseparavel chinó grisalho, destinado a vestir os estragos duma antiga e irremediavel alopecia sifilitica ; a sua grande verruga aflo-rando á ilharga do mento, a fazer base a um farto pincel de cabelo ; a sua face arregoadada em pelhancas de asténia senil e de cansaço ; o grosso nariz empastado, uns pequeninos olhos, falsos e inquietos, as suas mãos de palmipede e os seus modos bem falantes. Dizia-se muito apontada em melindres de pundonor, não consentia na sua presença palavradas, confessava-se e comungava todos os mêses, e não faltava um dia santo á missa. As pensionistas chamavam-lhe *mãe* ; para as visitas, para o mundo era a D. Eleuteria. Morria por conversar, e o seu maior sinal de simpatia ou consideração por qualquer, era o oferecimento duma pitada. Alimentava-se a café, arrastava penosamente as noites no tédio, no tormento sem fim de implacaveis vigílias . . . e no entanto sempre o mesmo inalteravel sorriso complacente os seus labios de cêra e mel stereotipavam. Se ha categorias na crapula, se as diferenciações hierarquicas abrangem as ínfimas camadas, sem contestação esta D. Eleuteria pertence á Aristocracia do vicio. Viva e inteligente, chegava a parecer erudita, facilmente

aquecia na discussão e se apaixonava por um assunto. Então era de vêr como, na febre da convicção, do entusiasmo, a sua angulosa fealdade se multiplicava... Rompiam-lhe os malares o pergaminho da epiderme, a testa era um revoltado mar de escamas, os olhos duas ascuas de lume, a bôca um rasgão ao vento, e no vertice da sua grande verruga vibratil cada uma das crêspas cerdas tinha movimentos propios tambem... todo esse arreliativo penacho branco falava e mexia, fechando, abrindo, torcicolando, espetando, inrolando-se, em crispaturas de insecto agonisante, em grotescas e formaes eloquencias.

Pois, volta e meia, sobre o jantar, ficava-nos ali perto... iamos lá. Eu condescendia, parte por cobardia moral, parte porque, atenta a relativa discrição da casa e a singular familiaridade de que desfrutavamos, eu podia afoito entrar e sair sem o risco de ser visto. Toda a casa era como nossa. A qualquer hora entravamos, pela porta escusa da cosinha, e já nos conheciam o tocar, ninguem fazia maior reparo. Alda ia logo ter diteita com a patrôa; e eu tinha de roda de mim, sem mau sentido, a farandoleira côrte das raparigas. Tratavam-me todas de *tu*, contavam-me seus pecadilhos de amor, faziam de mim confidente, oraculo, juiz, e estavam absolutamente proibidas de me pedir dinheiro.

Nessa data memoravel da entrada do papagaio em casa, Alda quis ir por força á noite á rua da Emenda. Queria levar á Amalia a grande novidade. E eu instinctivamente a recusar-me... Como o caração adivinha!... Afinal, ela tanto insistiu... lá fomos. — Entrámos, como de costume, para o *comedor*. A D. Eleuteria, que, sentada á cabeceira da mêsá, alinhava

com um baralho uma *paciencia*, arredou num pronto as cartas, mal nos viu, e jucunda e afavel já me fazia praça junto dela, achegando uma cadeira. A despeito de toda a sua amabilidade e agrado, estava horrivel! Banhada na crua incidencia obliqua da luz vertida do candieiro, suspenso do teto, toda a pavorosa ruina do seu perfil, avivada e longa, assumindo linhas de monstro, se exacerbava e crescia. Comtudo, dominando o melhor que pude toda a minha repugnancia, ocupei o meu logar . . . Ao lado dela, de antebraços cruzados sobre a mêsã, fazendo cama ao debil corpo alquebrado, amarfanhava-se uma franzina e esbelta rapariga, murcha, clorotica, raso o cabelo pela nuca e um forte cheiro a essencias fenicadas. Havia tido alta do hospital naquele dia. Passiva, muda, indifferente, o seu tenue corpo exausto gozava numa beatitude a voluptuosidade do descanso; o nos tristes olhos macerados vagamente lhe bailava o desgosto, a resignação pela rude faina que ela de força havia de ir agora ali assim recommear . . . Um pouco mais recuado que ela, junto á parede e ao lado do aparador pejado de cascas de laranja e garrafas vãs, o amante da Amalia, derreado e macilento, sujo, intonso, com o gato no colo e um prato adiante de si, ruminava agriões silenciosamente. E ainda, na cabeceira oposta da mêsã, um outro intimo da casa, o *Bolacheira*, — celebrado galanteador de viela, arrogante e vistoso valdevinos, de uma interessante cõr biliosa, o buço incipiente, grandes olhos negros, sua mécha de cabelo como azeviche puxada aos olhos, gravata á toireiro, calça bõca de sino, polainas, — com a perna esquerda em descanso sobre o joelho direito, afinava distraído uma guitarra. Não obstante a sua assidui-

dade ali, era esta a primeira vêz que nós o encontramos. — Havia um cheiro requentado a femea, complicado das perfumarias banaes do *químico* da Trindade. Vinham de fóra trilos de risadas. Sentia-se o ensaboar de roupa na cosinha.

A Amalia veio logo, da sala, sobre nós; e entre um cantado desbaratar de beijos, Alda apressou-se a perguntar-lhe, baixo:

— Aquele é que é o *Bolacheira*?

— É, sim...

— Ah...

E depois, já alto:

— O teu rapaz como vae?...

— Queixa-se do peito... — respondeu a simpática bruna, baixando por seu turno a voz. E depois, encarando o rapaz com mimo, e de modo que ele ouvisse: — Está uma bôa lesma!

Aqui, viu-lhe o gato no colo, e logo, correndo a enxotá-lo:

— Vá! seu *Belmiro*, fóra!... Ora o traste!

Tornára para junto da amiga; mas não se poudeteer que não voltásse a fitar o amante, dizendo-lhe num tom simultaneamente repreensivo e meigo:

— Vae-me fazer essa barba... Pastel! — O rapaz não se moveu. — Ah, não te mexes?... Não tens amanhã agriões!

Nem esta ameaça logrou arrancar o interpelado á sua grande apatia insensível. Automaticamente, o olhar parado, um vago ar sofredor na expressão, continuou no seu trabalho de ruminante, sossegado, impassível.

Alda era agora toda interesse, efusão, carinho para a anemisada e debil convalescente:

— Então, que tal te déste? ...

— Eu, bem ...

— Vontade de estar por lá mais tempo?

— Ah! não ... isso não!

— O tratamento? ... — interveio a Amalia.

— O tratamento não é mau ... As empregadas, o fiscal é tudo bôa gente. Mas, ó filhas! esta coisa de a gente comer em latas ... vestidas que nem umas pobres de Cristo! E depois, muita choldra, uma grande confusão ... Não se vê quem a gente quer ... Eu cá sempre lhes direi: via-me ali no meio de tanta soma de pessoas e sentia-me mais só do que aqui! Não sei o que me faltava ... — E, com uma grande doçura na expressão, apertando o pulso da petrôa: — Lembra-me da mãe ...

— Vá! vá! — acudiu com dignidade a D. Eleuteria, sacudindo-a.

— E então que aquilo hoje é uma casa embruxada!

— Crédo! — exclamaram com terror Alda e a Amalia.

— Já todas me pareciam almas penadas ... Não se vêem pelos cantos senão mésinheiras com promessas, manigancias, feitiços, rezas ... E então as coisas que aparecem de noite! ... Eu cá levava-as em claro, cheia de medo!

— Mas então o que é!? — atacou a Amalia com vivacidade, indo sentar-se junto da companheira.

— Conta lá! — ao mesmo tempo insistia Alda, com interesse, tendo-se sentado também, o queixo apoiado á mão e o cotovelo na mēsa.

E a rapariguita, depois duma pausa, e não sem primeiro cautelosamente circumvagar pelo aposento a

vista, numa intimativa solene, endireitando o tronco, aventurou :

— Vocês não sabem ? . . . a Marta ?

— Asneiras ! — atalhou repreensiva a D. EIEUTERIA, prolongando o nariz e batendo o pé de impaciência.

— Ó *mãe*, já lhe disse ! — contestou a doente com calor. — Não ha como a gente presenciar as coisas . . .

-- Almas perdidas, valha-vos Deus !

— Ó *mãesinha* ! não seja chatona . . . deixe ouvir !

--- Pois esta Marta é uma grande amiga que nós temos no outro mundo ! — continuou, restabelecido o silencio, a narradora. — Sempre pronta a acudir ao nosso chamado, coitadinha ! Aos homens, não . . . Só nos atende a nós.

— Bem haja ela !

— Dizem que foi uma antiga colega nossa, que ali esteve e ali morreu . . . Na sua derradeira hora, perguntaram-lhe qual queria ela mais : se tornar a vêr o amante, se receber Nosso Pae . . .

— Vês ! ? — fêz Alda para mim, radiante desta incontrastavel confirmação á sua piedosa fabula.

— Ela disse que antes queria o amante. Pois logo morreu ! . . . E ao morrer deu-lhe tamanha ancia ! botou as mãos á parede . . . ainda hoje lá se vêem as marcas, ao lado da cama ! Ninguem quer ir p'ra lá. Não ha meio de as tirar . . . Cáiam, tornam a cair . . . isso sim ! no dia seguinte lá estão outra vêz.

Já ao tempo, na quente e abafada cufaia, o auditorio tinha aumentado. Como na sala de fóra não houvesse visitas, as mais colegas da doente, estimuladas e atraídas por uma ou outra palavra sôlta, que haviam

colhido, da narrativa, tinham vindo surrateiras aproximando-se; e agora, num eretismo patente da atenção, ahi formavam circulo, umas de rôjo pelos moveis, outras sentadas no chão, de garupa outras ao alto, estendidas de braços sobre a mêsã, todas immobilizadas num ávido silencio expectante, todas cravando na emaciada figura da narradora seus grandes olhos interessados. A mesma cosinheira viêra assomar á porta, luzidã, redonda, nas grossas mãos escumantes um rodilhão branco de roupa, a escorrer. E o vago lamento em surdina da guitarra, que o *Bolacheira* não cessava de tanger, fazia ás formidaveis revelações da rapariga um acompanhamento a proposito, dava uma leve tinta de sobrenatural ás tenebrosas e ignoradas coisas que ela dizia.

— Oçam vocês... — continuava ela. — A mulher aparece chamando-a côm esta oração :

Marta, Marta abençoada,
 Por teu amor te perdêste ...
 Pelo bem que tu quiseste
 É que fôste desgraçada !
 Que me venhas já falar
 O meu coração deseja ...
 Bemdito e louvado seja
 O Santissimo no altar!

— Linda ! — murmurou de extase a Amalia, rolando ao alto num beatifico inlêvo os olhos.

A outra continuou :

— Primeiro ha-de-se-lhe pôr de comer ... Estense um lençol em cima da cama ; põe-se-lhe pão, queijo, vinho e um talher em cruz. — P'ra não ser como p'r'o diabo ...

— Ouve! ouve! — tornou Alda para mim, toda inroscada e pequenina, acotovelando-se, prêsa dos lábios da recenvinda.

— Então, fazendo a réza, é certo! Vêm ela e uma filhinha santa, que tem . . . — Alda olhava-me, triunfante. — O gás apaga-se logo . . . ouvem-se umas enxadadas no claustro . . . ela vê, raspa nos vidros . . . e todas as mulheres, menos a que chamou, adormecem de pedra.

— Ora adeus! — aqui atalhou, num sacudido rasgo incredulo, uma ruça esborifada e petulante, que irrequieta passeava ao longo da quadra, rilhando tremoços e bamboleando o busto lascivo. — Bem vêzes tenho eu estado já no hospital, e nunca dei por semelhante coisa!

— Por que és uma grande estúpida! — acudiu logo com azedume, na arrelia da contestação, a interpelada. — Nunca viste? . . . Pois pergunta á *Lui-za dos cafés*, á *Maria do Porto*, á *Giraldinha*, á *Petinja* . . . a todas! A cousa é bem sabida!

— Pois já se deixa vêr! — apoiou uma das do rancho.

— Ora se a doutora não havia de falar! — outra esfusiu ironicamente.

Foi vivo e manifesto o desagrado daquele improvisado congresso contra a irreverente interrupção da lourêta. Esta porê, sem responder e sempre peneirando-se, cosia ao canto os lábios, num belo desdem altivo, e atirava como em desafio ao alto as cascas dos tremoços. E, desesperada, a D. Eleuteria:

— Vejam! vejam . . . Oh, meu Deus! mas que enxovêdo aquele!

— Olha, — tornava a pequena oradora, com ca-

lor, — ahi tens tu o que aconteceu com o fiscal antes deste... Tambem talvez queiras negar!... Veio uma vêz, a fazer de pimpão, mesmo ás escuras... estava a alma de Marta á beira duma mulher... e vae ele disse-lhe: « Oh, sua pôdre! vá-se deitar! » Pois não foi mais nada... ouviu-se no dormitorio uma grande bofetada e o homem caíu p'r'o lado! Isto foi a uma sexta-feira... pois todas as sextas depois a Marta lhe aparecia. E o homemsinho foi mirrando, mirrando... até que morreu!

— Crédo! Virgem Santa! — conclamaram, num terror, as assistentes, algumas benzendo-se.

— É verdade, a co'a Rosaria, empregada?... — voltou a oradora a confirmar. — Tu falas bem!

— Que foi? que foi?...

— Conta lá...

— Essa tinha o costume, p'ra nos guardar melhor, de passar a noite sentada numa cadeira, ao cabo do dormitorio. Era uma velha cadeira de rodas, com encosto, que servira em tempo a uma doente. Pois, uma noite em que a Marta veio, tambem se fêz forte... mandou-a deitar. E sabem vocês o que aconteceu?... De repente arma-se uma barulhada medonha por aquele dormitorio fóra! nem um terremoto!... Era a cadeira a rodar, a rodar por'li fóra, numa carreira doida... ela ahi vae pelo dormitorio, pelos corredores, pelas escadas... não parou senão no claustro! A mulher, já se vê, tolheu com o susto...

— Pudéra! — exclamou Alda, numa compenetrada vibração.

— P'r'ali ficou, na mesma cadeira, entrévadinha... e vae morreu logo que fêz um ano!

— Eh, cal'te ahi, mulher!

— Bando de tontas! — repreensiva resmoneou a D. Eleuteria, enviando-me um comiserativo olhar de intelligencia.

Aqui uma alta e aparatosa judia, de longo rosto espirital e um pequenino seio alado, espalmou com ruido a fina mão sobre a mēsa, e aprumando o seu corpo airoso e ondulante como um estipe de palmeira, com solenidade e vagar informou tambem :

— Homem, eu cá não sei... mas, quando fui de casa da Castro, assisti a um caso bem exquisito... Havia lá uma pobre rapariguita... chamavamos-lhe nós a *Manjerica*, — um fiosinho de gente, toda olhos e cabelo, — que não tinha mesmo sorte nenhuma. Os homens engalinhavam com ela, a patrôa tratava-a mal... e a pequena ralava-se! Afinal, uma noite, por conselho da bruxa do Monsanto, mesmo ao dar das doze badaladas, — coragem tinha ela! — desce ao saguão, nua, esguedelhada, sem preparo nenhum, sente-se, e chama p'lo diabo... Pois logo veio um gatarrão preto aninhar-se-lhe no colo!

— Essa agora!...

— Vi eu, com estes!... E ela a fazer-lhe festas, e a gente de cima, da janela, a examinar... Parece mesmo que estou a vêr! Brrr!... Quando ela lhe passava a mão pelo lombo, os pêlos do bicho chispavam lume!

E ante o fixo terror das companheiras, batendo nova palmada na mēsa, com decisão e fé epilogou:

— Pois, senhores, dahi em diante teve muita sorte... passado um mês, foi por conta!

Neste momento, a campainha da escada retiníu com furia. E logo, num brilho interesseiro de olhos, a *mãe* a comandar:

— Meninas, p'r'a sala !

Num relampago o esturdió bando abalou, palreiro, alado, de tropel, com um têsó e espumoso ressa-gar de saias, cada uma á compita disputando a frente, num picado taquinar de saltos pelo oleado.

Mal que as viu longe, disse-me, affectando um ar superior, a D. Eleuteria :

— Ouvia isto ? É da gente pôr as mãos na cabeça !

— Ignorancia . . . — observei eu, indulgente, p'ra dizer alguma coisa.

— Qual ignorancia ! — logo emendou, numa leve irritação, a minha austera e filosofal interlocutora, sorvendo com impeto uma pitada. — Sabe o que lh'eu digo, menino . . . É mas é muita falta de religião !

E estendia-me aberta a caixa do simonte.

Entretanto Alda, progressivamente desinteressada da conversa, fôra sentar-se junto do *Bolacheira*; e num grande e aplicado interesse tudo era agora seguir-lhe a harmoniosa gymnastica dos dedos pela guitarra. Não sei que flâmea tentação, que diabolico suggesto, que amavioso filtro irresistivel a trespassára de repente . . . que o barbaro planger do canalha instrumento e a garatujada solfa do malandrim monopolisaram-lhe por inteiro a atenção, e eram naquele instante os pólos do seu querer, o norte regulador da sua vontade . . .

Manhoso, complacente, o marmanjão voltára-se para ela, e com atenciosas deferencias de mestre, com uma carinhosa pachorra como de velho conhecimento, demorava a pressão numa ou outra corda, para ela vêr bem, voltava atraz nos acordes, repetia-lhe os compassos. E ela : « que morrêra sempre por uma

guitarra... dava-lhe choque lá dentro! No Porto, quando estivera co'o brasileirito, aprendêra alguma coisa... já arranhava o seu bocado. Mas, depois, parou... nunca mais! Uma pena... Já não sabia nada... tudo quer continuação!

— Pois é continuar, que está muito a tempo...
— verteu-lhe no ouvido o biltre, a meia voz, fitando-a muito nos olhos, com uma imperativa e dulcerosa expressão, com um mefistofelico sorriso.

— Ó Mario! ouves?... — rompeu de impeto para mim a zorata, num garrulo alvoroço, esperta, afogueada. E meigo demandava-me o seu olhar suplicante, em que eu via flutuando uma onda de desejo.

Fiz querença de não ouvir. Mas ao mesmo tempo dizia-me a dona da casa:

— Tu dizem que tens uma linda voz...

— Tive, tive...

— Ó mãe, deixe falar! — emendou aquela peste da Amalia, que, vinda da sala, apontára á porta do corredor. — Ainda hoje... e cada vêz melhor! Quisêsse ela cantar agora... Aquilo é uma garganta de prata!

— Vá lá uma *piadinha*... — rogou, todo insinuativo e adulador, o gabaçola, já dedilhando o *fado*, a estimulá-la.

— Então! — suplicou também a suave panegirista da Marta, deitando a face nos braços em cruz sobre a mêsá.

Alda não cabia em si de contente. Parecia outra. Tonta de vaidade e de prazer por se saber o centro de toda a nossa atenção e interesse, e sentir-se do mesmo passo encaminhada a uma das suas mais absorventes e dilectas diversões, não lhe esqueceu no entan-

to o fazer de modesta, e escusava-se . . . meneando a cabeça, torcendo as mãos e dobrando o busto, num garridismo perverso.

— Invergonho-me . . .

— Anda lá ! — animei eu.

Então a rapariga, tendo pigarrado de leve, levando a mão à tarjêta de setim da testa, compôs de instinto uma atitude de abandono e morbidez, e numa voz cheia, perturbadora e quente, — voz que p'ra mim mesmo foi uma revelação . . . voz que era a formula integral do seu character, que trazia a gama toda das abominações da sua alma, e em que gemia a fatalidade sentimental da sua vida, — lamuriou :

Minha saia azul-clara,
Solteira te hei-de romper!
Tenho um amor pequenino,
Quero deixá-lo crescer . . .

Quando acabou, e arrastado e dolente o arquejo da ultima nota se perdeu no gordo ar ambiente, logo romperam, vibrantes, formaes, os aplausos ; e eu senti molhar-me os olhos um indizível invaidecimento, uma dôce e inefavel ternura . . . Fóra, na sala, estrugiu tambem uma vigorosa estralada de palmas, flanqueada des abaritonados *bis* de varias vozes masculinas. O apático ruminante dos agriões parára a mandíbula extasiada. Alda agradecia, invaidecida, arfando, baixando os olhos. A D. Eleuteria repetia-lhe — que fizêra grossa tolice em deixar o teatro. E, entretanto, toda esta pequenina apoteose cordeal mortificava-me os nervos ; o seu declarado e legitimo triun-

fo, como se fôra o prenuncio dum grande mal, agoniava-me...

— Outra! — insinuou-lhe o *faia*.

E logo aquele demonio, com um grande ar canalha:

Ó meu S. João Baptista,
Valei-me, que bem podeis!
Tirae-me as teias de aranha
Aquillo que vós sabeis...

Aqui os aplausos fôram delirantes, doidos, sem fim. Então, afluando á umbreira da porta com a sua graciosa cabeça turbulenta, veio a ruça dizer:

— Aqueles senhores pedem mais... por obsequio!

Secundámos todos, com calor. E a rapariga, no progressivo alôr do enthusiasmo:

— Então esperem... agora ha-de ser uma das minhas!

E depois de recolhida em meditação um instante, franzindo o cenho, a mão diante dos olhos, — emquanto o interesse nos pregava a todos a atenção, e redonditas cabeças loucas vinham besbelhotar ás portas, — fêz signal ao tocador, e com malicia e decisão rompeu:

Vae fazer dezoito annos,
Minha mãe teve uma dôr...
Era eu que vinha ao mundo,
P'ra vir ter c'o meu amor!

E ao lançar o ultimo verso, astuta, apaixonada, a sua voz de incenso e mel tinha modulações estranhas;

assim como no felino esmalte das iris, que a perfida erguera ao faia, eu julguei vêr relampear um brilho concupiscente, uma gulosa e ardente provocação, que me pôs calafrios . . .

Nova explosão de bravos, novas instancias para continuar, que ela soube no entanto habilmente iludir, de proposito demorando a sua difficil aquiescencia, a dar tempo a que por outros objectos se disseminassem as atenções, e ordem diversa de assuntos fôsse tema da conversa.

Eu é que nunca mais tive sossêgo. A D. Eleuteria não cessava de me interpelar, pretenciosa e insistente, afeita como andava á minha bondosa complacencia. — Queria que eu lhe explicásse bem como é que fôra esta coisa da crise . . . quando voltariam as libras . . . e se com essa obra do governo mandar vir dinheiro de França, sempre se arranjaría que voltásse ao menos á circulação a prata. — E mil baboseiras por este teôr, a maior parte das quaes eu nem ouvia, dolorosamente prêsa como me andava a atenção por outros cuidados. O esfalfado roedor, esse voltára impassivelmente á sua faina. E as raparigas todas longe . . . a não ser a emaciada doentita, que, com a face apoiada ainda contra a mêsá, adormecêra.

Eu porê, desnorteadado, não desfitava os olhos do aleivoso grupo, em cujo atrevido arranjo, em cuja insolente e pegada aproximação como que sentia já a minha actual ventura fracassar, e em farrapos, sôlta e desfeita, toda a auroral visionação do meu futuro. — Alda supplicára com delicadeza e interesse ao *Bolacheira* :

— Deixa-me vêr ? . . . Eu ainda talvez me ageite.

E agora era ella que empunhava a guitarra, e em

graciosas tentativas, num comico e adoravel desgeito procurava acertar os dedos, que todo solícito o rufião, com as mãos sobre as dela, carinhosa e longamente lhe ia levando ao seu lugar.

— Mas que geito que tem! Que paciencia! . . .
— exclamava, num sorriso patente, a rapariga, mandando-lhe uma enternecida gratidão nos olhos.

Ele olhava-a tambem, mostrando compreender . . . E eu sentia-me mal! Porque irrecusavelmente estava a vêr chispando naquela muda e ardente telegrafia uma galopante mutuidade de impressões, e uma inata comunhão de instintos e desejos, que podiam muito bem vir a ser a implacavel derrota da minha primazia no coração de Alda e a anulação formal do nosso amor!

A certa altura, não podendo mais e querendo atalhar no começo o incendio, um pouco bruscamente, ergui-me . . . Pretextei um incomodo qualquer e saímos, quasi sem me despedir de ninguem, com o pêro aquiescer da rapariga. Depois em casa dela, essa minha noite foi infernal! Não atinava na cama com uma posição, tinha agulhas na alma, corriam-me formigas nas veias . . . Abria os olhos e na penumbra vinosa do aposento dançavam-me, hilariantes, enormes, as figuras perversas dos dois, petulantes e vivas como num efeito de teatro ou numa rubra luz de forno, fulminando-me com suas miradas de escarneo, fundidas cabriolando em sensuaes amplexos . . . Então sacudiam-me estremeções de dôr, exasperados impetos, raivas indomaveis. E mais me aziumava o mal eu reconhecer que, infelizmente! o desassossêgo não era só meu . . . Tambem com o sono rebelde, dava Alda tento dos meus menores movimentos; e a cada passo, contrariada, estranhando, interpelava:

— Que diabo tens tu hoje ! que não sosségas ? ...

No dia seguinte, quando á tarde voltei, para o jantar, achei-a distraída, nervosa ... ou não me ouvia, ou respondia por monossilabos, sêcos, breves, como de quem não quer que lhe desviem de qualquer absorvente preocupação o espirito ... e não fazia senão chegar ás janelas, atirava com as coisas, não comeu, por pouco não despede a criada. Propondo-lhe eu sossegadamente não sairmos aquela noite, deitarmo-nos cêdo ... logo rompeu numa clamorosa opposição formal : — que farta de solidão estava ela ! não nascêra p'ra freira. ... queria divertir-se, tomar ar, sair ! — Submeti-me. E ela então, emquanto se arranjava, continuou desbaratando os mesmos bruscos signaes de impaciencia. Tudo lhe faltava, não atinava com o preciso. E logo de gritar : « Os meus ganchos ? o leque ? o chapéu ? os cigarros ? as luvas ? ... » E nós de roda dela, atarantados, servís, procurando, obedecendo ... Porfim, quando prontos, lá fômos, a um teatro, e a outro ... Em nenhum estava bem !

Ao outro dia, não se calava com a guitarra. A abominavel lição do *Bolacheira* acordára-lhe sopitadas predilecções, trouxêra-lhe a aspera saudade do seu grande furor antigo. — Que rico tempo ! Então nada lhe faltava ... Todos ficavam perdidos, ao ouvi-la ... Ia gente de proposito ... Porém agora ... que pena ! Perder assim uma coisa p'ra que tinha tanto geito ! ... É que então valia ela alguma coisa ... tinha quem lhe adivinhásse as vontades ... Foi o unico tempo feliz da sua vida ! — E com os labios franzidos e os olhos humidos, de repente arrancava de ao pé de mim e seguia, corredor fóra, na derivação do movimento procurando um dique ás lagrimas, em que grosso ameaça-

va diluir-se aquelle seu violento capricho insatisfeito.

A termos que eu, afinal, apiedado, e um pouco tambem no ingenuo designio de reganhar-lhe exclusivo e completo o coração — vaes vêr! — regalei-a com a surprêza de lhe levar á noite uma deslumbrante e magnifica guitarra, de chapa de léque, téca, pau-rosa e ébano, com embutidos, — o mais caro e melhor que incontrei. A alegria dela foi infinita . . . Que de protestos, que meiguices, que carinhos. E o espalhado que aquilo fazia! Saltava batendo as mãos. Fêz acender quanta luz havia em casa, queria beijar-me os pés, foi em acção de graças rezar ao oratorio. Já essa noite não quis saír. Horas e horas ahi estive embevecida, alheia a tudo o mais, doida de contente, mirando e remirando, ensaiando a voz, encordoando, afinando . . . E, infantilmente, quis adormecer com a guitarra ao lado.

9 de março.

No dia seguinte, — quinta-feira, — como tivésse comunicação de que Branca iría um bocadinho ás Salgados, logo depois do jantar segui direito da rua do norte á da Procissão. E, pelo caminho, ia num vago receio malucando no incidente. Não podia atinar com a causa determinante daquela intempestiva resolução da minha noiva, tendo o pae como se sabe . . . depois do seu patente e formal desdem pelas duas jactanciosas e falsas criaturas; depois de inalteravel-

mente se haverem passado semanas e semanas, sem que nas nossas conversas ela lhes fizésse a mínima referencia. — Como diabo, supito, se lembrára agora de as visitar? . . . — E como, por efeito do meu acanhado e irregular proceder, a minha consciencia estava longe de andar tranquila, por isso eu ia seguindo devagar, prêso numa repugnancia de instinto, frio dum obstinado e pavido sobressalto.

A verdade é que eu temia grandemente a D. Dulce. Nunca essa inexcedivel pedante me perdoára não lhe ter feito a côrte. — Quando vim para Lisbôa, conheci-a ainda nos tempos aureos do seu prestigio. Humildes e solícitos lhe fervilhavam em torno os admiradores; ia aos bailes mais opulentos, ás estreias das celebridades, ás funções musicaes de caridade; toda a época tinha convites para S. Carlos, e cantava *solos* de soprano nos concertos elegantes da Trindade. E, como de rigor, á sua brilhante evidenciação de *estrela* não faltava o implorativo e galante gravitar dos varios *leões* em voga. Disputavam-lhe numa estimulada insistencia as atenções jovens elegantes do Chiado, fogosos e audazes, possuidores de belas coudelarias e fartos contos de réis; engenheiros recentes, herdeiros duma fortuna razoavel, primorosos de educação e de sciencia; morgados ingenuos da provincia, tão ricos de dinheiro como de ridiculos; velhos titulares, banqueiros, militares, bachareis, altos funcionarios que davam tom, *marialvas* de fama.

Desprezára-os soberanamente a todos. Como se para ela a logica do tempo não contásse, como se tivésse perpetuamente segura a beleza e a evidencia, a vaidosa e mal encaminhada menina dava-se ares de deusa, julgava-se do alto da sua prosapia dispensada

de corresponder a deferencias que tinha como um direito, desdenhava retribuir galanteios que considerava da parte dos homens para com ela um devêr. Nestas condições, a minha friêza irritava . . . A minha ceremoniosa indiferença, o meu distraído e natural desdem criaram-me nela uma inimiga. Acrescendo que, ultimamente, o meu projecto de união com Branca, o triunfo sentimental desta sua amiga, muito mais nova do que ela, e agora quando já o arrependimento lhe mordia de haver tão de raso varrido todos os pretendentes, peoravam-lhe a sua instintiva malquerença e ao aziume do despeito juntavam o veneno da inveja.

Se ela me sabia dos pôdres, era um homem perdido! . . . Transtornava-me tudo! — Não podia levar a preço que mulher nenhuma casásse, exactamente pelo muito que ela agora apetecia o casamento. Não que o temperamento lho pedisse; mas é que implacavelmente sentia ir-lhe fugindo a idade, e por isso *queria-se colocar*. Não obstante o seu ar maliciosamente ingenuo e inalteravelmente menineiro, apesar do grande desfalque que lhe trazia ostensivamente á idade a sua roliça carnação sem rugas, a despeito dos miminhos louvaminhas da mãe e das repuxadas admirações das amigas, D. Dulce sentia-se vagamente envelhecer. O seu temperamento, linfatico no mais alto grau, poupava-lhe o coração ás fortes comoções devastadoras; as emoções localisavam-se-lhe na cabeça; diluíam-se-lhe as paixões em indiferença, na chilra sorosidade do seu sangue amarelado. Sentia tudo no cerebro, — o coração dos temperamentos frios; e o resultado era que o seu fisico, poupado assim á ardente ressição dos grandes *simouns* da alma, se ia

conservando eternamente viçoso numa expansão florante de dia calmo de primavera.

Todavia, os anos não passavam debalde, a logica do tempo deveria marcá-la com o seu testemunho fatal, iniludível; e a vaidosa menina principiava a temer o futuro com horror... Paralelamente, toda a noticia de casamento, qualquer esponsalicio projecto das suas muitas amigas e conhecidas, significando para ela mais uma preterição, trazendo-lhe á evidencia o conseguimento alheio daquilo que actualmente formava a mais obstinada e absorvente preocupação da sua vida, exasperava-a, punha-a fóra de si, trazia-lhe horas tormentosas, custava-lhe bem amargas e esmorecidas lagrimas.

O meu proximo casamento com Branca fóra sempre para ela motivo a um entranhado ciume, e na sua pequenina alma progressivamente contra nós concitára uma espectante e surda hostilidade. De sorte que agora, — eu já estava a vêr! — se ela alcançava ter á mão algum instrumento de estôrvo ou embaraço, se me vinha a saber da outra ligação, se alguma falha surpreendia na lisura proverbial do meu character, ou qualquer ignorada mancha no apregoado escaio-lamento moral da minha vida, não faltaria logo o seu odiento manobrar, e junto do desprevenido coração de Branca a sua instinctiva osga minando a minha felicidade, tentando implacavel baldar o meu futuro.

Quando entrei em casa dela, aquella noite, o primeiro relance de olhos não foi de natureza a tranquilisar-me... antes não fez senão roborar no meu espirito inquieto uma forte e acida suspeita. — Estava a gente do costume: a D. Brites com o marido, a galhofeira D. Adelaide, a sentimental D. Isabel, a parda

e icterica D. Emilia . . . Com a diferença de que, em vez de rodear, como de habito, a grande jardineira redonda, ao meio da casa, o azoineiro conclave fazia grupo em torno de Branca, sentada com a *Tita* no sofá, longe da luz e a distancia, junto á parede. E todas se lhe achegavam num aninhamento de interesse, num misterioso circulo denunciador de conspirata ou de intriga. E que alguma coisa se passava, fóra do normal, o que quer que fôsse que comigo tinha relação, era evidente; porque á minha entrada, logo um patente movimento de contrariedade e surpresa as desconcertou . . . arredáram-se, fizéram face á luz, a D. Dulce pigarrou de embaraço . . . e, num abundoso desdobrar de gestos afaveis e frases de cumprimento, a D. Emilia tudo era captar-me as atenções e fazer por ter-me segura a indulgencia.

Molmente reclinada na sua ampla cadeira á Voltaire, negligente e superior, com o seu piscar de olhos malicioso e caustico, a D. Francisca observava-as. Junto da jardineira, apenas a inteiriça e solene D. Brites tricotava a sua renda, ladeada pelo inalteravel cabeceamento sorridente da melena druídica do marido.

Branca respondeu a minha saudação visivelmente perturbada. O grande sulco lívido das suas olheiras pareceu-me cavado e doloroso como nunca . . . Ao sentir a minha mão na sua, um leve auroorar de emoção lhe tingiu a face, logo seguido dum arrepanho de frio, uma contracção de agoniada e confrangida tristeza. A *Tita* torcia-se toda . . . estalava no irreprimivel desejo de falar. E o malevolo bando de roda de mim:

— Ah, viva o sr. Mario!

— Ora até que emfim!

— Então onde esteve entretido, até estas horas?...

— Não é tarde! — observou bem alto a D. Emilia, a compôr. Mas a imunda campanha prosseguiu:

— A vida está p'ra si...

— É o mais feliz dos homens!

— Todas o querem... Não é verdade, D. Brites?...

A grave octogenaria não respondeu.

— Ó D. Brites! Então... que lhe parece? — insistiu, com a sua hipocrita desfaçatez, a D. Dulce.

Aqui a mumia, enquanto puxava a linha, enviou ao grupo um significativo olhar e com dignidade resmoneou:

— Eu sei lá o que as senhoras teem estado p'r'ahi a tecer! — Depois, como quem avisava, para mim: — Olhe, coisa bôa não é!...

— Conforme... — insinuou do seu recanto, abrindo um olho, a D. Francisca.

E no interessado proposito de atalhar cerce o incidente, desfazia-se a D. Emilia em monossilabos, gestos e sinaes, indo ao grupo, vindo a mim, embaçada e álfte no acanhado recinto andando e desandando.

— Ora mas que tolices!... Não é nada, sr. Mario... Quem as ouvir, ha-de imaginar... Deixe-as falar!... Crédo! nem que estivéssemos tramando alguma terrível conspiração!

— Talvez... — reprimendou com energia, mandando o olhar por cima dos olhos, a D. Brites.

Se te quisésse detalhar os varios minusculos episodios do resto da noite, ser-me-ia impossivel... Compreendes que, trazendo todo este embrulhedo e estranho incidente confirmação ás minhas suspeitas, agora um aspero e tímido receio monopoliz-

sásse por inteiro a minha atenção e me polarisásse e confrangésse a alma... Branca evidentemente não estava bem. — Contrafeita e palida, manteve-se mais reservada, menos loquaz ainda do que o costume; consultava o relógio amiudadas vêzes; e, doloroso, e fatigado, a cada passo também o seu diafano olhar ia amparar-se ao da *Tita*, cuja alma leal e impetuosa denunciava em bruscos e irados movimentos a irreprimível contrariedade e repulsão que a atormentava.

Quando a Cecília veio anunciar que lhes tinha chegado o trem, imediatamente as duas senhoras se despediram. Prêsa um instante nas minhas, a mão de Branca tremia... E então, junto ao vão da janela, enquanto punha os abafos, eu consegui apreender o seguinte fio de dialogo, cambiado rapidamente, a meia voz, entre ela e a D. Dulce:

— Então, vê lá ao que te comprometes!... Quero provas!

— Vae descansada...

— Emprazo-te formalmente!

— Ó filha, verás!...

Já toda aquela noite não sosseguei... Irrecusavelmente, qualquer coisa decisiva e grave se tramava contra mim! Pelo menos, eram todas contestes as apparencias em avolumar no meu espirito atribulado esta duvida infernal, esta pungitiva e aspera suspeita. Provavelmente a D. Emilia, cedendo a uma fatalidade de condição, e a despeito da promessa formal que me fizera, teria contado aquella nossa scena do Coliseu, e concomitantes corolarios de escandalo, á Salgado filha; e tanto bastava... dahi o fio da infamia. Nada mais era preciso para que a invejosa e im-

placavel criatura uma ardilosa teia me tivesse urdido, ameaçando garrotar de morte a minha ventura proxima, capaz de para todo o sempre debruar de remorse, luto e dôr a minha vida. — Não ter eu a certeza! . . . — No dia seguinte, logo de manhã, mal saí da Escola, não pude ter mão em mim . . . fui-me entender com Branca. Ela era uma alma límpida e generosa, incompativel com o engano, refratária á mentira. Adjurá-la-ia a falar . . . por força ela havia de aclarar-me tudo. Para isso eu faria um grande apelo á sua dignidade, ao seu coração, ao seu amor ; para isso invocaria as razões a que me dava direito a natureza das minhas relações com ela. E então finalmente chegaria a averiguar se as minhas cávidas apreensões tinham fundamento, ou se felizmente não passavam de doentias imaginações da minha consciencia em sobressalto, do meu espirito em febre.

O tempo que lhe levou a responder! — Serena, immobilizada e muda, baixa a cabeça, as mãos juntas no colo, prêsos os labios, as palpebras descidas, ouvia, ouvia . . . sem uma contracção, sem um queixume. Logo ao romper das minhas primeiras instancias, o seu vago rosto ideal paresiára naquella austera mascara impassivel, feita como que de resignação e de virtude. Dir-se-ia que se preparava para a execução dalgum acto fundamente desagradavel . . . que longamente e a custo tomava alento para submeter-se a uma provação extenuante e dolorosa.

Enardecido, quasi violento, eu insistia sempre. Afinal, á sem defêza contra a minha calorosa exortação, Branca aventurou, devagar, sem abrir os olhos :

— Mas que quer o sr. que eu lhe diga ? . . .

— Simplesmente isto: se lhe disséram mal de mim?... se teem fundamento os meus receios?

— Teem... — murmurou a triste, depois duma pausa e com esforço, contraindo as mãos, emquanto vincados, brancos lhe descaíam os labios, e pela aresta de cêra das palpebras se lhe côavam as lagrimas.

— Ó Branca! por amor de Deus!... — exclamei eu, trespassado de dôr, ajoelhando.

Ela afastou-me, ergueu-se, e percorrendo agora, agitada e nervosa, o aposento:

— Não sei, não sei... A culpa não é sua... nem talvez minha também! Tudo é efeito do prisma particularista e falso pelo qual me ensinaram a entrevêr o mundo. Fizéram-me uma vida de isolamento e de isenção... não me dêram a conhecer senão o lado belo das coisas... De sorte que para mim os sentimentos hão-de ter um grande feitio absoluto, inteiriço; não sendo assim, é como se não existam. Um coração repartido não merece fé; a mais exclusiva e inabalavel orientação, a constante e unica applicação, num dado objecto, de todas as suas faculdades e energias, é a primeira condição de solidez da alma!

Como eu, sentado a um canto, amarfanhado e pequeno, a escutava num alto embevecimento inter-necido, Branca parou diante de mim, e sempre sem me olhar, pausada e alheadamente, como quem seguia alto os meandros do proprio pensamento, continuou:

— É possível que os srs. homens tenham para seu uso arranjado uma moral diferente da que regula para nós... e que o mundo aplauda, ache muito bem. Eu p'la minha parte acho afrontoso, humilhante! Pois quê!?... Acaso os srs. valem mais do que nós?...

A nossa alma, o nosso querer, o nosso destino, a nossa vida não provêm da mesma origem? não trazem a mesma argamassa fatal de dôr e de tormento? . . . Porque não havemos então de ter tambem os mesmos direitos, o mesmo ambito de expansão, o mesmo amplo e discricionario campo de liberdade e de gôzo? . . . Porque hão-de ser apanagiô exclusivo do homem um certo numero de regalias e vantagens, exercidas em detrimento da mulher, e que á mesma mulher, com desvantagem do homem, se não concedem? — Aqui desandou novamente pelo quarto, e numa crescente animação, tão pouco nos seus habitos, ia atropelando: — Não! não! . . . por mais que eu queira, não pôsso . . . não me conformaria nunca! Ignóro se realmente o sr. dá guarida no seu coração, como me dizem, a qualquer outro affecto diferente desse estremado amor, que diz votar-me . . . não sei se se ocupa em ir pagando folgadoamente como todos os outros, seu banal tributo á mocidade. O que sei é que não lho perdoaria! E que, com verdade ou sem ela, o certo é que as revelações das minhas amigas, ontem, minguáram enormemente a minha afeição por si!

Eu exaltei-me, protestei; e sinceramente apavorado, porque abrangia finalmente a gravidade enorme do incidente, o tremendo alcance do mal que me ameaçava, a meu favor chamei quanta eloquencia, emoção e ternura pude, para vigorosamente lhe afirmar que a ninguem amava senão a ela; que muitas vêzes as melhores apparencias iiudem; e que em todo esse envenenado aranzel, babujado pelas suas falsas amigas, deviam a sua intelligencia e bom senso saber estremar o que mais do que provavelmente have-

ria de propositada falsidade, e descontar a inevitável osga demolidora do ciume e da inveja.

Branca ouvia-me com interesse, a respiração suspensa, os olhos grandes, numa jubilosa e ardente anciedade. Mas via-se o desmarcado esforço que a nobre e austera criança fazia na gostosa apreensão dessas dôces palayras desejadas... A cada momento o corpo quebrava-se-lhe ou tremulava agitado, numa instabilidade dolorosa de posição, atormentado de incerteza. A termos que, num breve claro da minha justificação, logo ela retomou a palavra, e, sacudida, imperiosa, suplicante :

— Será tudo o que o sr. quizer... Tenho a cabeça em agua... sinto-me incapaz de formar juizo seguro sobre o que quer que seja! No entanto, quero sim! quero... preciso mesmo acreditá-lo! Assim praza ao céu que o futuro traga confirmação ás suas palayras!... Agora o que lhe peço, — desculpe-me, — é que resumâmos ponhâmos termo a esta visita... Poupe-me... Passei uma noite horrivel! estou doente... — Plantada outra vêz diante de mim, os braços longos e as mãos sempre juntas de ancia e de dôr, com uma suavidade soluçante, uma solenidade mansa e sombria, continuou: — E, uma vêz sem exemplo, Mario! consinta que lhe faça tambem um pedido... Suplico-lhe o mesmo que aqui assim tambem neste quarto, e seguidamente em baixo, no escritorio, eu sei que com a mais fervorosa instancia lhe recomendou meu pobre pae... Pense bem no nosso destino comum, emquanto é tempo... veja a melindrosa, a debil, a enfadonha criatura que eu sou!... Se me não ama, se se não sente capaz duma exclusiva, fervente e inalteravel dedicação, então... peço-lhe!

não me leve ante o altar ! Não me sacrifique . . . poupe-me, tenha dó de mim !

— Mas que tenebrosas apreensões, Branca ! Ofende-me . . .

— Perdõe . . . mas é que eu conheço-me ! sei de que mimosa e altiva tempera é a medula da minha alma ! Ela nunca consentiria em esposar uma outra alma a retalho . . . porque na retribuição do amor não compreende nem admite partilhas . . . porque, assim como ela está disposta a entregar-se absoluta e completamente, assim também, para sossêgo da sua dignidade e plena expansão do seu amor, exige que da mesma completa e inteira abdição, da mesma mutuação sem macula, da mesma perfeita e incondicional conformidade lhe faça holocausto a alma que a quiser merecer !

— Pois sim, Branca, sei muito bem . . . Mas quantas vêzes lhe hei-de eu dizer . . . ?

— Palavras ! palavras ! — atalhou Branca amarguradamente, meneando a cabeça incredula. — E no entanto, repito, eu preciso acreditá-lo ! Sinto bem que não resistiria á evidenciação da sua deslealdade . . .

— Branca ! — exclamei, tomando-lhe a mão com carinho.

Ela, em pé diante de mim, a face como jaspe, cravados os olhos na alcatifa, deixou demorar um momento a sua mão tremula entre as minhas ; depois, arrancando-a com decisão :

— Então . . . intendido, sim ! . . . se se não sente capaz do sacrificio . . . ainda estamos a tempo . . . fica tudo isto em projecto ! Será melhor ! O sr. toma outro rumo . . . esquecemo-nos . . . — E num aflitivo

arranco, dando-me costas, a furtar-se á onda da commoção: — Se é que eu o poderei ainda esquecer!

E levando as mãos aos olhos, e tomando com rapidez para a porta em frente, sumiu-se-me num instante...

Eu fiquei ali assim, com a alma num fio, aturdido, perpelexo... amalhoado de terror e vergado de remorsos. Acobardava-me o querer, fundia-me o coração uma compenetrada e subita saudade... como se a figura querida e divinal de Branca fôra esta a ultima vêz que eu a visse! para sempre furtada agora ao meu amor e alheia ao meu destino! Latejavam-me as fontes; os objectos dançavam-me, girotavam diante da vista, como a um abalo de terremoto, parecendo que um sôpro devastador de abalada ia esbarrondar a minha felicidade, e do mesmo passo subverter todo esse adoravel arranjo, esses pequeninos nada decorativos, já ali no encantador aposento concebidos pelo meu amor, dispostos pelo meu cuidado.

Descendo, para sair, nem tive alma de ir falar ao comendador; a *Tita*, assomando a distancia, no corredor, limitou-se a castigar-me com um frio e ceremonioso olhar, ôgre de censuras; o mesmo *Tejo* já não veio festeiro marrar-me nos joelhos, lamber-me as mãos... antes, paraplegico de todo, gemeu de longe um vago queixume, emquanto para mim amoroso erguia a sua grande cabeça melancolica, tentando aproximar-se, arrastando o quadril dolorosamente.

Fôra, na rua, — havia uma quente e festiva expluição de vida, no brilho estimulante do sol, na toa-

da languida dos prêgões, no cruzar arrogante da multidão, nos reflexos mineraes dos prédios, no grosso rumorejo arfante da cidade, — e eu nunca me senti tão só... tão desamparado de protecção, favores, carinhos, nunca tão dura e implacavelmente me martelou na alma o oprobrioso sentimento da orfandade! Sem bem saber como, fui seguindo pelos bairros da Estrela e Santa Isabel, até ao Rato; e ahí tomei de instinto pela rua da Escola. Ia maquinalmente, ao acaso, como quem vê adiante de si inexoravelmente traçado e estendido, — longo, longo e direito que se perdem nele os olhos, — um negro trilho de miseria, de dôr e de infortunio... Quando encontrei o Gustavo! Era um coração amigo que providencialmente o acaso me deparava, agora neste crítico momento de mortificada incerteza, em que tanto carecia de amparar-se na derivação da confidencia a maré de angustia que me afogava a alma.

Atravesssei a rua, abracei-o com efusão: «que já não havia quem o visse! agora mesmo ia a pensar nele...» E o bom do Gustavo, com a sua serenidade affectuosa, encarando-me muito, abraçando-me tambem:

— Mas que tens tu, meu velho!?... Pareces desenterrado... Tens estado doente?

— Sabes lá!... Tenho que te contar...

— Diabo! — acudiu Gustavo, com desgosto, emquanto uma ligeira nuvem lhe empanava a limpidez sideral dos olhos. — Não dou hoje senão com coisas que me incomodem... com scenas desagradaveis!

— Então?...

— Venho aqui da rua dos Mouros, sabes?... de casa do *Securas*.

— Nunca lá fui . . .

— Ó meu Deus! que espelunca, que pardieiro! E a que misero estado aquele desgraçado chegou! . . . Não imaginas!

— Sim? . . . Mas então está muito doente? está mal?

— Completamente perdido! Doido de todo! . . . Põe ali os olhos, rapaz . . . — Eu estremeci. — Entra a gente no quarto dele, e não nos conhece . . . Fica-se extático e firme a olhar p'ra nós, desconfiado, triste, como que perscrutando-nos as intenções, a baça pupila imobilizada num estúpido receio, e a mais atribulada e melancólica expressão retalhando-lhe o rosto deprimido . . . Perdeu a memória, as mais triviaes noções do accio e do pudor . . . Não come, não se lava, não se veste; hoje, por exemplo, andava só co'a camisa!

— É extraordinario o que me contas!

— Se nos vamos a chegar a ele, num movimento de amizade, se fazemos uma tentativa de afago, se esboçamos um gesto de carinho, logo o misero, espavorido, foge . . . Quando o terror é maior, escôa-se p'ra debaixo da cama! Falamos-lhe e não ouve, não dá tino de nada . . . ou mudo e hirto se mantêm, como se fôra uma estatua, ou então desata num torrentoso atropelo de palavras sem ordem, sem ligação, sem nexos, de extravagantes anotações, de frases ininteligiveis, lançada umas na caudã das outras, com uma velocidade estonteadora de turbina, cortadas de varios nomes de mulheres e com afflitivas interjeições & mistura.

— Mas como isso foi a galope! Eu aqui ha tempos, no Coliseu, estranhei-o . . .

— Has-de ir vê-lo comigo...

— Ah, isso é que não vou!... Tinha lá coragem!

— No entanto, has-de concordar que o devêr dos seus raros amigos é ao menos vêr se o internâmos numa casa de saude.

— De acôrdo!

— E quanto antes!

— Pobre *Securas*!...

E, num intimo e concentrado terror, já eu irresistivelmente comparava a minha sorte com a sua.

Gustavo porêem logo voltou a inquirir com interesse:

— Mas que foi então que te aconteceu? dize-me lá?...

— Completamente perdido me considero eu também! Incapaz de nunca mais vir a ter sossêgo, felicidade, fortuna!

— Estás a brincar!?...

— Falo sério...

— Então a tua colocação?...

— Sei lá!

— O teu casamento?...

— O meu casamento!... — observei com amargura, encolhendo os hombros.

— Homem, estás-me intrigando soberanamente!

— São contos largos... Tens que fazer?

— Estou ao teu dispôr!

— Então, anda dahi...

A manhã convidava, o dia estava um incanto, e insofrida a minh'alma estalava por derramar-se. Entrei com ele para o Jardim Botânico; e ahi tomámos recatado lugar á parte, cêrca do Observatorio, junto á grade, num relativo isolamento sobranceiros ao

imenso talude florente, essa rumorosa sinfonia de todos os tons do verde, picada do saltado trinar dos passaros, corrida das risadinhas frescas dos *babys*, carimbada de pequeninas tarjetas barbaras. Então, sincera e desnudamente, fiz-lhe praça de toda a minha desordem moral... miudo por miudo lhe detalhei ali este indecoroso estendal de miserias e vergonhas, de que a beneficio do teu coração eu venho fazendo tambem inventario, no lastimoso sudario destas estiradas paginas. — A cara dele a ouvir-me!... Sereno, absorvido, complacente, escutava-me com affectuosa delicadeza, numa religiosa atenção, a frescura virginal do rosto penujando na loira irradiação do sol, emquanto fugazes raiuras verdes lhe passavam na pupila, iluminando duma suavidade bucolica de expressão o vago azul de infinito dos seus olhos. E, quando terminei:

— Sempre és um animal!... — reprimendou com severidade. — Que te tenho eu dito, tanta vêz?...

— Nem todos podem ter o teu feitio... — em ar de desculpa, aventurei.

— Pois é o unico que não faz mal a ninguem! — retribuiu Gustavo com orgulho. — Nem me imbecilisa, nem me reduz á condição de animal a mim... nem tampouco fecha o céu da ilusão ou rasga a vala do desespero ás criaturas que, mesmo a seu pezar, eu amo, domino e gózo! Não ha nada melhor...

— És um pedaço de gêlo! Não tens sangue nas veias!

— Porque?... porque não me inflamo, porque não fêrvo facilmente?... Isso prova exactamente o contrario: prova que a quantidade dele é grande. Por a porção ser consideravel é que leva mais tempo a aquecer!

—Sim, a asserção é verdadeira... com respeito á agua.

—Resta saber se o ponto de ebulição da agua é superior ao do sangue...

Aqui o meu amigo com energia arrancou de junto á grade, dando-me o braço e farandolando ao acaso por entre os retangulos, debruados de buxo, do jardim :

— Pois tu tens a felicidade na tua mão, e deixas-l'a vòar!... Que digo eu! fazes pior! arremessas-l'a ao chão e comprazes-te em a esmagar estupidamente! Imbecil!... Senhor do coração de Branca... de Branca! vejam isto... a mais perfeita, a mais adoravel, a mais ideal criação que é dado imaginar-se! um destes tipos de virtude solida e dôce, capazes de ajudar a regenerar a especie... e não ha diabrura, não ha asneira que não faças para perdêres o direito a essa inapreciavel regalia! e tens a tranquillidade, a saude, o futuro dela em nenhum valor! e trocas o seu amor desinteressado e santo pela bandalheira sensual da primeira canorça que te aparece! — És doido, ou não és?...

—Tens razão...

— Não me déste inteira novidade no que me disseste... Eu, já alguma coisa tinha ouvido...

— Sim!?... — exclamei eu, sinceramente surpreendido de que fòssem do dominio publico factos, que eu não tinha no entanto o minimo cuidado em reбуçar.

— Não tens recato nenhum... — observou Gustavo, com duçura. E logo, na apreensão de me ser molesto, derivando: — Em summa, devo confessar que ate uma certa altura, iludiste-me! Supunha-te um pouco-

chinho diferente dos mais . . . Quando afinal . . . — exclamou, depois duma pausa, com amargo desdem. — Afinal és com'os outros! . . . E não ha que vêr . . . Tudo a mesma coisa . . . É desinganar! Somos um agregado de miserias! O homem é tão material e tão grosseiro como o mais grosseiro e material dos animaes . . . É a animalidade o que dentro em nós mais viva e intensamente ruge, e mais fantasticamente desatina! Por exemplo, neste caso particular do casamento, passam-se de ordinario as coisas deste modo. — Dois sêres de diferente sexo vêem-se, apetecem-se . . . sollicita-os a mesma simpatia carnal, enrista-os a mutua estênia do desejo. Desde esse momento, todas as energias vitaes se lhes aguçam e despertam, todos os seus actos se incaminham para a obtenção deste fim instintivo e brutal: pertencerem um ao outro. Vae, aplanam-se as dificuldades, correm os proclamas . . . são noivos . . . casam. Segue a celebração desse misterio alarmante, em que ela vae ter resposta ás suas interrogações de virgem, ele vae dar cêvo ás suas furias de canibal . . . Depois, é sabido, passados tempos, chega de França o menino . . . salvo se a encomenda não foi bem feita, ou na expedição houve descaminho. E agora dize-me cá . . . — interpelou ele com calor, batendo-me no ombro e parando, — pensas que teriam esses dois, ao amarem-se, pensado na decadencia um instante? haveriam as suas almas estremecido acordes neste desejo sagrado: um filho? . . . Não! Apenas os seus corpos tinham vibrado num extase momentaneo . . . — E ei-lo já outra vêz a andar, com o seu sorriso espirital, com a sua voz mansa, intervalada e tímida. — A criança veio por acaso, por um fenomeno inteiramente alheio ao pensamento e á vontade dos

paes... como lhes poderia ter vindo um embaraço gastrico ou uma pneumonia.

— O que ahí vae! o que ahí vae! Então não ha a estima, não ha o amor?...

— Amor!.... O Amor é um méro fenomeno fisiologico. Os nossos filhos são o produto accidental duma orgia dos nervos, dum paroxismo dos sentidos!

— Mas então que querias tu? querias abolir por completo o gôzo?... Querias vêr a humanidade vivendo uma negra e monotona vida de abnegação e ascetismo, jejuando, ciliando-se e penando, os braços em cruz e em alvo os olhos, toda voltada ás estrelas?

— Não! Desde o momento em que temos sentidos, os sentidos que se exercitem... a carne que frua as suas regalias,— estas que tem, ou outras; mais, ou menos; muitas mesmo! De acôrdo... Mas o que eu queria tambem, era que o instinto da nossa perpetuação fôsse um prazer espirital e desinteressado, independente, sobranceiro á materia! que não derivásse da colaboração de dois appetites, mas da harmonia de duas inteligencias; que dependêsse da união de duas vontades, e não do calor de duas febres... o que eu queria era que marido e mulher tivessem a alta compreensão do seu destino... e, iluminados da exacta noção do grande papel social, tocados duma como que inspiração divina, se dissessem, num momento de solene transcendencia: •Vamos formar uma edição *diamante* de nós mesmos! perpetuar-nos, reviver na criação dum pequenino anjo loiro, com a pureza do céu nos olhos... nascido do nosso coração, fremendo e vivendo do nosso sangue, e em cujo corpo rosadito e tenro sintâmos palpitar a nossa alma cristalisada!...• E que então, singelamente, naturalmente... como a

luz nos vêm das vibrações do éter . . . na aproximação veemente e ideal das duas almas tomassem origem as crianças . . . este adoravel poema de graça e de innocencia, que é a luz e o incanto e a razão da nossa vida ! . . . Isto, sim ! isto é que seria belo, levantado e santo ! Isto daria da nossa natureza uma ideia decente. Então haveria motivo para andarmos com as mãos no ar . . . então teriamos jus ao grau superior que na escala da vida nos assinala o nosso orgulho, e faríamos verdadeira a teoria ingenua que nos atribue uma scentelha divina ! Do contrario, não . . . Pôr a propagação da especie em intima relação com a riqueza dos globulos sanguineos, fazer consistir o exercicio do amor num grosseiro fenomeno de accumulção e transfusão do sangue em órgãos especiaes, has-de concordar que é um bem bastardo atributo ! uma função degradante, irrisoria, banal, que bem charros e bem pequenos nos amarra ao nosso modesto lugar na imensa série zoologica ; completamente invalidando assim, pela logica e pelo ridiculo, velhas veleidades metafisicas, varrendo raso a teogonica concepção que nos investe de fóros divinaes, que busca emplumar a nossa bestialidade essencial de altívolas aspirações e fóros transcendentis !

— Eu acho formosissima, admiravel essa tua ideação ! — observei, levemente ironico. — Se o homem lográsse realizá-la, seria decerto a quintessencia da felicidade, valeria mais que o Paraiso uma tão psicopatica e mistica sociedade . . . Mas como queres tu ? . . .

— Não a realizamos, porque não queremos ! — atalhou ele. — E infelizmente eu reconheço que o distanceamento á consecução desse superno ideal é cada vez maior ! Tornou-se já mesmo impossivel atingi-lo . . .

Com a democratisação actual das sociedades, democratisou-se o vicio tambem ; e, dahi, para o proprio deboche o ideal baixou . . . Neste particular hoje, — como é deprimente e doloroso reconhecê-lo ! — o homem vale menos que o mais infimo bruto ! Tu vês : para o quadrupede o orgasmo sensual é uma função momentanea, elemental . . . reduz-se á méra satisfação do instinto genésico . . . sempre normal e simples, ou se exercita rapidamente, ou tem épocas fixas ; para o bargante civilisado ele constitue, ao contrario, a sua preocupação dominante . . . Complicada e faminta, a furia erotica é o mobil fumegante do nosso querer, o deleterio iman dos nossos nervos ! Com a agravante que o deboche contemporaneo quer sobretudo horriveis e ignobeis excitações fisicas, degradantes e imundas curiosidades . . . Os actuaes *Lovelaces* do prostitulo, os *Manfredos* do lupanar desde-nhosamente classificam de *maricas* aqueles que ainda fazem romance do amor, cujo deboche é principalmente cerebral, que acima de tudo põem, procuram e estimam as alegrias de sedução, da vitoria da paixão ou do desejo sobre as resistencias do pudor e da virtude . . . E, todavia, estes ultimos e raros vestigios da geração anterior á nossa conservam sempre no vicio uma ponta de sinceridade, dulcificam a brutalidade da posse com o calor do sentimento. O seu amor poderá ser uma exaltação grotesca, mas não é depravação, não é sadismo. Cairá sôb a alçada do ridiculo, mas não entra na categoria dos crimes !

Eu fitei-o com desconfiança e interroguei :

— Tu queres-me distraír com toda essa patacoada . . . ou estás-te a divertir comigo ?

— Digo-te a verdade . . . Vê tu, examina com um

pouco de cuidado a vida de qualquer desses desabusados sibaritas, esses incorrigíveis gulotões da carne, teus conhecidos... O desgraçado *Securas*, por exemplo. — O que é que tu conclues? ... Que, as mais das vezes, o que todos esses bandalhões procuram na baixeza do seu deboche, desprovido de toda a illusão de arte, incompatível com o aceio, é a sua propria ignominia! o aviltamento e o perigo que a sua mesma depravação representa. Na pratica de certos prazêres, muitas vêzes contra a natureza, o que toda essa abominavel jolda quer e pretende é adubar as suas indecorosas e triviaes voluptuosidades com a picante estimulação dum perigo... E isto por toda a parte, em todas as condições: no argentario como no rustico, no gran-senhor como no pária, na caserna como no lupanar, no salão como na officina. Assim como o amor cavalheiresco tinha o seu ideal de perigo glorioso, aquella estercoraria paixão tem um ideal de perigo infame... Dahi esses pavorosos desarranjos sensoriaes e organicos, essa afiitiva escumalha de criaturas sem dignidade, sem alma, sem norte, sem criterio, sem simetria nas funções e sem ordem nas ideias... gafa população de hospital, negro rasto sem fim de degenerados cerebraes, criminosos precoces, vesanicos do alcool, parasitas dos alcouces, desviados sem remedio, invertidos sem vergonha... atormentada e fruste legião de *Vitéllos* da luxuria, de *Pantagruéis* da infamia, aleijões que levam a vida a chocar com os seus vícios e aberrações a vida dos outros, cujo catamenial registro constituirá a grande nódoa essencial do seculo que finda, e cuja assoladora influencia, como um vento de peste, vergasta e semeia o mundo de insanias e de miseria!

Eu ia ouvindo, cabisbaixo e devagar, num silencio de aplauso, compenetradamente. — Na minha alma em alvorço, no meu espirito em ancia, a indignada homilia do meu amigo retinha triste e evidenciadoramente, como um rosario de lagrimas cristalizadas; na esportinação do meu cuidado as suas nobres palavras batiam límpidas e vibrantes, como um jorro de perolas esbagoando de alto sobre uma patena de oiro. Reconhecia-lhe a fulminante verdade no dizer e constrangia-me... Como o réu perante o juiz, num mudo receio expectante. dir-se-ia que eu tambem resignado e humilde aguardava a minha condenação... E, não obstante, pairando acima do meu terror, enchendo-me o coração e inflamando-me o desejo, eu via sempre um rir sarcasta, um frio olhar abiltrado, uma figura sinuosa e perversa! Avassaladora e implacavel, deliciosa e terrivel, na tenebrosa desordem da minh'alma a imagem de Alda sobrenadava sempre...

Desciamos já, para sair, a imponente rua das Palmeiras. Forte no seu são proposito, na sua leal obstinação, Gustavo não se calava. E eu agora encarava-o admirativamente; porque a sua longa e afusada figura no adoçamento sereno da luz por igual adelgada e esbatida, como que crescêra e tomára, sôb as altas umbelas, não sei que impositivo tom de espiritualizada grandeza.

— Cria, edifica para ti um ideal, — aconselhava ele com amor, — e sê-lhe fiel inalteravelmente! Não ames senão ideias, abstracções, quiméras; deixa ao comum dos homens essa vulgaridade que eles chamam o amor... Isola-te, faze como eu! inleva-te nos teus proprios extases... e livra-te de imolar ás sensações,

de arrastar na vã conquista de afagos e ternuras! A materialidade é a morte. Os incantos da forma são pura ilusão; no gôzo a posse é um efemero delirio dos sentidos... Deprime, esgota... não vale a pena! As seduções vêm e rodeiam-te? as sereias cantam, aladas esfinges estendem-te as mãos, aguçou-te os nervos o roçar da boleada garupa do desejo? ... Não te importes! deixa passar... sabe ser forte! O unico sinal da nossa superioridade é esse... e não pretendas nunca decifrar o enigma da mulher. Ela é o mais banal e comesinho dos sêres, não tem enigmas nenhuns... chegarias ao cabo da experiencia desiludido... e arruinado! Defende-te!... Alimenta o coração de sonhos, vive para o vago, o imaterial, fantasia. Olha que o mais inofensivo dos beijos o menos que te póde custar é a liberdade! — Faze isto, e verás como és feliz... O mundo chama-te tolo, tímido, impotente? ... que te importa? ... Pódes confundi-los com o teu desprezo... ao passo que satisfarás a tua consciencia e esclarecerás o teu espirito, lembrando-te de que todo o sentimento perde, quando se exteriorisa, cincoenta por cento do seu valor, e de que dos movimentos do nosso coração a unica testemunha conveniente e capaz é ele e sómente ele!

Ao entestar na Avenida, despedimo-nos: Gustavo leve e tranquilo, como que alheado ainda nas suas predilecções essenciaes, transportado a esse branco mundo distante, de idealidade e isenção, que ele fizera o tema favorito e unico da sua vida; eu esquecido de Branca outra vêz, incorrigivelmente grilhetado á fatalidade soêz da minha condição, voluntario feudo da materia, ardendo em ciume e num inferno de inquietação mordido pelo veemente misterio de luxuria e de

perfidia que eu adivinhára palpitando naquele terno cambio de olhares entre Alda e o *Bolacheira*...

11 de março.

No dia seguinte, sabes que me não pude furtar ao incidente, e lá fui mal'ò Gustavo a casa do pobre *Securas*. Que espectáculo, santo Deus! que scena horrorosa e pungente!... Impressionou-me de tal sorte, que muitas noites depois eu acordei em sobressalto, aflitivamente revivendo aquele sinistro episodio, esse laborioso descraziar dum temperamento, orgiaca decomposição dum espirito que se dissolve, duns restos de nervos rôtos em frangalhos.

Conheces a escada que conduz a esse ignobil quinto andar, — acanhada, posta a pino, lobrega, oscilante, saturada de fétidas emanações, torcida e negra apodrecendo na mefítica promiscuidade de excrementos de animaes, detritos de toda a casta e basto orografada de talos de couve, cinza, ossos, papeis, espinhas... A completa geografia do desmazelo. Eu, que não a conhecia, comecei subindo-a Tateando, devagar: e em breve, para me não amparar ao gorduroso corrimão, ia acendendo fosforos. Pois, mesmo assim, a cada passo os meus pés topavam com impróvidos obstaculos, embarravam nas asperezas do lixo a montes e da madeira escalavrada.

Abriu-nos a porta a mãe, uma dulcerosa e santa velhinha, — toda de negro, um alvo lenço em cabeçaço

ao pescoço, — a qual, mal que me viu, atirou-se-me contra o peito a soluçar convulsivamente... Como o Gustavo, em voz baixa, interrogasse: «Então? o nosso homem?...» ela apontou-nos em silencio um esguio rectangulo de claridade, que á direita abria sobre o corredor. Era o quarto dele. E como nós avançavamos com precaução, já de longe ouviamos o aspero serrazinar da sua voz, desatando-se num seguido atropelo de frases sem pausa e sem nexos, galopantes, atoadas, doidas.

— Está com alguém? — perguntei.

— Está com a sua mania! — respondeu a mãe, desoladamente. E seguiu atraz de nós, pequenina e dobrada, juntando as mãos e num desfeito soluçar carpindo: — Ai, o meu filho! o meu filho!...

Abeirei-me, cheio de interesse, pé ante pé, da porta entreaberta, e adiantei cauteloso a cabeça. Que doloroso quadro! — O desgraçado estava sentado á beira da cama, só com a camisa, a face da apostemosa côr da podridão, no peito negro e hirsuto as clavículas furando como punhaes, as esmadrigadas tíbias pendentes, terrosas e comidas como se houvessem sido já exumadas, furtadas ao trabalho aniquilador da sepultura... E falando, falando sempre... Vinham-lhe impetos em que ruidosamente esfregava as mãos, como de contente; depois mergulhava-as juntas entre as côxas ou colava-as ao seio, infantilmente, num geito friorento e tímido... e ficava-se abstrato e idiota a inquirir o espaço, bamboleando lateralmente o tronco, sumido nos ombros o pescoço, a espinha vergada, olhos ao alto, e infatigavelmente os grossos lábios lívidos garatusando sempre a sua escabelada aravía intraduzível!

A tempestuosa desordem das feições, a estirada consunção do rosto metia horror! — Agora os seus olhos vagos e sumidos, sem lunetas, eram dois poços sem fundo, enlutados pelo flacido crêpe das olheiras, cavados no vacuo espectral das orbitas; o nariz, violaceo, enorme, luzia de viscosas supurações, porejava frias sanies de cadaver; grandes placas de caspa lhe perolavam a suja aridêz da barba, choviam-lhe da nuca, libravam-se em equilibrio nas arestas do cabelo. E a desconcertada, a furiosa parlenda não tinha fim! As mais imprevisas, opostas e estravagantes expressões lhe stenografava a mobilidade febril do rosto: o sofrimento, o medo, a meditação, o entusiasmo, o extase, o desdem, a duvida... ora um impeto, ora um lamento, agora um aplauso, logo um queixume... Todos os assuntos, todos os objectos, todas as impressões lhe cruzavam de reigota, como relampagos, a mente escandecida... com uma tão estonteante velocidade, com um tão destemperado e alucinativo impulso, que me seria impossivel dar-te aqui de seu insano discursar a mais fugitiva ideia.

Calculas como nós entrámos no quarto dele... alma ensopada de dó, num arrepio de dôr, transidos de comoção e de piedade. E ele a vêr-nos sem dar tino de nós! tonto, cego, indiferente... olhando ora o teto, ora o chão, ora o lado donde lhe vinha a luz, molinando o tronco, pendulando as pernas... todo num mundo estranho, obstinado e perdido no alheamento sinistro da loucura! Porém de repente dá com os olhos em mim, confrange-se-lhe de terror o rosto, e pondo-se de salto em pé, logo exclama:

— Que me querem!?... Não! não! deixem-me... Não fui eu! Se morreu de fome, a culpa não foi mi-

na... Ela que o diga, mesmo do outro mundo, se quisér ser verdadeira... E a Emilita tambem não fui eu que a perdi... Por isso, peço-lhes! vão-se embora! deixem-me... Os srs. hão-de ter tido tambem amantes... Pois pela alma, pela saude, pelo amor delas, dos seus filhos, não me façam mal! Estou inocente... Não me prendam! não me matem!

E estendia-nos as mãos, em menção de ajoelhar, tremulo, suplicante. E vendo então atraz de nós a mãe, que não cessava de soluçar, teve um calafrio de raiva, e num rugido de indignação bramiu:

— Ah, e foi então a mãe que os trouxe aqui!?... Quem poderia crêr?... A minha mãe feita com eles!...

— Ninguem te faz mal! — disse-lhe com moderação Gustavo. — Pois não nos conheces?... Repara bem! somos teus amigos...

— Não fui eu! não fui eu!...

E como nós arriscássemos para ele, affectuosamente, alguns passos, chamando ao rosto a mais tranquiadora e carinhosa expressão, na mesma medida o miserero recuou, arremessou-se ao chão e de medô escôou-se para debaixo da cama. E dahi nós agora ouviamos o timorato arrastar do seu corpo, o aspero roçar no pó da sua carne ressequida, o seu apavorado empenho em furtar-se-nos, aninhando-se bem ao canto, eliminando-se... enquanto as mesmas allitivas supplicas lhe gemiam na voz gutural, estrangulada, num convulso tremer dos labios tartameleando de frio e de receio.

Com o coração dilacerado de angustia, mortos por atenuarmos ao menos este lance pungentissimo, instámos com a pobre e mortificada velhinha para que

se retirásse. Depois, conforme pudémos, e tendo primeiro arredado a cama, — um triste catre de ferro, — trouxémos docemente o desgraçado acima, sem o molestar, acarinhando-o, a custo suspendendo em péso o seu corpo inerte, e deitámo-lo com cuidado sobre a cama. Ele a principio resistiu, debateu-se, estrebuxou, mordeu-me... Porém de repente aplacado, abandonou-se afinal, extenuado e manso, numa passiva resignação, cerrando os olhos. Depois, mal que se viu de novo estendido sobre a cama, restituído á luz, flanqueado pela nossa incomoda solicitude, escondeu num impeto a cabeça debaixo do travesseiro, segurando-o afincadamente nesta posição, com as mãos como garras, os braços por cima e os musculos crispados; e logo voltou ao seu doloroso e incansavel lamuriar, logo intanguidos os labios lhe tornáram áquele arrastado e aflitivo gemer, lastimoso e triste.

Nós queríamos ao menos agasalhá-lo; poupar áquella afrontosa nudez os nossos olhos de amizade, e ás agruras do desconforto a sua sensibilidade melindrosa. Assim, enquanto o Gustavo lhe estendia sobre as pernas um destroçado resto de cobertor, que do leito rojava pelo chão, eu maquinalmente circumvaguei pelo quarto a vista, no interesse de descobrir qualquer coisa com que lhe proteger tambem o tronco. — Pois não havia nada! Apenas pelo soalho arrastavam dispersos uns imundos vestigios de roupa, calcados e retalhados, socios ha muito da traça e do pó, estripados, rôtos, inclassificaveis. E que miseria, que descrdem, que desolação de aposento! Tu viste... Quasi que só as paredes, forradas ainda de grandes placas soltas de velho papel cinzento, estalado e grumoso, negro da humidade, deixando nas largas fa-

lhas apontar a gridelenta côr do ocre primitivo. Na banquinha de cabeceira notavam-se porções intactas de comida. Pelo esconso ladeirar do teto, a cola saltava tambem, toda em escamas, tostada e calcinada da proxima causticação do sol; e de taboa para taboa escorriam direitas, engrossando, formando stactites, numerosas linhas de bistre das infiltrações da chuva. Na grande luz, em baixo, junto á frestasita abrindo para o telhado, havia um pequeno espelho partido, pregado no fôrro do plano inclinado da mansarda, e á frente dele um lavatorio de ferro elementar. E, a mais, só uma comoda, incafuada no desvão, pejada de garrafas vasiaas de *cognac*, aguardente, absinto; lenços, colarinhos sujos, programas de teatros; jornaes, brochuras. Abri um dos gavetões: talvez ahi houvesse algum fato capaz, com que cobrir o pobre louco... Não dei senão com roupa suja, massos de cartas, velhas reliquias de amor engorduradas, fotografias lubricas, um bolorento par de botas, — tudo isto promiscuamente, ao acaso e a monte, confusamente baralhado no atropelo inerte do abandono.

Confrangidos, num esmorecimento, eu e Gustavo olhámo-nos silenciosamente, encolhendo de piedade e irresolução os ombros. Entretanto, a cabeça sempre debaixo do travesseiro, numa voz abafada e plangente, o *Securas* continuava:

— Emilia! vamos... Já te disse! falas ou não falas? Eu faltei-te com alguma coisa?... não fui logo franco contigo, quando á fina força tu querias que fôsse eu o primeiro a fazer-te a caridade?... Não te importáste, insististe... E que apetitosa, que linda que tu estavas! lembra-te?... Tremias toda... Querias e não querias... Vamos! e então agora por-

que não falas ? porque não expões p'r'ahi a verdade, cachorra ? ... Não vês o que me querem fazer ? ... Anda ! anda ! por piedade ... pelo muito prazer que te dei ! ... Ah ! quem vajo eu tambem agora ? a Guilhermina ! ... Pois tambem tu aqui vens ! ? ... Rico tempo esse do nosso amor ! A toalha que tu punhas de sinal á janela, quando o teu marido não estava ... e eu depois, surrateiro e feliz, a usurpar o seu lugar no vosso leito, eu a ingalhar a vossa filhinha no berço ... E dizia-me amigo dele ! apertava-lhe a mão, era o primeiro a aconselhá-lo cinicamente a que tivésse conta contigo ... Biltre ! biltre ! pulhissima criatura que eu sou ! ... E quem é que não é assim ? ... Se a justiça fôsse direita, se não lhes dêsse p'ra me perseguirem só a mim, oh, céus ! não escapava ninguem ! Porque ninguem é santo, ninguem pensa, ninguem se defende ... Anda tudo ahi assim á tôa ... positivamente á mercê da pavorosa infinidade de contrariedades, azares, doenças, perigos que por toda a parte nos cercam ... Olhem vocês a Russia ... E ha-de levar a melhor, verão ! Não tem numerosas esquadras, mas póde por essa Asia fóra de pronto vomitar milhões e milhões de soldados, muito grandes, com grandes barretinas brancas ... da côr da liberdade, da côr da redenção ! Sebastepool, Plewna, Moskow, ides ser vingadas ! ... Que é isto ? ... A noite de roda de mim ! a noite negra, a noite implacavel ... tudo raso, gelado e informe sôb a neve caíndo, caíndo sempre e crescendo, surda e mortal, maciamente ... Vergasta-me a face, lanceta-me os pulmões o vento aspero da serra ... ha latidos de cães ao longe. Eu ando e interram-se-me as pernas té ao joelho, o frio lasca-me os ossos ... vou á aventura, não enxergo caminho nem

carreiro na imensa lisura algente do traiçoeiro arminho ! Ando e as minhas pégadas vão ficando atraz de mim, silenciosamente, negras e fundas como enxadadas numa cova . . . Ando e a lua, que agora apontou, prolonga numa estirada mancha lívida a sombra do meu corpo . . . De repente, quero andar mais e não pôsso ! tropeço, sinto-me prêso . . . o que quer que seja de anciado e hirto trava-me o passo, rompe-me de sôb os pés, agarra-me, marinha pelos meus musculos enregalados . . . E já, sobranceira á neve, uma longa figura espectral se ergue diante de mim . . . Horror ! . . . És a Benedita, bem sei . . . Requestei-te, abusei da tua bronca ingenuidade . . . acenando-te com um futuro côr de rosa, fiz-te tomar em horror a aldeia, deixar a horta, a adega, ô celeiro, os gados, abalar, alucinada e confiante, de casa de teus paes . . . Então desflorei-te sumariamente, bestialmente, como um cão ! Estava uma noite assim . . . foi dentro duma velha palhoça solitaria . . . Depois, deixei-te no campo outra vêz . . . Como tu me seguravas ! com que carinhosa efusão, com que aflitiva e estrangulada angustia te agarravas a mim ! . . . Tal qual como agora . . . deixame ! . . . Lembra-me muito bem ! clamavas pela Virgem, as tuas lagrimas traziam lume, o teu cabelo prendia-me . . . E, não obstante, eu fui de pedra ! defendi-me, resisti, fui inexoravel, repeli-te com violencia. E com violencia e rapidez afastei-me, num inconcebivel rasgo de ingratitude e infamia . . . Sim ! sim ! . . . De longe, mandei-te p'ra casa . . . Mas tu ficaste . . . nem me ouvias ! . . . ficaste ali assim, sósinha e de joelhos, como a estatua da suprema dôr, pregada, espavorida . . . imbecilisada e louca de indignação e desespero ! De roda a neve caía, caía e crescia sempre, acariciá-

dora, macia, implacavel . . . foi modelando o teu busto, comeu-lhe os contornos, algodôou-lhe o relêvo, en-
vaginou-te no seu amplexo de morte . . . porfim, cari-
dosamente, amortalhou-te . . . E o teu belo corpo fres-
co e solido, quasi inviolado, cheirando a linho e a cur-
ral, ahi na imensa solidão, sôb esse grande e fôfo len-
çol branco, jazeu ignoradamente sepultado ! Quando
o desgêlo veio, foi pasto dos lobos . . . Mas que queres
tu agora ? . . . Tudo isso assim foi, mas já não tem
remedio ! nem a tua morte, nem a minha ruina ! . . .
Vae-te ! vae-te ! . . . acomoda-te, deixa-me ! não me
flageles . . . Perdão ! Perdão ! . . .

Assim nesta toada dolorida e plangente, nesta re-
calcada evocação dos erros do passado, á mistura com
a analyse banal das coisas do presente, o pobre louco
proseguiu, num delirio de ruina, sem refrigerio e sem
pausa, ante a nossa consternada e inutil amizade. E
agora já novamente o seu aflitivo perorar voltava a
atropelar-se, e como num estrondoso desmoronar, os
assuntos, as exclamações, as frases, as ideias suce-
diam-se ininteligiveis e doidas, sem nexo, sem ordem,
sem sentido. Depois, gradualmente, esgotado e inane,
aplacou . . . a cabeça continuava oculta, o corpo per-
manecia inerte, e, intervaladas e graves, as palavras
arrastavam-se-lhe numa angustia gutural, num la-
mento esmorecido e vago. A ponto de parecer que toda
a vida deste lastimoso resto de homem não era mais
do que um gemido.

Foi quando tu entráste, com o teu amigo dr. Sales.
— Sabes o resto que se passou. Assim como sabes que,
logo recolhido em Entremuros, esse misero escanzêlo,
depois de ter arrancado uma orelha ao enfermeiro,
tendo aturado cincoenta e duas horas seguidas sem

comer, succumbiu a uma encefalite, que veio providencialmente pôr termo ao impiedoso alcance do seu sofrer, e á aguda e impotente mortificação do nosso cuidado.

Parecia que á face de tão frisante exemplo, tendo tão assim de perto podido vêr a que tenebroso esfacelar conduz a imprevidente contumacia no erro, eu deveria ter mudado . . . Esta afrontosa lição pratica devia ter-me enrijado a vontade e feito dar um rumo limpo e direito á vida. — Pois nada disso! pelo contrario . . . O meu alucinado furor por Alda cada vêz mais intransigente e feroz me subjugava! Não sei que malefica sina, que deleterio instinto a cada momento me certificava do diabolico influxo dessa mulher ordinaria e perversa.

E por ventura o caso seria novo? este fenomeno dar-se-ia unico em mim? . . . A quem é que não tem succedido conservar no intimo uma inconfessavel paixão, de que se tem vergonha, calá-la, rebufá-la? . . . e entretanto viver sempre dela e com ela? Tu sabes muito bem, — vêm um dia em que a gente encontra uma mulher que por qualquer ignorado misterio nos tocou e impressionou . . . essa mulher é vulgar, é banal, vive numa roda mesquinha e inferior, não nos compreende, engeita-nos . . . e todavia para nós ela vale mais do que uma santa! merecer-nos-ia todos os sacrificios . . . o nosso coração eleva-a, sublima-a, endeusa-a, e aquella primeira impressão, exacerbada, vae até votar-lhe um culto, ergue-lhe ciosamente a dentro da nossa alma um tabernaculo sagrado!

Hoje somos todos assim... é a unica ideia que perante mim mesmo me reabilita e consola. — Sofremos, nisto como em tudo o mais, o mal da época. Pois que queres tu? ... Desta agonia de civilização, em que vamos, qual é a característica, senão um estado nauseativo da alma? o cansaço, o tédio de viver? Na hora actual, cada um muito deliberadamente esfarela a sua intelligencia e acanalha a sua vida... cada um faz o mal, só pelo prazer de fazer mal... a si e aos outros.

Abandonamo-nos á corrente: uns suicidam-se, outros prostituem-se. Dahi as camaradagens que degradam, as absorpções da vontade que envilecem... o sabio governado pela cosinheira, o poeta pela mulher das ruas, o marido pela mulher, o amante pela amante... dahi os genios malbaratando a sua missão, o seu dinheiro os ricos, os nobres os pergaminhos! Tudo varias sortes de cobardias, as quaes todas teem por fito o imenso alívio da abdicação de toda a actividade, uma completa indiferença pela dignidade da vida, a definitiva exautoração do decóro humano... numa palavra, o hipocrita pretexto inventado pelo cobarde para se declarar irresponsavel.

Não ha resistencia, não ha brio. Na vontade somos hoje todos velhos. O homem moderno, sem força para usar da sua liberdade, reclama e procura com ardor a tirania dum vicio! Nos árduos tempos de conquista tinha-se em pouco preço a vida; hoje tem-se em pouco preço a vontade. E o viver é agora tão nauseativa coisa, que cada um intende que o melhor que tem a fazer é passivamente abandonar-se, embalado na melopeia do habito, a este voluptuoso e lento suicidio: a embriaguez da inercia!

13 de março.

Veio a vespera de S.^{to} Antonio, e claro que Alda não dispensou a obrigada romagem a esse pandemio atroador e infecto da praça da Figueira. E eu, é de saber, com ela. Que sacrificio enorme! O alarido, o calor, os encontrões, as luzes, todo esse fumegante marulho humano, o possante resfolgar da animalidade á solta, compacto recocheteando e bramindo sôb o angulo negro das naves, numa bravejante e metalica ressonancia, tudo isto me causticava, contundia-me os nervos, punha doente a minha compleição sonhadora e delicada. Os descantes, os assobios, as prêgões, o ríspido cornamusar da garotada varriam-me o pensamento, varejavam-me o cerebro, faziam-me contraír as mãos em irreprimiveis crises de arrelia. As graças e doestos da aninoma onda da multidão com fito aos olhos de Alda, que iam espertinados e acêsos por uma forma que dava na vista, enchiam-me de zêlos. Depois, a cada passo, porque vislumbrava qualquer pessoa conhecida, eu tinha de disfarçar, tomando geitos de não ir com ela . . . E ali assim aturei tempo esquecido, naquela inexoravel moenda, naquela insupportavel saturnal civilisada; ali contei, mordido de impaciencia, exasperado, uma das horas mais longas, atormentadas e crueis da minha vida.

De dia, tinha Alda querido ir a S.^{to} Antonio da Sé, aonde eu condescendi em a acompanhar tambem. Foi; e mal que entrou na garrida e banal igrejita, toda picada de lumes, apopletica de gente, sécia de damascos e flôres, ela dirigiu-se ao altar do taumaturgo, e

entre a faceira imagem do Santo e a concavidade do nicho com destreza insinuou um pequenino papel dobrado.

Eu naturalmente perguntei :

— Que diabo quer isso dizer ? . . . O que é que tem esse papel ? . . .

— O meu nome e o da pessoa que eu mais estimo ! — respondeu a perfida, com um sorriso singular. — É p'ra nos dar felicidade . . . p'ra nunca nos separarmos !

— Então é o meu, já se vê ? . . . — tornei eu, ingenuamente, num estúpido invaidecimento.

Ela não respondeu . . . Antes numa grande pressa, adiantando-se, abreviando o passo, dahi a um instante estava na rua.

Depois, ainda nessa noite, fômos a casa da D. Eleuteria. Nessa e em todas, a bem dizer. Agora era para a rapariga um vicio, uma obsecção, uma coisa necessaria, inevitavel, essa quasi diaria visita ao recatado antro da rua da Emenda. Por mais que eu objectasse, uma ou outra vèz, que me fazia transtorno, que era uma vergonha, um despropósito . . . não havia meio de a dissuadir. Mal chegava, em vindo a noite, aquela hora habitual, e logo a ladina se levantava, punha o chapéu, tomava a capa e as luvas, num momento; a termos que nem bem a Eternidade havia tido tempo ainda de acender a luz para nos alumiar, e já o demonio descia veleira o primeiro lanço da escada. Quando eu arriscava qualquer objecção, irritava-se e batia o pé, mimadamente primeiro, ainda num proposito conciliador, em mocanqueiros trejeitos de criança contrariada. Depois, se eu insistia na escusa, a sua rabugem infantil exacerbava-se, os olhos reduziam-

se-lhe, como que se lhe alargavam os maldres ameaçadoramente, a voz tinha silvos, as alétras do nariz, brancas e largas, palpitavam, e todo o seu rosto tomava não sei que expressão dura e imperiosa, quasi odienta, que me fazia scismar.

A guitarra ia também sempre connosco. Pois se o pretexto arranjado para esta obrigada peregrinação nocturna, a máscara inocente á descarada traição contra mim planeada, era o seguimento das lições! — Que ela tinha imensa queda p'r'aquilo... toda a gente lh'o dizia... Sentia mesmo lá de dentro! Porque não havia de então dedicar-se, aprender a valer?... Ninguém adivinha as voltas da fortuna... podia vir um dia a ser-lhe preciso. E então deixásse-a lá! Que mal havia?...

Eu não tinha mais remédio, dava-me por convencido, submetia-me... E a guitarra lá era, com mil cuidados, desprendida da grande escapula em serpentina doirada, comprada de propósito para a pendurar, e connosco seguia dentro do seu rico sacco de veludo carmezim, com borlas e cordão de sêda côr de ouro. Quando sucedia eu ter que fazer, ao chegarmos á rua da Emenda, nem subia; deixava-a em baixo, á porta; depois vinha, mais tarde, buscá-la. E então era certo encontrá-la ainda, ás vezes só, com o *Bolacheira*, no *comedor*, proximos os dois, polarizados e atentos no mesmó lubrico desejo, a que os languidos acordes da guitarra formavam cama, davam uma voluptuosa sublinhá de simpatismo e esperança.

Ora a verdade era que os motivos sobravam para as minhas apreensões, e todas as circunstancias pareciam hostilmente conjugadas em nutrir e confirmar os meus receios. — O *Bolacheira* era um destes sa-

bdos e insinuantes rufiões com exito seguro no coração das mulheres faceis, um *Romeu* de taboleta, um *Almaviva* de bordel, fazendo da sedução modo de vida, amparando a sua ociosidade na prostituição feminina, sabendo em bom dinheiro de contado colectar o andromaniaco furor das desgraçadas. Orfão de pae e mãe, vivia em casa de duas tias velhas e tontas, que o estre-meciam, permitindo-lhe todas as liberdades, tolerando-lhe desvanecidas todos os desregramentos, indo até abonar-lhe, muitas vêzes com risco de se empenharem, quantiosas parcelas de seus limitados havêres. Mas como estes escassos recursos não bastassem á sua vida de dissipação e intemperança, por isso começava o malandrim a exercer a sua amaviosa função na propria casa, dormindo com as criadas e cardando-lhes o dinheiro. Não tinha occupação, rumo, ambições, ideal, modo de vida . . . antes acidiosamente era sistema seu confiar do acaso o regimen do dia seguinte. A sua já fertil lenda amorosa dava-lhe prestígio, acrescentado por uma eloquencia natural e por este inato condão dominador, feito audacia e emoção, de suavidade e arrogancia, que faz a fortuna e a ralé de certos homens.

As pensionistas da D. Eleuteria, como no facto achavam convidativa base ao garrular da sua esperta malicia essencial, dele iam procurando extrair, em materia de bisbilhotice e escandalo, a maior soma possível de proveito. — Era os dois aproximarem-se um do outro, ardidos, confiantes, e elas logo a fitarem-me com grandes olhos comiserativos . . . elas a segredarem-se facecias, casquinando risaditas ruíns e movendo escarninhamente os ombros.

Eu saía dali com as orelhas em braza, corrido,

estonteado. Todo o caminho depois, e seguidamente em casa, resmoneava : ora mansamente, ora querendo mesmo, com energia e decisão, impôr a minha vontade. Alda porém agastava-se, e numa gritada exaltação a cada passo interrompia-me. Num tom rasgado e veemente, que dava a ilusão de ser sincero, tudo era então protestar a sua lisura, lealdade, isenção, o seu interesse limpo de maldade, a inocencia escampe daquele seu prazer, a firmeza inalteravel do seu amor por mim. E com o mais claro despejo epilogava :

— Ora mas que sêca ! Se eu gostásse dele, cuidas que não tinha alma de t'ô dizer ? que não corria contigo ? ... Alguem obriga-me ?

O pior era que, — a denunciar bem flagrante a falsidade da sua vibrante exoração, — sempre na calorosa emissão de cada novo protesto o labio inferior crispava-se-lhe irreprimivelmente ! A mim não me passava despercebido este sinal, de cuja diagnose a iniludível certeza eu aliás conhecia de sobra. No entanto, como ela continuava sendo para mim a mesma... na confiança, na efusão, no abandono, na ternura, na sempre insaciada e saborida ancia com que procurava a calida mutuação do meu amor... eu, aplacado e indolente, por temperamento e por medo, fugia de encarar bem de frente a evidencia brutal dos factos, o coração montava-me o cerebro, o desejo podia mais que a vontade, e ia deixando correr.

Entretanto, um outro sintoma aqui rompeu, tambem, que não deixou, — este, sim ! — de me abalar dum grande e pávido sobressalto... É que a expressão dos seus olhos fugia-me de novo ! Já não os intimidava, não os dominava, já outra vêz uma fria nevoa de insensibilidade me furtava a sua cristalina e doce

transparencia. Sim ! meu amigo . . . o que é bom dura pouco . . . eu tremia, eu acobardava-me de o verificar . . . e todavia era bem certo que os seus dois belos olhos, claros e travêssos, haviam perdido para mim a sua affectuosa diafaneidade sorridente. Eram de porcelana outra vêz ! — irrequietos e doidos, banaes, puerís, absolutamente impenetraveis . . . Por detraz do seu esmalte de desdem, do seu azul brunido e translucido, tornava agora Alda a escapar-me nos cambiantes do seu sentir, nas modalidades do seu querer . . . Essa gélida e tenue placasita de azul era uma intransponivel barreira ás minhas ardentes inquirições adentro da sua alma !

E enquanto implacavel me trabalhava o animo esta inquietadora e ácida suspeita, eu não tinha olhos para vêr, nem coração nem instinto para pressentir a formidavel tempestade que noutro ponto, bem mais séria e decisiva, áquele mesmo tempo tambem contra mim se desencadeava. Enquanto eu na rua do Norte me dava a pêrros e multiplicava as experiencias e afinava os carinhos, tudo no aficando empenho de rossegar um amor que inevitavelmente ia sentindo escapulir-se-me, Branca no seu alto e virginal retiro chorava lagrimas vivas, cõsumida de dôr tambem, minada de desespero e esmagada de vergonha ! — Porque has-de saber que a D. Dulce levou-lhe inteira e patente confirmação a quantas revelações de descredito a meu respeito lhe fizêra. De tudo isto eu colhi mais tarde a pormenorizada historia. Com felina obstinação, num virulento porfiar de inveja e despeito, curou primeiro de se informar mais por miudo, saber as minhas paragens, cursos, predilecções habituaes, as minhas quotidianas estancias de prazer e de

repouso. Aliciou gente de proposito que me seguisse, dia e noite, por toda a parte. Assim, — já vês, — foi-lhe facil... não tardou muito e estava inteirada! Em breves dias tinha a sordida osga na mão a indecorosa chave do meu segredo. E então, mal se sentiu munida de provas bastantes, foi-se direita a Buenos-Aires, — «mulher de palavra até'li! tudo por amizade . . . não podia vêr ninguem inganado!» — e numa crueldade triunfante desenrolou, ponto por ponto, sem recato, sem pejo, os capitulos todos do esmagador libelo, ante o confrangido, o doloroso, e indignado espanto da minha noiva.

Ao ouvir, numa contrariedade tormentosa, o sudario da abjecta inquirição, a cada momento Branca interrompia:

— Meu Deus! Cala-te! . . . Isso póde lá ser!

— Não acreditas? . . . Pois tira-te dos teus cuidados . . . vae tu mesma!

— Eu! ? . . . Por caso nenhum!

— É a pura da verdade!

E ferozmente, regaladamente, continuava.

O efeito estás a vê-lo . . . Atingida tão brutalmente e quasi de improviso na sua desprevenida confiança, no mais mimoso recanto da sua alma, Branca teve uma crise, adoeceu. O mesmo maligno sôpro que lhe varreu de rôjo as ilusões, que lhe atirou por terra a capela divinal do seu amor, abanou-lhe de morte o organismo delicado, determinando a galopante pathognose de assoladores morbos latentes . . . O seu primeiro movimento fôra de nojo e repulsão contra a infame delatora. A sua dignidade absoluta revoltou-se contra a manobra vil do stratagem. Mas tambem depois a sua celsa virtude ergueu-se contra mim,

tomou-me em asco... tornou a minha lembrança impossível ao seu coração e a minha imagem insofri-vel aos seus olhos.

Uma semana seguida levei sem lograr falar-lhe. Nem a ela, nem a ninguém da casa, a não ser o Francisco. Chegava, tocava ao portão; vinha o criado: «que a menina agradecia muito... estava melhor... e pedia desculpa, mas como estava ainda de cama, não me podia receber.» E era tudo! Apenas se, uma por outra vês, o *Tejo*, no quintal, tentava carinhosamente arrastar-se té mim, balindo; ou nalguma das janelas do primeiro andar eu surpreendia a buliçosa cabeça da *Tita* mirando-me, repreensiva e triste.

Branca teve realmente que guardar o leito. O medico veio, dias seguidos; receitou a codeína, o creosote, o salicilato de bismuto, o benzo-naftol, a striquinina. Mandava-lhe tomar vinho quinado. Ela porém não fazia tratamento nenhum. Intactos, inúteis, amontoavam-se-lhe tristemente os medicamentos junto á cabeceira do leito. Eu, que nem por sombras vislumbrava a origem certa do mal, porque nada sabia ainda do que se tinha passado, inquietava-me, sim, mas sem sobressalto de maior, crente como estava de que se não tratava de doença de cuidado. No entanto, apesar de toda a minha imprevidencia habitual, não só este facto em si, como os seus antecedentes proximos e as alarmantes circumstancias que o haviam precedido, eram bem de natureza a não me deixar tranquillo. — Foi quando o mais funesto dos acasos trouxe um desenlace nítido á situação, determinando para breve uma catastrophe que afogou o meu coração em remorsos, e inexoravelmente baldou para a felicidade e o sossêgo todas as assoalhadas aspirações da minha vida.

Imagina tu que um rico domingo de verão, crepitante, criador, — lembra-me como se fôsse hoje! — Alda, que se levantára tardissimo, e já nem mesmo a tempo de irmos aos toiros, arreliada por não haver gozado a amenidade festiva e excepcional do dia, quis tirar a desforra indo á noite á Trindade. Eu condescendi; mandei tomar um camarote. E, a sossegar a consciencia, ia dizendo comigo que não havia perigo de, nessa multidão charra e anonima que ao domingo enche os teatros, eu ir deparar com gente conhecida. E então com as relações de Branca, ou com esta, ainda muito menos, porque demais a mais a minha noiva, além de doente e ter o pae muito mal, nunca safa ao domingo.

Á hora propria saímos pois, eu e Alda; fômos primeiro á rua do Oiro, para ela comprar umas luvas. E quando subiamos depois o Chiado, — meu Deus! — eis que me cruzo de improviso no passeio com Branca e a *Tita*, que desciam apressadamente, olhando á frente, levadas, via-se, numa palpitante anciedade, impedidas nas azas dum grande e sensacional cuidado. — Oh, meu amigo, como eu fiquei! Fugiu-me a luz dos olhos, cambaleei, pus-me frio de neve... Porque as não tinha eu descortinado de longe? ... que estúpido azar! E agora! ... Que havia de eu dizer? ... Estava perdido! ... E a rapidez, a decisão com que ellas iam! Pareciam aflitas... Estaria o pae pior? ... Talvez até nem me tivéssem visto... tudo aquilo foi tão depressa!

E o caso é que, gradualmente atenuando a importancia do incidente, já dahi a pouco o meu incorrigivel e comodo optimismo me convencia — de que realmente me não tinham visto! E foi incidente fechado

para mim, e mais nele não pensei, durante toda a noite.

No dia seguinte, porém, não sei o que de grave e terrível eu adivinhava... não me sofreu o animo de longas e ao meio dia estava em Buenos-Aires. Logo mandado entrar, o que me pareceu de bom agouro. Como eu andava distante da verdade! Subi para a minha tão conhecida e amada salêta do primeiro andar, contigua ao quarto de Branca, singelo e claro retiro, discreta camara de solidão e amor, onde a vida tinha perfumes e canticos, onde o tempo não contava, e adentro de cujas sossegadas paredes, duma santa discrição de confessorario, se tinham affectuosamente cambiado as mais perturbadoras efusões da nossa alma, o programa do nosso futuro, a visionação ardente do nosso destino. — A minha tenacidade, diligencia e bom gosto haviam-na radicalmente transformado. No teto, deslumbradoramente branco, apenas uma estreita silva oval, em oiro, ao centro, correspondendo-lhe na mesma finura e estilo os lacêtes dos cantos, entressachados de redondos amorinhos, pintados a fresco por Malhóa. Seguidamente, uma larga e sólida cornija, delineada por Leandro Braga, branca tambem, cheia de character, ressaltando em ovulos raiurados de oiro, como suporte ao teto rodeava toda a casa, ligando por meio de sóbrias volutas ás pilastras caneladas que definiam as portas e a janela. Delicadissimamente talhados em madeira, e escaiolados a branco tambem, graciosos festões, pendendo da mesma cornija, desciam a destacar a sua curva sôlta e leve nos panos lisos da parede, forrada toda por uma preciosa sêda em riscas côr de melão e trigo maduro, salpicada de floritas magenta, crême e côr de

perola. Em torno um farto rodapé, macio, resplendente. Em baixo, do sinuosamento verde-escuro da alcatifa saltava, fino e galante, o branco eburneo e luzente daquela adoravel mobilia por mim descoberta e mandada restaurar. E, a mais, apenas um tremó semi-circular, entre cujos pés, lineares e direitos, exuberativamente festoava uma grande urna doirada, e cujo elançado espelho, abrangido em duas colunas corintias e erguido a toda a altura do aposento, tinha na almofada superior uma bonita policromia campestre; e na parede fronteira, ladeando a porta do quarto de Branca, dois grandes retabulos, brancos tambem, filetados a oiro fôsko e fartamente boleados, um dos quaes se opulentava com o retrato da minha noiva, pintado a oleo por Columbano, e o outro esperava o meu.

Vês que não podia haver nada de mais parcimonioso, mais delicado, mais incantador e mais puro. Tinha o sêlo aristocratico da Arte. Era dum córte sereno e classico: alegre sem estouvamento, rico sem ostentação, suntuoso sem demasias. Todas as suas côres eram atenuadas e mansas, como a modestia da minha noiva; por toda a parte se evidenciava e impunha a linha recta, o simbolo da virtude, antecipado espelho e lição do que havia de vir a ser a nossa vida.

Assim, penetrado da confortadora sugestão do ambiente, e enquanto eu esperava, breve o meu espirito descuidado e frivolo desanuviou, minhas cávidas apreensões vôaram, e eu agora sentia-me tranquilo e seguro como se indecorosas sombras não poluissem o meu passado, como se sobre o meu futuro não impendêsse, inevitavel, fatal, uma temerosa desgraça...

como se eu fôra a pessoa mais limpa, inocente e feliz da terra!

Quando Branca entrou, estranhei-a... Vinha o seu harmonioso andar ainda mais compassado e moribundo que de costume. Aqueles ultimos oito dias parecia terem sido para ela oito anos! Sumira-se, envelhecera... No rosto havia sulcos de aflicção; cavados e mortaes, os olhos ardiam do brilho consumidor da febre; e sobre a empanada alvura do vestido as mãos longas e emaciadas tinham mortificados tons de cêra. — Como eu lhe estendêsse naturalmente a mão, ela com delicadeza fêz menção de não vêr, voltando-se ao tempo, a procurar onde sentar-se; e deixando-se alquebrada tombar numa cadeira de braços, com um leve suspiro fatigado, logo depois atacou:

— Fi-lo subir para lhe agradecer o beneficio enorme que ontem, decerto involuntariamente, me prestou...

— Ó Branca! que quer dizer!?... — balbuciei eu, confundido, caíndo no pégo da realidade.

— Fêz-me um grande serviço, creia!... Póde ufanar-se com essa triste gloria!

— Não, mas é que ás vêzes as circunstancias... parecem malignamente empenhadas em... Preciso explicar-lhe... — atabalhoava eu, tresnortado, perdido, sem atinar com o que dizer.

— Explicar o quê? e para quê?... atalhou ela, com superioridade. — Deixemo-nos de comedia... Seria amesquinhar-se ainda mais a meus olhos! diminuir perante a minha alma, que se amparava na sua dignidade... perante o meu coração, que vivia da ilusão do seu amor!

— Pois se eu sobre este assunto tenho tanto, tanto! que lhe dizer...

— É inutil!... Demais sabia eu tudo já... A scena de ontem não foi mais que uma tristissima confirmação a esse punhado caustico de ignominiosas verdades, que como um jorro de chumbo derretido me caíram na alma! Foi o começo do fim... E veio no momento oportuno... Algum resto de generosa duvida que ainda resistia dentro do meu coração, incantado e iludido, com o repulsivo incontro de hontem secou tambem! Foi cruel, mas foi bom!... Repito, agradeço-lhe...

— Ó Branca, por amor de Deus! ponha ponto nas suas ironias... retalha-me o peito de dôr e desespero! Não é só condenar-me assim sumariamente, dementada pela paixão, inconsciente instrumento duma abominavel intriga! Ha-de ouvir tambem o réu... Vae vêr como...

— Ai! não, não, meu amigo! devia conhecer-me... e dahi avaliar bem que a formosa ponte ideal que unia as nossas almas, ao embate deste humilhador desingano fracassou por completo! A derrocada foi formal, irreparavel!... Agora não haveria extremos de carinho, milagres de affecto e dedicação, efusivas epopeias de sacrificio e amor capazes de encherem esse imenso e pavoroso abismo de fingimento e de torpêza! — Fustigado em cheio pela afronta, eu estremei. — De torpêza, sim... perdão! Sei que o magôo, mas é o termo proprio!

— Castigue-me como intender...

— No entanto, fêz muito bem em aparecer. Se o não visse por estes dias mais proximos, eu mandava-o chamar... Custe-me o que custar, esta dolorosa scena

era indispensavel ! Tinhamos de dizer-nos coisas amargas, decisivas, duras . . . Por mais que a ele quisesse esquivar-se a minha alma agreste e melindrosa, eu não podia de modo nenhum furtar-me a este violento conflito moral . . . que vae talvez custar-me a vida !

— Céus ! Branca . . . que diz ! ? . . . Morrer ? . . .

— Pois não é assim ? . . . Que de melhor tenho eu agora a fazer . . . para o sr., para mim . . . do que anular-me sossegadamente na terra surda e fria, com a alma cheia de perdão e não pedindo mais do que o esquecimento ? . . . Ao ponto a que as coisas chegaram, este é o meu dever ! Impõe-mo a propria dignidade ; aconselha-mo a gratidão que apezar de tudo lhe devo, pelas candidas horas de consolação e prazer que me proporcionou a pia ilusão do seu affecto . . . Que mais quer ? . . . O sr. fica livre . . . lastima-me, esquece-me . . . e é tudo ! Nunca mais sofrerá a vergonha, o oprobrio de seu inclassificavel proceder, nem o remorso pelo meu sofrimento, nem a humilhação pelas suas mentiras !

— Ó meu Deus ! meu Deus ! eu estarei sonhando ? . . . — exclamei com veemencia, levando as mãos á cabeça em febre.

O certo era que eu não me podia conformar com a realidade. Esta scena imprevista e brutal tenalhava da mais aflitiva angustia a minha alma espavorida. Nada ! seguramente eu estava sendo vitima dalguma obsessão infernal, algum formidavel e sinistro pesadelo . . . A minha sensibilidade, o meu amor, o meu egoismo reagiam ferozmente contra a ameaça daquelle dique de exterminio e humilhação, que viria barrar subito toda a risonha carreira do meu futuro ! Nem o meu coração poderia sujeitar-se á renuncia dessa mu-

lher rara e superior, que me atraíra mórmente pelo enigma do seu espirito, pela admiravel biblia de castidade, nobreza e isenção que era a sua vida... Só ella podia abondar ás minhas aspirações mais intimas, porque a sua alma tinha esta nuança delicada e morbida, meio scetica, meio ingenua, ora resignada e dôce, ora desdenhosa e fria, do nosso modo actual de sentir as coisas; só ella poderia calmar, dominar as minhas turbulentas diateses affectivas, dando-me a regularidade, o sossêgo, a moderação que bastavam ás minhas predilecções e convinham ao meu temperamento; só ella poderia realizar esse tipo superno e ideal, criado pela Igreja para exemplo e edificação das outras mulheres: a mulher esposa e mãe, mantida sempre pura de aspecto virginal, com a inalteravel candidez da sua alma desatando-se em liliaes perfumes. Perdê-la era-me impossivel... seria perder o Paraiso!

Por isso eu, intimativo e dôce, dobrava numa exortativa ancia o tronco e rolava os humidos olhos affectuosos, direitos ao coração de Branca, que, sempre sentada, com o seu quebrado ar de fadiga e numa impassibilidade de santa, continuava:

— O que tem de ser, meu caro, tem muita força! Ente humano nenhum póde arrogar-se a pretensão de contrariar o destino!

— Mas nós é que não estamos nesse caso! Não tem nada de insolavel a situação...

— Não é da minha parte obstinação ou ruindade... — atalhou Branca friamente, com uma expressão singular, — tambem não é uma birra, um capricho doentio. Oh, se o fôsse!... Olhe, quer saber?... Agora mesmo, quando entrei, admirei-me da impressão de estranheza, de desgosto... quasi repulsão

que a sua presença imediatamente me causou! Não sei bem explicar... mas o que quer que fôsse de displicente e aspero me embaraçou e fêz conter a distancia, dominando a vontade, desviando os olhos... Perdôe! mas eu tenho que dizer-lhe tudo... Pareceu-me uma pessoa estranha... Pior! — E aqui, baixando carinhosamente a voz e contra o seu querer vibrando-lhe de emoção os lábios: — O sr. sabe quão dôces, longas e saboridas horas nós levámos, aqui nesta mesma sala, sós os dois, languidos, felizes, longe do mundo, cheios um do outro, na mais confiada, pura e santa intimidade... pois agora sinto que seria impossível renová-las! tudo isso desapareceu!... Essa subtil e homogenea essencia que se evolva de dois sêres que se amam estreitamente, essa inefavel sensação familiar que me alvoroçava o coração á sua chegada, que me permitiria, mesmo a olhos fechados, reconhecê-lo em qualquer parte, não mais do que aspirando o ar que nos envolvia, tudo falhou, vôou, perdeu-se! batido do vento do desengano, invenenado como que dum antecipado fartum de adulterio... Nestas condições, bem vê, que outra coisa ha a fazer senão separarmo-nos, definitiva e formalmente, pelo distanciamento ou pela morte?... A logica dos factos é como a dos numeros... inapelavel, fatal! Minado como irremediavelmente se acha o alicerce á deslumbrante edificação do nosso futuro, desmarcada temeridade seria querer levar por diante essa sedutora quimera! Pretender eu, depois de tão decisiva catastrophe, continuar mantendo as coisas no pé em que estavam... dar-me a ilusão do seu, do meu amor... seria atraiçoar o meu proprio coração, a minha consciencia, o meu instinto; e no que toca ás minhas re-

lações comsigo, significaria isso mesmo uma indignidade! Ora eu indignidades não sei praticá-las...

— Quer dizer que me supõe a mim...?

— Eu não disse semelhante coisa!

— Mas deixou-mo subintender... Ó Branca, por amor de Deus! poupe-me, tenha dó de mim... Mostre-se tal qual é... Então! a ultima coisa que lhe peço... P'ra que é toda essa atormentada porfia em contrariar a grande, a incomensuravel bondade ingénita da sua alma?... Pois o meu procedimento não ha-de ter atenuantes? não se conta com a minha experiencia, a minha juvenil sofreguidão, a minha vida desbride, rude e solitaria?... Em toda essa brava devassidão que me assacam, não haverá que descontar tudo quanto foi efemero efeito de inofensivas leviandades de rapaz, demasias necessarias e banaes da mocidade?

— Ah, perdão! perdão!... mas ahi é que está o engano. Não nos iludâmos... Os abominaveis actos de licenciosidade e desordem, que vistos pelo prisma do seu desejo tão sem importancia lhe parecem, têm uma gravidade suna! não lhe derivam apenas dos nervos, saem-lhe do character; não são um acidente, são um estigma; não accusam sómente o estímulo das sensações, denotam baixêza de sentimentos... E, contra esta, a minha repulsiva intransigencia deve ser bem sua conhecida!... Pensa que o caustico por gosto? que é algum destes subitos repelões da ventoinheira alma feminina que me leva a romper assim violentamente comsigo?

— Oh, Branca, de modo nenhum!

— Tomára eu ter só que absover!... Bem sei que temos muito peccadilho, muito pequeno prazer a per-

doar áqueles a quem amámos . . . Que feliz que eu era, se estivesse nesse caso ! Mas não ! . . . E o sr. mesmo . . . pense bem . . . o sr. bem o sabe ! Essa sua falta de recato, esse seu jovial bandalhismo inconsciente, os tristes episodios da sua vida dissoluta são da ordem dos que marcam indelevelmente uma existencia, e povôam para sempre de desconfiança, tédio e receio o coração daqueles que com essa existencia contavam !

Não tive mais remedio, baixei esmorecido a cabeça, como um condenado. E ahí nos mentivémos os dois por algum tempo num destes silencios que atam as linguas e humedecem os olhos . . . agudo, cruel silencio de anciedade e incerteza ! Eu não atinava com uma palavra, não achava um argumento em meu abono. Uma fraqueza voluptuosa amolecia-me o coração . . . E agora que já nenhuma esperança me restava, agora que me via perdido sem recurso, sentia no entanto não sei que misteriosa e pungitiva doçura em me conservar junto dela.

Tambem, aparentemente aplacada e serena, Branca prosseguiu :

— Longe de mim o censurá-lo . . . Que ganhava eu com isso ? . . . Nada ! Embora a uma larga margem de recriminações eu tivésse direito, no entanto, em homenagem ao muito que lhe devo, aos abençoados extases de emoção e prazer com que me regalou a alma, eu não farei uso dela ! Nesse particular, deixo-o a contas com a sua consciencia . . . não lhe faço uma exprobração, não me queixo, não me indigno . . . lastimo o nosso destino ! E visto ser este um assunto que só a nós dois essencialmente interessa, entre nós dois ficará . . . Não o comunicarei a ninguem . . . nem

mesmo a meu pae ! Era o que me faltava . . . coitado ! Eu cá o irei entretendo, conforme pudér . . . Porque não imagina como ele está ! Pobre velho ! . . . Agravaram-se-lhe penosamente os sofrimentos . . . as dôres quasi o não deixam, não tem sossêgo um instante ! E então a cara opada, côr de vinagre, os ossos parece que lhe estalam, já não tem pés . . . as mãos são uma chaga viva ! Que horroroso e incomportavel martirio ! Por causa dele é que nós ontem saímos as duas, áquela hora, aflitas, doidas . . . O medico veio e disse uma coisa cruel : que o desgraçado póde ainda aturar muitos mêses, um ano, naquele esfacelo de ruina, naquela lenta decomposição, naquele misero e atassalhante estado ! Meu Deus ! quem o ha-de poder ouvir ? Ainda o que vale é aquelle bom anjo da *Tita* . . . Que geito, que paciencia que tem !

Nisto, um grande, alto e arrastado bramido de dôr abalou toda a casa, estrangulado, ululante, que me fêz estremecer.

— Ouve-o ! ? . . . — exclamou Branca, pondo-se de salto em pé. — Meu querido pae ! — E numa desvairada consternação, lívida, de olhos ao céu e mãos postas, balbuciava aflitivamente uma oração, com os labios tremulos.

Os dolorosos uivos repetiam-se, vindos do piso inferior, lancinantes, horriveis, ora estrugindo como rugidos, ora queixosos como lamentos, numa sinistra e cava repercussão, numa lamuriosa e quebrada ressonancia, com este esterretoroso e cortante estalidar duma coisa essencial que se despedaça. E Branca sempre alanceada e as mãos juntas, como a Virgem das Dôres, numa attitude de supplica e de fé, gemendo e orando, em fio as lagrimas pelas cavadas faces sem brilho.

Enquanto eu, naturalmente de pé também, crucificado no desespero da minha situação, transido de terror e angustia, num religioso enlêvo contemplava aquela grande e ideal figura posta diante de mim, — a summa integração moral do Perfeito, admiravel amparo cheio de graça á incerteza cruel da minha vida, — e que eu irremissivelmente tinha que deixar! perder para sempre!... Esta ideia retalhava-me o coração, punha-me em dó de mim mesmo, fazia-me olhar as amadas coisas que me rodeavam com uma grande anciedade internectida... Lá estava, lá estava ali quasi na minha frente, branco, deserto, esse largo rectangulo destinado ao meu retrato. Parecia um vaticinio. Eu olhava-o, e a sua severa alvura tinha não sei que impassivel desdem, reflectia uma como que altiva e profética hostilidade, que me desconcertava e abatia... Então um grande e aflitivo compungimento, que derivava do meu proprio infortunio, abalou-me todo, té ao mais íntimo do meu ser. Ao mesmo tempo, a minha sensibilidade avivada pelo desespero de Branca, fêz romper em mim uma impetuosa e solícita reacção de ternura, de piedade por ela, durante a qual eu cheguei mesmo a esquecer o impuro fundamento ao seu desespero. E em pé, mortificado e doido, com o cerebro a latejar contra as fontes gemendo um suor frio, ora imovel e prestes a ajoelhar junto dela, ora esgarabulhando veloz pelo aposento, eu desatava-me numa torrentuosa febre de exorações, em catadupas de frases como estas:

— Ó Branca, por quem é! pelo que mais ama no mundo! reconsidere, perdôe-me... Pois não vê que com esse seu despedimento formal é como se lavrásse também a minha sentença de morte?... Ter eu de

a perder, ter de renunciar ao seu amor, e nestas deprimentes condições, —repare bem!—o mesmo é que obrigar-me a tomar um invencível horror á vida! Quer que eu sáia desta casa com o doloroso convencimento de que foi pela minha mão que aqui entrou a Desgraça?... Esta esmagadora ideia nunca mais se me apagará do espirito, nunca mais se me desarraigará da alma!... E que vou eu fazer? que vida vae ser a minha?... Eu podia lá conformar-me, santo Deus!

—Póde ainda ser bem feliz.

—E o mundo que ha-de dizer?...

—Desprézo o mundo o bastante para semelhante interrogação me não dar o mínimo cuidado.

—Ah, mas é que não é assim... Isso é muito bom de dizer, mas na pratica falha! Todos nós temos, perante os mais, responsabilidades, ligações, devêres de que se não póde por méro capricho prescindir...

—Eu tomo o seu exemplo! Não foi isto o que o sr. fêz, em relação a nós?...

—Cruel! sempre cruel!... Reconheço finalmente agora, abranjo, louco de terror, qual é a verdadeira natureza dos seus sentimentos por mim...

—O quê!? ainda queria que fôsem melhores?... Ó Mario! isso é o cumulo do egoismo e da cegueira... Bem vê: um coração que assim lhe fala com este sincero e amargo desingano, uma mulher que, sem a mais leve mostra aparente de ressentimento, lealmente lhe expõe e justifica o mais que sobrado fundamento a suas maguas, é porque ainda o considera... ainda totalmente, —e bem contra o seu querer! — não conseguiu varrer da alma a sua lembrança bem-querida!

— Como se entende isso então ? . . . — ataquei eu com vivacidade, procurando anciadamente tirar partido daquele começo de capitulação. — Considere-me, e não me dá uma esperança ? conserva em affecto a minha lembrança, e ao mesmo tempo engeita-me, despede-me ? . . . quando a melhor característica do amor é a generosidade, quando desta hora decisiva e terrível podia muito bem datar a minha reabilitação, podíamos ambos, confiados e felizes, retomar a linda trajectoria azul do nosso comum destino ?

Branca ouvia-me, torturada e impaciente, sumindo os labios, torcendo as mãos . . . ora media a passos nervosos o aposento, sem achar posição, como se de todos os pontos a picassem agulhas inviziveis ; ora alanceada e muda se quedava, de olhos ao alto, numa confrangidora attitude de desconforto e desespero. E uma tossita cava e insistente raspava-lhe a intervalos na garganta, comendo-lhe as palavras, em cuja atropelada e sacudida emissão se denunciava o seu descomunal esforço por domar e conter a alma.

— Oh, como eu o amo, apesar de tudo, Mario ! . . . — exclamou ella, vibrando numa crise de emoção, provocada pela sua extrema fraqueza. — Tenho vergonha de lh'o confessar, mas é a verdade . . . Agora me lembra o delicioso embaraço que me prendia junto de si, embevecida, imovel, quando era das nossas primeiras entrevistas, emquanto o meu coração desatava a galopar doidamente, sem eu saber porquê . . . Nunca pessoa nenhuma me tinha assim tão grata e profundamente influenciado . . . nem paes, parentes, amigas, o alvoroço do prazer, a compaixão pela desgraça, coisa nenhuma ! ninguem ! Assim como tambem nunca, — oh, como isto é desolador ! — nunca

eu teria compreendido que essa inefavel perturbação era verdadeiro e real amor, sem a dôr cruciante e mortal, sem a tumultuaria assolação que em todo o meu ser moral desencâdearam as horriveis revelações dos ultimos dias!

— Mas então, visto que me ama ainda, que me perdôa... tudo tem remedio! Eu abjuro formalmente do passado, recomeço vida nova...

— Ah, não! não! isto acabou... é fatal! tinha de ser... Acabou por duas razões: porque assim o quis a desbragada expansão dos seus desvarios, e porque dentro em pouco eu vou morrer!... Verá! E ainda é este o unico pensamento que me traz lenitivo, em meio do meu aspero e incomensuravel sofrer... Bem vê: morrendo, deixo-o livre... presto-lhe um bom serviço; e fazer bem é uma grande e deliciosa voluptuosidade! Os sacrificios que nós fazemos pelas pessoas que amamos, são o nosso melhor titulo de orgulho, inundam-nos o coração duma embriaguez capaz de causar inveja aos proprios anjos do céu... onde eu estarei em breve!

— Branca! Branca! por amor de Deus... não insista nessa funebre e tresloucada ideia!

— A paixão do devêr tambem tem os seus adeptos... — confirmou ella, sem me atender, o seu fino rosto como que iluminado duma vaga luz sobrenatural. — Alucina, inebria, empolga-nos... E na tristissima situação a que chegámos, eu sinto bem, — e como esta intima convicção me anima e seduz! — sinto que a minha obrigação é morrer...

— E eu morrerei tambem!

— Para a minha alma o seu amor era indispensavel; para a minha dignidade a sua condenação é irre-

útil! Nestas condições, bem vê, que de melhor? ... Escapo ao dilema, eliminando-me; resólvo a dificuldade desertando da vida... Oh, a doença vae fazer-me neste ponto a vontade!

— Não diga isso! ...

— É mais que certo! Ainda bem! ... Pois se é esta ideia emancipadora, repito, a que ainda me ampara, a que me empresta um pouco de conformidade e resignação, em meio da irremediavel desolação de tudo quanto me rodeia! A mim agrada-me a solução... E o sr. deve sentir-se lisonjeado com ela!

Desalentado e aturdido, eu desatára num e alto mimado soluçar, cheio de dó de mim mesmo.

Branca prosseguiu:

— Pois não é assim? ... Eu dar-lhe-hei esta suprema prova de amor: não devendo transigir e não podendo esquecê-lo, môro para o deixar livre, môro para o fazer feliz! ... Que melhor pretende? que mais quer? ...

— Como eu sou desgraçado! como no fim de contas tenho de expiar perpetua e duramente simples delitos veniaes, sabidos e efemeros pecadilhos que... oh, Branca! eu só queria que, por uma derradeira vêz, condescendêsse em mergulhar os seus olhos de intelligencia e perdão bem a dentro da minh'alma... e então, num imenso hausto de alivio e prazer, para mim, para si, verificaria, — juro-lhe! — que todas essas porcarias que me assacam não passaram de triviaes accidentes, em certo modo involuntarios, sem rasto e sem valor no subsequente correr da minha vida!

Aqui a pobre criança, movida da calorosa sinceridade da minha supplica, vibrou num estremeção de

angustia, e erguendo ao ar desatinadamente os braços, exclamou :

— Oh, meu Deus ! meu Deus ! . . . não poder eu, neste mesmo instante, unicamente pelo esforço da minha vontade, desaparecer deste mundo . . . pura, tranqüila, feliz . . . só por efeito da demonstração do meu desejo, que eu enunciaria com toda a coragem, decisão e ardor !

— Branca ! pela saúde de seu pae . . . pela nossa vida, pelo nosso amor ! seja razoavel ! . . . espere, escute . . . Eu não sou tão culpado como pareço . . . juro-lhe por alma de minha mãe ! Essa minha vergonhosa obsessão foi obra do acaso . . . não a procurei, não a desejava . . . foi um laço de opprobrio armado pela desgraça ao meu coração desprevenido . . . Comprometi nele o futuro, prostituí as minhas illusões, mas sem obrigar a vontade ! E foi tambem, — estou convencido ! — foi uma das muitas provações com que decerto á Providencia aprouve abrolhar antecipadamente, Branca, o seu destino . . .

— Como sabe isso ?

— É uma lei da natureza que toda a verdadeira grandeza moral tem de ser regada com lagrimas e un-gida pelo sofrimento ! — É o seu caso, Branca . . . Não se é perfeita impunemente ! Uma criatura tão requintadamente ideal, e tão soberana e absolutamente bela, tem largas contas com o Mal . . . Esse magnanimo quinhão de excellencias ha-de ter fatalmente o seu equivalente reverso de atribulações e amarguras . . . Esta porém passou, garanto-lhe ! P'ra que havemos de estar agora a querer obstinadamente sacrificar-nos p'ra todo o sempre, sem remedio ? . . . Vamos ! perdoar, esquecer . . . expunjâmos confiada e lealmente o pas-

sado... Já nem me lembra! Siga-me o exemplo, Branca! Façamos vida nova!

Branca ia responder, mas atalhou-lhe a fala um acesso violento de tosse, que a enlvidesceu e a fez levar o lenço á boca, instintivamente. Então, mostrando-me empastada nele uma golfada de sangue, disse-me, numa expressão triunfadora e mortal:

— É tarde!...

Entrou ao tempo a *Tita*, que, depois de me cumprimentar ligeiramente, e vendo com desassossêgo o rosto transformado de Branca, disse com decisão:

— Ó menina, isto não tem geito nenhum!... fatigada como está!

— Não faz mal...

— Eu peço desculpa... mas parece-me que para o que tinham que dizer, já houve tempo demais!

— Tens razão...

E desandando lentamente, sem uma palavra mais para mim, a cabeça entre as mãos, arquejante o seio num reprimido carpir, ôgre de grossas lagrimas silenciosas, Branca desapareceu...

Eu ainda hoje pergunto a mim mesmo como é que descí aquella escada? amarfanhado, estúpido, entre a morte e a vida, perdida toda a esperança, caminhando para um negro vacuo sem medida, largando em cada passada um farrapo de coração, deixando degrau a degrau em frangalhos tudo o que podia haver de sério, util, digno na limpa e alta visionação do meu destino... Sei que em baixo, ao atravessar o corredor para saír, de novo um exasperado uivo do comendador, gritado proximo, me sacudiu bruscamente os nervos, chamando-me á realidade. E eu não tive mão em

mim que não exclamasse, numa sincera e remordida magua :

— Mas que maldição esta minha ! que tremendo azar eu vim trazer a esta casa !

Ao que a *Tita*, que seguia a meu lado, contraditou :

— Não direi que fôsse o sr. que o trouxe... mas que o deixa isso é que não tem duvida nenhuma !

E depois de me abrir, ela mesma, a porta da rua, numa severa inflexão que me fustigou como um açoite, mixto de censura e de desdem, de piedade e de desprezo, epilogou :

— Vá com Deus !

O portão fechou-se-me discretamente nas costas, e eu fui seguindo, vergado ao pêso do remorso, com a esmagadora bisarma dos meus erros e aberrações pesando-me na alma, enquanto ouvia sempre, perseguindo-me longe, o atormentado carpir do comendador, alto e ululante na pacatez dominical da rua.

Quando entrei em casa, na rua do Norte, Alda estava logo na salêta de entrada, junto a uma das mēsas, proximo á janela, entretida, — caso raro ! — com uma qualquer pequenina impertinencia de costura. Toda dobrada e atenta, um dos joelhos erguido pela perna posta em diagonal sobre a outra, num gracioso e leve dar dos dedos ela ia passeando a agulha pelo refêgo, que a mão esquerda mantinha tenso e o polegar vincava. — Vi-a, e já eu era outro ! Inclinei-me, beijei-lhe as frisuras calidas do cabelo, e ela insensível.

— Ó sua tóla ! isso são modos ? — repreendi meigamente.

E ela, com um breve geito implicante, ainda sem me encarar :

— Deixa-me ! não vês que estou ocupada ? ...

— Ah, sim ... — observei eu de malícia, rindo. — Parabens !

— Não é isso ! ... Asneiras ! — acudiu Alda com mau modo. — Estou com um trabalho de pressa ! Não vês ? ...

— Deve ser coisa de grande importancia ... Ora valha-te Deus !

— Não ... mas é o cós duma saia que preciso muito aprontar. — Fitou-me com arrogancia. — E então ? ...

Ainda cheio de paciencia, arrastei uma cadeira, sentei-me defronte dela ; e então notei que sobre a mêsá, junto da tesoura e das linhas, luzia um pequeno papel dobrado. Parecia um bilhete, uma carta ! Logo um jacto de ciume me espirrou no peito ... O sangue afluio-me ao coração, e contraíu-me o rosto um instantaneo esgar de contrariedade e duvida, que lhe não passou despercebido. No entanto, a simular de manso, sem querer dar mesmo o minimo sinal da descoberta, continuei :

— Era caso p'ra foguetes este hoje ! Alda de agulha em punho ! Vou mandar tocar os sinos da freguezia ...

Mesmo contra a minha vontade, as palavras aze-davam, traziam veneno, assumiam um tom aggressivo, crescente, indominavel ... enquanto, inflamado e doído, o meu olhar voltava a pregar-se nesse misterioso papel, que continha talvez o fio duma traição, o asqueroso enigma dalguma infamia !

— Que quer's, filho ? . . . a gente alguma vêz ha-de estar de maré p'ra fazer coisa que valha a pena ! — entretanto contestou Alda, malignamente, num claro proposito de desafio, fosforando-lhe nos olhos o prazer pelo meu desassossêgo.

E furtivamente, num relance, tomou do papel e sumiu-o pronta no regaço.

Nem tanto era preciso para acabar de desnortear o meu animo e espicaçar a minha suspeita. Acudindo ao repto, e já com um grosso prenuncio de colera a pigarrar-me na garganta, interroguei :

— Que diabo de papel é esse ? . . .

— É um papel !

— Mau ! responde direito . . .

— Não é talvez ? . . . Parece-me que falo verdade !

— Mas de que trata ? . . .

— Ora, não sejas curioso ! Deixa isso ás mulheres . . .

— De que trata ? dize lá . . . Peço-te por favor !

— Ó senhores, mas que séca ! Trata . . . — arrastou ela, numa hesitação propositalmente exagerada. — Olha, não é nada que te diga respeito, nem a ti, nem a mim . . .

— Então p'ra que o escondêste ?

— Porque me apeteceu !

— Ai ! como tu estás hoje . . .

— Tu é que não vens bom ! Alguma te aconteceu . . . Mas cada um que está em sua casa, muito sossegado, é que não tem culpa nenhuma das tuas arrelias !

— Intendo-te . . . A casa é tua e a rua é minha, sei muito bem ! Se isso é um mandado de despejo, — acrescentei bruscamente, pondo-me em pé, — não

te darei tempo de m'ò dares a intender segunda vêz!

— Olha a grande desgraça! — acudiu ela, num azêdo desplante, numa agressiva ironia.

Um frio de raiva e despeito quebrou-me as articulações, encolheu-me os nervos. Tinha diante dos olhos rubras flamas congestivas. Voltei a sentar-me, e aproximando dela a minha cadeira, tornei com energia:

— Bom! bom! nada de disfarces... — Que papel é esse?

— É uma carta, — respondeu Alda, num arrastar de pachorra insolente.

— P'ra ti!?... De quem?... — logo em sobresalto atropelei.

— P'r'a Eternidade... É da neta... Fui eu que lh'a estive a lêr, — explicou ela ainda, na mesma toada provocadora e monotona.

Com a explicação, o meu grotesco ciume subiu de ponto... a minha dignidade, o meu amor revoltaram-se contra este desafôro de aclaração, evidentemente especiosa. Por isso eu tambem, com um mau riso incredulo:

— Annh! com quem pensas tu que estás falando?...

— Ah! não me acreditas?

— Só se eu fôsse parvo!

— Pois agora e que não nas-de vêr! — ameaçou o demonio, com birrenta ênfase, largando de vêz a costura e fitando-me com rancor, emquanto implicativamente cruzava sobre o colo os braços.

— Alda! Alda! toma conta... Olha que eu já te não vejo bem! Tu arrependes-te!... — regou-

guei furioso, pendulando as mãos ameaçadoramente.

— Não vês ! e não vês !

Atirei-me de impeto sobre ela. Mas a ladina, que já esperava o assalto, mais agil e esperta do que eu, tombando a cadeira, escapou-se-me... Alcancei-a a dois passos já junto a porta que dava para o corredor: e então ahí, cegamente, brutalmente, depois de lhe ter arrancado esse diabolico papel, que ela queria engulir, esbofetei-a, premi-lhe dolorosamente os pulsos no implacavel torniquete do meio odio, amarfanhei-a, sovei-a a pés e mãos, engasgado de raiva, alucinado, feroz, insaciavel... cortando-lhe a murro os gritos, afogando-lhe os gemidos no garrote de aço dos meus dedos, o espirito toidado duma sanguinolenta e ferina embriaguez, como eu nunca tinha sentido... do proprio furor da agresião tirando, por cada violencia mais, gosto e estimulo a violencias novas.

Pressurosa e aflita, veio a Eternidade interpôr-se, arrancou por mim, lá conseguiu arredar-me. E então é que, das duas ao mesmo tempo, numa seraivada afrontosa, as chufas, os improperios, as imprecações sobre mim choveram.

— Covarde !

— Bruto !

— Malandro !

— Vou mas é chamar um policia !

— Se tem força va p'r'alfandega... Canalhão !

Eu porém, impavido e indifferente, como o homem justo de Horacio, voltára para junto da janela, e numa triunfante avidéz, numa regalada e insalubre anciedade, desdobrava febrilmente o excomungado bilhete, com as mãos tremulas, a escaldar... Agora ! A

letra parecia de mulher . . . primeiro desapontamento ! — Vejamos bem . . . Não havia duvida ! — Era com efeito um simples e barbaro escrito, com ortografia de cordel, em que a netita pedia á avó cinco tostões para ajuda da compra duns sapatos.

Fiquei um instante como parvo . . . corrido, vexado, estúpido . . . os braços caíram-me num vergonhoso desalento, sacudiu-me um arrepio de indignação contra mim mesmo, molharam-se-me os olhos de comiseração por Alda, a qual, ao vêr a minha lastimosa atitude, já enardecida e meio vingada, continuou :

—Então, que lhe dizia eu ? seu malandro, seu traste ! ? . . . Está desenganado agora ?

— Tinhas toda a razão !

— Bem ! mas vamos que a não tivésse . . . Se fôsse dalgum homem p'ra mim . . . Você tinha alguma coisa com isso ? Eu tenho que lhe dar satisfações da minha vida ? . . .

— Ouve lá . . . — supliquei, a meia voz.

— Ouvir o quê ! ? — acudiu Alda com arrego.

— Seu pegamaço ! Depois do que acaba de me fazer ! Era o que me faltava !

— Eu ainda não estou em mim ! — comentou com espanto a Eternidade, persignando-se. — Um sr. tão acomodado . . . Nunca imaginei !

— Ah ! estes songamongas são sempre assim ! É fugir deles ! — continuava, num arrelativo excedente de rancor, a rapariga, resfolgante, fatigada, ageitando o corpête e compondo os punhos.

— Ó mulher, pois tu não comprehendes que eu me exaltásse com o teu despropósito ? . . . — voltei dulcidamente a insistir. — Não vês nesta minha afron-

tosa alucinação mais uma prova de quanto te quero ?

— Olha! — retorquiu ela canalhamente, levando de impeto a mão esquerda ao sangradouro do braço direito, que ergueu e agitou, de punho fechado, num sabido gesto insultante. — P'ra cá vens de carrinho... Cantigas não me adormecem! — E avançando para mim, e dardejando-me raivosa a sua clara pupila em fogo, que, como uma lamina de sol por entre um aguaceiro, tinha ainda o brilho facetado e humido das ultimas lagrimas, exclamou com imperiosa rudeza: — E já! tire-se diante da minha vista, seu bandalho!... Bater assim numa mulher... sem razão nenhuma! E troquei eu este demonio, este lacrau! p'lo outro a quem fugi, em D. Maria... Certamente o diabo estava comigo a contas nessa ocasião!

— Eu bem disse á menina... — insinuou felinamente, de mãos sôb o avental, a alcoviteira.

— Ao menos esse era tudo quanto eu quisésse...

— E eu, não?... — aventurei, com a mais desprezível humildade.

— Não se metia em certas coisas... conhecia o seu lugar!

— Oh, Alda! ouve lá... tambem eu, de hoje em diante... Juro-te!

— Rua! rua! já lhe disse... Estar você p'r'ahi a falar e estar um cão é tudo a mesma coisa!

E eu acobardado, eu silencioso, eu imovel, numa implorativa e ignominiosa attitude, sem me desafrontar, sem reagir... sem forças para me arrancar a esta scena repulsiva e infame, cuja só lembrança me faz desmaiar de vergonha.

Alda sentia-se mestra e segura da situação; e por

isso, olhando-me agora de lado, com desprezo, os malares rancorosamente dilatados, a voz cortada em sílvos de reptil ferido, saporidamente ia desdobrando o seu plano de desforra. Motivo pelo qual, voltada para a velha, e num pausado tom achincalhante, acrescentou:

— Teve por lá alguma azoinice co'a outra... quando Deus quer, veio co'a dôr... e a gente que lhe ature a madureza!

— Co'a outra!? — exclamei eu, tonto de assombro, num sobressalto intraduzível. — Que queres tu dizer?...

— Co'a outra, sim! Você pensa que eu que não sei?... Co'a sua noiva!

— Alda, por modo nenhum! — atalhei eu, congestionado de raiva e indignação outra vêz. — Sobre essa senhora, nem palavra! Proíbo-te absolutamente!

— E porque?... — interpelou ela, erguendo o queixo com insolencia.

— Porque na tua bôca esse nome sagrado é uma blasfemia!

— Quer não que você dá-lhe grande estimação! — replicou Alda com dureza, num deprimente rir sarcasta que me deixou absolutamente petrificado. — Pobre menina! Mal empregada!

— Mulher! que te disse eu?...

— Hei-de falar! hei-de falar!

Eu ia a crescer para ela, no fito manifesto de a castigar segunda vêz; mas já a Eternidade, abrindo a cancela da escada, ameaçava:

— Olhe que eu grito por socôrro!

E cruamente a perfida a insistir:

— Você é mas é um grande bandalho! Tem ali

uma menina que é um anjo . . . fina, bem criada, com tères, virtuosa como os santos do céu . . . e vae trá-la indecentemente inganada ! e em vêz de ser todo p'ra ela, de levantar p'ra Deus as mãos, de agradecido, e não pensar, não vêr, não adorar outra coisa, anda-me só p'r'ahi assim a puteirar, a abandalhar-se comigo e outros coiros como eu !

— De quem é a culpa ? . . .

— O quê ! eu obriguei-o ? . . .

— Não ! mas infeitçaste-me ! — prorompi, cego de colera e despeito. — Cortáste-me o futuro, baldás-te para todo o sempre a felicidade, a paz, a fortuna e a honra da minha vida ! . . . Excomungada ! Maldita !

— Rala-te ! — comentou ela, troçando.

— Fôste o meu genio mau, o demonio da minha perdição ! fôste a forma perversa e irresistivel que a Tentação vestiu para me invenenar o destino e empolgar a alma ! . . . Abomino-te ! Odeio-te ! Oxalá que . . .

— Ó menino ! por amor de Deus . . . — suplicou aterrada a Eternidade.

— Deixe-o lá, mulher, — atalhou a outra com petulancia, — deixe-o rogar pragas á vontade ! Não me atingem . . . delas me rio eu ! Ele bem o sabe . . . — E numa supersticiosa e credula segurança : — Ou mais p'r'aqui, ou mais p'r'ali, nunca a vida me pôs medo ! Trago bôa marca comigo . . . Você não sabe ? . . . Em a gente tendo no corpo um sinal que não veja, é por força feliz !

Referia-se a um pequenino botão côr de bistre, que lhe adornava a garupa, junto aos rins, e tão conhecido era dos meus dedos, dos meus olhos, dos meus labios . . .

— Demais a mais, — tornava ela para a criada, que já de tranquila abanava a cabeça, sorrindo, — as pragas são com'as formigas, voltam ao mesmo cortiço... E portanto, anda! pragueja, barafusta p'r'ahi, que contra ti trabalhas!... Contra ti e contra essa pobre menina que, sem a conhecer, tamanho dó me faz, e por quem tenho um grande respeito... Que negra sorte a espera! Mal empregada!

— Tu quer's-me por força indoidecer, mulher! quer's que eu me pérca!...

Alda teve um sorriso petulante, e com a mais destemida arrogancia continuou:

— Pois não é assim? ... Tão cego você anda, que não compreende isto? Você não percebe que é um homem de lama, um homem indigno, réles, que não merece a consideração de ninguém? ... Então intruja-se assim sem precisão uma pessoa de bem, uma menina virtuosa e limpa, que merece um altar... anda-se-lhe a mentir descaradamente, e enquanto ela, coitada! na inocencia do seu coração imagina que você está em sua casa muito sonso, a pensar nela, você atola-se na pouca vergonha até aos ossos, passa-me a vida inrolado em porcas ligações comigo e outras pindongas como eu!

— Ha ahi uma diferença a fazer...

— É bonito isto, é decente? ... é proprio da tal personagem grada e importante que você diz que hade vir a ser? ... E não me hei-de eu rir, e não o hei-de desprezar, seu alma de unto? ... Pois que vida vae ser a sua depois, — diga-me cá! — quando casar?

— Tudo muda!

— Quem é que muda? ... — rompeu logo Alda, ironicamente, voltando a rir e distendendo uma das

palpebras com o indicador, num gesto incredulo. — Olhe, costuma-se a dizer: a mulher na cama e a amante na lama. Pois você, com o seu genio lamecha, com o seu coração ingrato e estúpido, é capaz de fazer o contrario!

— Estás muito enganada!... Ouve... Deixa-me falar...

— Tenha vergonha! tenha juizo! Raspe-se-me por uma vêz daqui e vá p'r'o pé da que ha-de ser sua mulher... dedique-se-lhe de alma, vida e coração, que ela tudo merece! A mim não me faz falta nenhuma, já vê!... Ainda não está farto de fazer tristes figuras? Quem gosta disso assim?... Nós mesmas, as mulheres da ralé, não sabemos o que sejam lá esses grandes sentimentos... mas um homem que não seja homem, que não saiba o seu lugar, que se nos ponha debaixo dos pés, p'ra nós riscou... Fedelhos, maricas metem nôjo, não nos merecem senão desprezo!

Eu sofria humildemente, resignado, mudo, cabisbaixo, esta flagelante lição de moral infligida por uma mulher perdida. Pelo mais singular e irritante dos contrastes, era o meu genio mau que me ensinava o caminho da reabilitação, era a minha socia na devassidão quem me apontava o devêr, quem me abria os olhos! Invectivava-me por aquele modo vituperioso e formal, arguia-me sinceramente dos meus erros exactamente a criatura que neles tinha o maior quinhão, o quinhão inicial, das responsabilidades, a minha funesta instigadora, o traço negro de luto e desordem com que a fatalidade barrou o meu destino. — Era a consciencia a falar-me pela voz dela... Por isso eu agora, submissa e contritamente, sem reagir, ia escutando.

No entanto, a um breve claro de pausa aberto

nas causticas exprobrações da rapariga, doce e admirativamente aventurei :

— Mas como diabo soubêste tu essas particularidades todas da minha vida ?

— Não é da sua conta ! — E com uma decisiva e inexoravel arrogancia : — É verdade ou não é ? ... Ah, estivêsse eu no lugar dela, sabendo da vida o que sei, e diabos me levem se te não fizésse pagar com usura as indecentes traições que me tinhas feito primeiro !

— Alda ! é demais ! ...

— Olé ! — insistiu ela, com rancoroso arrego.

— Quem te ouvir falar ... parece que me tens um odio de morte ... — no proposito de a amansar, arisquei meigamente.

— Adeus, amigo ! — epilougou Alda porê, com o mais afrontoso desprêzo, refugiando-se no quarto, cuja porta beteu com estrondo.

Amarfanhado, perplexo, volvi de roda de mim os olhos ... Subtilmente a Eternidade, como por encanto, havia-se sumido tambem. Percebi então que irremediavelmente não tinha outra coisa a fazer : tomei ao corredor, puxei a cancela e saí.

Na rua, em baixo, estive um momento parado ... depois segui, vagaroso, ao acaso, numa grande consternação, numa apavorada incerteza. Sentia-me indigno de mim mesmo, veio-me um desejo veemente de morrer ! Tu comprehendes ... pois se eu via-me de repente absolutamente só, com a dignidade espelhada e retalhado o coração, burlado nos meus affectos, nas minhas predilecções, planos, gostos e desejos ... inexoravelmente comprometido e apagado o brilhante sonho acariciador do meu futuro ! Valêra-me este resultado a aberrativa dualidade da minh'alma.

Esse absurdo ecletismo sentimental, que eu por comodidade e cobardia moral me estabelecêra, carregou-me este duplo castigo: despedido pela noiva, achincalhado pela amante... Por as duas querer amar, tido em odio por ambas! E ahi estava eu agora novamente sem arrimo e sem norte, perdido e só na tumultuaria agitação da vida, rôtos e inuteis os dois pólos do meu cuidado, as duas colunas essenciaes do meu affecto, os dois unicos amoveis esteios a que confiadamente se amparava a minha organização complicada e melindrosa, apreensiva e tímida...

15 de março.

Daqui por diante, não saberei talvez dar-te bem conta dos ultimos episodios desta dolorosissima e ignobil aventura. Com a arrebatada violencia, o formidavel alcance e extensão dessas duas humilhanantissimas scenas, a agudêza habitual da minha sensibilidade complicou-se... passou do estado de simples excitação a um resvalador ameaço de carreira pelos alucinados meandros da febre e do delirio. Não podia com tão subitaneo e largo embate de paixões a minha natureza insulada e mimosa, a minha alma irresoluta e debil. O meu excessivo poder de receptividade para a emoção, posto a uma prova excedendo a sua linha de equilibrio, tresvariou... Eu não tinha pensamento, não tinha vontade, não tinha sossêgo... Tudo me passava, esqueciam-me as mais comesinhas obrigações, faltei

aos exames e provas finais da Escola. De noite, num sobressalto inconsciente, acordava a miude, tonto, aflito, no compenetrado pavor de que ia morrer... de dia, tinha spasmos cerebraes, amnesias idiotas, soffria longas horas morbidas e sombrias, em que bruscamente a aza da loucura vinha roçar a minha fronte escandecida. — E como não havia de eu grandemente resentir-me, como não havia de correr risco a minha razão e abalar-se-me a saude, se o tumulto, o excesso, a desordem me fôram sempre intoleraveis, e exactamente á mais desordenada, tensa e cruel das situações é que este ominoso lance me atirava!

Um dos meus primeiros actos foi procurar Gustavo, para desafogar na lealdade escampe do seu coração, tomar animo e conforto no azul moderado e doce dos seus olhos. Eu não podia conformar-me com a ideia de ter que renunciar ao amor de Branca! a horrivel previsão da sua morte, em certo modo causada por mim, punha-me louco de terror... ao passo que a forçada renuncia ás minhas relações com Alda crispava numa angustia feroz o guloso egoismo da minha carne, fazia-me galopar nos nervos ardentes batudas de desejo.

Contei-lhe pois tudo, como quem se confessa, sem omitir um pormenor, pausada, aflitivamente; e, quando terminei:

— Diabo! nada disso me admira... — observou então, pensativo e triste, o meu amigo. E logo protectoramente, batendo-me no ombro: — Mas não desanimes, rapaz! Tudo tem remedio!

— Falas bem... — murmurei com desalento.

E ele, affectuosamente, na mais iluminada e serena confiança:

— Verás! A tua situação não tem nada de agradavel, decerto... porém não a considero desesperada. Branca estima-te demasiado para que pôssa prescindir do teu amor!

— E se ela morrer?...

— Não morre... É nova; tem meios para se rodear de todo o defensivo arsenal da sciencia. O instinto da conservação ha-de sobrelevar-lhe aos dissabores. Oh, a miragem da felicidade tem sobre todos nós, ao menos uma vêz na vida, o mais decisivo e absoluto imperio! Branca ha-de querer viver... para ti, para o teu amor! Mas isso não vae de repente... Resigna-te, confia em mim! espera...

— Meu querido amigo! — exclamei efusivamente.

— E conseguirás tu esse milagre?...

Formalisado, sério, erguendo imperativamente a mão, Gustavo acentuou:

— Porém, — toma conta! — com uma condição...

— Dize lá...

— Com respeito a essa Alda, acabou-se! temos conversado, hein?... Não queres saber dela mais, não a procuras, não a conheces!

Com vergonha, com raiva de mim mesmo, não obstante, hesitei... não tive força para responder com a dignidade e prontidão que devia. Motivo pelo qual, enfadado e animando-se, Gustavo interpelou:

— Que diabo de homem és tu!?... Queres ao mesmo tempo o bem e o mal, o vicio e a virtude, o céu e o inferno! — Quem é que tu vês assim? que consiga por esse modo viver digno e feliz, com sossêgo e com honra! Vamos! não sejas criança... que demónio te custa?... A triaga amarga, bem sabes; nada se alcança sem sacrificio. Sacode por uma vêz toda essa

perniciosa tara' de repulsivos e bestiaes instinctos, que te esterilisa a consciencia e te anula a vontade! resolve-te a empreender uma grande reacção salutar... Tudo merece o alto sonho a que aspiras!

— O quê! pois nem ao menos me hei-de vingar dela?

— Estás doido!

— Denunciá-la á marquezia!

— Que ganhavas com isso? Não faltariam marquezas, duquezas e condessas a garantirem-lhe a mesma folgada vida de abastança e capricho!

— E essas abominaveis Salgados hão-de ficar-se a rir?...

— Deixa-as lá com as atrapalhações da sua vida, que não já têm pequeno castigo!

E depois de uma pequena pausa reflexiva, durante a qual o meu amigo como que mentalmente compunha a sumula do que me tinha a dizer, Gustavo epilogou:

— Não sejas mesquinho... O que lá vae, lá vae... Não percas tempo em ruindades... Olha que esse apregoadado prazer da vingança é uma cantata! Não remedeia o mal já feito, não nos traz um segundo de felicidade a mais... Trata do que é essencial! vae fazendo o que o coração te aconselhar... que eu da minha parte prometo empenhada e lealmente auxiliar-te.

— Meu querido amigo!

— Eu irei a casa do comendador... observarei o curso dos acontecimentos, o efeito das tuas diligencias... por minha conta manobrarei tambem... de tudo te informarei com a maior franqueza!

— Pois sim... mas que hei-de eu fazer?...

— Não sei! isso é contigo... Aconselha-te com o teu coração, inspira-te no teu amor! — E por ultimo, já com a mão entre as minhas: — Vamos! vida nova... vida nova é o que se quer!

Despedi-me reconfortado e contente. Este amistoso dialogo suavisára, como um balsamo, as tribulações cruciantes do meu sofrer. Já fresca e arrogante reffloria a esperança na aridez requeime da minh'alma! — Nessa mesma noite, em casa, paredes adentro da minha exigua cela de estudante, povôava-me insistente o cerebro o cuidado na minha reconciliação com Branca... E então escrevi-lhe, dum jacto, uma longa e estremosa carta, eloquente, exorativa, humilde, na qual se fazia completa abjuração dos meus erros, um sangrante capitulo de analyse rasgado implacavelmente na minha propria alma... Depois de procurar a justa luz da razão mostrar e medir-lhe como em certo modo era efemero e venial o valor das minhas faltas, apelava mais uma vêz para a sua generosidade, implorava o seu perdão... fazia-lhe vêr como a sua grandeza moral era mais do que sobeja para escorar a minha fraqueza, para antidotar esse virus erratico dos meus desvarios... e acabava por lhe traçar, veemente, inflamadamente, o que havia sido o mutuo aneio de nossas almas, a alta, pura e celeste visionação do nosso amor!

Quando acabei tinha lume diante dos olhos, as fontes pulsavam-me a rebentar... Reli, achei bem; — eram fumegantes pedaços de mim mesmo! Fechei-a cuidadosamente, deitei-me, e, cheio de confiança, adormeci... No dia seguinte, enviei-lh'a por um proprio; e absteve-me de sair, aguardando uma resposta,

na mais ardente preocupação, mordido duma caustica e mortal anciedade.

Todo o dia, nada veio; o que me pareceu de bom agoiro. E já antecipadamente folgava, já ao meu anjo bom tecia intimamente minha efusiva capela de gratulações, de bençãos... E que lindos, claros sonhos iluminaram, toda essa noite, o meu grande sono tranquilo! — Ao outro dia porém, logo de manhã, ahi tinha eu satisfeito o meu desejo: batia-me á porta um moço com uma carta. Letra dela!... Com que alvorçada ancia eu corri a abri-la... como me batia apressado e doido o coração! O pior foi que dentro, — que despenhamento enorme! — dentro reincontrei a minha pobre carta, involvida num outro sobrescrito tendo inexoravelmente traçada esta unica palavra — IMPOSSIVEL! — Caíu-me a alma aos pés, o sangue refluiu-me todo ao coração... tive que amparar-me á parede para não sossobrar. Volvia, agitava, remirava o maldito papel por todos os lados... não me conformava, não podia crêr! E todavia era mais do que certo... Quanto mais numa atribulada duvida eu profundava a origem, o sentido, a intenção dessa breve formula cabalistica, mais evidenciadora se me cravava na alma a pungitiva certeza de que fôra escrita por Branca! Estava, sim, ali bem clara e firme a sua vontade... era a sua fina caligrafia, alinhada, miuda, que dava vulto e côr a essa formal destituição, a essa sêca repulsa implacavel! Eu olhava o pequenino rectangulo cinzento, perfumado e macio, e sobre ele os negros traços engrossavam, cresciam, tomavam dimensões colossaes, crispavam-se em atitudes de abominação, em bruscos gestos de enfado... ou então como que destacavam do papel e deserta-

vam agora diante de mim, deprimentes, hostis, numa atropelada carreira de nausea e de desprezo... — Eu chorei, chorei compenetrada e aflitivamente... considerava-me de todo perdido, fechado por completo ao amor, á paz, á dignidade, á fortuna! E todo o meu lenitivo era beijar, numa religiosa adoração, numa comovida e exasperada ancia, esse lema fatídico da minha condenação, precioso e cruel amuleto que fôra abençoado pelos seus olhos e tocado pelos seus dedos...

Quando contei o caso ao Gustavo, turbarem-se-lhe arreliatoramente os olhos. Mas nem por isso deixou de teimar em me incutir confiança. Quis vêr a minha carta: mostrei-lh'a: achou-a soberba. — Que não desesperásse.. Eu tinha feito bem em escrever logo... e escrever por aquele modo! Seguramente que um tão sincero e cordeal libelo, uma tão rasgada e internecida supplica, haviam de acordar seu simpatico éco de tolerancia e perdão na arcangelica alma que demandavam... Agora o que era, é que isso não podia ir assim de repente! Medisse eu bem o alcance dos meus agravos, e veria que os seus efeitos tinham de levar muito tempo a delir!

E lá ia ele depois, sempre delicado e assiduo, a Buenos-Aires, falava com o medico assistente da casa, informava-me de tudo miudamente. — Nunca mais ali ouvíra proferir o meu nome... por isso tambem, a esse respeito, abotôara-se na mais absoluta reserva, esperando o momento oportuno de intervir. Branca não passava melhor; o medico achava imprescindivel que ela mudásse de ares, o mais rapidamente possivel; e embora não pudésse ou não quisésse agora ir retemperar-se num clima de altitude, deveria pelc

menos, e quanto antes! demandar uma região mais moderada e isoterme. Ela porém, estoicamente, com um vago regosijo interior, resistia sempre. — Havia de deixar o seu pobre pae naquêle estado?... Nada! deixá-lo acabar primeiro... Depois trataria de si... E se entretanto á morte lhe dêsse para a levar a ela adiante... acabou-se! pouco cuidado lhe dava... Para o que cá andava a fazer!

Escusado acrescentar-te que essa misera ruina do comendador de nada sabia: nem do galopante esfacelar da filha, nem do meu rompimento com ela. E, egoistamente empolgado, como o espirito se lhe debatia sempre, na interessada meditação da propria doença, esquecia-lhe tudo, já raro falava em mim... arrastava na mais inerte e absoluta indiferença por tudo quanto fôsse á sua preocupação alheio. Ao passo que progressiva e insistente o ia devorando a doença, a sinartrose era total, as extremidades luziam de monstruosas deformações, por todo o seu arido corpo gemia chagosamente a podridão, abria largo e facil caminho o *processus* lento, doloroso e cruel dos cancerosos.

Branca apenas consentiu em que lhe mudassem o quarto para um dos repartimentos da frente da casa, voltada ao sul, onde tinha sol todo o dia e o ar mais temperado e igual. Era uma pequena sala fazendo esquina, com uma janela para a travessa e duas dando para o quinteiro, sobranceiras ao alpendre da portita de entrada, roçadas no verão pelo françado bracejamento das velhas e altas pimenteiras. Ali levava agora a pobre doente uma bôa parte do dia, apática, resignada, numa triste atonia de alma em estreita relação com o terrivel morbo que lhe desvigorisava o corpo. Não tinha desejos, aspirações, vontade... Sentia esse té-

dio indolente dos enfermos a quem uma implacável destruição consome.

O mesmo pae lhe dizia ás vêzes, num dos seus raros momentos de atenção por ela :

— Mas o que é que tu tens, filha ? . . . já nem pareces deste mundo !

Ás primeiras humidades outonaes, entrou com ela fatalmente o segundo periodo da tísica. Recrudescêram as dôres de cabeça e no peito, a dispneia tornou-se mais frequente, quasi não tinha forças para se ter em pé, os acessos febris vitimavam-na cruamente, sem descanso, durante a noite e pela manhã, ao acordar. Cadavericamente a magrêza acentuava-se, repugnava-lhe todo o alimento, pela auscultação distintamente ouvia-se-lhe esse cavo e raspante gorgolejar do fervor cavernoso, e a expectoração era agora abundante, pastosa e verde com ístrias amarelas.

Gustavo andava apreensivo, começava a desanimar . . . com a mais solícita cautela me recatava a maior parte destes horriveis pormenores, que só mais tarde conheci. Eu porém, sem mesmo querer, por intuitiva sugestão da fatalidade, adivinhava-os . . . Já a cada instante a minha alma apavorada e transida aguardava a provação dessa tremenda, essa irremediavel desgraça !

20 de março.

Entretanto calculas que a minha bolímia sensual me não consentiria esquecer-me de Alda. Exercitada

e medrada no vicio, não podia agora a minha carne prescindir subito desse alimento deleterio. Na tirania do impulso adquirido, caldeada na pirexia do desejo, a cada momento a minha animalidade reclamava a bordalenga frequentação com essa tentadora figurita, perversa e irregular, endiabrada e divina, que fôra a sua complacente iniciadora no resvalo infame da devassidão e do erro.

Mesmo duas causas principaes me instigavam a esta imunda obstinação: o habito e o ciume, a invejosa e a suspeita. Se por um lado eu era forçado a reconhecer que o meu corpo, prostituido e inflamado, não se aplacaria sem continuar refocilando nas bestiaes orduras anteriores; por outro, dava-me a pêrros só com pensar que tambem necessariamente Alda não poderia dispensar um amante! — Pois como! como havia de ela conter-se... longe do Homem, alheia á mutuação sexual do amor... se nessa especie de amor é que exactamente se cifrava todo o seu destino? se a sua vida inteira não era mais do que um eterno sorriso de volupia inconsciente? se, em suma, ela não se considerava feliz senão quando sacudida pelo desejo ou enervada pelo cansaço?... Oh, bem bastas vêzes tivéra eu occasião de o verificar! a transição dum para outro destes dois estados era-lhe insuportavel... o que para os outros é repouso, era para ela sofrimento.

Nada! sem homem é que ela não estaria muito tempo. Se eu lhe faltava, outro tomaria breve o meu lugar! — Esta ideia lancetava-me os nervos, lambia-me o cerebro em linguas de fogo! não podia, não me conformava com ela... De noite lá ia eu, surrateiro, marruaz, cosendo-me com a sombra, rondar-lhe a

porta, atento ao menor ruído, um frio sobressalto invadindo-me por cada novo vulto que apontava, indo e vindo no passeio com a esconsa submissão dum cão vadio, numa abrazada inquirição mirando o movimento accidental do prédio, interrogando a impenetrabilidade impassível das janelas. E procurava sorprendê-la na rua, escolhia as suas horas prováveis de saír, aguardava o finalisar do espectáculo nos teatros seus predilectos, — sempre sem resultado! Até que, um dia, — já não podia mais! — fiz-me incontrado com a Eternidade... parlamenteámos... supliquei, instei, prometi, fui bastantemente abjecto para que a megêra me tomásse em piedade. O certo é que, breves dias depois, eu reentrava em casa dela...

Não houve uma recriminação, um doesto, um dito azêdo, nem a mais resvaladía alusão ás vergonhosas scenas do passado. Não houve igualmente transportes, efusões, carinhos... Tudo como se nos houvéramos deixado na vespera, singelamente, na confiada e tranquila segurança de voltarmos a vêr-nos, como de habito, no dia seguinte. E o nêssô contubernal convívio continuou, sem um sobressalto, sem uma differença, como se aquelle ridiculo e nojento conflito lhe não tivésse quebrado a continuidade, sem a minima alteração ostensiva, — oh, mas na essencia quão diverso, quão longe do anterior!... Agora Alda falava pouco comigo, tornava-se reservada, abroquelava-se em mudos parentesis de indiferença que eram o meu vexame e o meu tormento; e parava muito menos em casa, recolhia tarde, quasi não me acompanhava senão ás horas de comer; e quanto podia esquivava-se-me... sôb mil pretextos fugia ás minhas caricias, defendia-se. Ao invêz daquele bom e saudoso tempo em que a per-

rida, incendida, palpitante, vinha para mim totalmente nua, e desculpava o seu esbagaxamento com esta frase de bordel: « Assim, amor! barriga lisa não quer camisa... » agora, pelo contrario, fechava-se no quarto sempre que tinha de proceder a cuidados mais intimos com a sua pessoa, procurava despir-se fóra dos meus olhos, via-se que a movia o empenho de poupar-me á estimulação da sua carne, furtava-se-me, em suma, com a mais arteira estrategia, á gulosa espertinação do meu desejo, ás calidas e instantes exorações do meu amor!

Calculas as amarguras sem conto, as rabidas horas tormentosas que este estado de coisas me trazia... A sua obstinada esquivança era um aperitivo mais, trazia-me numa excitação espessa e fatigante. Ralado de duvida e ciume, ao impulso da minha sensualidade insaciada, quasi sempre atraz dela saía eu logo tambem, na intenção de a espiar, de a seguir, estudar-lhe o misterio irregular da vida, vêr se a apanhava em falsidade alguma vêz. Para isso ahi ia eu a passeios, teatros, casas de hospedes suspeitas, aos prostibulos, ás tabernas, a toda a parte aonde poderiam levá-la as suas predilecções, ou de acaso a farejava o meu instinto. — Sempre debalde! Não havia meio de a colher em erro, de lhe surpreender uma infidelidade, de a pilhar com outro homem! E no entanto, no alucinado impeto da minha feroz irritação, eu chegava a desejá-lo... passando sobre o que haveria de doloroso e deprimente para mim no flagrante apreender duma traição, eu procurava, eu queria-a com ancía, porque era uma solução, violenta, sim... mas era uma solução! porque do proprio argumento da afronta poderia extrair causa e alimento á desforra. — Pois

nisto mesmo andava zombando de mim a sorte! eu nem sequer obtinha um derivativo, insultuoso embora, ao eretismo dos meus nervos, á desorientação da minha carne... nem na evidenciação da minha propria vergonha alcançava pretexto a extravasar essa estrepitosa torrente de exaspero e odio que me fervia na alma!

Cêrca de um mês assim correu, durante o qual o meu espirito, mergulhado no tédio e na lama, bestialisou: ressentiu-se da acanalhada influição das pessoas e lugares que frequentava. Só a animalidade imperava em mim; não raciocinava, arrastava bruto e egoista na esteira das impressões, na atormentada antevisão das surpresas do acaso... Fiz-me crendeiro, agoirento, fui lêr a minha sina. Cada manhã, numa apreensiva concentração, procurava ordenar, reconstruir os sonhos meus da noite que findára, para da sua cabalística interpretação tirar algum rigoroso horóscopo á desordem e incerteza cruel da minha vida. — Que dizes a isto? ... Um positivista, um engenheiro! — E para o efeito já eu compuisava os folhetos boçaes da especialidade, amparava-me ás mais grosseiras superstições, a cada passo tomava lição na sentimental alquimia feminina dos alcouces, pouco me faltava que não descêsse a consultar alguma reputada *mulher de virtude*.

Ao mesmo tempo, a falta do cêvo habitual aos meus appetites, esse irritante grau de tensão em que a sistemática escusa da minha amante me arripiava o desejo, trazia-me fúrias subitas, erguia-me em violentas crises eroticas, indomináveis, terríveis, que me incendiavam o cerebelo, que me empolgavam a vontade... E eu tinha então de imediatamente lar-

gar, desarvorar, partir donde quer que estivesse, para ir, num cego arremesso, afogar na primeira vadía ao meu alcance esta desapoderada onda de brutalidade e lascívia que era o meu tormento e o meu prazer, que me regalava e aturdiá!

E não penses que no fervoroso aplacar da minha rabida apetencia me bastasse o simples acto fisiologico, breve e banal, a que todo o homem valido anda afinal afeito, e que tão parcialmente a nossa civilização estimula e protege. Não! esta minha febre sensual agravava-se da grande malignidade essencial da sua origem. Não era uma função, era um desvíio; era mais que um habito, era um vicio. A propria contumacia no prazer á sua estúpida perseguição mais e mais me afervorava... E eu não cedía senão quando já inteiramente as forças me faltavam! quando o meu organismo, consumido e exausto, capitulava... impotente de por mais tempo amparar e nutrir a insaciavel tiraniá da vontade.

Tambem me não bastava, não me servia a mulher sadia, fresca e redonda, normal, feita de molde a responder ás solicitações naturaes do nosso sexo, a mulher que agrada e traz felicidade e estímulo ao comum dos homens. A mim, pelo contrario, essa perversa frequentação com Alda, a minha adoração pela sua figurita aganada e efemera, — maligno simbolo provocador da estetica alucinada e irregular do nosso tempo, — corrompêra-me totalmente as sensações, invenenára a propria medula do meu querer... e fazia-me procurar com requintado afan o exagero morbido da magreza, a esteril redução das formas, embora para isso houvesse de socorrer-me a lastimosos exemplares abortivos, tristes arremêdos de mu-

lheres que o raquitismo, a bastardia, a miseria anemisaram... embora houvesse de esquadriñar pela população fruste dos hospitaes e a andrajosa escumalha das alfurjas, dos carceres e das vielas. — Pois só essas eu queria, só essas eu amava... só essas, nos mais imundos recessos, na vaga e protectora atenuação da sombra, eu perseguia e submetia, felizes, as pobrezitas! de se sentirem desejadas... dando-me então em escandecidas efusões, em transportes duma violencia e duma doçura imprevistas, o seu imenso agradecimento á minha generosidade, a essa infavel mutuação dum prazer que elas tinham por inverosmil... a cuja forçada abstenção se julgavam, por effeito da sua mesma desgraça, irremissivelmente condenadas.

Mas eu fui mais longe ainda... de sucessivo em sucessivo resvalo, esta minha odiosa depravação levou-me, — como um velho e derrancado satiro, — a apetezer a innocencia, deu-me sacrilegas predilecções pela carne androgina e tenra das crianças. Dava-me então a procurar, a requestar, a seguir obstinadamente essas pobres rapariguitas, desabusadas, torpes, que abi vagueiam em desmandados bandos pelas ruas, — ao acaso, ao abandono e á fome, sem familia e sem alma, espurias secreções da bestialidade humana, imbecilisadas, livres, — umas já horriavelmente arrebicadas do vermelhão e o caio dos prostibulos; esfarapadas e grotescas outras, arrastando imundos trajes de emprestimo, através de cujas farpadas prégas convidativamente me luziam fugitivos trechos da sua negra epiderme esfoliada; outras lançando pré-gões de disfarce, com cestos de fruta á cabeça; outras como as varinas, de saias curtas e descalças, incoscant-

do-se-me facil o desejo no seu licencioso artelho, na afunilada raiz da tibia, tramposa e rôxa; outras ainda de anjitos ao colo, com um grande ar sofredor, sapatos de trança e melenas, embrulhadas nalgum trapo inclassificavel, implorativas e gulosas ás portas das confeitarias ou assaltando as felizes que se apeiam dos trens para as lojas de modas... tudo criaturitas apelvicas, insexuaes, incompletas, pequeninos anjos implumes, sem vontade e sem consciencia, infeudados ao lado mau da vida... que porfim comigo lá iam, e na passividade dum prematuro cinismo, rociado ainda de seus restos de innocencia, sofriam indiferentes os meus paroxismos sensuaes, com uns grandes olhos espantados.

Para isso eu frequentei então os mais ignorados e abominaveis recantos, as mais repulsivas locandas, antros sem nome, pocilgas, hospedarias de má nota, os mais arriscados e ignobeis desvãos do vicio, os ínfimos bosteiros consagrados á devassidão e á infamia... E ajuntára já uma apreciavel roda de pequenas freguezas, tornára-me entre elas popular. Conheciam-me, apontavam-me a dedo... e era uma vergonha! Não podia eu ás horas de maior concorrência passar em certas ruas, porque logo algum desses deleterios enxames me lobrigava, e vinham de corrida rodear-me confiadas, festeiras, num gritado chilrido que chamava a atenção, fazendo-me convites obscenos ou de mão estendida pedindo *um vintemsinho*.

Quando não podíamos, ou não havia tempo, então, — vê tu ao que eu descí! — nem por isso desistia... nem sequer ensaiava refrear a veemencia rompante do desejo. — Entrava com elas numa escada, e ahí mesmo, sumariamente, sem comodidade, sem

geito, exercitava o meu prazer, que me saía multiplicado e fumegante da aspera excitação do perigo.

21 de março.

Da ultima vêz que fui a casa da D. Eleuteria, deparei com episodios imprevistos, estavam-me reservadas bem amargas e dolorosas surpresas... Nessa noite, como já aspero apontava o frio, a dona da casa estava numa aconchegada salêta, pequenina, cheia de estofos, contigua á sala de comida e num extremo do corredor, donde eu enfiava na outra extremidade os espelhados azulejos e o trem reluzente da cosinha. Pois neste scenario comesinho e banal, neste retalho de habitação cosmopolita e mercenaria, esperava-me o repulsivo desinrolar de algumas scenas extravagantes, que seriam magnifico tema desopilativo a um espirito despreocupado, mas que na mortificada ancia da minha alma se desdobraram em pesadas circuições do pesadelo.

Sentára-me eu, surrateiro e familiar, num pequeno tamborête, cêrce com a *chaise-longue* onde se estatelava a fantasmatica bisarma da patrôa, e dispunha-me a ençetar manhosamente o meu interrogatorio, quando da cosinha veio a mim uma grande ruina de homem, todo vestido de negro, com seu ar marcial, claudicando, grossas opacidades brancas desorbitando-lhe dos olhos, — o qual se acomodou então diante de mim, sorridente, humilde, no evidente proposito

de me conciliar o favor, com um affectuoso respeito e mansos gestos dulcerosos.

— É meu irmão, — apresentou a D. Eleuteria. — Aquele de quem já por varias vêzes lhe tenho falado.

Cortejei levemente, num distraído ar de polida indiferença. E ele logo a chegar imperceptivelmente a cadeira, firme no empenho de entabolar conversa.

Como porém, ao tempo, entrásse do *comedor* a Amalia, apressei-me a interrogar :

— Então, minha tonta, que noticias me dás da tua amiga ? ...

— Sei lá — observou de malicia a incantadora bruna, com um brilho de maldade no veludo humido da pupila. — O sr. é que deve de saber !

-- Hoje mal a vi !

— É de boa boca ...

E nas costas dela as cabecitas loucas das colegas, agrupadas como num painel, riam de mim descaradamente. E no fito sorna de me interpelar, arrastava manso a cadeira o velho e encolhia as pernas.

A este tempo, uma fumarada nauseante e espessa, lufada do corredor, invadia sufocadoramente o aposento. Olhei assustado, a inquirir ... Lá longe e em frente a mim, uma alta e elançada coluna de azul, como a flôr do *lotus*, nascia dum fogareiro crepitante, poisado em baixo, sobre o ladrilho escaqueado da cozinha, e subia, subia e engrossava, aberta numa como umbela de renda, perdida em sôltas e algodoadas voltas. — Tratava-se de alguma réles mesinhice. Perguntei se estavam queimando alecrim ?

— Qual ! É mais alguma coisa ... — explicava-me, com um leve ar de desdem, a D. Eleuteria. — Estão ali a arder quatro ingredientes : cocas, estura-

que, incenso e alecrim. Dizem que é bom p'r'as raparigas se defumarem . . . p'ra desenguiçar a casa. Lá coisas delas !

E com efeito. — Agora o endiabrado rancho, num belo agrupamento gentilico lembrando os *frescos* etruscos, fazia roda á fogueira ; e logo a seguir, daudose as mãos, desataram em tórno dela numa atabalhoada carreira, em espiraes de capricho, impetuosas, loucas como bacantes, sofraldando as batas, os pés no ar, o cabelo ao vento . . . encabritando-se, pinchando, salvando o fogo ás canchas, recebendo num supersticioso regalo o banho propiciador do fumo, por entre um ruge-ruge atroador de sêdas e na engomada alvura das saias projecções lascivas de longos jarrêtes negros . . . — Eu gozava, incantado, o imprevisto e picante espectáculo. Surpreendente de petulancia, vivacidade e graça ! E assim em globõ e longe, no vago atenuamento do fumo e da distancia, aquella vertiginosa dança tomava não sei que demoniacos, sobrenaturaes aspectos . . . era com um delirio sordido de *sabbath*, a nebulosa e opressiva visionação dalguma grande e imunda pantomima.

No mesmo epilepsiado afan, as raparigas lá rodopiavam, rodopiavam sempre, agora cantando em côro, numa toada mecanica de colegiaes rezando a lição, esta cantiga allegorica :

Assim como as cocas
 Cocaram os peixes do mar,
 Assim as cocas coquem os homens,
 P'ra eles de mim gostar,
 P'ra com eles bom dinheiro ganhar,
 P'ra com ele comer, beber
 E pagar a quem devêr . . .
 Em louvor do S. S. Sacramento do altar!

Depois, uma por uma, vinham, á mesma salêta onde nós estavamos, desincantavam de sôb a *chaise-longue* um enorme chifre de carneiro, já esboroadado e rombo dos maus tratos, e dando com ele furiosamente, ás mãos ambas, contra a parede, cõtra as portas, iam numa credula alucinação clamando :

Corno ! cabrão !

Dá-me dinheiro, fortuna e pão !

E logo o chifre para o chão de arremesso ; e elas de roda outra vêz da cabalística fogueira, que agora a cosinheira, de cócoras, assoprava, do puniceo reflexo dos tições luzindo-lhe apopleticas as bochechas.

Entretanto, sempre o velho conseguira fisgar ensejo para me prender ao seu importunador dialogo, e numa timidez insinuante aventurou :

— Ora vossa excellencia desculpará... mas eu, sim... eu já ha tempos que ando p'ra lhe fazer um pedidosinho...

— Se fôr coisa que esteja na minha mão...

— Ora se está ! Com a linda posição que o sr. tem ! com as suas relações...

— Tambem digo.. — obtemperou, muito afavel, a D. Eleuteria, oferecendo-me uma pitada.

— Vamos então a saber...?

— Eu fui militar, sabe vossa excellencia ?

— Doze anos, menino ! — corroborava com intimativa a irmã, premindo-me o cotovelo.

— E sem uma nota, pôsso-me gabar ! Tenho a minha baixa limpa.

— Felicito-o !

— Agora o que é, é que aproveitei mal esse tempo... não passei de anspeçada. Hoje tórço a orelha e não

me deita sangue... E os tempos vão tão maus! Já não pôsso trabalhar, não vejo nada... Quem me vale é minha irmã...

— É amiga, hein?...

— Não faço mais que o meu devêr. Mas também que pôsso eu?... Os ganhos são poucos!

— De sorte que se o sr. me arranjasse a eu entrar para veteranos...

— Da melhor vontade, se eu pudésse influir p'ra isso... — acudi, já contrariado. — Mas, lem vê, eu não sou militar...

E o carracento invalido, num patente ar de lisonja inverdedada á minha simpatia:

— Ah, quita que o não seja! Isso é a mesma coisa... Querendo vossa excellencia...

E não largava de me importunar, de perfeita intelligencia com a irmã, lamuriando as suas precisões, gemendo os seus achaques; a termos que a sua pegajosa obstinação em me causticar com um assunto tão descabido ali, tão fóra das minhas previsões, tão alleio ao meu cuidado, deliquescia-me as ideias, punha-me um grande pêso doloroso na cabeça, desorientada já pelo fumo, as enervantes emanações das drogas no brazeiro, e o descomposto farandolar das raparigas.— As quaes, incansaveis, coleantes, cabriolavam sem cessar e do mesmo passo iam cantando o seu symbolico aranzel, com variantes como esta:

De oiro eu tenha um tesoiro,
De prata eu seja farta,
E cobre p'ra me governar,
P'ra esmola aos pobres dar...
Em louvor do S. S. Sacramento do altar!

Depois, invariavelmente, o caprino exorcismo es-
trondeava :

Corno ! Cabrão !
Dá-me dinheiro, fortuna e pão !

Emquanto eu arrelhiava, engolfado na comovida
consideração do meu infortunio ; e com um ar desen-
fastiado e superior a D. Eleuteria assistia á cerimo-
nia.

Aproveitando comtudo um momento que me pare-
ceu mais asado, e inclinando-me ao ouvido da aparato-
sa megéra, confidencieei :

— Então, já nem também o *Bolacheira* ?...

— É verdade !

— Essa quantidade constante da casa...

Ela teve um risinho inteligente ; e voltando a aper-
tar-me o braço, com os olhitos sumidos e o pincel da
verruga crêspo de maldade :

— Ai ! meu tontinho... Que dôr que ahí vae !
— E como eu, vexado e por um resto ainda de orgu-
lho, me conservásse silencioso : — Mas então ?...
Eu não percebo nada ! Que demonio de vida é essa de
vocês ! ?...

— Sei lá ! — exclamei, com lagrimas na voz. --
Um absurdo ! um inferno !

Agora o esturdio rancho das iniciadas grupára-
se de roda de mim, e, tagarelas, trocistas, ofegando
do seu desconchavado exercicio e envolvendo-me num
banho de capitosas exsudações animaes, achavam
seu voluptuoso prazer em flagelar-me de inquirições
sobre a minha sorte, num regalo evidente, nos seus ri-
sitos maus vibrando uma sublinha achincalhante de
vindita.

— Então, era uma vêz uma Alda? ...

— Fêz por lá lua nova? ...

— Meu rico, tem paciencia! O que Deus quer, santos não rogam ...

— Aquele empelamado do *Bolacheira* é um homem feliz!

— Lá estão vocês com asneiras! — aqui acudiu logo a Amalia, num enfado hypocrita. — A Alda era incapaz duma ação dessas... conheço-a! Não levantem falsos testemunhos!

— Pois olha que da fama já se não livra! — observou brutalmente a ruça do cabelo esborifado. — Nem ela, nem ele!

— Que tambem devo dizer ... — tornou a Amalia, pausadamente e fitando-me com uma expressão singular, como quem queria preparar-me — se tal acontecêsse, não era admiração nenhuma! A rapariga, no fim de contas, é livre ... ele não é feio rapaz ... E agora está sem *marmita*. De sorte que ... se a coisa calhar ...

— E então aqui o nosso engenheiro não é ninguém? ...

— Ah, eu teria muita pena que tal viesse a acontecer; mas nestas coisas do coração é com'o outro que diz: não ha lei que regule onde o querer não queira! De mais a mais, o raio do rapaz tem muita *aquela* com mulheres e anda mal acostumado! Olhem vocês que esta ultima amante, que ele tinha, dava-lhe sete tostões por dia e um fato novo no verão, outro no inverno. — É barro? ... Pois ele mesmo assim fêz-se de manto de sêda ... largou!

— Só o meu *Puntaré* não me aparece! — exclamou, num grande arranco de aflição, uma loira ma-

grita e pequena, que num principio de amolecimento espinal vinha entrando do *comedor*, arrimada á parede. — E eu dava-lhe tudo o que ele quisésse ! ainda que tivésse de o roubar !

— Ó mulher ! . . . — atalhou repreensiva a dona da casa.

— Palavra ! *mãe* . . . Não póllo ! não póllo viver sem ele ! . . . Eu indoideço, eu mato-me !

— Bôa vae ela ! Matar-te p'ra quê ? . . . — censurou com desdem uma trintona, enxundiosa e flácida. — P'ra te acontecer com'a mim, que fiquei com o estomago estragado, e agora nem póllo beber vinho nem comer salada ! Olha que preparo !

— Não te rales, mulher ! — disse á loirêta compassivamente a incredula ruça. — Deixa que ele cá te virá marrar . . . Tenho essa fé !

— Porque não vaes ao Monsanto, á bruxa ?

Baixou a pequena meditativamente a cabeça, num grato silencio de aceitação. E logo esta mesma ideia, como um relampago, se me apegou ao espirito. — — Porque não havia de eu ir lá tambem ? Ha tanta coisa, afinal, assim . . . O mundo invisivel, sobrenatural tem sua existencia real, não ha duvida . . . cada dia ahi surgem da sua espirita influição provas iniludiveis, reaes, maravilhosas. — E todo eu agora, alheado, aquecido, era dar-me á tirania desta bela, emancipadora ideia, quando arrelativamente o gorado anspeçada, que se erguêra na intenção de sair, voltou a renítir no seu estrambotico espenho :

— Então vossa excelencia sempre quer que eu traga um memorialsinho ? . . .

— Oh, homem traga o que quiser ! — respondi com mau modo.

— Perdoe-me, se sou massador... mas é uma grande esmola que me faz!

Simultaneamente, a ruça aconselhava á amante infeliz do *Puntaré* :

— Não me cáias em araras! Deixa lá o Monsanto aos coelhos e ás perdizes... O que essas intrujonas querem é comer!

O que deu ensejo a que a D. Eleuteria me oferecesse :

— Olhe, snr. Mario, ahí tem... Faça o que pudér a meu irmão, que eu, se o menino quisér tambem ir consultar a bruxa, o que póssó é dar-lhe um papel de recomendação. Sabe que lá não entram homens?...

— Estou capaz de aceitar... — disse eu, depois duma pausa, brilhando-me nos olhos um alento de confortadora esperança.

— Não me faltava vêr mais nada! — rompeu a ruça, num rasgo de sincera indignação. — Ora espera! — E como quem toma uma resolução, o seu vultó airoso e petulante desandou rapido pelo corredor, sumindo-se.

Quasi logo a seguir, a troça irrequieta das raparigas, leves da sua inconstante vivacidade de impressões, foi desertando de ao pé de mim. Tambem o importuno velho entrára com a irmã para o *comedor*. De sorte que eu estava inteiramente só, quando, dahi a minutos, a rucita voltou, inquirindo a casa com olhos cautelosos, e trazendo oculo na mão, espalmado contra a saia, um pequenino objecto branco.

Ela então, vendo-me só, e depois de novamente assegurar-se de que não tinha testemunhas, aproximou-se breve e segredou-me :

— Ê preciso que deixes de ser tanso! ouviste?...

— Então ? . . .

— O *Bolacheira* fêz anos um dia destes . . . — aclearou ela, num rasgo de generosa decisão, olhando sempre com desconfiança as portas. — E vae trouxe p'r'ahi assim as prendas que recebeu . . . Pois entre elas, ao de cima duma caixa de lenços, vinha isto !

E passou-me pronto para a mão um grande e aparatoso cartão de felicitações, macio e luzente como o marfim, as arestas profusamente rendadas, tendo a palavra — PARABENS — em caprichosas letras de oiro, entressachando com sôlta elegancia um farto môlho de cravos, perpetuas e amores-perfeitos. — Sem nada perceber ainda, eu olhava maquinalmente esta ofertoria banal, quando, sempre em voz baixa, a rapariga me comandou :

— Volta . . .

No verso havia isto escrito, em duas linhas sinuosas e dificeis :

Pesso-lhe que aceite o que mais estime d'esta que muito lhe quer.

Fiz-me lívido . . . E observando-me, rejubilada, triunfante, a obsequiosa delatora interrogou então :

— Conheces a letra ? . . .

Não havia duvida ! Parecia de Alda, era efectivamente de Alda essa caligrafia barbara, irregular . . . Ahi tinha eu tudo bem claro agora ! Ali estava toda a caritativa e affectuosa paciencia do meu ensino, fructificando naquella traição . . . ali estava a laboriosa primícia das minhas lições infamemente ofertada ao seu novo amante !

Estás a vêr o meu primeiro cuidado, no dia seguinte. — Era uma sexta-feira, o dia oficialmente votado ás consultas da afamada sortílega de Monsanto. Logo de manhã eu entrava em casa da D. Eleuteria, e dela obtinha uma penhorante e expressiva carta de apresentação, na qual, depois de lisonjeiras referencias á minha pessoa, se rogava á celebre embusteira toda a atenção e empenho para o que eu pretendêsse. E ainda a minha amavel patrocinadora me recomendou que tomásse cuidado ao aproximar-me da misteriosa furna onde se acoitava esta nossa mercenaria Egeria *fim-de-seculo*. Não seria mau ir munido de um bom bengalão. Perguntei-lhe se por ali havia gatunagem? . . . Que não; mas era por causa da canzoada . . . uma formidavel matilha de vinte e um cães, grandes como avantesmas, ferozes como lobos, prontos logo a agredir, dando fé de quem quer que se aproximava, e que formavam assim em torno á lendaria estancia um respeitavel cordão de isolamento e defêza.

Ao anoitecer, armei-me com um grosso e nodoso pau cerquinho, propriedade do meu companheiro de casa, e, cheio de confiança e interesse, parti . . .

Tomei direito a Alcantara; e ahi, passado o Calvário, a rua da Crêche, e tendo subido boa parte da calçada da Tapada, enfiei então á direita, e subindo sempre, pelas terras. Assim fui atravessando longamente, embaraçado, incerto, numa aguda hesitação não isenta de receio, grande extensão de terrenos vagos e estereis, o emadrigado flanco desse triste vale, vulcanizado e fendido, todo acusando a tragica ruina de antigas convulsões, com efflorescencias brancas como ossadas, com grandes rasgões vermelhos como bó-

cas de feridas, e em cujos terrosos tortomêlos os meus pés magoados tropeçavam a cada instante, na indecisa luz do crepusculo, que apenas uns tenues laivos de amarelo sujo no adormecimento negro do céu alumiamavam.

Tendo andado bem dois kilometros, divisei então, formando um pequeno rectangulo tarraco e negro no cêrro dum comesinho oiteiro, a sibilina casa que demandava. Sim, lá tinha esta as duas oliveiras ao lado; num môrro proximo, á esquerda, luzia bem ainda, em branco, a prismatica projecção dum marco de referencia para a barra; e á direita e ao fundo, com valentia cortada no horisonte, avolumava a arcaria colosal das Aguas Livres . . . Certamente era ali. — Dispunha-me eu a avançar, esperto o espirito da mais intensa e picante curiosidade, quando, num alarido de ensurdecer, ahi desce das cercanias da casa o desapoderado tropel dos mastins, despedido contra mim, raivoso, implacavel, desfeito em furibundos latidos que acordavam furias irmãs nos casaes distantes e agressivamente multiplicavam pelos ecos das quebradas. Então, não tive mais remedio, parei, e de olho atento e mão leve não cessava de brandir em volta do corpo o varapau, brandando-lhes alto e com imperio, a conter em respeito a distancia a matilha, cujas prêsas brilhavam ameaçadoramente na escuridão, enquanto sanhudos os olhos eram vivos como lanternas.

Nisto, um matulão saíu do casebre e desceu, impondo-lhes silencio. Quando me enxergou, logo de regougar com desconfiança e mau modo :

— Que é que quer? . . . Aqui não entram homens !

— Tenha a bondade de vêr . . . — respondi eu com firmeza, estendendo a carta.

O marmanjo veio a mim, tomou a carta, examinou-a avivando a mesma braza do cigarro que trazia ao canto da bôca ; e, mal conheceu a letra, acudiu logo a dizer-me, todo solícito e afavel :

— Ah, queira desculpar ! Venha dahi . . .

Enfiou o braço no meu, conduziu-me confiadamente acima ; e já eu ia rodeado da malta dos lebreus, aquietados, farejando-me. Assim entrei á recatada mansão do oraculo, cujo exterior eu tive num relance ocasião de verificar que não passava duma trivial e modestissima barraca, terrea, oblonga, seu obrigado parreiral á frente, e ao lado da porta, prolongando, alta e maciça para o céu, a parede, uma grande chaminé mourisca.

Egualmente o interior pouco de particular accusava . . . pouco que affirmásse de um modo frisante, inconfundivel, o seu clandestino character, a transcendente e aziaga feição do seu destino. — Imagina tu um grande quadrilongo, pobre e nu, de paredes mal passadas a cal, grossas manchas ruças de pó nas saliencias, devidas á imperfeita junção das pedras subjacentes ; longe a longe, o esguio traço de raras frestas dando para o exterior ; e imediatamente por cima, sem cornija, sem o mais elementar ornato, e como que fantasticamente recuado na vaga atenuação da sombra, e descarnado cavername do teto em osso, nodoso, irregular, com o negro bracejamento das vigas a descoberto. A luz era escassa, intercadente, espessa, e dançava anamorfica pelo aposento, dando aspectos sobrenaturaes ás coisas, formada como era pela livida e tremula fumaceira de quatro simples candeias de petroleo, suspensas em arame das asnas do telhado. Do fundo alvacento e monotono das pare-

des cabalisticamente destacavam, pregados ao acaso, temerosos perfís de sapos, lagartos, morcegos, cobras, toda a zoologia da superstição, grandes saurios monstruosos, dispostos por uma forma accidental e caprichosa, como sendo alucinadas visionações de pesadelo, o pavido delirar duma imaginação enferma, — ilusão esta que a oscilante luz das candeias, passeando-lhes os contornos, emprestando-lhes movimento, mais sugestiva e intensa tornava ainda... Na parede á direita de quem entrava, rasgava-se uma porta de comunicação para o interior, mesquinamente resguardada por um simples reposteiro de riscado. Um pouco á frente dela, e correspondendo proxima-mente ao meio da parede, havia uma velha mēsa, com os pés mascarados por uma baeta negra, tendo em cima dois baralhos em cruz, uma pequena caixa de folha com tampa de vidro, papeis soltos com orações impressas, fragmentos de ossos e um grande môcho empalhado. Ao lado e rente á mēsa, notava-se ainda uma tōsca poltrona de pinho da terra, com o assento de pau e espaldar, tendo á frente no chão uma pequena esteira. Se olhava á esquerda, eu via o vão da gigantesca chaminé completamente atulhado de môlhos de ervas milagreiras, pequenos embrulhos brancos, ferraduras, saquinhos, cornos, sal, amuletos, livros de sinas. Ao lado, junto ao alizar, uma caixa de madeira verde, especie de cofre, pendia dum prégo.

Havia quantidade de gente pelo aposento. Por toda a vasta extensão do piso, pavezado de ladrilho vermelho, arrastava uma nojosa e mesclada porção de mulheres, na maior parte andrajosas, humildes, tres-suando miseria, sentadas pacientemente sobre os calcanhares, como escravas, os longos rostos soffredores

ocultos no rebuço plebeu dos lenços, umas com crianças ao colo, exasperadas outras alongando á frente do joelho os braços . . . aqui, ali a pinturila irritante, o libertino traço decorativo das mulheres de prazer, ou o garridismo pelintra das costureiras . . . e todas formando no pardo anonimato da penumbra um sujo e confuso amontoamento, uma nublada e gordurosa mancha, da qual sómente, febril e vítreo, ressaltava, erguido confiadamente com fito á porta, o lume anciano dos seus olhos.

Mal que entrámos, disse o meu introdutor, a meia voz :

— Veio em bôa ocasião . . . A consulta vae começar.

E adiantando-se no casarão, desapareceu pela misteriosa porta do reposteiro.

Eu então por instantes tive ocasião de observar esse extravagante conclave feminino, que, ao vêr-me entrar, um ligeiro arrepio moveu de estranheza e sobressalto. — Como eu as estou a vêr, agora mesmo, as desgraçadas! Como funda e perduravelmente se me gravaram na alma os episodios dessa atormentada, memoravel noite! Elas olhavam-me, olhavam-me intrigadas . . . e de caminho segredavam-se coisas. Do seu insalubre amontoamento erguia-se um nauseativo cheiro, feito de licenciosidade, miseria, doença e desmazelo. E o seu maguado respirar comum tinha o que quer que fôsse de opressivo e triste . . . era como que a indefinida prolongação dum gemido.

Nisto, colhida por mão invisível, a discreta cortina franziu ao lado, e entrou no aposento solenemente a bruxa, — uma longa figura macilenta e espectral, com um feitio de estatua, inteiriço, impassível, avan-

çando numa demorada cadencia, em leves passos silenciosos, hirto o pescoço, a bôca entreaberta, os olhos sem brilho, e erguida ao alto num meditativo extasi a cabeça, onde liso o cabelo empastava em dois fartos bandós grisalhos. Ladeavam-na de respeito duas figuras: uma criança franzinita e triste, de grandes olhos sonhadores, e o esperto matulão que tinha ido ao meu incenstro. Quando a viu aparecer, o implorativo circulo das mulheres agitou-se, teve uma consolada expiração de alegria. E entretanto a singular figura vinha avançando, vagarosa e solene, rigidamente envolta numa negra estamenha talar, como uma monja, um simples lenço branco em cruz sobre o peito, os olhos baços, sem luz, amauroticos, alheados, neste contínuo bater de palpebras peculiar aos cegos, e as longas mãos nodosas projectadas com cautela á frente, solícitas, tateando...

Chegada junto á poltrona, ageitou-a, sentou-se; e numa attitude de esfinge, sempre á frente as mãos sobre os joelhos, numa voz mansa e doce saudou:

— Bôas noites! Salve-as Deus... Vêem então todas, cheias de simpatia e de fé, ter comigo... Mau sinal é esse... Prova de que lhes não corre bem a vida!

Um aflitivo côro em surdina, de suspiros, lamentos, lagrimas, foi a esta amistosa saudação o irreprimivel comentario. E a velha pitonissa, a confortar:

— Então! então! nada de aflições... Tenham paciencia, resignação, conformem-se... Quem é que não tem seus maus passos neste mundo?... Vamos! Jesus Cristo deu o exemplo... Nós já vamos a vêr se eu lhes alcanço o favor de darem algum bom geito á vida... Mas, antes, devo de explicar-lhes mais uma vêz... eu não sou nenhuma criatura amaldi-

coada, não mereço os nomes feios que me chamam os jornaes, não tenho pacto com o diabo . . . O meu poder está todo nisto! — Aqui o pequenino anjo pasára-lhe da mēsa para as mãos a caixa de folha com tampa de vidro, dentro da qual agora a cega nos mostrava, boiando em agua e mole vermiculando seus numerosos tentaculos, um repugnante e inclassificavel animalito, especie de feto abortivo, gelatinoso, informe, sacrilega e torpe mystificação obtida não sei por que complicado e genial artificio. — Isto é o meu mestre! o meu inspirador . . . neste pequenino e delicado manipanço está toda a chave do meu saber, todo o segredo da minha fortuna!

As mulheres iam de rojo pelos tijolos, aterradas, credulas, examinar . . . e, segura e contente do seu prestigioso efeito no auditorio, ia a bruxa continuando:

— Está vivo! sustento-o com aço moído, terra de cemiterio e lascas de barba de baleia, raspadas nos espartilhos das mulheres perdidas . . . É um ente maravilhoso e fóra de todo o preço! Adivinha, cura, faz milagres! Mas não é privilegio meu . . . Qualquer de vocemecês póde, assim como eu, obtê-lo . . . O que é, é que custa um bocado! Precisamos trazer debaixo do braço um ovo de galinha, galado, por espaço de nove semanas . . . Não lhes levo nada pelo segredo, — se alguma quizer experimentar . . . Faz-se assim: toma-se um ovo de galinha, como disse, abre-se-lhe um burquinho, deita-se-lhe dentro uma gota de semen humano, ainda quente, tapa-se muito bem . . . depois liga-se ao sovaco por meio dum lenço. Durante aquelas nove semanas a gente sofre enjôos, espasmos, dôres . . . tal qual como se estivéssemos gravidas! E vae, ao cabo, o ovo está chocado . . . o bicho pica a casca e

íae ! — Foi o que eu fiz . . . Não por espirito de ruindade ou ganancia, como dizem . . . não porque esteja vendida ao inferno ; mas unicamente pelo prazer de fazer bem, só p'ra dar consolação e gosto á minha alma !

Um admirativo sussurro de aplauso fremeu no pastoso grupo das mulheres ; emquanto, impassivel, serena, poisava a vidente o seu absurdo talisman sobre a mésa, e em voz alta interrogava :

— Vamos ! qual de vocemecês está primeiro ? . . .

Levantou-se pressurosa uma des-sangrada mulhe-rita das fabricas, tendo uma criança pela mão e outra ao colo, que foi ajoelhar-lhe aos pés. A bruxa tateou-a com atenção, fêz menção de reconhecê-la ; e então, conservando-lhe a mão direita sobre a cabeça, e com a esquerda estendida á mésa, espalmada contra o manipanço :

— Ah, bem sei . . . é a cigarreira viuva, de Xabregas. Quer saber do seu marido ? . . . Ele foi um grande peccador ! mas apesar disso vocemecê estimava-o muito . . . queria vê-lo no céu ! — Acenava a viuva afirmativamente com a cabeça. — Pois bem . . . Fêz as coisas todas que eu lhe disse ?

— Tudo !

— Foi á porta duma igreja acordar três almas ?

— Sim, sr.^a . . . A S. Domingos. Á meia noite.

— Sem se voltar p'ra traz ?

— Sem me voltar p'ra traz !

— Está bem ! vamos a vêr . . . Espere . . . — E aqui, sempre com os seus vagos olhos ao alto, o austero rosto da vidente, num progressivo afinamento, como que por um esforço sobrenatural, transfigurava-se . . . tomava não sei que sibilina expressão, que iluminada e nobre transparencia ; ao passo que, sôando dulce-

rosa e grave no recolhido silencio da assembleia, continuava a sua voz : — Vejo um grande palacio, umas colunas . . . uma cortina preta ao lado, caída . . . são os pecados dele ! E ele lá está em baixo ainda, coitado ! Vêm um anjo, vêm outro . . . dão-lhe a mão, levantam-no um pouco . . . torna a cair ! Entretanto a cortina vae-se correndo, correndo . . . agora vêm uma rica Senhora, vestida de branco, ladeada por três serafins . . . ergue-o tambem e leva-o . . . a cortina sumiu-se . . . Está perdoado ! está no céu !

Na temerosa atenção da assembleia, apenas se ouvia da pobre viuva o soluçar reconhecido. E com voz carinhosa e velada, como quem voltava dum sonho, perguntou-lhe então a cega :

— Está contente agora ? . . .

— Como lhe hei-de eu de pagar ! . . .

— Bom ! que mais quer ?

Depois de uma pausa hesitante, num arranque de decisão, a viuva exclamou :

— E então o estepôr da amiga que ele tinha, hade-se ficar a rir . . . Se eu lhe pudésse fazer mal !

— Vocemecê sabe que eu não gosto nunca de aconselhar p'ra esse fim . . . P'ra coisas ruins não me procurem ! No entanto, a sua razão é tamanha . . .

— Ó sr.^a ! cardou-nos indecentemente . . . Deixou-me sem nada ! a mim e a estes dois inocentes !

— Bem ! pois vamos-lh'o fazer amargar . . . P'ra isso tem vocemecê de arranjar — tome sentido ! — tem de arranjar três coisas do corpo dela : um cabelo, uma gota de sangue e uma lasca de unha do pé esquerdo.

— Ó meu Deus ! isso é impossivel . . . Como hei-de eu . . . ?

— Não tem outro remedio, se quiser conseguir alguma coisa! Depois ha-de juntar ainda um pedaço de pão, mordido por ela, e uma piuga servida... Lava a piuga em agua a ferver, com uma mancheia de alfinetes dentro, sete noites a fio... Depois vae a um cemiterio, traz um punhado de terra... morde o pão, mistura tudo, e mete num saquinho, que ha-de entalar entre o colchão e o enxergão da sua cama. — Feito isto a preceito, não falha... entra mandinga com ela! Começa a mulher a aganar, a aganar... passadas três sextas-feiras, já deita sangue pela bôca!

— Vamos a vêr se sou capaz...

— Depois quando quiser que ela môrra, não tem mais nada... É só espetar um alfinete no coração duma pomba.

E despedindo dum gesto a cliente, tornou para o grupo:

— Quem segue?...

Veio uma delambida, bonitota e fresca, de mantilha, chale andaluz, grandes rosêtas de vermelhão na face, e todo esborifado em petulantes monêtes o cabelo. Tinha um airoso desempenho que acusava sem hesitar a fatalidade animal da sua condição. — Enquanto ela, resoluta a viva, se adiantava, a viuva com os filhos desandára silenciosamente, de cabeça baixa, o rosto confrangido numa grande concentração mental; e, chegada á porta, meteu na mão do marmanjo a obrigada esportula, que este imediatamente recolheu no cofre verde.

Ao tempo, já a petulante boémia, de mão na ilharga e em pé diante da bruxa, exclamava:

— Minha sr.^a! eu venho buscar remedio p'ra uma grande pouca vergonha que me fizéram!

— Diga lá!...

— Já se sabe, eu governo a vida conforme me quadra e dá gôsto... Não dou escandalo, ninguem tem nada com isso! Mas umas porcas dumas visinhas, invejosas, salgaram-me a escada... e dahi não ha mal que me não venha! O gato fugiu-me, morreu-me um papagaio que eu tinha em grande estimação, os meus conhecimentos, tudo homens bons! não aparecem... ontem ia morrendo queimada, intornei um candieiro de petroleo! E elas regaladas! De sorte que isto assim não tem geito nenhum! Eu não pôsso mais... eu faço um disparate!

— Não te aflijas, filha... — maternalmente a bruxa acudiu, sorrindo. — Isso não vale nada! Assim tudo tivésse tão bom remedio... — A rapariga fitava nela uns grandes olhos ávidos — Vae e esfrega muito bem a tua escada... mas has-de ser tu mesma! com agua do mar, sete noites a fio, sempre de baixo p'ra cima... E terás novamente a fortuna de volta comtigo... Adeus!

Agora, — emquanto a desinvolta criatura desandava e pagava, — era uma desses tantas toleradas profissionaes do Amor que vinha, desalentada, aflita, rojar-se aos pés da sibila, que inquiridoramente lhe passeava as mãos pela face, a cabeça, os ombros e o pescoço.

— Minha sr.^a! valha-me, por Deus!... Não tenho sorte nenhuma!

E a cega, com bondade e meiguice, parando de analisar:

— Tonta! Ha quanto tempo estás na vida?...

— Ha cinco meses...

— Eu logo vi... Por isso te atrapalhas com uma coisa tão simples! Será ainda a santa agua do mar que nos ha-de servir... Olha, tu tomas um pedaço de sêda preta... Encharca-o bem em agua do mar, e trá-lo comtigo, rente ao peito, logo sobre a camisa. Mas toma conta! quando estivéres com um homem, has-de tirá-lo sem que ele veja.

— Agradeço muito! Mais nada?...

— Não... Esse pano é posto á noite e ha-de enxugar no corpo. Em estando sêco, tornas a molhar, tornas a pôr... E vae, anda! por ti fico eu... — epilogou a bruxa, a sorrir, batendo-lhe no ombro. — Vejo bem que não és peste! não has-de precisar muito de maleficios para atrair os homens.

Uma outra consulente demandava já, numa nervosa impaciencia, o conselho e a atenção da bruxa. — Era uma pobre e derrancada mulher, tipo caloso e exausto de antiga operaria, magra, verde, pequenina, concavo o peito, desconformemente extensos os braços descarnados.

— Valha-me, por Deus! senhora... — já ela rompia, de joelhos. — Eu assim não pôsso mais! Não tenho remedio senão acabar co'a vida!

— Então o seu côxo continua na mesma?...

— Cada vêz pior! Não ha dinheiro que lhe chegue... Eu sacrifico-me o mais que pôsso, sou uma moira de trabalho... e aquele alma do diabo não reconhece nada! É só o jogo, tabernas, mulheres... e eu, se fanfo, se não lhe apronto quanto dinheiro ele quer, ainda em cima levo pancada!

— Mas porque o não deixa?

— Ai, senhora! pudêsse eu...

— Então o que a impede ?

— Perseguiu-me... Era capaz de me matar !

— Não diga vocemecê isso ! Eu estou-lhe a lêr no pensamento... A mim deve-se falar como se fala ao confessor... Vocemecê não o deixa porque tem um animo fraco... não tem alma de se vêr sem ele ! — É isto, ou não é ?

Baixou a mulherita envergonhada a cabeça e, depois duma pausa de embaraço :

— Por vergonha minha, assim é... Que raiva que eu tenho a mim mesma ! Ai !...

— Ora eu vou-lhe dar um remedio, remedio infalivel ! p'ra vocemecê o esquecer... Oiça : rasgue-lhe um pedaço á fralda da camisa... talhe-o assim a modo dum coração, côsa-o a uma boneca... depois vá interrâ-la a um cemiterio e retire, atirando, sem se voltar, três punhados de terra p'ra traz das costas, dizendo sempre :

Foge, sume-te, ladrão !

Deixa em paz meu coração.

— Em seguida, persigne-se, defume-se em casa com o meu preparado n.º 2, e verá... O homem varre-se-lhe de todo do sentido !

Já, esperançada e ligeira, a mulherita retirava, recebendo das mãos do porteiro, ao pagar, um dos molinhos de ervas a monte no vão da chaminé ; e uma outra, — mulher passante da mocidade, sem frescura e sem agrados, tomava o seu lugar :

— Eu vólto, porque o meu homem, senhora ! não deixa o caminho da perdição !

— Estou a vêr... — confirmou branda a viden-

te, com as mãos sobre a cabeça da vítima. — Ahi está a amante dele a aparecer-me, de mãos postas... pede-me perdão... jura que a teima é dele... Bem! é meio caminho andado.

— Veja! veja se lh'o póde arrancar de todo!

— Olhe, espere pelo quarto crescente... Numa noite bem clara, ao toque das almas, incare co'a lua e reze:

Lua, luar!
 Como és bonita e bela!
 Viste por aqui passar
 Os três maioraes do inferno,
 Satanaz, Caifaz e Barrabaz?...

— Logo uma voz lhe ha-de responder:

Não, mas ainda hão-de passar...

— E vocemecê continua:

Faze, lua! o seu poder
 Do meu homem o coração voltar...
 Que ele não póssa comer,
 Nem beber, nem dormir, nem sossegar,
 Emquanto inteiro a mim se não voltar!...
 Em louvor do SS. Sacramento do altar!

E cheia de confiança e alegria, tendo recebido uma folha com o ingenuo aranzel impresso, a displicente mulher partiu.

Omitirei um sem-numero de episodios, todos semelhantes, que interminavelmente se fôram desdobrando, sempre com a mesma solenidade, a mesma credula e religiosa atenção, sempre dentro do mesmo compenetrado e pavido silencio, a intervalos cortado

do rabido latir dos cerbéros, fóra, e a que indefinidamente se seguia a entrada de novas consulentes, as quaes logo na penumbra, sobre os tijolos, se anulavam e acócvam, silenciosas, deslises como velhinhas numa igreja.

Quando chegou a minha vêz...

Ao tempo de eu avançar, segredou algumas palavras ao ouvido da nigromante o matulão que ali me havia introduzido. Então a cega esboçou um vago sorriso afavel, e disse-me com doçura :

— Estimo muito vê-lo aqui! Mórmente p'la pessoa que m'o recomenda... Mesmo é tão raro que dêçam té á minha insignificancia pessoas assim de qualidade... Seja pois bemvindo! De que se trata então, flôr?... cuidados de amor, decerto?

— Duplos cuidados, senhora...

— Eu sei, eu sei... Não se cance a explicar! O meu amigo tinha a sua vida encarreirada num certo sentido... estava p'ra casar... Vae intromete-se-lhe uma mulher de má morte, que não tem feito senão tolher-lhe a fortuna! É isto?...

— Exactamente! — balbuciei eu, sinceramente espantado de tamanha sciencia, vibrando todo tambem de credulidade e interesse.

— E então o que é que lhe palpita?... Não tem tido sonhos?

— Muitos! Quando consigo dormir... Ainda a noite passada sonhei que estava a comer uvas brancas.

— São lagrimas...

— E que tinha muito oiro!

— Pior! São fêzes...

— E numa outra noite, a grande afflicção que eu tive! Eram uns poucos de gatos a morderem-me.

— Traições !

Depois, confiadamente, acentuou :

— Mas descance, meu amigo, que a verdade vae aparecer . . .

Levantou-se, foi vagarosamente postar-se em pé contra a mēsa, do lado oposto ao nosso, tomou um dos massos de cartas e baralhou-o muito bem, murmurando breves palavras ininteligíveis. Depois mandou-me partir, com a mão esquerda ; e, logo que eu fiz esta operação, ela juntou os dois galhos do baralho, e distribuiu este em cinco montinhos proxima-mente iguaes, com as costas para cima, formando cruz sobre a mēsa.

Neste comenos, explicou :

— O meu amigo é o rei de oiros, tome sentido . . . e portanto o valete de oiros será o seu pensamento, e a dama do mesmo naipe a sua noiva. A outra é a dama de espadas . . . Vamos a vêr !

A seguir, benzeu as cartas e immobilisou-se por instantes, de olhos ao alto, os braços longos á frente, as mãos estendidas sobre o baralho, enquanto imperceptivelmente murmurava uma outra oração ; feito o que, voltou de frente os cinco grupos de cartas e percorria-os agora com os dedos, para o efeito de reconhecer-lhes tactilmente as pintas. As cartas voltadas fôram estas : o cinco de oiros, o rei de copas, o terno de copas, a quina de paus e o seis de espadas.

Com uma expressão contrariada e triste, disse-me então a bruxa :

— Meu rico amor . . . não são infelizmente para o seu coração extremoso de boas novas estas cartas ! Elas dizem que ha novidade, com um homem de boas palavras, isto é, amorosas, e que os cinco senti-

dos desse homem se empregam em desviar al-
guem...

Eu fiz-me palido, desta imprevista confirmação
á minha suspeita... A bruxa continuava:

— Quem será esse alguém, e o resultado de seus
malefícios, vamos nós já sabê-lo estendendo as car-
tas!

Colheu-as, baralhou... eu tornei a partir; e se-
guidamente ela desdobrou as quarenta cartas sobre
a mêsá, em oito fiadas sucessivas, de cinco cartas cada
uma. Depois começou a tomá-las, pausadamente,
em diagonal, tendo-as primeiro por via dos dedos re-
conhecido; e o seu terrível vaticínio ia começar, cor-
respondente á minha enorme anciedade e em meio do
compenetrado silêncio das consulentes, que timoratas
tinham todas vindo rodear a mêsá.

— Sinto bem ter que lh'o dizer, meu filho... mas
o caso está mal parado! O pensamento das primeiras
cinco cartas começa a confirmar-se nesta sorte! Olhe,
aqui temos nós o mesmo moimante, que por causa
duma prenda, — é o az de oiros, — que a mulher má,
— aqui a tem! — lhe deu, procura por noite e cami-
nhos breves, — az e três de paus, — obter dela, na
cama... — az de copas, vê! — o que a prudencia
manda calar... Entretanto, com zêlos, — seis de
paus, — a sua noiva, mais com lagrimas e grande pai-
xão d'alma, — cinco de copas e sete de espadas, —
sofre uma grave doença e tem do senhor um grande
desvio, com alguns dinheiros...

— Meu Deus! mas tudo isso é horrorosamente
exacto!...

— Tudo está confirmado por este az! — corro-
borava a cega com energia, colhendo na mão o az de

espadas. — Agora temos nós uma mulher de má lingua, que com o pensamento malefico, — valete de espadas, — favorecerá toda a traição da outra mulher. E esta... olhe! cá tenho a certeza dela agora, ligada ao estafermo... Qu'antés a outra, filho... a outra... coragem! mas aqui a vejo eu, no quatro de oiros, levada á igreja, não p'ra casar, não p'ra ser feliz... pobre menina!

— Então! ?...

— Cólho o cinco de espadas... Vae numa tumba!

22 de março.

Depois de haver passado uma noite extenuadora, horrivel, sempre com as fatídicas revelações da bruxa martelando-me na ideia e flagelando-me o cuidado, no dia seguinte apressei-me a colher noticias de Branca, essa doce e resignada vitima com cuja morte, a despeito de todo o cortejo de fataes prenuncios que se iam produzindo, eu não podia de modo nenhum conformar-me.

Só já muito sobre a tarde logrei encontrar Gustavo, o qual, com as lagrimas nos olhos, apertando-me confortadoramente as mãos, me disse « que não havia mais meio de alimentar a sua generosa illusão! Branca estava perdida sem remedio!... Á espera do fatal desenlace a cada instante, o medico já deixára de a visitar... » Eu fiquei doido... julguei de cair redondo no chão! Era a figura viva do desespero. No en-

tanto, estimulado por um agudo sobressalto interior, sacudido num repelão de remordida angustia, tomou-me de repente o desejo inflamado e convulso de a procurar, de a tornar a vêr . . . Aceitando em toda a sua esmagadora brutalidade a evidencia cruel dessa desgraça, queria eu ao menos presenciá-la. Ao incomensuravel tormento da minha dôr traria porventura lenitivo o alcançar o seu perdão.

Mal anoiteceu pois, — lembra-te de que era um sabado e no dia seguinte havia toiros, — já eu era de roda da casa de Branca, ardendo incansavel no obstinado empenho de ir até junto dela castigar-me na assistencia á sua agonia, exorar o seu perdão, a sua benção uma derradeira vêz! A noite, verdadeira noite de fim de outono, estava desabrida, negra, impenetravel. Silvava sinistro o vento; e por entre a nevoa que como uma escumilha de dô se esfarrapava pelo espaço, a pequena mancha cinzenta da casa de Buenos-Aires escorçava-se vagamente, no tremulo alumiamiento dos lampiões da rua. Toda a fachada ás escuras, com excepção das duas janelas da esquina, no primeiro andar, através de cujas vidraças vasquejava o clarão duma palida luz vacilante. — E se eu pudesse entrar? . . . Pela porta da rua, como qualquér pessôa de bem, era impossivel . . . — Mas notei então que, aos fortes sacões do vento, as frondosas pimenteiras do quintal raspavam, na parede, rentes com as janelas. A altura não era grande . . . O muro baixo, a rua deserta . . . Porque não? . . . Num momento, tendo-me primeiro certificado de que niuguem me surpreenderia, eu estava em cima de um dos frades de pedra que ladeiam o portão: dum pulo pendurava-me da cornija, flexionando os braço serguia-me, hirto, direito,

os bicos das botas roçando a calça, cavalgava-o muro, suspendia-me para o lado oposto, saltava dentro do quintal . . . Então dei-me pressa em ir afagar o pobre *Tejo*, que, derreado, paralitico, jazia na sua casota, e logo deu sinal de me reconhecer, balindo meigamente. Depois, a pés e mãos, abracei-me á arvore que melhor podia servir o meu intento ; dahi a pouco, tendo-me prolongado e arrastado de bruços, cingido a um ramo, estava de posse do meu tão anciado lugar de observação. — Olhei para o interior, mas não consegui vêr nada do que pretendia ! Apenas diferenciava coisas sem continuidade, confusas e indeterminadas manchas, longe a longe cortadas por vagas sombras de mulher que afadigadas perpassavam . . .

Nisto, uma dessas sombras veio crescendo, crescendo e definindo-se na apressada aproximação da vidraça. De cautela, agachei-me e anulei-me quanto pude, como um reptil, na amiga cumplicidade da sombra . . . Era a *Tita*, que veio suavemente erguer a vidraça, e logo tornou para o interior. — Agora, sim ! via melhor . . . E podia até . . . Parecia isto um acaso providencial, um singular favor divino ! — Não hesitei dois segundos . . . Com infinita precaução, avançando primeiro um braço, uma perna, com apoio ao parapeito, o resto do corpo depois, ahi deslizo eu, silencioso e leve, inponderavel, para o interior da casa. E agora ali, ignorado e imóvel, occulto no vão da janela, colado á parede, recuando os pés e adiantando o tronco, protegido pelas cortinas, pude finalmente presenciar a desoladora e aflitiva scena que se desenrolava no aposento.

Não havia duvida . . . Pobre martir inviolada ! Num pequenino e sóbrio leito de mogno, posto a meio

da casa, com docel mas já sem cortinas para que o ar circulasse em liberdade, Branca debatia-se nos paroxismos dilacerantes da agonia. O seu rosto longo, socavado, austero, banhado já como que do clarão funeral dos círios, destacava lugubrememente, violaceo e sumido, na imaculada alvura do travesseiro; febricitante o delirio bailava nos seus grandes olhos, ancia-dos, mortaes, deliquescendo no embaciado adeus do abandono; irrequieta, sem parar, a cabeça movia-se-lhe atormentadamente; em quanto, brancos e ar-didos, se lhe desfaziam os labios em torrentes de pa-lavras indecifráveis, e inclavinhas as suas mãos de cêra bedelhavam com a roupa sem descanso, como querendo, num supremo arranco, segurar a vida! Em volta o silencio era absoluto, formal... Aos pés do leito, desfeita em lagrimas, contemplava angustiadamente de face a *Tita* a sua grande amiga agoni-sante: e flanqueavam a cabeceira duas estranhas mulheres de negro, rigidas e solenes, os braços á frente cruzados, sumidas as mãos na farta amplidão das mangas, a cabeça e o colo toucados de duas grandes azas brancas.

A um dos lados do leito improvisára-se um altar, tendo um crucifixo ladeado por dois castiçaes com ve-las de cêra, ainda apagadas, e á frente uma pequena bandeja de prata com espevitador a uma concha de agua benta com um raminho de oliveira. E tudo numa fria impassibilidade de necroterio, num discreto e meticuloso arranjo, simples como a innocencia, calmo como a virtude.

Na adoravel singeleza do aposento, naquella apa-gada e subtil sinfonia côr de rosa que irradiava das paredes, dos moveis, das decorações, da delicada

lâmpada suspensa do teto, a pavorosa agonia da pobre criança tinha o quer que fôsse de angelical, era como que a alvorada ideal da sua transmigração para um outro mundo . . .

Na sua tormentosa faina parecia agora a moribunda haver aplacado, numa intercadencia de relativo repouso que multiplicando-lhe o sofrimento pela sua mais consciente compreensão, a fêz, com uma voz que me gelou o sangue nas veias, aflitivamente suplicar :

— Que pêso no peito, Deus do céu! . . . Ar! ar! . . . eu môrro . . . Por amor de Deus! não me ponham véu . . . ai, não me façam o caixão pequeno!

E ja de seguida continuava no mesmo exasperado escabujar, no mesmo infatigavel frasear de demencia, a intervalos coberto, em baixo, pelos doloridos uivos do *Tejo*, que recomeçava a sua lugubre lamentação das noites.

Eu insensivelmente, sem dar tino de mim, sem me poder dominar, com um mar de dôr a referver-me na alma, adiantei um passo, outro e outro . . . dentro em pouco estava, impetuoso e suplicante, em meio do aposento. As três mulheres não pudéram reprimir um grito de espanto. A *Tita* veio logo a mim, repreensiva, hostil, num grande pasmo indignado; mas perante o meu aflito e desordenado aspecto, ante a impositiva eloquencia da minha dôr, não teve alma de me tratar com durêza . . . fêz-me praça e afastou-se, fazendo um sinal tranquilizador ás duas companheiras, encolhendo de lastima e piedade os ombros. Eu então avancei pressuroso ao leito, ajoelhei, e beijando efusivamente a mão que Branca deixára pender, num esmaio de cansaço, tive esta supplica suprema :

-- Branca ! Branca da minh'alma ! ... Sou eu ..
perdôa-me !

Ao contacto ardente dos meus labios, ella rolou morosamente para mim os seus olhos de morta... um claro de razão abriu-se na caotica escuridão da sua demencia, reconheceu-me... confrangeu-se-lhe dolorosamente o rosto... e logo, desviando os olhos, furtou brandamente a sua mão dentre as minhas. E eu fiquei sem saber, meu amigo, — oh, como isto é horrivel ! — fiquei sem saber, nunca o saberei ! se este expressivo gesto de Branca significava querer ella poupar-se á emoção, se acentuar uma repulsa... se era a demonstração do seu affecto, se a confirmação do seu desprezo ! Fiquei sem o saber... e esta cruciantissima duvida nunca mais me deixou, agarrou-se-me á consciencia como um eterno, um implacavel remorso... constitue ella por si só mais que bastante penitenciação a todos os meus erros !

E nunca mais tambem a pobre teve descanso... nunca mais os seus dedos sossegaram, nem se apaziguaram os seus labios. Porfim a morte, a pôr o logico remate á sua obra de exterminio, garrotou-a num cavo estertor, seguido dum breve colapso tranquillo, especie de almo sonho de redenção em que dulcissimamente a sua alma desprendeuse... Quasi ao mesmo tempo, no andar terreo, o comendador, como se tivesse instinctivo rebate do tragico desenlace, soltava um brado atroador e ululante, um daqueles seus homericos rugidos de esfacelo e dôr, que no quintal os dolorosos uivos do *Tejo* lugubrememente prolongaram. E a *Tita*, abandonada de bruços sobre a cama, desatára a soluçar espavoridamente ; emquanto uma das religiosas, serena e triste, ajoelhava, e a outra acendia

as duas velas de cêra e aspergia agua benta sobre o cadaver.

Não sei o tempo que estive ali . . . não sei quando saí, nem como, nem por onde . . . Lembra-me apenas que, cá fóra depois, me causou espanto e intimidou a feição estranha das coisas, o aspecto hostil, carregado e funebre da cidade. — Na uniformidade de crêpe, na cerrada escuridão da noite, onde tudo, céu, terra e agua, era impenetravelmente negro . . . para onde quer que me voltasse eu não via mais senão grandes rosarios de lumes . . . por toda a parte o imenso anfiteatro me aparecia corrido de formigueiros de pequeninas luzes tremulas, cruzando-se, indo e vindo, deslanchando, aproximando-se, como a prepararem-se para o saímento de Branca . . . Era a cidade toda que vinha com tochas ao seu enterro! — Então tomou-me uma cobardia de instinto, um indominavel pavor. Quis fugir . . . porque a minha cabeça como que ía a rolar para um abismo, despenhada pelo ar, duma altissima torre . . . e eu, junto com o arrastado lamuriar do vento, via em torno de mim a crescer, a crescer ameaçadoramente, pronto a esmagar-me, o ciclopico montão da casaria. — E aqui desatei pelas ruas fóra numa carreira desgarrada e cega, tapando os ouvidos, sem me voltar . . . Mas as casas cresciam na mesma, e impendiam, altas e negras, sobre mim . . . continuavam a perseguir-me os lacerantes bramidos do comendador, os clamorosos uivos do *Tejo* . . . e sempre a meu lado tambem, vingativo, implacavel, vinha vôando o vento, carpindo nébias nas arvores, assobiando lamentações pelas esquinas.

Quando cheguei, congestionado, exausto, ao largo do Rato, e ía na mesma desapoderada carreira a

atravessar para o Salitre, oiço de repente gritar com furia :

— Eh! eh! lórpa... Eh!

Estaquei... Um caleche, prestes a atropelarme, rasgou de impeto o ar, mesmo rente a mim, instantaneo como um relampago, e breve como um meteóro luziu, passou diante dos meus olhos. Não tão rapidamente ainda assim, que eu não pudésse vêr quem ia dentro... Iam, — que imaginas tu? ... — ia o *Bolacheira*, dedilhando arrogante a minha guitarra, e Alda ao lado dele, arrebatada, louca, em cabelo, dardejando-me ao passar um olhar impudente, montada á ginêta na portinhola.

— Ah, puta!...

Foi a unica frase, formula suprema de abominação, que eu tive alma de proferir, numa vertigem de odio, numa grande e assoladora vergonha; emquanto, pregado de pasmo e indignação, de punhos ao ar e com os olhos em braza, com a vista eu seguia a diabolica e imprevisita aparição, que estridulava já longe, chispando lume no basalto.

23 de março.

Que mais te hei-de dizer agora, que o teu belo coração não sinta e não adivinhe já o teu instinto?... Calculas a tormentosa noite que passei... Nem ensaiei deitar-me, porque antecipadamente sabia que não lograria dormir! Dormir, sim... quando o repouse

é não só o toque da salubridade física, mas o barometro regulador da alma, e na ocasião a minha estava doente de morrer... debatia-se na mais horrivel e exasperada crise que é possível imaginar! — Pois não é assim?... Eu olhava para dentro de mim, e reconhecia-me um assassino... mas um assassino a frio, consciente, odioso, que não póde ter perdão... pois bem víra eu a natureza alarmante do mal, bem conhecêra a marcha fatal das coisas, e não obstante, por cobardia de acção, por um bruto egoismo sensual, perniciosamente fôra deixando alastrar os efeitos da minha vilipendiosa conduta! Olhava para dentro de mim, e que via eu?... O meu passado, este meu triste e negro passado, tão breve e já tão fundamente elevado de erros, vícios e perversões, que seguramente o seu cortejo infecto havia de para todo o sempre acompanhar-me como um rasto de ignominia... havia de arrastar, arrelativo e infamante, pela minha vida fóra, inviperando as mais honestas resoluções, por completo baldando o meu futuro.

Que tinha eu pois de mais logico, mais consolador, mais digno a fazer, senão tambem eliminar-me? desertar da vida de que não soubêra fazer uso?... Era o melhor. A ideia do suicidio alegrava-me, seduzia-me o desejo, luzia na minha desordem interior como uma alvorada sobre um campo de batalha... Não que eu me julgásse inferior aos outros homens, pior do que eles, — não... mas é que a minha inercia no querer, a minha inânia de vontade, a minha pacifica brandura, acomodaticia e facil, haviam de inevitavelmente sempre, amanhã como ontem, atraioçar-me as melhores intenções, dar uma linha vaga ao meu character, amesquinhar a poluir a minha vida... E

assim não valia a pena! No duro conflito social, a tolerancia é uma capitulação, a passividade chega a ser um crime. Portanto, morrer, morrer... era o melhor! E isto já, o mais rapido possível, a vêr se conseguia ainda obter de Branca a explicação daquele seu ultimo gesto... se da sua misteriosa esquivança eu aclarava a mortificadora duvida!

Havia momentos em que, com a cabeça pesada como chumbo, farto de cogitar e sofrer, eu especiosamente ia buscar atenuantes na irrefragavel força do destino, e queria dar-me a comoda illusão de me tornar alheio a essa enormissima desgraça. — Era da ordem das coisas... Por efeito mesmo da sua natureza superior, a minha noiva era uma criatura antecipadamente condenada... estava-lhe imposta essa fatalidade de condição pela sublimidade mesma da sua essencia... — Ah, mas não! Imediatamente, num justo e sincero arranco, vinha a consciencia e abalava-me o coração, abria-me os olhos da alma... e eu tinha de então inapelavelmente confessar-me como o autor de todo o mal, o primeiro e essencial fomentador do meu proprio infortunio! E aqui vinha cavalgar-me o espirito, fixava-se-me implacavelmente na retina a danada visionação desse diabolico trem fugindo á disparada... a attitude descomposta de Alda, os seus brados de achincalho, o seu olhar impudente... ali assim de chofre caíndo sobre a veemente acuição da minha dôr, como um escarro sobre uma chaga! — E eu queria por força arredar, apagar a infernal aparição... arrevelava a cabeça, mudava de lugar, sacudia a mão diante dos olhos... tudo debalde! O amaldiçoado grupo recalcitrava sempre, casquinador, vivo, arrogante de roda de mir, sobrepondo-se á doce ima-

gem de Branca, e isto com uma simultaneidade e uma justeza que era decerto uma profanação, com uma dura insistencia que centuplicava o meu desespero ! E eu, dementado, perdido, perguntava a mim mesmo onde estava ? que fazia, por que esperava ? . . . perdia a noção real das coisas . . . E em volta de mim o leito, a mēsa, os moveis dançavam, cambeteavam, como se eu estivesse embriagado.

Então, numa insofrida ancia de libertação e de repouso, — mal apontava o dia, — abri a gavêta da comoda, arranquei do *revolver*, e dispunha-me a alcançar o eterno esquecimento colando às fontes esse minuscuro circulo de aço, quando tu, a quem Gustavo contára tudo, entraste bruscamente, justo ao tempo de me desviar a mão . . .

. . . Ainda não sei se te deva agradecer.

Setembro 1893 a julho 1894.



NOVIDADES LITERARIAS DE 1926

EÇA DE QUEIROZ — A Capital — O Conde d'Abra-
nhos — Correspondencia — Alves & C.^a — O Egypto
(Notas de viagem).

NO PRÉLO :

Paginas esquecidas — A tragedia da rua das Flores.

GUERRA JUNQUEIRO — O Caminho do Céu. — Pro-
metheu libertado.

JOÃO GRAVE — Os vivos e os mortos — O Amor
e o Destino — O Santo (No prélo).

CAMILO C. BRANCO — Bohemia do Espirito — Can-
cioneiro Alegre — Perfis Biograficos.

ERNESTO RENAN — Os Apostolos — Marco Aurelio.

CARDEAL WISSEMANN — Fabiola (profusamente illustrado).

JOÃO LUSO — O Despenhadeiro.

MARIO SETTE — Filha de D. Sinhá.

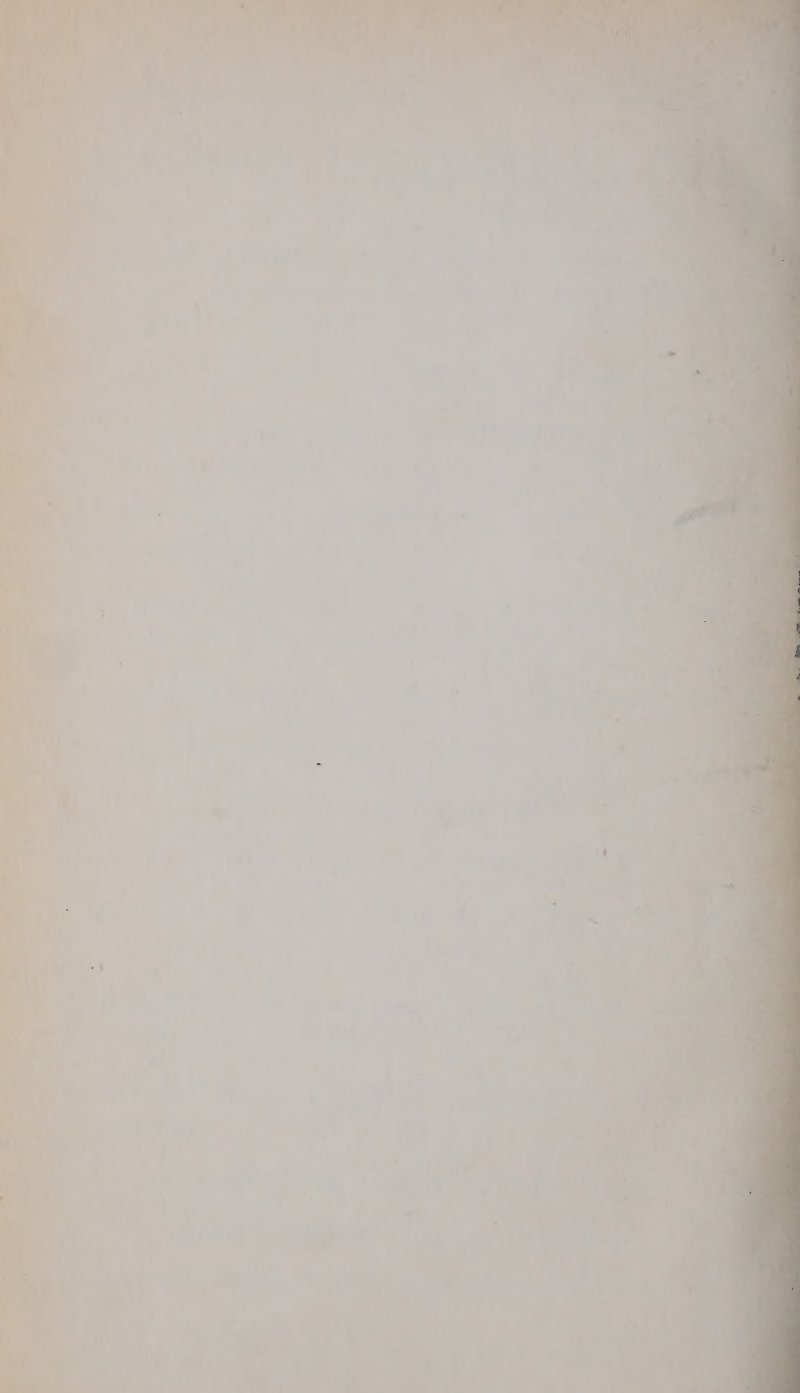
CÓELHO NETTO — Scenas e Perfis — O Paraiso
— Feira livre — O Rajá do Pendjab (No prélo).

MOLIÉRE — O Avarento — Medico á força — Anfi-
trião — O Amor Medico.

ALTAMIRANDO REQUIÃO — Os Rosaes do meu
Amor.

SHAKESPEARE — Muito barulho por nada.

JOÃO LIBEIRO. — Cartas Devolvidas.



00051165718



UNIVERSITY OF N.C. AT CHAPEL HILL